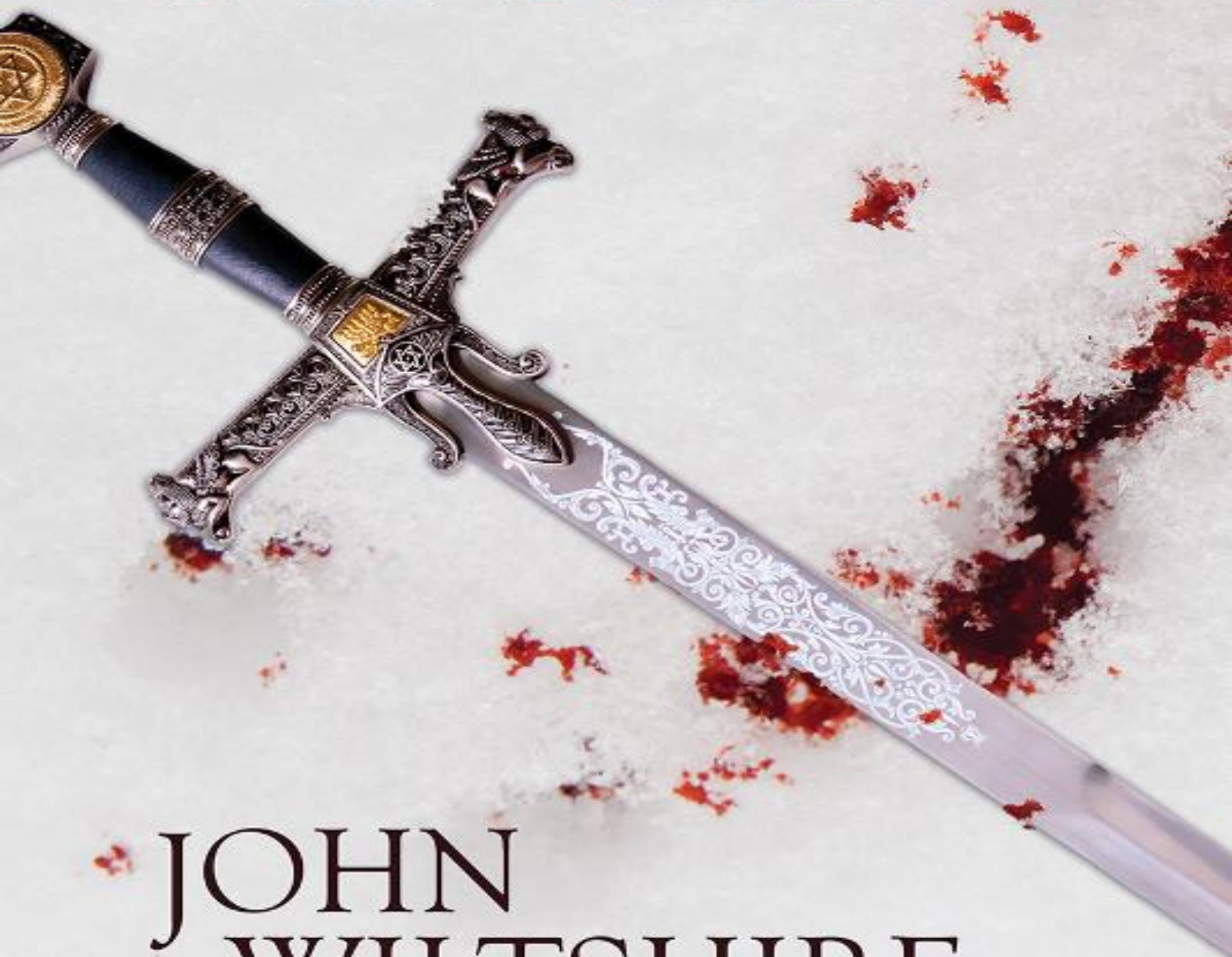


A ROYAL AFFAIR



JOHN
WILTSHIRE





Ramona

is

Lady Tremaine



Sinopse

O doutor Nikolai Hartmann representa a si mesmo como um homem culto da ciência que acredita totalmente no racional e no científico acima de tudo. Na realidade, ele é um homem assombrado por um passado incomum e fugindo de sua própria natureza. Enquanto a Reforma transforma grande parte da Europa, ainda tem que tocar em Hesse-Davia; esta é uma terra atolada em superstição com punições cruéis para crimes como feitiçaria e sodomia.

Enquanto viaja até a beira de um leito moribundo para oferecer sua perícia médica, Nikolai é atacado por um bandido. Ao chegar à antiga fortaleza do rei, ele descobre que seu misterioso bandido é o belo e arrogante Príncipe Aleksey. Aleksey é tudo o que Nikolai não é: desprotegido, apaixonado e obstinado. Apesar de suas diferenças, Nikolai sente um desejo irresistível pelo jovem da realeza que o mantém no poder de Aleksey.

Mas Hesse-Davia é um mundo perigoso para um rei recém-coroadado que quer reformar seu país - e para o homem que o ama.

1

A ROYAL AFFAIR



Tradução e Revisão



Ramona Stavros



A ROYAL AFFAIR

PRÓLOGO

Um toque de neve gelou o ar esta manhã - ainda que o ar trouxe o cheiro de madeira queimando. Preocupando-me com os cavalos, acordei cedo no frio. Folhas rangiam sob meus pés enquanto eu caminhava para o celeiro. Esse simples pensamento sobre o frio e a aproximação do inverno trouxe tudo de volta. Eu me lembrei de tudo.

Eu tinha percorrido um longo caminho para esquecer, um longo caminho para um novo começo. Você não pode ter um desses, suponho, sem um final, e não houve um final real. Eu ainda tinha o horror lá dentro, carregado do país amaldiçoado para aquele novo.

Como veneno lento, isso corroía em mim, sempre lá quando eu acordava, um fio de medo de outro sonho. Estava lá quando atravessei o cheiro adocicado de pinho: terror com o que encontraria no meu retorno - uma casa vazia com salas vazias onde eu poderia procurar incessantemente pelo que nunca encontraria.

Enquanto eu estava no ar fresco do outono, percebi que havia chegado a hora de livrar meu corpo dessas lembranças venenosas. Eu escreveria e então desapareceria, e eu poderia pegar essa nova vida e fazer algo disso. Algo bom.

Capítulo Um

O veneno me levou para Hesse-Davia. Naquela época, eu era considerado um especialista em detecção e alívio de vários venenos. Embora, na realidade, fosse apenas um médico de campo, eu recebi treinamento incomum que me destacava dos meus contemporâneos no mundo da medicina. Consequentemente, tive a sorte de ser convocado para a casa e propriedade de lorde Salisbury, que estivera doente por algum tempo considerável. Ele havia tentado todos os vários remédios sugeridos pelos médicos em Londres: visitas a Bath para tomar as águas, uma estadia na costa para se beneficiar do ar do mar. Mas por tudo isso, sua saúde continuou a deteriorar.

Sua irmã, Lady Caroline, que residia com ele e sua nova esposa, ouvia fofocas. Sua empregada entregou seu amor a essa excentricidade inofensiva e contou-lhe sobre um médico que, segundo se dizia, tinha conhecimento de coisas que ele não deveria, que estudara sua profissão entre os pagãos e tirara deles estranhas crenças e modos ainda mais estranhos. Ela estava se referindo a mim, é claro, e aos anos que passei no Novo Mundo como um menino vivendo com o Powponi. Na Inglaterra, naqueles dias, era estranho para um médico escutar seu paciente e considerar como o mundo à sua volta afetava sua saúde. Mas foi o que eu fiz. E assim fui convocado por Lady Caroline para atender seu irmão.

A ROYAL AFFAIR

Lorde Salisbury era um homem com uma esposa muito jovem. Que eu vi nos meus primeiros momentos no quarto do doente. Se lady Salisbury fosse homem, seria acusada de ter um olho errante. Seus olhos se voltaram para mim imediatamente quando fui conduzido para o quarto pela irmã ansiosa. Eles ficaram sobre mim, e não da maneira que os olhos de uma jovem esposa preocupada deveriam. Ela estava me avaliando, me abrindo e me pesando na balança para consumo. Eu claramente encontrei simpatia. Fui tratado com uma exibição deslumbrante de uma preocupação lacrimosa por seu querido Arthur.

Consciente do meu lugar e do trabalho que eu estava lá para fazer, pedi educadamente para ficar sozinho com meu paciente. Relutantemente, ela concordou e ordenou imperiosamente a sua cunhada para acompanhá-la à capela para orar por seu querido marido. Antes de ir embora, colocou uma pequena mão no meu braço e, através dos cílios baixos e umedecidos, implorou que eu o fizesse melhor. Ela teria movido o coração do mais feroz dos homens. Ela era incrivelmente adorável, com a delicada beleza rosa e branca das mais frágeis conchas lavadas em uma costa distante. Eu tinha minhas próprias razões para ser totalmente imune ao poder dela. Ela não deveria saber disso, é claro. Eu balancei a cabeça e vi quando a mão dela levantou do meu braço.

Lorde Salisbury era um homem que deveria estar no auge de seus últimos anos. Passado a idade mais vigorosa para um homem, ele ainda tinha um bom número de anos se estendendo à sua frente para apreciar a flor da sua adorável esposa, sua riqueza e sua vida extremamente feliz. Mas naquele dia eu contemplei uma triste concha de homem. Ele parecia oco.

A ROYAL AFFAIR

Apenas seus olhos tinham vigor. Com um olhar de algo parecido com esperança, eles me seguiram quando me aproximei de sua cama.

Pedi permissão para me sentar ao lado dele e foi concedido. Ele olhou para minha bolsa, esperando, sem dúvida, ver uma poção, um purgante ou uma jarra de sanguessugas. Ele estava pagando bem por essa consulta e era um homem que, de todas as aparências, se beneficiava muito de tudo o que seu dinheiro poderia comprar. Eu perguntei se eu poderia examiná-lo. Ele assentiu e fechou os olhos, resignado a mais um fracasso de outro médico. Em vez de tocá-lo, comecei a falar com ele. Perguntei-lhe perguntas simples, que ele respondeu prontamente: o que ele temia, coisas que ele gostava de fazer. Quando o julguei pronto, mudei nossa conversa para sua história mais recente.

Sua esposa, Sophie, era órfã. Seus pais se opunham a ela, sendo ele quase quarenta anos mais velho do que o único filho deles, mas haviam morrido alguns dias um do outro, deixando-a necessitada de sua proteção. Eles se casaram num mês. Eles tinham sido alegremente felizes (suas palavras), apesar de sua crescente saúde. Eu não perguntei a ele diretamente quais sintomas ele sofreu, mas soube deles indiretamente enquanto ele me contava sobre seu período de lua de mel com sua linda esposa. Pela primeira vez, ele se tornara exigente com sua dieta. Até os pratos favoritos perturbaram sua constituição. Ele havia se cansado facilmente, algo que só recebia uma piscadela e um comentário irreverente de amigos, se ele mencionasse isso. Eu notei hematomas em sua pele e uma pigmentação reveladora em torno de seus olhos enquanto ele falava. Eu já estava bem certo do que estava vendo, mas em casos como esse, o paciente é seu pior

A ROYAL AFFAIR

inimigo. Lorde Salisbury adorava sua esposa. Ser informado de que ela estava envenenando-o sistematicamente não seria bem recebido. Eu salvaria minha teoria de que ela provavelmente havia assassinado seus pais para lhe contar mais tarde.

Ele estava bem o suficiente para deixar sua cama e sentar por um tempo na janela. Ele sempre se sentiu melhor, disse ele, longe da cama maldita, mas todos os seus médicos anteriores lhe disseram que o repouso absoluto era sua única esperança. Ele estava com falta de ar quando o ajudei a sentar na cadeira. Eu me sentei ao lado dele, ambos aparentemente olhando para a vista. Depois de um tempo, senti seus olhos em cima de mim.

— Então, qual é a sua opinião, doutor? Eu pertencço a este mundo? Eu não estou pronto para ir, você sabe. Tenho muito o que fazer ainda.

Eu tomei a iniciativa e menti para o meu paciente. — Não é sua vida que eu estou preocupado, senhor. É Lady Salisbury que eu temo. Acredito que a vida dela está em grave perigo.

— O que, homem? Do que você está falando?

Eu coloquei uma mão tranquilizadora em seu braço. — Ela deve sair daqui o mais rápido possível. Há outra casa para onde ela possa ir?

— Ela é a melhor enfermeira que eu poderia ter! Dedicada! Mal saiu do meu lado desde que esta doença abençoada começou. Ela será...

— Ela deve ser corajosa, senhor. Como você deve. Ela deve sair neste dia. Neste exato minuto.

— Eu sou contagioso? Ninguém disse que é muito contagioso antes!

A ROYAL AFFAIR

— E você não melhorou antes. Eu não acredito que você tenha recebido bons conselhos.

— E minha irmã? Os malditos servos? Eles devem sair também?

Isso foi complicado. Eu balancei a cabeça. — A *beleza* da sua esposa é minha preocupação real. Ela é uma flor delicada e frágil que poderia... — Acenei minha mão para a palidez e o tom amarelo de sua pele, para as manchas e descoloração de suas mãos. Ele empalideceu e assentiu. Eu bati o braço dele gentilmente. — Não deixe que ela venha e veja você antes que ela saia. Você deve ser muito forte - por ela. Você pode fazer isso?

Ele assentiu.

Ela foi embora dentro de algumas horas. Eu ouvi mais tarde de um servo que ela colocou uma espécie de luta. Suas cores verdadeiras, talvez. Eu não estava muito preocupado. Eu tinha meu paciente para mim e agora o verdadeiro trabalho poderia começar. No final do dia, eu tinha Lorde Salisbury em um novo quarto, uma sala formalmente uma enfermaria, agora vazia e despojada de toda a decoração. Lençóis novos, colchões novos e roupa de cama novas estavam todos contidos no quarto. Ele não ficou muito tempo lá, mas eu precisava de um dia para preparar o próximo tratamento. O novo cômodo causara confusão considerável aos criados; minhas próximas ordens quase causaram um motim. Foi somente quando convoquei o apoio de Lady Caroline que vi minhas ordens obedecidas. Os criados construíram uma cabana de palha - assim o chamaram - no jardim formal do lado de fora do quarto de lorde Salisbury. Eu pensei nisso como uma cabana de cura, uma cabana de suor, mas eles se queixavam sobre os

A ROYAL AFFAIR

modos pagãos e as artes das trevas. Na sua presença, portanto, chamei-a de cabana de palha também. Eu não me importava com o que era chamado, contanto que funcionasse. Quando tudo ficou pronto, levei Lorde Salisbury para sua nova casa. Ele ficou lá muitos dias, suando, bebendo água pura e comendo tanto marisco e fígado cru quanto eu consegui persuadi-lo a consumir.

Dizer que ele era cético em relação aos meus métodos era um eufemismo, mas no terceiro dia, quando ele se sentiu bem pela primeira vez em muitos meses (pela primeira vez desde o dia do seu casamento, mas eu não estava pronto para apontar isso ainda), ele se tornou um convertido. Eu permiti que ele voltasse ao seu novo quarto para dormir, mas ele ainda passava muitas horas na cabana todos os dias, suando o veneno. Quando ele estava forte o suficiente, começamos a andar e logo ele estava bem o suficiente para andar. O ar fresco combinado com os alimentos curativos e a constante sudorese do veneno o viram passar de um homem acinzentado e amarelado perto da morte para algo parecido com seu antigo eu.

Essa foi a parte fácil. Lady Salisbury estava implorando para voltar para sua querida amada. Eu dificilmente poderia justificar proibi-la de escrever para seu marido ou ele de retornar sua correspondência amorosa. Meu argumento de que ela ainda estava em grave perigo estava se esgotando. Eu precisava de um aliado.

Eu me aproximei de Lady Caroline um dia no parque enquanto ela andava com seus dois pequenos spaniels¹. Ela tinha tomado um encanto

¹ Raça de Cães.



A ROYAL AFFAIR

por mim, eu sabia. Eu tinha ajudado o irmão dela, com certeza, mas era mais do que isso. Por minhas próprias razões, eu nunca quis admitir o efeito que eu sempre tive sobre as mulheres, mas não pude evitar ver isso. Essa mulher era uns bons dez anos mais velha do que eu, mas ainda assim estava lá: a onda de expectativa e saudade. Desta vez, usei meu poder descaradamente. Era uma questão de vida ou morte para o meu paciente. Eu andei com ela pelos jardins. Devemos ter andado por horas e, no final de nossa caminhada, estávamos em completo acordo. Não demorou, no final, a persuadi-la. Ela adorava seu irmão, era totalmente dependente dele e de sua generosidade para com ela, e desprezava a esposa dele.

Ela estava mais do que disposta a ser persuadida de que seu irmão sofrera de envenenamento sistemático. De fato, quando finalmente convencida, como com muitos outros que foram igualmente persuadidos, ela reforçou sua própria crença ao lembrar circunstâncias, coincidências e esquisitices que *agora* faziam sentido. Lady Salisbury insistira em dormir separadamente, mas fora responsável pela compra de novas roupas de cama para a cama do marido. Ela insistiu em refeições privadas para os dois, onde prepararia seus pratos favoritos com a própria mão. A irmã percebeu que o declínio da saúde de seu irmão coincidia exatamente com o casamento dele. Períodos de recuperação alinhados com os momentos em que sua jovem esposa estava ausente, aproveitando a temporada em Londres ou em Bath. É fácil, como dizem, ser sábio após o evento.

Lady Caroline concordou comigo que dizer a Lorde Salisbury que ele deveria renunciar à esposa não seria fácil. Ele era um homem velho com uma linda jovem esposa. Que homem gostaria de desistir disso? Quantos

A ROYAL AFFAIR

homens prefeririam morrer para ter aquela jovem esposa por algumas semanas, quando renunciá-la significava uma vida inteira de celibato?

Por acaso, não tivemos que explicar nada disso ao velho. Lady Salisbury resolveu nosso problema para nós fugindo com um tenente da milícia. O escândalo e a desgraça seguiram-se naturalmente, e a paixão de Lorde Salisbury transformou-se rapidamente em raiva pela humilhação e traição. Eu suspeitava que ele soubesse o que sua esposa era, mas, como muitos homens em sua posição, ele só se permitia saber a metade que gostava. Agora ele estava livre para vê-la em sua totalidade. Sua ausência, coincidindo com seu retorno à saúde, funcionou tão em sua mente que ele começou a vê-la como o veneno metafórico em sua vida. Nem sua irmã nem eu apontamos o óbvio.

Eu deveria ter contado às autoridades minhas suspeitas sobre Lady Salisbury (agora, creio eu, chamando a si mesma de Mrs. Hannigan e morando em alojamentos baratos em Yorkshire com seu tenente)? Possivelmente. Mas eu não tinha nenhuma prova da minha crença de que ela havia assassinado seus pais e depois tentado assassinar seu marido. Minha metodologia era incomum e meus remédios sugeriam artes negras. Poucos homens estariam dispostos a ter uma cabana de suor pagã construída em seu jardim de ervas ou estar dispostos a suar nua nela com outro homem enquanto comiam estranhas combinações de alimentos.

Além disso, mal tive tempo de considerar um curso de ação em relação à deliciosa Sophie Hannigan. Os eventos aconteceram muito rapidamente nos dias que se seguiram, tão depressa que nem lembro bem como aconteceu que eu concordei em viajar para um país de que nunca tinha

A ROYAL AFFAIR

ouvido falar para tratar outro homem que poderia estar sofrendo de Envenenamento Sophie, como Lady Caroline agora gostava de chamá-lo.

Lorde Salisbury e lady Caroline tinham uma irmã mais nova que se casara muito jovem com um estrangeiro (a palavra de Lady Caroline). Ela agora vivia em algum estado em Hesse-Davia, um pequeno reino no norte da Europa, a esposa do conselheiro de um rei. Acreditava-se que o rei Gregor estava morrendo. E sim, os sintomas eram estranhamente semelhantes aos que eu havia tratado recentemente. Nenhum dos médicos convocados para tratá-lo conseguira fazer nada. Eu não fiquei surpreso. Sanguessugas e purgação violenta raramente contribuem muito para casos de envenenamento, especialmente se a causa da aflição - alguém tentando matar você - não fosse descoberta.

Dentro de algumas semanas, portanto, eu estava atravessando o Canal da Mancha em direção à França e uma nova vida, com uma carta de apresentação em minha mala e um desejo em meu coração de fazer esse um novo começo. Eu sabia, é claro, que meus demônios me seguiriam onde quer que eu fosse. Isso era inevitável. Nenhum de nós pode realmente fugir do mal que carregamos em nossos corações, mas a travessia deu a ilusão de fuga, e isso foi o suficiente.

Eu teria embarcado naquele navio se soubesse o que me esperava em Hesse-Davia? Claro que sim. Apesar do que aconteceu, toda a dor e todo o horror, eu não iria perder um momento do meu tempo naquele lugar terrível. Eu não perderia um momento do meu tempo com *ele*. Eu não posso afirmar, enquanto me sentei encolhido e doente no convés do pequeno navio, o vento soprando frio na minha cara, o sal tentando como



A ROYAL AFFAIR

o pecado na minha língua, que eu tinha qualquer tipo de premonição de que eu estava viajando em direção a algo que me mudou tão profundamente. Mas eu senti como se a pequena faixa de água que estávamos cruzando fosse mais do que apenas uma divisão entre dois corpos de terra. Foi uma separação entre a minha antiga vida e o que eu ansiava por uma nova. Eu nem sequer tinha palavras para este vago anseio, mas chamava-me no grito das gaivotas, no rolo de convés abaixo de mim, nas vozes dos marinheiros e na quebra das ondas contra o velho casco de madeira.

Talvez se eu tivesse escutado mais de perto, teria ouvido todos sussurrarem seu nome. Pois é o nome dele que ouço ainda em meus pesadelos e em meus sonhos acordados. É o zumbido diário da minha nova vida neste vasto país. Mas começou ali, naquele navio, no sentido de saudade em meu coração. Até meu batimento cardíaco murmurou seu nome.

Eu deveria ter escutado mais de perto.

Capítulo Dois

Eu trilhei por mais de três meses desde a costa onde desembarcamos na França até o pequeno reino distante de Hesse-Davia. As planícies da França e dos Países Baixos haviam gradualmente cedido lugar às florestas - intermináveis vistas verdes de coníferas de cheiro agradável - e depois a montanhas e desfiladeiros profundos, que supostamente continham bandidos ou coisa pior.

Sentado ao redor de fogueiras à noite com os viajantes que conheci na estrada ou em pousadas quando as noites ficavam especialmente frias, eu ouvia histórias sobre coisas que viviam nas florestas e se alimentavam das almas dos homens. Na minha opinião, eu via mais horror no mundo real ao meu redor, mas os contadores de histórias pareciam capazes de ignorar a doença, a pobreza e a degradação que os rodeavam em favor dos imaginários ou míticos, o que não aconteceu. Quanto mais eu viajava, mais desesperado se tornava o sofrimento das pessoas pobres que eu encontrava. Na Europa civilizada que deixei para trás, novas ideias começaram a permear a vida cotidiana, fazendo a diferença para a saúde e a felicidade de todos. Aqui foi como entrar na superstição medieval manifestada. Eu vi homens cuja condição me chocou, trabalhando nas florestas. Eles viviam em cabanas miseráveis, pouco mais do que obstáculos presos na lama. As mulheres eram piores, pois tinham o fardo adicional do parto e da criação nessas condições fétidas e terríveis.

A ROYAL AFFAIR

A vida parecia pouco melhor nas aldeias e em algumas cidades pelas quais passei. Eu vi chicoteando mensagens e ações, não totalmente desconhecidas na Inglaterra ainda, mas raramente usadas e nunca da maneira selvagem que elas estavam empregadas aqui. Em uma vila, fui tratado com a visão medonha de uma fogueira. Uma bruxa. Eu não podia fazer nada, então escolhi não ver muito. O que eu vi parecia mais uma mulher velha e aterrorizada sendo queimada viva do que uma bruxa sendo purificada. Dado os rostos ávidos e gananciosos da multidão, no entanto, eu sabia que era o único a pensar nisso.

A barbárie e a ferocidade aumentaram à medida que o terreno se tornava mais inóspito. Aldeias isoladas umas das outras por montanhas e trilhas mal passáveis seguiam seus próprios costumes insulares. A orientação da autoridade superior não foi solicitada nem aceita quando foi oferecida. Eu poderia ter feito muito pela doença que encontrei, mas minha ajuda não foi desejada. Quanto mais eu viajava, mais minhas habilidades de linguagem se tornavam inadequadas. Eu não falava o dialeto local, e eles não podiam entender meu francês ou alemão quebrado.

Dominando tudo era a igreja, o Grande Opressor. Meus pais haviam deixado a Inglaterra para escapar da perseguição religiosa. Eu tinha levado suas crenças um passo adiante. Eu tinha abandonado qualquer pretensão de religião durante o tempo que passei com o Powponi, a menos que a adoração da luz do sol, das árvores, da boa terra e do amor possa ser considerada uma religião. Meu retorno à Inglaterra foi facilitado pela maneira como a maioria dos ingleses pratica sua religião: privada e



A ROYAL AFFAIR

silenciosamente. Fui deixado sozinho para *não* praticar, e isso serviu para todos.

Aqui, nestas vastas montanhas, a vida era governada pelo medo e pela superstição, agitados em um caldeirão de misticismo, exibindo-se como devoção. Cada pequena aldeia tinha uma igreja. Santuários marcavam os caminhos. De fato, eu estava grato por eles, pois se eu visse um santuário bem cuidado, eu sabia que estava perto dos alojamentos de minha noite. A influência dos sacerdotes era evidente em toda parte, suas vestes negras voavam como sombras entre farrapos de camponeses. Ocasionalmente eu estava reduzido a procurar um. Com o latim em comum, pude buscar orientação e fazer outras perguntas importantes sobre minha jornada. Armado como estava com minhas cartas de apresentação, sempre fui tratado com cortesia quando encontrava padres que sabiam ler. Que alguns não pudessem tolerar mal; a ignorância e o poder são companheiros ruins na minha opinião.

Fui provado da pior maneira possível alguns dias depois. Segui, como era meu costume, a evidência de um santuário e peguei o caminho da mão esquerda quando cheguei a uma divisão inesperada em minha rota. Se eu estivesse errado, então eu poderia me corrigir na aldeia e retornar depois de uma noite de descanso para seguir o caminho certo. Eu não estava indevidamente preocupado. Fiquei surpreso com a sensação de medo, portanto, que se apoderou de mim quando me aproximei do amontoado de cabanas no vale. Na verdade, não era uma visão auspiciosa. Era o lugar mais miserável que eu já havia visitado. Em terreno baixo, era fétido e úmido, com uma rua central quase intransitável para a lama. As casas não

A ROYAL AFFAIR

passavam de choupanas, e as montanhas se elevavam tão alto sobre o vale que o sol não penetrava mais do que algumas horas por dia. Eu tremi e tentei me livrar dessa sensação incomum de mau presságio. Fiquei feliz em ver que havia algum tipo de feira na aldeia. Eu podia ouvir música e ver um pouco de dança em direção ao pedaço lamacento que servia como uma praça da aldeia. Eu montei em direção às festividades. Eu estava com fome e cansado, e mais importante, meu cavalo estava com fome e cansado. Xavier vinha primeiro. Ele sempre fez.

Eu desmontei e o levei para um estábulo ao lado da estalagem. Nenhum menino estável estava à vista, então eu o coloquei em uma barraca e dei-lhe algumas guloseimas, enquanto removia sua sela e o checava. Assegurando-se de que estava em boa saúde, fiz meu caminho para o pátio miserável e voltei para a rua lamacenta. Todos pareciam estar na festa, então eu segui o som das risadas para encontrar uma pequena multidão circulando. A maioria dos homens estava bebendo e, quando cheguei a olhar mais de perto, a maioria das mulheres também. Eles estavam em pé ao redor do que parecia ser algum tipo de ornamento ou estátua. Era montado num pequeno pedestal e parecia uma versão em miniatura de um obelisco que eu já vi desenhado num manuscrito por um homem que havia retornado do Egito. Este não tinha centenas de metros de altura e guardava um templo, no entanto. Tinha cerca de um metro de altura e cerca de quinze centímetros na base, afunilando-se a alguns centímetros no pináculo afiado. Eu me perguntei se era uma oferta de colheita de algum tipo. Eu não podia falar com ninguém, pois ninguém entendia meu sotaque ou palavras,

A ROYAL AFFAIR

mas me ofereceram uma caneca de cerveja e aceitei, logo tornando-me bastante amigável com todos.

Eventualmente uma comoção no final da rua perto da igreja chamou minha atenção. Os foliões em volta de mim aplaudiram e espiaram animadamente em direção a um novo grupo que estava se aproximando com alguma pompa e cerimônia. Eles eram possivelmente os anciãos da aldeia, pois estavam mais bem vestidos e pareciam ter um senso de autoridade. Tomei outro longo gole da cerveja notavelmente forte e observei com interesse. Senti a primeira agitação de inquietação quando vi o que estava no meio do grupo: um homem nu. Ele estava preso nos pulsos e estava sendo arrastado por um homem muito grande vestido de preto andando ao lado de um padre. Esta última figura estava igualmente vestida de preto, é claro, mas ele era muito menor e doentio olhando para o meu olho experiente. A multidão ao meu redor se separou quando o grupo que escoltava os pobres desafortunados chegou. Eles estavam agora estranhamente silenciosos. Toda a folia cessou, outra coisa que fez o cabelo na parte de trás do meu pescoço subir e picar. A celebração alegre deu lugar a uma quietude desagradável de expectativa. Quando o novo grupo chegou à praça, o jovem caiu no chão, claramente em um estado muito pobre: espancado severamente, nu e muito frio. Havia sangue escorrendo de uma orelha, o que não era nada bom e indicava que ele havia sido atingido com força na cabeça em algum momento.

O padre começou a falar, mas enquanto falava na língua local apenas com a palavra ocasional de alemão puro, eu entendia pouco. Entendi, no entanto, que era uma punição - o estado abatido do homem já tornava isso

A ROYAL AFFAIR

bastante evidente. Eu raciocinei agora que o obelisco era uma estaca e que ia agir como a população da aldeia; ele ia ser amarrado a ele e humilhado por seu crime. O que era o crime dele, eu não consegui entender.

Eu decidi perguntar e fiz o meu caminho através da parte de trás da multidão para o grupo de homens que o acompanharam em sua caminhada de punição. Eu me apresentei a um homem que, pelo seu vestido superior, achava que era mais provável que falasse alemão. Ele respondeu com palavras muito compreensíveis e eu perguntei sobre o pobre prisioneiro. Antes que ele pudesse responder, o homem enorme de preto levantou o criminoso e arrastou-o para o pedestal. Ouvi uma ingestão coletiva de ar, sinistra no ar parado da noite. Por um momento, pareceu que a própria terra estava tomando fôlego em expectativa. Antes que eu pudesse protestar contra o tratamento rude do homem, ele foi colocado em pé sobre o obelisco. Eu fiquei intrigado.

Para minha vergonha, minha curiosidade como homem da ciência venceu meu instinto natural, que estava gritando para mim desde aquela decisiva decisão que partiu ou chegou à encruzilhada. Antes que eu pudesse processar o que estava acontecendo, antes que meu corpo de bebida pudesse reagir, o grandalhão retirou um porrete de sua roupa e o derrubou ferozmente na rótula do homem ferido, equilibrado precariamente sobre o obelisco.

Meu choro abafado não foi ouvido sobre o suspiro de prazer da multidão. Ou talvez tenha sido afogado por *seu* grito quando sua perna cedeu e ele se abaixou, caindo sobre a ponta do obelisco. Ele perfurou seu corpo. Ele ainda era capaz de manter-se em uma boa perna, mas a penetração não

A ROYAL AFFAIR

natural era suficiente para fazer qualquer homem gritar. Ele começou a chorar e pular levemente em sua perna forte, tentando se levantar e sair do espinho dolorido. Isso gerou risos e muito comentário irreverente da multidão que assistia.

Eu empurrei meu caminho para frente e cheguei a ele, o álcool anteriormente retardando meu cérebro agora completamente desaparecido com o choque e um desejo desesperado de intervir. Comecei a protestar com o homem grande enquanto, ao mesmo tempo, oferecia meu braço ao prisioneiro frenético. A próxima coisa que eu sabia, senti um golpe nas minhas juntas e mãos no meu corpo, me arrastando para longe. A dor foi imensa. O porrete me atingiu nas costas da minha mão; estava inchando enquanto eu olhava. Lutei para me libertar, mas muitas mãos me seguravam. De perto, o cheiro desses camponeses era horrível, mas qualquer protesto que eu fiz ao meu tratamento foi engolido por outro grito. Senti vômito subir na minha garganta, tentei avisar os homens que me seguravam, mas dobrei e vomitei em alguns sapatos.

A segunda perna do jovem tinha sido quebrada tão impiedosamente quanto a primeira. Ele não tinha como manter-se fora da estaca então. Suas escolhas eram limitadas: ficar de pernas quebradas ou ser devagar e agonizantemente empalado. Ele tentou. Ele tentou impedir-se de deslizar mais para baixo sobre o pilar de pedra cada vez mais largo, e talvez ele teria conseguido. Talvez ele tivesse sobrevivido por tempo suficiente para ser retirado vivo. Eu teria chegado a ele e feito isso, apesar da minha lesão. Mas enquanto eu o empurrava, decidido a lutar melhor, o primeiro dos mísseis voou da multidão.

A ROYAL AFFAIR

Uma pedra atingiu o nariz dele. Ele recuou, perdeu o equilíbrio em suas pernas pobres e escorregou um pouco mais, seu próprio peso corporal agora seu inimigo, inexoravelmente empalando-o ainda mais a cada movimento. Outro míssil voou da multidão encantada e energizada. Este era claramente um esporte muito aguardado e apreciado, e eles não deveriam ter sua diversão negada. A rocha o pegou no ombro, e ele caiu, seu peso totalmente apoiado agora no objeto obsceno em seu corpo. Tinha mais de quatro polegadas de largura, talvez mais no último lugar que eu podia ver. Eu não conseguia entender como ele poderia suportar isso. Eu fiz uma segunda tentativa de intervir. Eu não podia usar minha mão, que agora estava preta e inchada, então me aproximei do padre e comecei a argumentar com ele em latim. Ele olhou para mim sem expressão e se benzeu. Remexendo em suas vestes imundas, ele produziu uma maçã murcha, que ele então jogou no homem agonizante. O golpe mal registrou, mas até mesmo um ligeiro estremecimento o sacudiu mais para baixo. Eu o ouvi gemer e gemer. E fazer esses ruídos miseráveis só movia mais seu corpo.

Eu resolvi fazer alguma coisa, qualquer coisa. Eu olhei em volta descontroladamente para ver se eu poderia ganhar algum apoio. Jamais esquecerei o olhar nos rostos dos homens e mulheres que assistiram a essa lenta tortura. Eles pareciam gananciosos com a dor do homem, como se a agonia dele aliviasse a deles, como se sua morte evitasse a deles. Eu sabia que não receberia apoio. Eu me aproximei do espetáculo obsceno novamente, desconfiado do grande homem de preto. Ele agora estava comendo uma torta, observando o entretenimento como todo mundo. Ele

A ROYAL AFFAIR

havia largado o porrete e tinha uma grande panela na outra mão, com o braço pendurado no pescoço de uma mulher imunda. Ele não parecia incomodado com a minha abordagem. Eu fui atrás do jovem e senti seu pescoço. Ele ainda estava vivo e seus olhos se abriram quando o toquei. Eu comecei a tirá-lo. Houve alguns murmúrios na multidão, mas o homem de preto resmungou alguma coisa em torno de uma boca cheia de torta e ficaram quietos com um ar horrível de expectativa. O jovem estava preso. Senti vômito subir na minha garganta novamente quando pensei muito sobre o que isso significava, mas tomei uma firme firmeza sob seus braços e o aliviei tão gentilmente quanto pude em direção à liberação.

Eu não permiti a presença do mal genuíno na aldeia naquele dia. Eu pensei que uma vez que sua sede de dor e punição fosse extinta, eles se arrependessem. Eu estava errado. O crime desse jovem aparentemente foi tão horrível que ele não teve misericórdia, e eu, ironicamente, passei a ser o instrumento de sua morte. Quando eu estava prestes a libertá-lo, vi o grande homem acenar para alguém - alguém atrás de mim. Eu senti um golpe no lado do meu joelho. Ele se dobrou. Meu aperto na pele escorregadia do homem vacilou, e deixei-o cair.

Ele reviveu, portanto, para uma última agonia insuportável e gritou quando o peso total de seu corpo o empalou completamente sobre o instrumento de sua tortura. Totalmente enfraquecido, ele não podia fazer nada para se salvar, e foi alto, muito alto para seu corpo frágil sobreviver. Quando caí no chão, acreditando que meu joelho estava quebrado, o vi morrer. Eu estava contente. Eles tinham se divertido com ele, mas agora

A ROYAL AFFAIR

ele foi libertado. Às vezes minha falta de fé em Deus me perturbava. Às vezes não. Este foi um dos últimos tempos.

Não me lembro muito de ser levado de volta para a estalagem. Às vezes me pergunto por que não acabei nessa estaca. Eu era um estrangeiro, alguém que tentou intervir e salvar um prisioneiro condenado. Eu tive sorte. O homem a quem eu havia me dirigido era o prefeito de fato da aldeia e, sabendo do meu destino, ele insistira para que eu fosse despachado sem mais impedimentos. Meu joelho não estava quebrado, apenas muito machucado e inchado, assim como minha mão. Quando montei Xavier - não consegui ficar naquele maldito lugar uma única noite - repeti minha pergunta sobre o crime do homem. O prefeito disse algo que eu não entendi de início: a punição se encaixava no crime. Quando ele viu minha expressão perplexa, ele acrescentou que o homem tinha sido o autor de seu próprio destino, que por suas ações na vida ele havia forjado seu próprio caminho para uma estaca. Eu fiz uma careta novamente, ainda não entendendo. Ele então deu de ombros e disse: — Ele gostava muito de fornicar o pau de outro homem.

Meu pé escorregou do estribo de Xavier, o sangue batendo nos meus ouvidos. Eu agarrei-me à sela, as pernas bambas, doente. Ele assentiu amavelmente, interpretando mal minha reação. — Ele foi pego em flagrante. Ele permitiu o diabo em sua bunda. Bem, ele está lá com ele agora. Que ele queime no inferno.

— Querido Deus.



A ROYAL AFFAIR

Ele interpretou erroneamente, como piedade e cruzou a si mesmo, assentindo sabiamente.

— O outro homem? — Eu mal podia suportar perguntar, temendo que outro homem sofresse aquele destino terrível. Eu poderia intervir e fazer por ele o que eu fui incapaz de fazer desta vez?

O prefeito ficou em silêncio, aproximando-se, chutando a palha imunda. Ele encolheu os ombros. — Ele está fora da minha jurisdição. Só Deus o julgará.

Eu não me incomodei em apontar que se houvesse um Deus, ele deveria ser misericordioso e amoroso. Seus julgamentos fluiriam desses dois grandes ideais, não do ódio e do medo, como o homem tinha. Eu consegui me balançar na sela e cliquei meus calcanhares para os lados de Xavier. Ele estava tão ansioso para partir como eu, embora estivesse escuro e eu o tirei de um estábulo quente.

A noite estava muito fria e as estrelas brilhantes iluminavam a pista. Eu não pretendia ir longe. Era muito perigoso viajar sozinho à noite nessas regiões, se não fosse por bandidos e terrores noturnos, então pelo perigo muito real de terrenos acidentados que feririam ou matariam meu cavalo. Voltei para a encruzilhada, peguei a rota alternativa e continuei por mais uma hora. Se era a hora das bruxas, eu não me importava. Eu tinha visto horror o suficiente por uma noite e não temia nada exceto meus próprios pensamentos. Aqueles estavam comigo se eu andasse ou não.

Eventualmente, eu encontrei um pequeno buraco fora da pista, amarrei Xavier com segurança e acendi um pequeno fogo. Tentei manter a luz baixa,

A ROYAL AFFAIR

mas, independentemente disso, eu precisava do calor e da sensação de segurança que as chamas emitiam. Eu não tinha intenção de dormir. Senti como se nunca mais voltasse a dormir. Eu estava errado. Esgotamento físico e mental logo me ultrapassou. Lembro-me até de pensar que não ficaria muito infeliz se nunca mais acordasse.

Eu acordei, de repente, com uma sensação de extremo perigo que picou a base do meu crânio. Fiquei muito quieto, sem me mexer, avaliando. Eu pensei que talvez eu tivesse acordado gritando. Eu tive um pesadelo, disso eu tinha certeza. Sua sensação de realidade tênue ainda pairava ao meu redor, nublando minha mente.

Com muita cautela abri os olhos. A madrugada chegara, trazendo uma penumbra fina para o oco, árvores obscurecidas por névoa baixa. Mesmo sob essa luz, eu podia ver o homem agachado ao lado do meu fogo moribundo, me observando. Eu fiquei de pé o melhor que pude, dado que eu estava rígido e frio e não conseguia colocar peso na minha perna machucada. Ele não se mexeu, apenas me observou com um olhar cauteloso.

Nos primeiros momentos em que o olhei, voltando na direção de Xavier antes de liberar minha faca, achei que ele era o diabo. Eu tinha ouvido falar que o diabo vinha em forma favorável e, mesmo como um não-crente em

A ROYAL AFFAIR

Deus, eu acreditava na tentação. E este homem estava em forma extremamente favorável e era decididamente tentador.

Mesmo sob essa luz, pude ver que ele não era um camponês dominado pela pobreza. Seus olhos eram surpreendentemente verdes e largos em um rosto excepcionalmente atraente. Ele estava me observando com um interesse felino, e era seu olhar, em vez de estar lá, que me alarmou. Senti uma consciência instantânea do perigo, como se sua beleza fosse a ameaça e não sua presença sobrenatural na estranha luz fraca. Quando cheguei ao meu cavalo, ele se levantou. Ele era alto, tão alto quanto eu. Eu me acostumei com os baixos e raquíticos, os patifes e os refugos deste país duro. Inexplicavelmente, esse homem me lembrou o Powponi. Talvez fosse a sua calma e beleza antinatural, ambos traços daquele povo distante, que me levou de volta a uma floresta a muitos milhares de quilômetros de distância desta fria e ameaçadora.

O homem não pegou uma arma. Eu deixei minhas mãos caírem vazias ao meu lado. — O que você quer? — Eu não estava, compreensivelmente, com vontade de ser sociável.

Os olhos do homem se estreitaram fracamente e ele respondeu em inglês ligeiramente acentuado: — Você é inglês?

Eu não era exatamente, mas balancei a cabeça e repeti: — O que você quer?

— Eu? — Ele olhou em volta por um momento, confuso, depois acrescentou: — Eu ia perguntar o que *você* quer, pois esta é a minha terra e você está invadindo.



A ROYAL AFFAIR

— Você sempre se aproxima de visitantes quando eles estão dormindo para questioná-los?

Ele sorriu de repente, seus dentes um flash de branco perfeito na luz fraca. — Eu poderia, se eles estivessem gritando como se estivessem em tormento, como você estava. Você faz muito barulho para um homem sozinho no escuro em uma floresta.

Senti cor subir para minhas bochechas, mas sabia que ele não podia ver. Eu estava com raiva de mim mesmo pela fraqueza que eu havia traído no sono - e por ele ter apontado isso. — Talvez você possa me ajudar e me apontar na direção correta para Hesse-Davia. Eu tenho uma razão legítima para viajar nessas florestas, e peço desculpas se eu ultrapassei sua terra. Não vi um marcador que comprovasse a posse.

— Você esteve em Hesse-Davia por alguns dias. Você não sabia? E nem todas as coisas que são possuídas estão marcadas. — Ele chegou mais perto. Eu recuei cautelosamente, mas ele segurou suas mãos em um gesto de segurança. — Se eu quisesse te machucar, você já estaria morto.

Eu estreitei meus olhos. Apesar dos meus ferimentos recentes, eu poderia levá-lo facilmente. Eu tinha alguns anos do que ele, mas ele era mais forte, mais rápido e não tinha dúvidas de que conhecia muitas outras maneiras de matar um homem. Sua bravata me irritou. Ele deve ter visto isso, pois de repente ele fez um pequeno gesto, e mais três homens surgiram como fantasmas das árvores. Eles estiveram lá o tempo todo, mas camuflados em tons de floresta como estavam, eu nem sequer tinha conhecimento deles. Mais uma vez me lembrei do Powponi. Eu já havia

A ROYAL AFFAIR

passado por meia dúzia de seus guerreiros em plena luz do dia e não os vi em absoluto. Eu silenciosamente culpei meu estado emocional e físico por estar sendo tão desprevenido, mas prometi não ser tão descuidado novamente.

Esses novos homens me assustaram, portanto, em parte pelo meu erro em supor que o homem de olhos verdes estava sozinho, mas mais ainda pelo que veio com eles para fora da floresta. Um enorme lobo branco-acinzentado saiu de entre as árvores e ficou de pé ao lado do jovem, que agora sorria com a minha expressão. Eu olhei para eles com cautela. Eu já havia encontrado lobos antes e não subestimei sua ferocidade. No entanto, eu nunca tinha visto um domesticado antes - aquele termo sendo relativo, dado o grunhido que estava se formando no focinho da criatura. Mantendo meus olhos nos caninos emergentes, eu disse com mais calma do que senti: — Então, e agora? Você me rouba? Me mata? Vai ficar aí me incomodando até eu implorar por misericórdia?

Ele riu. — Que tal compartilharmos o café da manhã com você e você me diz por que está em Hesse-Davia? — Ele deu de ombros e acrescentou, parecia mais para o seu benefício do que o meu. — Ninguém vem aqui por vontade própria. A maioria de nós está tentando sair. — Eu ouvi um grunhido de diversão dos homens atrás dele, e eles vieram mais para a luz. Eles eram um grupo misto, e eu observei, ainda cauteloso, enquanto eles acendiam o fogo e colocavam alguns suprimentos. Um era enorme e parecia estar em seus anos intermediários. Um deles era um menino, ainda não vinte, eu acho, competente e quieto. O último era mais velho que eu e não me deu atenção. Ele só tinha olhos para a beleza de olhos verdes,



A ROYAL AFFAIR

observando-o enquanto se movia em torno do fogo com seu lobo. Esse homem vigilante parecia ser um lutador; cicatrizes marcavam seu rosto. Ele não era nada atraente, com cicatrizes como ele tinha, mas eu não queria que seu olhar descansasse muito perto de mim. Algo possessivo se revelou na maneira como ele observava seu líder e, por algum motivo, senti que minha presença não seria bem-vinda ou tolerada por muito tempo.

Eu não apreciei os olhares muito francos que os quatro homens estavam me dando sobre a comida que estávamos desfrutando agora. Tentei parecer indiferente, mas sabia que o questionamento logo começaria. Isso aconteceu. O urso de um homem me perguntou meu nome em inglês. Eu respondi: — Nikolai Hartmann. Doutor Nikolai Hartmann.

Os olhos do homem de olhos verdes voltaram para mim do questionador. — Médico? Você não parece nada *com* um médico. — Ele deve ter percebido pela minha expressão que não era a primeira vez que eu ouvia esse comentário particularmente tolo. Ele teve a graça de parecer um pouco envergonhado, mas acrescentou defensivamente: — Os médicos que conheci são muito mais amarelos e curvados.

Eu não pude deixar de sorrir para isso. Eu também conheci muitos colegas amarelos e curvados. Ele me deu uma olhada, claramente satisfeito com a minha reação, mas antes que ele pudesse falar, o homem com cicatrizes estalou em alemão: — Temos que ir. Vai amanhecer em breve.

O líder assentiu, mas ainda estava me observando. Ele murmurou pensativamente em inglês: — Você entende alemão, eu vejo. — Ele era

A ROYAL AFFAIR

incrivelmente observador. Eu não achei que tivesse feito nenhum sinal que entendesse. Eu assenti.

— Meu nome é Aleksey, a propósito. Ele é Gregory. — Ele indicou o grande homem que atualmente mastigava de forma pouco atraente um pedaço de carne. — Este é Johan. — Possessivo Johan. — E... qual é o seu nome de novo? — O menino riu. Claramente esta era uma piada particular entre eles. Ele murmurou Mark, e Aleksey assentiu sabiamente. — Ah, eu tinha esquecido. Mark. No entanto, eu posso lembrar? Então, todos nós fomos apresentados, doutor Nikolai. Você não respondeu minha pergunta. Por que você está no meu país?

Parecia tão ridículo, reivindicar todo esse país esquecido por Deus, esse bandido ladrão. Decidi impressioná-lo e dizer-lhe que fora convocado pelo rei, mas de repente pensei melhor. Mantido em cativeiro na floresta para resgate não era uma perspectiva atraente, apesar da atratividade do meu pretenso sequestrador. — Sou um médico. Preciso de uma razão específica para estar em um país aparentemente sem acesso à medicina moderna? Ou pensamento racional, chegar a esse ponto? — Eu senti, depois dos eventos da noite passada, que eu devia uma certa grosseria.

Ele encolheu os ombros. — Parece um longo caminho para encontrar um povo sem esperança ou pensamento. Eu pensaria que havia pessoas assim mesmo em sua adorável Inglaterra, não?

Eu sabia que ele estava apenas se irritando com a minha grosseria, então, para mudar de assunto, perguntei a ele sobre o lobo. Ele franziu a testa

A ROYAL AFFAIR

teatralmente, depois riu e disse em alemão para seus amigos: — Ele acha que Faelan é um lobo.

O homem grande, Gregory, resmungou rispidamente, — Então nós, idiota.

Isso fez Aleksey sorrir ainda mais, mas ele se virou para mim e disse seriamente: — Ele é um Tamask de uma terra distante ao norte daqui. Um cachorro.

— Há algum lugar ainda mais longe do que aqui? E acredite em mim, isso é um lobo.

Mark entendeu claramente o inglês, pois ele riu disso, observando a reação de Aleksey. Os olhos verdes se arregalaram por um momento. Então ele estalou os dedos, e o lobo-cão veio para o lado dele. Antes que ele pudesse defender seu animal de estimação, no entanto, Johan disse bruscamente em alemão: — Se esse gladiador alega que ele é um médico, Aleksey, onde estão seus instrumentos? Um alforje? Acho que não. Ele é um soldado, um *mercenário* se você me perguntar. Olhe para ele! Olhe para os músculos dele. Doutor, minha bunda.

Aleksey ergueu uma sobrancelha e disse em uma voz divertida: — Ele fala alemão, amigo, e agora você contou mais sobre nossas impressões sobre ele do que aprendeu sobre suas intenções. Bem feito.

Johan levantou-se com raiva. Como se para evitar um confronto, algo que ele parecia cansado de fazer, o gigante, Gregory, levantou-se, jogando o restante de sua carne para o lobo, que o animal aceitou de bom grado. — Vamos lá, Aleksey, o amante está ficando... impaciente — Ele bagunçou o

A ROYAL AFFAIR

cabelo de Mark com um sorriso carinhoso, para o aborrecimento do menino.

Johan já tinha fugido. Mark seguiu o gigante. Eles desapareceram na floresta, me deixando sozinho com Aleksey. Nos olhamos sobre o fogo. Eu não tinha ideia do que ele estava pensando. Ele foi capaz de mascarar seus pensamentos de mim completamente. Nós nos levantamos incertos e continuamos a olhar um para o outro enquanto eu cavalgava lentamente, e ele desapareceu igualmente lentamente de volta para a ocultação da floresta circundante.



Capítulo Três

Cheguei na cidade, na capital de Zadworna alguns dias depois. Eu cruzara as altas montanhas e percorri as encostas do norte em direção a um litoral que me impressionou com sua beleza. Eu tinha tido a opção, é claro, de viajar para Zadworna de navio vindo de Londres, mas tinha razões pessoais para não pegar um navio para uma viagem mais longa do que a necessária através do canal.

Cheguei em Zadworna a cavalo, portanto, e tudo o que eu queria era encontrar a casa da irmã de Lady Caroline e parar de viajar por um tempo - e me lavar. Eu estava ansioso para um pouco de água quente que eu não tinha que aquecer e depois usar com moderação.

Minhas primeiras impressões sobre a capital, uma vez que eu parei de me distrair com o litoral, não eram de escrever, se houvesse alguém para quem escrever. Era outro lugar miserável, apenas um pouco melhor do que as cidades pelas quais eu viajei no último mês desde que deixei a Europa civilizada para trás. Mas então, refleti, Londres não era tão auspiciosa se você entrasse de certas direções. Eu prometi não ser muito crítico e pressionado para encontrar uma pessoa provável de quem eu poderia pedir instruções.

Madame Costain, como a irmã de Lady Caroline agora era chamada, administrava um grande estabelecimento, como convinha a seu posto de

A ROYAL AFFAIR

esposa para um dos ministros de Hesse-Davia. Fui internado na sala de visitas, onde me senti incrivelmente desconfortável, devido ao meu estado precário de mais de três meses de viagem. Não necessitava haver-me preocupado. Eu era esperado e bem-vindo. Madame Costain parecia cair tão rapidamente sob o feitiço da minha presença quanto todas as mulheres. Seu desejo fora do lugar me deu uma suíte de quartos para um visitante muito mais importante, criados trazendo banheiras de água quente e a promessa de um bom jantar.

Mais tarde naquela noite, portanto, vestido com um dos meus ternos mais finos, que havia chegado com todas as minhas outras posses em um baú a bordo de um navio muitas semanas antes de eu ter conseguido completar a jornada, eu estava mais do que satisfeito em escotar minha anfitriã para o sala de jantar para encontrar e cumprimentar alguns queridos amigos que ela havia convidado expressamente para o propósito de me encontrar, um visitante da Inglaterra. De fato, mais, um médico com habilidades renomadas. Madame Costain continuou a se gabar da minha cura milagrosa de seu querido irmão, lorde Salisbury. Eu suspeitava que ela apenas gostasse de falar o nome dele em todas as conversas. Eu tentei ignorar o meu desconforto com meus pacientes sendo discutidos com tal prazer não fingido. Madame Costain não disse nada de mau em sua descrição de sua cunhada. Se isso tivesse sido na Inglaterra, acho que a Sra. Hannigan poderia ter recorrido à lei por difamação. Ainda assim, era uma boa fofoca na mesa de jantar e, como estávamos a milhares de quilômetros da Inglaterra e em uma terra que parecia ter pouca preocupação com a lei,

A ROYAL AFFAIR

permiti a Madame Costain para embelezar minha habilidade e reforçar meu ego.

Eu estava ansioso para saber mais sobre meus deveres no palácio. Eu aprendi rápido com as risadas que se seguiram à minha pergunta inocente de que estava longe de ser um palácio. O rei vivia em pouco mais que uma fortaleza, embora fosse antigo e extenso. Esse, então, fora o castelo que eu havia visto no promontório quando descí ao vale. Eles estavam certos. Eu não teria tomado para a casa de um rei. O rei Gregor não tinha rainha. Ela havia morrido dando à luz seu filho mais novo, Sua Alteza Real, Príncipe Christian. O herdeiro, Sua Alteza Real, o príncipe George Charles Willheim, tinha dez anos quando sua mãe morreu. Dizia-se que ele tinha um relacionamento conturbado com o irmão mais novo, a quem ele culpava, talvez de maneira não natural, pela morte de sua mãe. Seu pai, o rei Gregor Alexander Philip Mountberg, culpou a todos menos a si mesmo por sua morte, e assim a família, de acordo com minha anfitriã, mancou junto com nenhum amor perdido entre nenhum deles.

Quando ela começou a recontar os nomes e várias fileiras e nomeações dos irmãos do rei, eu me afastei em meus próprios pensamentos. O rei ficou doente por muitos meses antes de eu ser convocado. Como eu tinha levado três meses para viajar para este lugar remoto, ele agora estava muito doente de fato. Todos sussurravam veneno. Ninguém tinha coragem ou meios para sustentar suas suspeitas por ação. Eles precisavam de provas. Eles precisavam de mim, aparentemente.

Eu não tinha nenhum desejo real de ajudar qualquer uma dessas pessoas agora. Eu perdi algo de mim mesmo quando deixei aquele jovem escapar



A ROYAL AFFAIR

de minhas mãos. Eu estava em um país refreado pela superstição, e queria voltar para a Inglaterra e a vida que fizera para mim lá. Eu era médico, no entanto. A reputação de um médico era tão fácil de perder quanto era para a Sra. Costain criar. Eu não podia me dar ao luxo de *não* ir ao rei - e depois salvá-lo.

Fiquei acordado por um longo tempo naquela noite, apesar da cama confortável e do meu estômago cheio. Eu estava ansioso pelo dia seguinte, claro. Eu nunca tinha conhecido uma pessoa real antes e não queria particularmente agora, mas era mais do que isso. Senti novamente aquela sensação de pavor que me dominara antes de entrar na aldeia. Mas eu era um homem da ciência e *não* permitia que minhas próprias superstições me controlassem.

Se meus pensamentos também se desviaram para o estranho encontro com os quatro homens na floresta, então eu não deveria ser muito culpado. Foi enervante, acompanhando de perto o horror que eu sofrera. Mas mais que isso, tinha sido intrigante. Eu não conseguia esquecer os olhos do jovem. Eu nunca tinha visto alguém com olhos tão verdes antes. Ele também, agora que eu pensava nisso, não seguia a moda de cabelo ou de vestido. Seu cabelo era curto para um homem, curto demais para ser amarrado. Era cor natural, não pulverizado, um preto puro, embora fosse difícil dizer exatamente porque ele estava imundo. Ainda sob a sujeira, sua pele não era a de um homem que vivia habitualmente vítima de um clima rigoroso. Seus dentes me fascinaram. Era raro ver bons dentes em alguém, muito menos alguém da sua idade. Ele devia ter uns vinte e poucos anos, uma época em que os dentes da maioria das pessoas estavam bem em sua



A ROYAL AFFAIR

primeira podridão. Mais uma vez, lembrei-me do Powponi em que vivi. Quando Aleksey sorriu, foi como assistir a uma risada corajosa de Powponi, a luz nos olhos e a boca larga de dentes perfeitos. Talvez fosse mais algo indefinível em seu ar: *meu país, minha terra, eu*. Ele tinha uma arrogância nascida do direito - isso é o que eu senti.

Quem quer que fosse o jovem, ele claramente tinha uma opinião muito alta de seu próprio valor. E ainda, e ainda assim... Ele tinha também uma doçura sobre ele? Ou eu estava apenas projetando minha necessidade desesperada de encontrar algo de bom neste lugar em um estranho aleatório que não tivesse realmente tentado me matar, como eu imediatamente temi que ele pudesse? Eu estava interpretando mal o sorriso em seus olhos quando eu chamei seu cachorro de lobo? Eu estava interpretando mal a minha reação a ele? Eu fiz isso com homens antes. Eu não estava correndo para a borda do mundo civilizado pela minha saúde. Eu estava correndo com medo, com medo de mim mesmo e com medo dos demônios que eu não conseguia me livrar. Esse pensamento inevitavelmente arrastou minha mente de volta para a aldeia e o homem que eu tinha ajudado a matar. *“Ele gostava muito de fornicar o pau de outro homem”*. Teria sido esse realmente o crime do homem? Era verdade? Era ele mais do que a velha tinha sido uma bruxa? Onde estava o outro homem, e por que ele não foi punido ali também se, como o prefeito alegou, eles tivessem sido pegos juntos? O que significa jurisdição externa? Perguntas sem respostas me mantinham acordado até as primeiras horas e então a agitação da casa tomava conta.

A ROYAL AFFAIR

Fiquei acordado ouvindo criados e lacaios, vagões e vendedores ambulantes gradualmente trazendo o mundo para a vida. Eu poderia ter cochilado um pouco, mas uma criada entrando com água quente para me lavar e me barbear logo me acordou mais uma vez. Ela fez uma reverência e me informou que o café da manhã durava meia hora e que a carruagem fora encomendada para minha visita ao castelo. Eu respondi que eu iria andar. Ela fez uma reverência mais uma vez e pegou minhas roupas descartadas, supostamente para lavar a roupa.

Quando me barbeei, considerei minha aparência pela primeira vez em três meses. Meu cabelo estava muito dourado das viagens que fiz durante o verão. Da mesma forma, minha pele era um marrom marcante. Eu não tinha sido tão marrom desde que deixei as Américas. Olhei para os meus dentes enquanto os limpava com uma rotina que aprendi com o Powponi, usando uma escova de cerdas e uma pasta feita com ervas de limpeza. Eles eram tão brancos e até como o homem de olhos verdes. Eu fiz uma careta para mim mesmo. Eu não gostei do efeito geral. Eu deveria ser um homem instruído, um homem de ciência e pensamento profundo, um homem cuja habilidade impressionaria e cuja erudição surpreenderia. Talvez eu devesse parar de limpar meus dentes e fazer a barba. Eu apertei os olhos, imaginando o efeito. Talvez eu devesse parar de pensar tanto. Eu concordei comigo mesmo e me vesti. Deixei meu cabelo solto, como era meu costume, amarrei-o frouxamente e me perguntei indiferentemente se o cabelo curto de Aleksey serviria para mim. Berrando-me por vaidade tola, fui encontrar Xavier. Ele estava muito bem também.

Eu precisava de um cavalo mais feio.

Capítulo Quatro

O castelo dominava o promontório, impondo sua austera força tanto ao oceano que se agitava em frente a ele quanto ao vale atrás. Apresentei minhas credenciais e carta de apresentação aos guardas, que prontamente os ignoraram e me conduziram, devolvendo-os para mim com mãos frias. Eu os apresentei novamente ao homem que veio se encontrar comigo enquanto Xavier fazia barulho sobre os paralelepípedos do pátio. Ele realmente as leu, e disse: — Finalmente — e apressou um menino a pegar minhas rédeas enquanto eu desmontava. Fui então conduzido com certa urgência por várias salas, meus papéis sendo entregues de um atendente para outro quando nos arriscamos mais perto do santuário interno. Finalmente estávamos do lado de fora do quarto do rei. Recebi instruções estritas sobre como me dirigir a ele - o que dizer, o que não dizer - e as portas foram abertas. Eu pretendia totalmente chamá-lo de Sua Majestade e só discutir assuntos sobre sua saúde. Portanto, irritando-me um pouco com a palestra desnecessária, eu não estava aceitando o que costumava fazer na primeira visita a um novo paciente. Talvez eu possa ser perdoado. Não é todo dia que você conhece um rei.

O rei Gregor estava de fato muito doente. Isso eu pude ver imediatamente. O resto das minhas observações da sala e dos outros ocupantes era nebuloso, pois eu só conseguia me concentrar no pobre



A ROYAL AFFAIR

homem apoiado na cama. Ele se parecia muito com Lorde Salisbury e eu tive uma sensação estranha de ter estado aqui antes, fazendo isso antes.

Eu me aproximei da cama e me inclinei profundamente, como eu havia sido instruído. — Sua Majestade.

Quando não houve resposta, olhei para cima. Eu me perguntei se o homem estava doente demais para responder. Talvez ele não estivesse acostumado a ter que responder aos criados. Ignorei o desprezo, intencional ou não, e perguntei se podia examiná-lo. Tal como aconteceu com lorde Salisbury, ele ficou indiferente ao meu pedido e à minha remoção cuidadosa das cobertas. Seu corpo foi tristemente desperdiçado e mostrou os mesmos efeitos de envenenamento que os meus pacientes anteriores.

Eu queria fazer muitas perguntas a ele. Tínhamos muito trabalho a fazer, mas pela primeira vez me dei conta das outras pessoas na sala. Eu olhei em volta de mim para um rosto simpático, alguém que eu pudesse me alistar em minha busca por respostas, mas meu olhar foi recebido por olhares de pedra ou olhares de completa indiferença. Dois ou três dos homens, eu sabia instantaneamente, eram médicos como eu. Ainda assim... não como eu, porque eles eram... Eu suprimi um sorriso. Eles eram amarelos e curvados. Eu balancei a cabeça na direção deles. Eu não podia culpá-los por sua antipatia. Nenhum homem profissional gosta de ver outro tratando seu paciente. Mas eles falharam. Eles tinham pouca escolha a não ser me deixar tentar uma cura. Além dos médicos, havia homens que me lembravam do marido da Sra. Costain e eu os achava de modo semelhante ministros ou conselheiros. Havia criados, um ou dois pajens, e algumas mulheres e jovens menos fáceis de colocar. Eu não sabia a quem endereçar.

A ROYAL AFFAIR

Fui salvo da tentativa quando um homem entrou na sala. A onda de sua chegada me levou a acreditar que ele era o príncipe herdeiro, o príncipe George. Eu me levantei e abaixei a cabeça um pouco. Ele chegou perto. Ele era mais baixo do que eu, o que era de se esperar, já que eu tinha mais de um metro e oitenta e algo de uma esquisitice para ele. Ele não era um homem de aparência ruim, mas algo azedou suas características para mim. Eu dei a ele o benefício da dúvida de que ele estava apenas sofrendo de ansiedade por seu pai. Eu me pergunto, no entanto, se o herdeiro de qualquer trono poderia verdadeiramente dizer que está ansioso pela boa saúde de seu monarca. Ele teria que ser um santo, um homem pouco disposto a assumir o privilégio da majestade. A Europa está repleta desses homens, não é?

Mascarando meus pensamentos, perguntei a história da doença de seu pai. Eu adivinhara sua identidade corretamente, pois ele não achou a pergunta estranha, mas olhou ao redor da sala por um momento antes de chamar um dos médicos. Ele era o mais bonito dos três, não em termos de beleza, mas como um homem profissional que conhecia seus negócios - apesar de ser incapaz de curar um rei. Eu me curvei mais uma vez e fui até um grande recesso da janela, onde o médico escolhido se juntou a mim. Eu me apresentei. Ele fez o mesmo. Ele era francês, doutor Jules Lyons. Eu disse que tinha ouvido falar dele, o que eu tinha, e isso não lhe agradou. Nós falamos em francês. Eu tinha apenas um corrompido dialeto aprendido nas colônias, mas nos entendíamos muito bem. Ele também entendia um pouco de inglês e, entre essas duas línguas, conseguimos reunir uma história da doença do rei.

A ROYAL AFFAIR

Ele havia adoecido ao retornar de um feriado para sua vila de verão, cerca de seis meses antes. Era irônico, todo mundo disse, que ele estava tão saudável assim quando a falta de saúde o atingiu. Fiz as minhas perguntas de sempre, não de imediato quem iria querer prejudicar o rei, mas as gerais, para construir uma imagem de suas rotinas, seus colaboradores íntimos e aqueles com quem ele tinha mais contato.

O doutor Lyons não era burro. Não só ele sabia que o veneno estava sendo abertamente discutido em conexão com a saúde do rei, ele imediatamente viu onde minhas perguntas estavam levando. Ele parecia um homem honesto e me disse francamente que considerara tudo isso, mas fora incapaz de chegar a uma conclusão. Nenhuma pessoa preparava as refeições do rei; todos comeram dos mesmos pratos. Ninguém tinha acesso ao rei sozinho. Era um mistério. Eu balancei a cabeça e franzi os lábios, pensando.

Antes que eu pudesse comentar mais, houve uma comoção perto da porta. O príncipe George parecia protestar com alguém na outra sala, e alguns dos conselheiros começaram a intervir. Eu olhei para o Dr. Lyons. Ele estremeceu e balbuciou algo para mim que eu não peguei. Antes que eu pudesse pedir que ele repetisse, um homem invadiu a sala, deixando de lado os homens mais velhos que se reuniram para ouvir nervosamente a discussão. Eu pisquei. Voltei mais para a alcova, avaliando essa reviravolta totalmente inesperada.

Meu bandido da floresta, Aleksey, acabara de invadir a sala - só que agora ele não estava imundo nem sujo. Se eu duvidasse que esse homem lindo em couro e seda *era* meu bandido, sua identidade foi confirmada quando



A ROYAL AFFAIR

Faelan entrou e se juntou a ele ao lado da cama. Aleksey falou algumas palavras com o rei enfermo. Eu olhei em volta. Ninguém estava intervindo? Ninguém estava, e ouvi um murmurado, “Sua Alteza Real”, de um cortesão reverenciando. Eu olhei de novo, e o bandido não estava mais lá. Ele era o príncipe Christian. Christian *Aleksey*. Eu deveria ter escutado minha anfitriã mais atentamente.

Ouvi o rei murmurar a palavra médico e Aleksey se virou, seus penetrantes olhos verdes examinando a sala. Ele me viu e eu fui para frente. Eu queria dizer alguma coisa, mas pela minha vida eu não conseguia pensar em nada que realmente transmitisse em palavras o que eu sentia, e isso me confundiu tanto que eu não disse nada de nenhuma importância. Em vez disso, comecei a mencionar algo descompromissado sobre a nossa reunião anterior, mas vi uma pequena sacudida de cabeça, e seus olhos seguraram os meus por um momento a mais do que o apropriado. Então, no final, eu apenas fiz uma reverência e disse que estava feliz em conhecê-lo. Faelan me agraciou mais uma vez com um leve rosnado e um lábio erguido. Eu olhei para o lobo e pedi desculpas pela mentira por omissão. O lugar estava começando a me afetar. Príncipe Christian voltou para o lado de seu pai e preguiçosamente dobrou um cobertor enquanto olhava desamparado para a figura encolhida. Esse pequeno gesto, mais do que qualquer coisa que eu vi naquele dia, parecia ser uma genuína expressão de preocupação. Eu notei isso com interesse.

O príncipe de repente se virou da cama e apontou para mim. — Venha, vamos andar. — Ele saiu. Eu entendi que isso era o real para *que eu fale com você, e você gostaria de dar um passeio comigo?* Debatí ignorando a



A ROYAL AFFAIR

convocação, mas decidi que, no interesse da saúde de meu novo paciente, faria mais bem obedecer. Não era da minha natureza obedecer à imperiosa convocação de um mero rapaz, e eu não estava de bom humor quando o alcancei na longa galeria que levava para longe dos aposentos do rei.

Minha raiva foi imediatamente aplacada quando o príncipe, sentindo a minha presença (que dificilmente era um elogio à sua grande percepção, porque a maldita coisa de cachorro em seus calcanhares rosou para mim mais uma vez), virou-se com um sorriso e disse simplesmente: — Desculpe. Você me jogou lá. Eu deveria ter feito a conexão. Você disse que era médico, mas não acreditávamos em você. — Ele sorriu mais em particular e acrescentou: — Você não se parece *em nada* com um médico, confie em mim.

Eu não pude deixar de sorrir de volta. — Bem, então, peço desculpas por pensar que você era um bandido com pretensões de reivindicar o que não era seu. *Era* sua terra. Eu *estava* invadindo.

— Você pensou que eu era um bandido? — Ele riu. — Os bandidos dividem o café da manhã com os viajantes solitários e depois os deixam com sua honra e vida intacta?

— Eu não sei. Eu nunca conheci um antes. Eu pensei que você poderia estar tendo um dia de folga.

Ele se virou da galeria e abriu algumas portas. Elas levaram para uma passarela de pedra ao redor das muralhas. A visão era bastante empolgante. Fui imediatamente para as ameias e espiei. Havia uma queda até o mar abaixo, que estava calmo, batendo suavemente nas rochas. O ar era suave



A ROYAL AFFAIR

e eu podia ouvir gaivotas circulando em algum lugar em direção à cidade. Eu levantei meu rosto para o sol fraco. Seria inverno em breve, e dias como esse seriam estimados. Senti uma pontada de piedade intensa pelo homem que acabara de deixar tão doente e fraco em sua cama e resolvi que, se não pudesse fazer mais nada, insistiria para que ele fosse levado para algum sol e ar hoje.

Senti Aleksey vir e ficar ao meu lado. Abri os olhos e me virei para encontrá-lo olhando abertamente para mim. Talvez fosse um privilégio real, mas ele não se afastou imediatamente como quando outro homem era pego olhando tão abertamente. Em vez disso, ele continuou sua franca avaliação, seus olhos descansando onde eles queriam e apenas seguindo em frente quando lhe convinha. Eu permiti a inspeção. Eu estava, afinal de contas, inspecionando-o tão de perto.

Nesta luz soberba, eu agora podia ver que ele não estava tão mudado depois de tudo. Ele estava apenas limpo e bem vestido. Ele estava, como eu pensara no nosso primeiro encontro, em vinte e poucos anos. A intensidade vívida de seus olhos verdes também não tinha sido um truque da luz da fogueira. Agora eles eram quase do tom exato de verde como o oceano translúcido - a borda onde ainda estava calma e tranquila contra as rochas cobertas de algas. Eu não tinha dúvida de que esses olhos poderiam atacar e atacar tão rapidamente quanto o mar que eles pareciam. Seu cabelo era preto e cortado, como eu havia notado antes. Ele tinha o crânio para isso. Eu tinha alguns frenologistas em meu conhecimento que teriam matado para passar as mãos sobre aquela cabeça. Eu engoli, meus pensamentos fugindo comigo. Quanto ao resto de sua aparência, as partes que eu



A ROYAL AFFAIR

consegui pegar naquele dia, ele estava vestido com calções de couro preto e botas altas de couro preto, que claramente tinham visto alguma vida. Uma camisa de seda branca cobria a roupa simples. Eu me senti excessivamente vestido.

— Você é muito marrom. Por que você está tão marrom?

Ele, esqueci de mencionar, era pálido. Isso combinava com seus olhos verdes e cabelos escuros - outra incongruência.

— Eu tenho viajado ao sol. Não é incomum.

Ele assentiu, depois se virou com um gesto que indicava claramente que ele queria que eu andasse com ele. — O que você achou do meu pai?

— Ele está muito doente.

Ele zombou levemente. — E você vem até aqui para nos dizer isso. Como somos gratos a todos.

— O sarcasmo não é susceptível de melhorar sua saúde. Eu vou te dizer isso de graça.

Ele olhou para mim. Talvez, sendo um príncipe, ele não estivesse acostumado a pessoas que respondiam à sua falta de boas maneiras com tanta força. Ele franziu os lábios, estreitou os olhos e assentiu levemente. Poderia ter sido um pedido de desculpas, ou poderia ter sido uma nota mental contra mim. Eu senti que era o primeiro e deixei passar.

Eu fiz uma careta, no entanto, e olhei ao redor. — Seu lobo tem que obviamente não gostar de mim? Ele não poderia salvar sua desaprovação rosnando até que ele não estivesse andando atrás de mim?



A ROYAL AFFAIR

Ele olhou para trás, claramente confuso. — Oh, ele gosta muito de você.

Eu ri. — Você discutiu sobre mim longamente, não é?

Ele nem sorriu quando respondeu: — Claro. — Com um olhar ao redor para ver se estávamos sendo ouvidos por um ou dois mensageiros que passavam apressados, ele acrescentou: — Do que você precisa? Para o seu... como é chamado? Diagnóstico?

Ainda pensando sobre seu comentário anterior e me perguntando o que mais havia sido discutido sobre mim, respondi: — Informação. Não posso determinar o que está errado com... com Sua Majestade, a menos que eu tenha livre acesso às pessoas mais próximas a ele. Além disso, preciso examiná-lo completamente.

— Claro. Você está ficando aqui, não?

— Ficando aqui? Você quer dizer...? Não, eu sou um convidado de Madame Costain.

De repente, seu humor pareceu escurecer. — Desculpe, isso não foi realmente uma pergunta. Minha polidez natural me fez esquecer por um momento que não preciso pedir sua permissão. Você está ficando aqui no castelo. Você deve estar disponível quando for desejado.

Eu estava muito furioso para responder. Eu apenas balancei a cabeça educadamente, já que não estava em posição de *não* ser educado. — Nesse caso, talvez você seja gentil a ponto de alguém me mostrar ao meu quarto.

Ele parou e andou na calçada de pedra por um momento, aparentemente avaliando suas botas. Ele rapidamente arrancou um pouco de lama de uma

A ROYAL AFFAIR

borda. — Eu vou. Me siga. — Ele se afastou, o *clique* das garras do animal seguindo-o.

Eu também segui. Talvez eu devesse ter visto aquela pequena capitulação da parte dele e a minha disposição de segui-lo como presságios do que se tornaria características perceptíveis de nosso relacionamento. Talvez eu tenha feito. Afinal, eu o segui de bom grado, apesar da minha raiva anterior.



Capítulo Cinco

O príncipe levou-me ao quarto na frente do castelo com a mesma visão espetacular que eu tinha visto das ameias. Eu ainda tinha uma pequena varanda para desfrutar. Os quartos eram muito nus, mas tudo o mais dava uma satisfação para isso. A decoração exagerada dos aposentos do rei havia sido opressiva.

Príncipe Christian perambulou pela sala pegando objetos e colocando-os pra baixo, claramente um homem que queria dizer alguma coisa, mas não conseguia pensar em uma maneira de apresentar o assunto. Deixei-o suar e fui para a sala ao lado. Esta era uma pequena sala de estar, que serviria muito bem como um estudo. Eu não tinha ideia de quanto tempo ficaria aqui, mas era bom saber que ficaria confortável neste país abandonado por Deus. Como se lesse a direção de meus pensamentos, o que era extremamente desanimador, o príncipe observou casualmente: — Você deve ter passado por muitas de nossas cidades e aldeias em sua jornada. — Ele entrou no quarto atrás de mim e estava inclinado de forma despreocupada contra o batente da porta de pedra.

— De fato. Muitas.

Ele foi então para ficar na janela alcova, olhando para a vista, e eu não conseguia ver sua expressão. — Que impressões você formou?

— Impressões?



A ROYAL AFFAIR

Ele se virou, um pouco impaciente, e eu deixei de ser deliberadamente irritante e acrescentei mais livremente: — Eu encontrei muita pobreza e não uma pequena quantidade de superstição. Cada um se alimentando do outro.

Ele olhou por um momento. — Não tente me lisonjear sobre o meu país, doutor. Diga o que você quer dizer.

Não me ocorrera nem por um momento que ele quisesse ter um relato favorável do que eu havia visto. Eu fui idiota. De alguma forma, eu estava tendo uma pequena conexão que senti na floresta por mais do que era. Ele não pensava como eu. Como ele poderia? Ele era um *produto* da barbárie medieval que eu havia testemunhado em minha jornada. Eu me curvei levemente. — Você tem uma paisagem muito bonita. Grandes montanhas.

Ele me considerou por mais um momento, depois deu uma risada encantada. — Johan estava certo sobre você. — Ele não explicou esse comentário um tanto chato, mas continuou com mais seriedade: — Eu acredito que você veio de uma aldeia antes de nos conhecermos?

Eu assenti. Este era um tópico que eu não estava de modo algum pronto para discutir com ninguém. Eu mal podia suportar pensar nisso sozinho. Ele estava assistindo minha reação com cuidado. — Houve um incidente.

Eu me virei e voltei para o quarto e saí para a varanda. Eu não poderia ter tomado outro fôlego naquele momento sem perder meu controle muito frágil. Eu senti ele atrás de mim.

— Eu... nós fomos para aquela aldeia depois que te encontramos, já que tínhamos negócios lá e nos disseram o que aconteceu.

A ROYAL AFFAIR

Engoli. — Então você não precisa de mim, Sua Alteza, para contar a você de novo.

— A informação que me foi dada... Eu só fui informado da versão oficial dos eventos. Eu quero saber o que realmente aconteceu. Você estava... inquieto quando me deparei com você dormindo.

— Inquieto? — Eu me virei para encará-lo. — Inquieto? Eu não dormi desde então. Eu o vejo a cada momento em minha mente. Inquieto? Eles riram e o atormentaram quando ele morreu em agonia, mas eu não pude fazer nada! Eu... — Era demais. Eu tentei passar por ele, mas ele pegou meu braço. Não era nada mais do que uma pequena pitada de tecido, tão leve que uma criança poderia se libertar, mas me ligava a ele.

Eu olhei para os dedos dele. Suas unhas estavam lascadas e precisavam de uma boa esfoliação. Eu ri. Saiu como um soluço. Ele me puxou para seus braços e me segurou. Ele não podia saber que esse era o primeiro tipo de abraço que eu recebera por muitos, muitos anos, a primeira vez que compartilhei uma verdadeira emoção com alguém por tanto tempo. Era como encontrar um irmão perdido há muito tempo. Melhor pai. Melhor, mas eu não podia ir lá. Tomei o abraço pelo que era e não questionei mais.

Eventualmente, eu me afastei, meus olhos baixos. — Peço desculpas. Não é assim que eu pretendia me apresentar, Alteza.

— Aleksey. Meus amigos me chamam de Aleksey.

Eu levantei meus olhos. Os seus estavam brilhando, como os meus devem ter estado. Eu fiz uma careta. De repente, senti uma pontada de insight e depois raiva, ciúmes e... *suspeita*. Antes que eu pudesse me

A ROYAL AFFAIR

impedir, soltei: — Você o *conhecia*! — Pensei mais do que isso, mas não consegui acusá-lo de tal crime.

Ele piscou, e uma lágrima escapou, rolando por sua bochecha. Ele bateu com raiva. De repente, tomei consciência do lobo. Ele estava a poucos centímetros de mim, o focinho puxado para trás, os caninos expostos, a saliva gotejando firmemente em ritmo com o ronco baixo e ameaçador de sua garganta. Mais uma vez tive essa crença totalmente irracional de que essa criatura de alguma forma entendia os pensamentos de seu mestre - além daquela habilidade normal que os cães têm que sentir o humor humano. Resisti em recuar e virei-me novamente para Aleksey, repetindo minha observação - minha acusação.

Ele desviou o olhar por um momento, depois para o lobo, como se só tivesse percebido. Ele afagou a cabeça, uma distração para dar às mãos algo para fazer e seus olhos em algum lugar para olhar além do meu rosto zangado. — Sim. Ele era um amigo. Nós tínhamos ido lá para levá-lo para caçar com a gente.

— Um amigo. Você sabe pelo que ele foi condenado. — Eu não tinha certeza se isso era uma afirmação ou uma pergunta, então não fiquei surpreso se ele também não respondesse. Ele franziu os lábios, parecendo um pouco amotinado. De repente, percebi o que estava dizendo, o que estava pensando, o que quase havia acusado esse príncipe e imediatamente me arrependi. Mas eu não podia reprimir tão facilmente a pequena voz interior que ficava repetindo num sussurro, *Ele está fora da minha jurisdição. Deus o julgará.*

A ROYAL AFFAIR

Isso não estava me levando a lugar nenhum. Ele havia levantado esse assunto. Eu não queria pensar sobre isso. Eu precisava voltar para o meu paciente. O tempo, para o rei, era da essência. Murmurei algo com esse efeito, e o príncipe imediatamente se endireitou e se afastou de quaisquer pensamentos sombrios que o envolvessem.

Ele assentiu. — Eu terei servos nomeados para você e suas coisas trazidas da Sra. Costain. Sua Majestade estará preparada para o seu exame esta tarde. Há mais alguma coisa que você precisa, doutor?

— Sim. Para você me chamar de Nikolai. — eu murmurei com um sorriso de desculpas por coisas que ele não sabia que eu estava pensando sobre ele.

— Meus amigos me chamam de Nikolai. — Mas eu estava errado. Aparentemente, ele sabia muito bem exatamente onde meus pensamentos haviam se desviado, pois ele respondeu com tristeza: — Você pode descobrir que contar comigo como amigo é uma prática muito perigosa, Nikolai.

Eu segurei seu olhar. — Eu acho que estou disposto a correr esse risco. — Tive alguma ideia de que, com essa simples declaração, eu havia declarado muito mais do que uma oferta de amizade. Ele pareceu concordar.

Eu vi um flash de emoção em seus olhos, um rápido movimento de um humor para outro, e ele zombou de meu braço. — Boa. Eu gosto de risco.

Eu não indiquei que não era ele quem estaria em risco. Como eu poderia? Eu realmente não sabia do que falávamos, a não ser uma vaga impressão de amizade baseada naquele pequeno primeiro encontro ilícito, que agora era, por seu desejo, um segredo entre nós.

A ROYAL AFFAIR

Em vez de sair pela porta pela qual havíamos entrado nos quartos, ele foi até a sala de estar adjacente e depois passou por outra porta ao lado. Depois de alguns momentos de hesitação, segui por curiosidade e abri-a atrás dele. Outra sala de estar me saudou, esta cheia de pertences espalhados descuidadamente: livros, roupas, um tabuleiro de xadrez, alguns esboços - as coisas comuns encontradas nos quartos de um jovem educado e rico. Ele estava na janela, no ato de tirar sua camisa. Seu torso era magro, costelas evidentes e com musculatura que provava que ele não passava muito tempo lendo os livros que possuía, a menos que pudesse ler e montar e lutar ao mesmo tempo. Ele se virou, assustado, largando a camisa no chão, onde, sem dúvida, algum pobre criado acabaria pegando para ele. Eu me desculpei e comecei a me retirar. Ele chegou mais perto. Seu peito era largo e de uma cintura magra, a pele imaculada, exceto por uma cicatriz proeminente que passava por suas costelas e escorria sob o cós de seus calções de couro. Ele deve ter visto a direção do meu olhar. Eu esperava que ele aceitasse por interesse profissional.

— A última guerra.

— Guerra? — Eu tossi, estranhamente perturbado, e olhei para cima - com relutância, se a verdade fosse dita.

Ele estava sorrindo e balançou a mão. — Combate. — Outra oscilação. — Ataque. — Então ele riu abertamente. — Eu fui esfaqueado em uma briga de cervejaria, mas eu prefiro a versão de guerra.

— Mais medalhas?

A ROYAL AFFAIR

Ainda rindo, aqueles dentes incríveis tornando o olhar irresistível, ele disse, desculpando-se. — Eu realmente não preciso de medalhas; Eu sou chefe do exército: *General*, Sua Alteza Real o Príncipe Christian. Eu meio que recebi todas as medalhas para começar.

— Talvez uma guerra real fosse menos perigosa do que visitar o tipo errado de tavernas? Alguém fez um bom trabalho costurando. — Ele parecia divertido com a desobediência dos meus olhos em retornar continuamente ao seu abdômen. Mas foi extremamente interessante - do ponto de vista profissional - ver como a cicatriz dividia os sulcos musculares, saltando deles. Ele implorou para ser tocado - novamente, de uma forma profissional apenas, é claro. De tocar, felizmente, consegui resistir. — Então, nós temos quartos adjacentes?

Ele assentiu e sorriu. — A vida em um palácio real pode ser como caminhar sobre pedras cobertas por algas marinhas. Às vezes, um braço firme é bem-vindo. Espero não ter ultrapassado alguma linha *profissional* que preferiria desenhar.

— Não, Aleksey, você não ultrapassou nada, e eu ficaria muito grato pelo seu... *braço firme*... sempre que você achar apropriado. — Com essa resposta eu o deixei. Se ele estava jogando comigo, então eu estava mais do que disposto e capaz de jogar de volta. Ele era mestre de seu próprio pequeno universo; isso eu pude ver claramente. Ele era lindo, charmoso, inteligente, um príncipe real e, como ele havia conseguido me informar, chefe de um exército, com todo o poder e influência que lhe davam. Mas eu era igualmente inteligente e podia ser charmoso quando gostava de ser. Eu também passei meus mais de trinta anos aprendendo uma ou duas coisas

A ROYAL AFFAIR

que ele (um bebê mimado em meus olhos) não poderia adivinhar. Eu não achava que guerra havia sido declarada entre nós, mais como cartas distribuídas e as regras do jogo ainda a serem acordadas. Eu era bom em cartas também. Nós veríamos.

Confesso que precisava de algum tempo e espaço para me recuperar de Aleksey, mesmo nesse estágio inicial de nosso relacionamento. Minha pausa foi meramente uma caminhada de volta aos estábulos para garantir que Xavier estivesse sendo bem tratado. Ele estava; ele estava com os cavalos reais. Ele nunca mais seria o mesmo. Talvez ele estivesse pensando o mesmo sobre mim.

Logo depois de deixar os estábulos, fui abordado por um menino que se declarou meu novo serviçal. Quando levantei minhas sobrancelhas com este título, ele se corrigiu para servo e ergueu os ombros teatralmente. Eu sorri e acenei para ele me seguir. — Qual é o seu nome?

— Stephen, senhor.

— Qual foi o seu trabalho antes de você se tornar meu... serviçal?

Ele sorriu e subiu para caminhar ao meu lado, contra o protocolo, tenho certeza, mas bem-vindo, no entanto. — Eu não tive um, realmente. Eu sou o bastardo.

— Desculpe-me?

— Eu sou o bastardo do príncipe Peter. Ele era o irmão mais velho de Sua Majestade, mas agora está morto - meu pai, não Sua Majestade. Sua Alteza Real, o Príncipe Aleksey, achou que eu gostaria de você.



A ROYAL AFFAIR

— Você quer dizer que eu gostaria de você. — Ele estava me confundindo.

Ele franziu a testa, aparentemente tão confuso quanto eu. — Não, 'Sey disse que eu gostaria de você e que você seria bom para mim'.

— Você é meu servo, mas eu devo ser bom para você?

Ele sorriu. — *Serviçal*. Nós concordamos com isso. Está com fome? Eu estou. Nós devemos participar do almoço. Você tem que conhecer o resto da família. Sortudo.

— Quantos anos você tem?

— Dez. Bem, eu terei no próximo ano.

— Você pode ler e escrever?

Ele me deu um olhar zombeteiro. Eu honestamente não posso dizer se isso é um *Sim, é claro, quão estúpido é você? Ou Ler? Escrever? Dificilmente*. Eu esperei pacientemente com as sobrancelhas levantadas, e ele murmurou: — Eu prefiro histórias, se eu tiver que ler.

Eu ri. — Eu também. — Ele me conduziu por alguns jardins e novamente o mar. O vento se levantou e os cavalos brancos sacudiram o topo das ondas do outro lado do porto. — Diga-me quem mais eu tenho que conhecer, Stephen.

— Oh, há montes deles. Todos são parecidos, ou as senhoras sim. E todos eles têm o mesmo cheiro: horrível às vezes. Sua Majestade tem dois irmãos agora, mas Sua Alteza Real o Príncipe Harold está visitando...



A ROYAL AFFAIR

— Stephen, apenas entre nós, podemos soltar alguns dos títulos? Apenas o príncipe ou o príncipe que? Eu só tenho mais alguns anos de vida e sinto-os rapidamente se esgotando.

Ele assentiu solenemente. — Aleksey disse que você era muito velho.

Eu gaguejei. — Ele o que? Eu tenho trinta e cinco!

Ele sorriu de repente e enfiou as mãos nos bolsos.

Eu estudei o olhar presunçoso. — Ele colocou você em cima disso?

Ele assentiu. — Ele queria saber quantos anos você tem.

Eu não conseguia explicar o súbito rubor de calor que senti me lavar com isso. Eu queria perguntar ao garoto o que mais Aleksey havia perguntado sobre mim, mas tinha a certeza de que isso seria relatado diretamente ao assunto da investigação. Eu segurei minha língua. Com algumas sugestões e lembretes para tentar simplificar os nomes, consegui tirar de Stephen que o rei tinha dois irmãos vivos: Harold, que nunca seria chamado Hal, e John, que era um tolo. Se o menino queria dizer que John era um idiota literalmente em um chapéu com sinos ou se ele era apenas considerado estúpido por um estúpido de nove anos de idade com muito tempo em suas mãos, eu não consegui decifrar.

Logo fui capaz de tomar uma decisão sobre isso, pois encontrei o príncipe quase tão logo entrei no refeitório. Esta era uma câmara alta e impressionante, com duas mesas dispostas para formar um T: uma mesa pequena no topo para os comensais mais importantes e a longa colocada de ambos os lados para os menos significativos. Eu entendi que quanto mais



A ROYAL AFFAIR

longe você estava da mesa alta, menos era a sua importância percebida e me perguntava onde eu estaria sentado. Aparentemente, fui considerado muito importante: estava bem no topo, na junção entre os seres inferiores e meus ilustres superiores. Antes que eu pudesse me sentar, um homem que se apresentou como John me abordou. Eu vou pular todos os títulos e suas altezas e tudo o que ele deu a si mesmo. Eu já estava cansado deles, e só tinha estado no castelo algumas horas.

Eu não sou dado a julgar os outros. A maioria das pessoas que descobri tem profundezas ocultas e, se lhes for dada uma oportunidade, elas revelarão tesouros que, de outra forma, poderiam ter mantido em sigilo. Este homem, no entanto, eu não gostei à primeira vista. Eu poderia até ir tão longe a ponto de dizer que detestei. Eu quase recuei de seu aperto de mão. Por quê? Ele era isso. Ele era aquele medo oculto que todos temos, aquele segredo que mantemos de todos. Ele era um homem que preferia a companhia de outros homens - como eu. Eu suspeitava que ele agisse de acordo com suas preferências, de uma forma que eu havia renunciado. Mas ele me mostrou esse caminho terrível. Ele me lembrou que existia e que, com um único deslize, um momento fraco, eu também poderia estar seguindo seu chamado de sereia. Pelo olhar que ele me deu, acredito que ele teria pegado minha mão e me conduzido pessoalmente por esse caminho.

Eu engoli profundamente, tentando me concentrar em suas palavras de saudação, não em seu perfume, sua mão na minha, seus olhos conhecedores. Ele era perturbadoramente sedutor. Eu fiquei extremamente aliviado, portanto, quando Stephen puxou meu braço e disse

A ROYAL AFFAIR

que eu tinha que encontrar o resto do rebanho (sua palavra, não minha) e me puxou para um pequeno grupo de homens e mulheres lindamente vestidos que compunham o corpo principal de O tribunal.

O príncipe Harold estava fora em uma visita ao sul da Europa, então o único outro membro da família que eu ainda tinha que conhecer formalmente era George. Eu estava prestes a perguntar a Stephen onde estava o filho mais velho do rei, quando houve uma pequena comoção no final da sala, e me virei para ver Aleksey entrar. O sorriso que tinha começado a se espalhar pelo meu rosto ao ver alguém que eu estava começando a pensar como um aliado, até mesmo um possível amigo, desapareceu, deixando uma sensação ligeiramente doentia no meu estômago. Uma linda e bela jovem acompanhou Aleksey pela sala. Eles estavam de braços dados. Eu não podia negar que eles fizeram um casal incrivelmente atraente como, de fato, a natureza pretendia.

Stephen estava puxando meu braço. Eu o ignorei, mudei de ideia e perguntei em voz baixa: — Quem é aquela com o Príncipe Christian?

Ele parecia um pouco surpreso e então respondeu: — Aquela é a princesa Anastasia — como se estivesse surpreso de poder andar e falar ao mesmo tempo, ficando tão debilitado a ponto de não saber o nome dessa aparição.

A modelo e sua escolta nos alcançaram. Eu me curvei baixo. Aleksey esperou até que eu me endireitasse e então disse um tanto grandioso: — Doutor, eu posso apresentar a Princesa Anastasia — e acrescentou depois de uma pausa levemente reveladora, — minha noiva.

A ROYAL AFFAIR

Dei-lhe um olhar aberto e ilegível e me virei para ela. Eu fui contra toda a minha melhor natureza e usei e abusei do poder que eu sabia que tinha. Eu sorri; Eu também tinha dentes perfeitos. Eu falei; Fui educado e viajado, inteligente e espirituoso. Eu fui encantador. Eu fui divertido e autodepreciativo. Ignorei Aleksey totalmente e deliberadamente, e dentro de meia hora eu tinha a princesa no meu braço e estávamos dando uma volta lenta pela sala.

Para meu grande desgosto, Anastasia era absolutamente encantadora. Ela era despretensiosa, engraçada, inteligente e surpreendentemente independente. Ela era de Viena, o que ajudou. Ela também não gostava muito de Hesse-Davia e de seus modos antiquados, embora, quando eu lhe contei um pouco do que tinha visto em minha jornada - obviamente não o pior e o último horror - ela ficou horrorizada. Grande parte da pobreza e degradação havia sido escondida dela. Ela ganhou a maior parte de suas impressões sobre o país de suas empregadas, com quem ela parecia ter um relacionamento muito avançado: fofocavam como irmãs.

Eu estava no castelo há quase cinco horas e começava a me arrepender da noite mal dormida e do café da manhã bem apressado. Senti uma raiva irracional e irracional de tudo, mas não pude discernir sua proveniência além da fome e do cansaço. Para dizer alguma coisa, em vez de permitir que o silêncio fale o que eu não pretendia, perguntei educadamente: — Quando o casamento será realizado? Certamente não no inverno?

— Casamento?



A ROYAL AFFAIR

Eu fiz uma careta. — Seu casamento com Al... com Sua Alteza Real Príncipe Christian.

— Ah sim, claro. Me perdoe. Na primavera. Como você diz, os invernos aqui são muito infelizes. Não pudemos viajar em nosso passeio de casamento no inverno.

— Você está aqui há muito tempo?

— Para sempre — Ela fez beicinho e acrescentou: — Eu vim aqui quando tinha quatorze anos. — Vendo minha hesitação, ela ajudou: — Estou aqui há cinco anos.

— Cinco anos!

Ela riu e deu um tapinha no meu braço novamente. Estranhamente, não era paternalista. — Eu tenho uma vida muito feliz, doutor. Deus me abençoou.

Eu me perguntei se ela queria dizer porque estava noiva de Aleksey. Eu pude ver como ela poderia pensar isso. Eu olhei ao redor para ver onde ele estava. Ele estava nos observando, inclinando-se de maneira muito Real contra a parede, o lobo deitado alerta aos seus pés. Por um momento, pensei que os olhos de Aleksey estavam em mim, mas claramente não estariam, porque eu estava andando com sua linda noiva. Sugeri que, se chegássemos à mesa, algum alimento poderia aparecer, e ela suspirou suavemente. — Receio que todos nós estamos esperando por George. Nada vai acontecer até que George chegue.



A ROYAL AFFAIR

Ela estava certa. Meia hora depois, Sua Alteza Real, o Príncipe George chegou. Ele marchou, exigiu saber por que o almoço já não estava servido e sentou-se à cabeceira da mesa. Eu me perguntei onde ele se sentava quando seu pai estava bem. Todos embaralhavam um espaço cada vez que um desses membros da realeza adoecia? Prato sobre prato de comida rica chegou. Era comida suficiente para alimentar uma aldeia camponesa por um ano inteiro. Eu me senti mal apenas observando eles comerem. Então a razão do meu mal-estar me invadiu mais uma vez. Eu me inclinei para trás, incapaz de comer até mesmo a pequena quantidade de comida que eu tinha tomado.

O que ele pensou quando foi arrastado nu pela rua? Teria ele procurado o seu... amante e, não o vendo, se desesperou? Eu estava criando fantasias do nada? Era inteiramente possível que ele fosse um pervertido se entregando à fornicção desavergonhada. Eu olhei para John. Ele estava comendo com moderação, bocados mimados, acariciando seus lábios entre mastigar. Eu peguei uma maçã e mordi selvagemente. Fornicação. Devassa. *Noiva. Eu fui um tolo. Resolvi manter meus pensamentos mais para mim, proteger meu comportamento em torno de todos eles e fazer o trabalho que estava aqui para fazer. Com isso em mente, subi de repente, inclinei-me para o meu lado para me desculpar e saí. Eu não deveria estar comendo e passando o tempo em conversas ociosas. Eu tinha um homem morrendo sob meus cuidados. Ele merecia melhor, apesar de ser o rei de uma corte de mentirosos enganadores.*

Agradavelmente aplaudido pelos meus pensamentos raivosos e infelizes enquanto caminhava de volta para os aposentos do rei, fiquei aborrecido



A ROYAL AFFAIR

por tê-los interrompido pela causa deles. Aleksey correu atrás de mim e pegou meu braço. Ele me entregou um pão com fatias de queijo e maçã prensadas nele. — Você não comeu nada.

— Você é um servo agora? Responsável pelos meus hábitos alimentares?

Ele não pareceu ofendido. — Seu servo está ocupado pegando seu baú de Madame Costain e, como suspeito que pesa mais do que ele, senti o dever de garantir que nosso novo médico não desmaie em seu primeiro dia de trabalho.

— Eu pareço com alguém suscetível a desmaiar?

Ele realmente teve a coragem de segurar meu braço, parar e avaliar-me, como se ele estivesse comprando um cavalo. Eu quase esperava que ele checasse meus dentes. Sacudi-o e disse com menos irritação: — Pare com isso. Você está agindo como um idiota. — Eu arranquei o pão da mão dele e me curvei profundamente. — Obrigado pelo seu gesto gentil. Eu estou encantado.

Ele continuou a andar ao meu lado, as mãos mergulhadas nos bolsos. Senti vontade de apontar que não era nem uma aparência militar nem principesca. — O que o seu exame implicará para o meu pai?

— Tentarei torná-lo o menos invasivo possível, mas devo examiná-lo mental e fisicamente, interna e externamente. — Ele fez uma cara desconfortável, não incomum para leigos quando os exames médicos são discutidos.



A ROYAL AFFAIR

— Você deveria ter alguém na sala com você, não eu! — Ele tinha visto minha expressão de surpresa e talvez achasse que eu estava prestes a sugerir que *ele* ficasse. — Eu não faço doença. — Ele estremeceu. — Mas dadas as circunstâncias e rumores, eu não gostaria que nada acontecesse quando você estivesse com ele sozinho. Ou depois, venha a isso.

— Se ele morrer, você quer dizer, eu posso ser culpado?

— Você tem o hábito de falar o que pensa, Nikolai.

Eu ri amargamente. — Na verdade não. Você ficaria surpreso.

Senti seus olhos em mim e decidi desviar qualquer possível resposta que ele pudesse fazer para isso. Eu acabei de quebrar minha nova promessa de ser mais circunspecto ao redor dele. — Eu agradeço a proposta. Mas se alguém estiver presente, deve ser alguém além de qualquer reprovação.

— Seu padre?

Eu ri, então percebi como isso era inapropriado. Por tudo que eu sabia, Aleksey era um cristão devoto - e prestes a se *casar*. Eu precisava parar de fazer suposições sobre ele com base em coisas que eu queria ser verdade e tratá-lo de acordo com as coisas que eu estava descobrindo sobre ele que eram a verdade. Eu sabia que ele ainda estava me observando, então apressei meu passo, fazendo com que ele caísse um pouco para trás. — O doutor Lyons seria aceitável, se você acha que ele concordaria.

— O doutor Lyons é nosso servo. Ele não precisa ser convidado para o seu acordo. — E lá estava novamente: aquela mudança rápida de humor que eu havia observado antes. Em um momento ele era livre e fácil, quase



A ROYAL AFFAIR

livre demais (quase se poderia dizer que é uma ofensiva de charme; podia-se até dizer que é flertar) e, no dia seguinte, ele era novamente a criança fria e autoritária e mimada. Era cansativo. Parei e olhei francamente para ele. Ele não parecia gostar de ser estudado tanto quanto gostava de me colocar sob observação atenta. — O que?

— Estamos aqui. Eu preciso prosseguir com o meu exame.

— Oh. — Ele franziu a testa, olhando ao redor, como se ele realmente não tivesse notado que havíamos chegado do lado de fora do quarto real. — Meu pai estará em oração em sua capela. Você terá uma longa espera. — Ele estava me encarando novamente.

Eu senti que ele queria me perguntar algo e estava ansioso para ouvir o que esta pergunta poderia ser. Parecia que eu tinha uma longa espera por isso também. Finalmente, cansado de seus jogos, eu respondi: — Pare com isso.

Ele recuou. Eu ouvi o inevitável baixo ruído de aviso da criatura ao seu lado.

Eu me virei, ciente de que havia muitos ouvidos por perto para ouvir, caso eles decidissem escutar. Ele pegou meu braço, e eu tive que voltar ou parecer ridículo. — O que há de errado? Por que você está tão sem humor?

— Eu não gosto de ser colocado sob seu microscópio real, Sua Alteza Real.

Ele soltou meu braço, franzindo a testa. — Meu o quê?

A ROYAL AFFAIR

Suspirei. — É um novo instrumento para examinar coisas que são pequenas demais para o olho discernir. — Eu hesitei. — Eu tenho um em meu quarto, se você gostaria de vê-lo.

Ele sorriu, e mais uma vez eu estava sujeito a essa mudança abrupta de humor. Era como ser um barquinho jogado ao redor em uma tempestade, um momento em vento favorável, o próximo lutando para ficar em pé. — Você está me convidando para seu quarto para ver o seu instrumento, Nikolai?

Eu empurrei minha cabeça para trás uma fração. Eu poderia confundir isso com algo diferente de flertar? No entanto, parecia tão incongruente que deveria ser assim. Cautelosamente, mas no mesmo tom de voz, eu respondi: — Como você colocou meu quarto diretamente ao lado do seu, eu suspeito que você será capaz de me ouvir usando o meu instrumento, se você quiser ouvir.

Ele pensou sobre isso por um momento. Para meu grande aborrecimento, qualquer resposta que ele pudesse ter feito foi interrompida quando um padre saiu dos aposentos reais. Ele viu Aleksey e aproximou-se esfregando as mãos com força. — Sua Alteza Real, Sua Majestade começou suas orações. Voltarei a ouvir sua confissão em duas horas.

— Duas horas! Eu preciso vê-lo agora!

O padre virou para mim com um olhar como se ele tivesse pisado em mim. Aleksey rapidamente fez apresentações. O padre Cavil me fez um pequeno arco e pediu desculpas se me tivesse ofendido. — Eu não percebi



A ROYAL AFFAIR

a natureza imperativa do seu desejo de ver Sua Majestade. Talvez, desta vez, eu pudesse persuadi-lo a reduzir suas devoções. — Ele correu para longe.

Algo estava fazendo cócegas no fundo da minha mente, mas eu ainda não conseguia trazê-lo à tona. — Quem tem acesso ao rei quando ele reza?

— Ninguém, exceto Deus, e eu não acho que Deus está tentando envenenar meu pai.

Porque não? Eu pensei. *Ele envenenou quase todo mundo com quem ele teve contato.* Algo disso deve ter aparecido na minha expressão, pois vi um pequeno lampejo de diversão no canto dos lábios de Aleksey. Ele suprimiu a heresia, porém, e acrescentou: — A capela é alcançada do quarto. É totalmente sem acesso, *exceto* do quarto. *Temos* pensado nisso.

— Mas, no entanto, é a única vez que ele está totalmente sozinho.

— Sim. Você está certo. É a única vez que não podemos explicar por ele. Talvez precisemos olhar para Deus.

— Hmm. Eu diria que olhe para o padre.

Ele ignorou isso e de repente me perguntou: — Você sabe qual é a punição por envenenar o rei?

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Não. Eu não sei nada das suas leis. Mas suspeito que não seja uma multa e alguma forma de obras de caridade.

— Não, não é. É ser fervido vivo.

Eu recuei. — Você tem leis selvagens.



A ROYAL AFFAIR

— Estes são tempos selvagens.

— Não, Aleksey, eles não são. Não na maioria dos outros lugares em que vivi.

— Você mora aqui agora.

— Até que eu tenha ajudado seu pai, sim. Então, acredite em mim, pretendo retornar o mais rápido possível para outro lugar. Em qualquer outro lugar.

Ele pareceu um pouco apagado pela minha resposta. Acho que queria que ele ficasse *mais* calejado e, como ele não estava, acrescentei com maldade: — Você e o resto da sua família não estariam sujeitos a tal punição. Eu suponho que você reserve as duras leis de seu país para aqueles de menor condição?

Ele olhou mais francamente para mim. — Então você assume errado. Estamos todos sujeitos à mesma lei.

Eu senti um frio me lavar. — Até a tortura que presenciei na minha jornada? A queima? O... Empalamento?

Ainda me observando com aquela intensidade enlouquecedora, ele assentiu. — Qualquer homem preso em um abraço tão comprometedor será punido de acordo com o crime, sim. Você pensaria que tal lei afastaria qualquer homem de tal perversão, não é verdade?

Ele estava me dizendo algo de grande importância. Eu queria desesperadamente estar longe dele para pensar sobre isso, mas o padre

A ROYAL AFFAIR

Cavil fez outra aparição infelizmente cronometrada. — Sua Majestade concordou graciosamente em vê-lo, senhor.

Eu engoli uma réplica que, como eu estava tentando salvar a vida dele, a graciosidade do rei era supérflua. Aleksey virou-se e começou a se afastar pela longa sala de espera.



Capítulo Seis

Mais tarde naquela noite, sentei-me no meu escritório com uma caneta e um pequeno caderno, tentando organizar meus pensamentos. Eu tinha dado ao meu paciente um exame incrivelmente detalhado. Em total privacidade, exceto pela presença de Jules Lyons, eu havia tomado a decisão de despir o rei. Eu o examinei de perto. Peguei algumas amostras do sangue dele, que eu planejava olhar ao microscópio, e examinei as fezes, a urina e o cabelo. Eu não tinha dúvida de que ele estava sendo envenenado, mas não fui mais longe para determinar por quem. Eu o havia questionado mais de perto sobre seus hábitos e rotinas. Era uma situação impossível: as pessoas o cercavam o tempo todo. Comecei a suspeitar que o ritual de oração era mais para ganhar um pouco de paz e silêncio por algumas horas do que para devoções. Ele não sabia dizer de onde vinha a comida. Mesmo quando ordenado para que fosse preparado sob estrita observação, passava por muitas mãos antes de chegar à boca.

Basicamente, qualquer um poderia estar envenenando ele. Eu não podia, como fiz tão facilmente com Lorde Salisbury, identificar um culpado e isolá-lo dele. Eu fiz uma lista de suspeitos. Ele se transformou em uma lista de todos que eu conheci desde que cheguei ao castelo, com um número de traços adicionados para representar servos e outras pessoas que eu não podia nomear, mas que todos tinham acesso ilimitado ao meu paciente. Ele

A ROYAL AFFAIR

até tinha um criado aparentemente responsável por coletar e substituir seu penico na hora, a cada hora. A vida de algumas pessoas não suporta pensar.

Ao lado de cada nome, notei meus pensamentos sobre essa pessoa: se sentia que eles tinham alguma motivação para matar um rei. Foi deprimente. Todos de uma forma ou outra se beneficiaram de sua morte. Era inevitável, suponho, dado que ele possuía tudo e controlava tudo. Foi como a minha observação no almoço; o rei ausente permitiu que todos subissem à mesa, metaforicamente e de outro modo. Assumindo, é claro, que as pessoas queriam comer mais perto do poder.... Talvez eles não tenham. E se alguém não *quisesse* aumentar a responsabilidade de subir ou descer de um nicho confortável? Aleksey, por exemplo...

Por que meus pensamentos sempre voltam para ele? Talvez porque eu pudesse ouvi-lo naquele exato momento na sala ao lado da minha. Parecia que ele estava jogando uma bola na parede, mas outra explicação para a batida rítmica me ocorreu. Aleksey, então. Se o rei morresse, ele se tornaria herdeiro do trono, uma posição muito mais agradável para alguns do que ser o segundo na linha, como ele era atualmente. Ele tinha muita ambição pelo poder? Não foram quase suas primeiras palavras para mim a *maioria de nós está tentando sair*? Por que ele diria isso sobre seu próprio país para um completo estranho que ele não tinha a expectativa de ver novamente, a menos que fosse verdade? Querer sair era muito diferente de cometer regicídio para ganhar poder. Talvez eu possa tirá-lo da minha lista? Mas então havia Anastasia. Talvez ela fosse o poder por trás de um pretenso trono. Que princesa não preferiria ser rainha? Eliminar seus rivais um por um? Talvez ela não tivesse sido a ingênua que aparecera. Talvez minha

A ROYAL AFFAIR

tentativa patética de encantá-la para irritar Aleksey e parecer não estar preocupado com a descoberta de seu noivado tenha meramente dado a ela a oportunidade de me enganar e parecer o que ela não era.

Eu olhei minha lista. Eu não podia excluir ninguém; todo mundo era suspeito. Isso me deixou com apenas uma opção: eu teria que isolar o rei de todos e de tudo aqui no castelo. Se eu o tivesse inteiramente para mim, ele se recuperaria. Eu duvidava que ele fosse o homem vigoroso que ele tinha aparentemente sido, mas alguma aparência de saúde e vida poderia ser devolvida a ele. Eu estava determinado a tentar. Mas tinha que ser tudo ou nada. Se eu deixasse qualquer lacuna no meu regime, qualquer acesso de alguém para alcançá-lo, então pareceria que meus métodos haviam falhado. Livrar o corpo de venenos através do suor e da aplicação de certos alimentos funcionava. Eu sabia disso. Eu provara isso para mim e para os outros muitas vezes. Mas como você isolava um rei?

Ou eu confundi uma batida com a batida rítmica que eu estava tentando ignorar, ou Aleksey não bateu quando ele entrou no meu escritório. Eu arqueei isso, fazendo uma anotação mental de não estar fazendo nada em meus quartos que pudesse me embarçar se ele repetisse tal comportamento. Ele não só entrou sem esperar que eu lhe desse permissão, ele começou a passear tocando as coisas, examinando-as. Eu não temia por minhas anotações, mesmo que eu o tivesse escrito como um possível suspeito, pois escrevi em minha própria taquigrafia. Não só seria totalmente indecifrável para qualquer um que o usasse, como geralmente era indecifrável para mim.

Finalmente ele olhou por cima. — Há quanto tempo você está de volta?

A ROYAL AFFAIR

— Desculpe-me?

— Eu pensei que você poderia vir e me encontrar e me dizer o que seu exame descobriu.

Eu genuinamente não tinha considerado isso. Pensando em todos como um possível assassino, esqueci que também poderia haver um filho preocupado. — Eu sinto muito. Eu deveria ter... — Ele ouviu algo na minha voz, algo que dizia que minhas notícias não eram boas. Antes que eu pudesse dizer mais, ele olhou para mim desesperadamente.

— Aqui não. Eu não posso ficar por mais um momento; Eu vou enlouquecer. Você monta? Claro que você faz. Você cavalgou até aqui. Você *gostaria* de andar? Agora?

Eu me levantei, colocando meu caderno. — Sim. Eu gostaria. Vamos para uma pousada?

Ele empurrou a cabeça para trás e ouvi a implicação no que eu havia dito.
— Eu estou com fome.

— Oh — Ele riu. — Nesse caso, sim, eu vou te levar para *comer*. A nossa comida não é do seu agrado? Mas eu prefiro comer em uma pousada de qualquer maneira. Venha, o que você precisa?

Peguei meu casaco, coloquei minhas botas de montaria e estava pronto. Nós subimos as escadas em direção aos estábulos, Aleksey na liderança. Minha capacidade de navegar pelo castelo ainda era severamente limitada. Eu olhei para trás de mim. — Onde está a coisa lobo?



A ROYAL AFFAIR

Ele estreitou os olhos, como se estivesse se comunicando com a maldita besta. — Faelan, obrigado por perguntar, está visitando seu cavalo.

— O que! — Eu tive uma visão horrível do que uma visita de lobo a um cavalo poderia implicar.

— Eles estão discutindo sobre nós, eu acredito.

— Você é completamente insano, ou isso é apenas algo que você faz para se divertir?

— Xavier tem muitas coisas interessantes a dizer sobre você. Eu suponho que ele iria, depois de ter você o montando por tanto tempo...

Eu não notei a esta altura. Talvez eu estivesse imaginando o flerte, a tradução contínua da linguagem necessária entre nós, fazendo-me interpretar mal sua conversa inocente. — Como você sabe o nome dele? Eu não contei a ninguém como ele é chamado.

— Ele disse a Faelan.

— E Faelan lhe disse, suponho.

— Você supõe corretamente.

Fiquei surpreso ao encontrar o lobo deitado no estábulo esperando por nós quando chegamos. Eu pensei que Aleksey estivesse brincando. Eu realmente me vi olhando Xavier para ver se ele parecia estar conversando antes de eu me sacudir com aborrecimento e o selar. Nós saímos do castelo, mas em vez de pegar a estrada que eu havia chegado naquela manhã, nos viramos para a praia e seguimos em frente pelas ondas por um tempo antes de abrir caminho para a floresta.

A ROYAL AFFAIR

Quando caminhávamos devagar sob os enormes pinheiros, o príncipe girou ligeiramente em sua sela para me encarar. — Então me conte.

Eu comecei a delinear o fato de que eu não sabia absolutamente nada. Eu girei uma teia profissional em torno deste ar vazio, mas ele sabia o que eu estava dizendo. Minha conclusão, porém, pegou-o de surpresa, como eu achava que poderia: isolar o rei de todos - até mesmo dele.

Ele se virou para encarar a pista, observando Faelan. — Não.

— Não? Você manda todo o caminho para a Inglaterra para o meu...

— Não. Não estou discutindo isso.

— Não é uma maneira de parecer inocente, Aleksey!

Ele se virou, com a mandíbula no lugar. — Não *sou* eu que quero parecer inocente.

— O que você quer dizer?

— Pense nisso, Nikolai! E se ele morrer no seu tempo? Vocês dois sozinhos! Você foi convocado aqui por uma facção política...

— Eu fui enviado por Madame...

— Não seja tão ingênuo. Você acha que os ministros desse maldito país têm em mente o bem-estar de alguém, menos o deles? Se eles querem a saúde do rei restaurada, isso seria por suas próprias razões. Eles são tão propensos a querer ele morto. Se ele morrer sozinho com você, *você* será imediatamente acusado de estar em seu pagamento! Deus, quão mudo pode ser um homem inteligente?



A ROYAL AFFAIR

— Então o que você sugere? É o que precisa ser feito. E se eu fizer e funcionar? Se ele se recuperar? Não vale a pena o risco?

— Eu não lhe falei das punições que desfrutamos neste país para minha própria diversão - um contador de histórias de contos sombrios para mantê-lo acordado à noite! Nikolai, você seria *fervido vivo*. Demora horas. Eu não posso nem imaginar tal agonia. Você pode?

Eu não pude. Xavier recuou nervosamente, talvez sentindo minha ansiedade. Talvez o maldito cachorro estivesse falando com ele novamente. A mudança lateral empurrou minha coxa contra a de Aleksey. Senti a conexão na minha virilha - imediata e pronunciada. Desculpando, eu mudei Xavier de volta para o seu próprio lado da pista. Nós emergimos em um prado aberto. O alívio da escuridão opressiva sob as árvores era impressionante. Eu me estiquei, torcendo meu pescoço ao redor.

Eu me virei para Aleksey. — Algo deve ser feito em breve, ou eu vou ter perdido a minha jornada.

Ele assentiu com tristeza, absorto em alguma pequena falha em sua luva.

Suspirei. — Xavier precisa esticar as pernas. Devemos...? — Eu acenei para o longo e plano prado à frente.

Com um súbito lampejo de sorriso, ele chutou o cavalo para correr. Eu ri e segui o exemplo. Eu sabia muito bem, sem saber nada sobre ele, que o Príncipe Christian se considerava um excelente cavaleiro. Era inevitável, ele era um príncipe e um soldado, mas eu era melhor. Não importava quem era meu oponente; Eu era melhor. Eu tinha montado garanhões selvagens sem sela em guerra.

A ROYAL AFFAIR

Eu fui criado por pessoas de cavalo.

Xavier e eu nos tornamos uma mente e um corpo - como eu pensava, ele também. Foi emocionante. Passamos por Aleksey como se ele estivesse parado. Nós desviamos na frente dele para impedi-lo de vir ao lado, e Xavier chutou a sujeira em seu rosto. Deitei-me tão baixo nas costas de Xavier que pude sentir o calor do seu corpo. Tudo o que eu precisava era de uma lança e um pouco de tinta selvagem no meu rosto, e eu me sentiria inteiramente pela primeira vez em muitos e muitos anos.

Eu só parei quando chegamos ao litoral. Eu encaminhei Xavier na areia e deixei ele chutar seus calcanhares na água. Ele saltou, girando, torcendo e presunçoso. Eu olhei para o som do monte de Aleksey bufando quando ele diminuiu a velocidade na areia. O vento pegou meu cabelo, que tinha caído solto de seu nó, e eu corri meus dedos pelos fios loiros, levantando-os do meu rosto. Aleksey estava me observando, seu próprio cavalo se contorcendo, esfriando, super estimulado, excitado.

Eu engoli e algo mexeu dentro de mim. Tudo ao meu redor parecia desmoronar em um pequeno túnel através do qual tudo o que eu podia ver e ouvir era Aleksey: os olhos brilhantes pelo vento, a cor alta nas maçãs do rosto, os músculos das coxas quando controlava o cavalo selvagem. Eu deslizei pelas costas de Xavier, ignorando a água fria ao redor das minhas pernas, e enterrei meu rosto em sua pele quente e familiar, cheirando-o, sentindo seu batimento cardíaco. Eu era totalmente incapaz de me mover até que as coisas diminuíssem. A intensidade do meu desejo quase me desfez. Eu deixei Xavier me levar mais fundo na água até que eu estivesse coberto até a minha cintura. A imersão gelada fez o seu trabalho, e eu



A ROYAL AFFAIR

remontei, molhado, frio, mas mais uma vez, o eu que apresentei ao mundo exterior.

Aleksey também havia desmontado e estava debruçado, olhando para algo no casco de seu cavalo.

— Tudo certo?

Ele assentiu, de costas para mim. — Continue. Eu estarei com você em um momento. — Ele pegou uma pedra. Ele acenou na direção de alguma fumaça que eu podia ver agora se enrolando ao lado da floresta. — Essa é a estalagem.

Eu balancei a cabeça, embora ele não pudesse ver isso, e virei Xavier em direção à fumaça. Ele pulou um pouco, e eu o puxei de volta, aliviando-o em torno de alguns troncos que se acumularam de uma tempestade na maré alta. Eu não tinha ido longe quando Aleksey subiu atrás de mim. Ele não disse nada. Não consegui pensar em nada para dizer também, e assim chegamos à estalagem em silêncio, exceto pela respiração ofegante de nossos cavalos.

Fiquei imediatamente impressionado com a aparência deste lugar. Eu podia ver uma pequena aldeia de casas ao redor do prédio principal da pousada. Pela primeira vez desde que deixei a civilização, vi um lugar não degradado pela pobreza e pela ignorância. Cada casa parecia bem cuidada. Cada um tinha um pequeno jardim, igualmente cuidado e abundante com flores e legumes. A rua principal era pavimentada com canais de drenagem. Eu não tinha visto isso fora da capital, e mesmo naquela cidade principal a pavimentação estava mal mantida. O lugar todo estava bem situado, como

A ROYAL AFFAIR

se alguém que entendesse sistemas de drenagem e ventos e climas predominantes tivesse colocado uma mão divina e ordenado que houvesse luz.

Aleksey conduziu-nos por trás da estalagem até um pátio de pedras e desmontou. Ele estava prestes a andar com seu cavalo em direção a um estábulo quando algo o atacou. Era pequeno e barulhento, e quando meus sentidos se recuperaram, vi que era um menino de cerca de quatro anos de idade. Aleksey rolou no chão por um momento, aparentemente ferido gravemente. O menino se afastou, ansioso, e então ele foi arrastado em um combate feroz e jogado no ar por um tempo. Gritando de alegria, ele começou a soluçar de forma alarmante e estava tão decepcionado com um abraço que tudo consumia e um beijo nos lábios, como alguém poderia dar a... seu filho. Mordi o lábio, pensando, enquanto desmontava. Talvez esse menino fosse outro Stephen, um bastardo real - o bastardo de Aleksey. Este jovem príncipe tinha a idade de ter muitas crianças correndo por estas horrendas aldeias. Muito fora de humor agora do meu encanto anterior com o lugar, eu levei Xavier para o estábulo e o preendi com segurança. Aleksey entrou com a criança nos ombros. O garoto estava com as mãos nos olhos de Aleksey e o príncipe fingia que não conseguia enxergar. Ele se intrometeu em mim, o que me irritou excessivamente, e eu disse a ele para parar de ser um tolo. O menino sorriu e disse em bom alemão: — Por que ele fala engraçado: 'Sey?'

— Porque Sebastian, ele é um homem muito engraçado que está fingindo estar muito irritado comigo. — Isso foi dito em alemão também, que ele sabia que eu entendia.

A ROYAL AFFAIR

— Por que ele está zangado com você? Ninguém *nunca* fica zangado com você.

— Ah, ele ainda não entende isso, meu pequeno cabo. Ele está zangado porque eu não disse a ele o quão bem ele cavalga e quão incrivelmente bonito ele parece em seu cavalo. Ele é muito vaidoso e eu não quero encorajá-lo.

— Eu não acho que ele é muito bonito.

— Isso é porque você é um bebê bobo.

— Eu não sou um bebê. — E esse argumento continuou por algum tempo, com Aleksey reivindicando todos os tipos de provas para provar seu ponto de vista e a pobre criança tentando em vão provar, chorando e batendo em seu atormentador, que ele era realmente muito maduro e bastante igual a Aleksey.

De repente, houve um rugido. Até eu pulei um pouco. A criança também começou, mas deliciada, e depois abriu os braços, gritando: — *Papai!* — e o urso de um homem que eu conheci na floresta o empurrou dos ombros de Aleksey.

— Pare de abusar de meus filhos. — Ele enfiou a criança debaixo do braço, segurou Aleksey com a outra e começou a esfregar a cabeça até que ele gritou em aflição genuína. O gigante riu, balançou o filho sobre os próprios ombros (perdendo por pouco a cabeça da criança no telhado) e disse amigavelmente: — Lá, vocês são bebês igualmente. — Ele se virou para mim. — Peço desculpas pela falta de boas maneiras do meu amigo. Eu sou Gregory. — Então ele riu. — Ah, nós já nos conhecemos. — Ele virou

A ROYAL AFFAIR

astutamente para Aleksey e acrescentou: — Eu vejo todas as coisas desejadas virem para aqueles que já têm tudo, ei, criança mimada?

— Cala a boca, Gregory. — Aleksey se moveu rapidamente e me empurrou em direção a uma porta que levava para a parte de trás da estalagem. Mais uma vez fiquei surpreso com o que vi e, no entanto, foi apenas limpeza, frescor e abertura de design e estilo que eu raramente tinha testemunhado. Não tive tempo de comentar nada disso, pois dois homens se levantaram de uma mesa quando entramos. Eu deveria ter esperado: o homem com cicatrizes e o menino. Aleksey fez uma pergunta murmurada ao menino, apenas para receber um olhar aflito e partiu de volta. Não entendendo nada disso, eu sentei, minha cabeça girando.

Ele achava que eu era lindo.

Ou ele estava apenas se divertindo, como ele parecia fazer em todas as coisas?

Gregory veio se juntar a nós na mesa, e Sebastian foi despachado para a cozinha para encontrar sua mãe. Eu esperava que essa mulher saísse e nos servisse comida, mas quando ela apareceu, sentou-se ao lado do marido à mesa. Ela estava carregando outra criança pequena, uma menina, que estava brincando com uma bonequinha. Foi uma cena particularmente afetiva por algum motivo. Eu estava extremamente cansado agora, claro, e com fome, mas mesmo isso não conseguia explicar por que senti minhas emoções me subjugarem de repente. Levantei-me rapidamente, fiz a desculpa de precisar de um pouco de ar e voltei ao estábulo.



A ROYAL AFFAIR

Depois de um tempo, senti alguém atrás de mim. Eu me virei, pensando que seria Aleksey, mas era a esposa de Gregory. Ela sorriu, trocando a garotinha para o outro quadril. Ela era uma mulher impressionante: pele escura, como se passasse muito tempo fora de casa. Seus cabelos eram negros, sensuais e crespos até a cintura, pois não estavam amarrados nem cobertos. Eu nunca tinha visto o mesmo. Ela não era jovem ou bonita, mas ela pegou e segurou o olhar. Talvez fosse o modo franco dela de me olhar. Eu estendi minha mão para a garotinha. Ela chegou e pegou meu dedo em seus gordinhos. — Ela é muito bonita, Madame.

— Pia. Meu nome é Pia. — Era muito incomum as mulheres se dirigirem a um estranho com tanta franqueza. Eu estava perdido como responder, então eu apenas fiz uma reverência educada. Ela continuou a me olhar abertamente. — Você não tem família?

Eu balancei a cabeça, agora me ocupando com o rumo de Xavier.

— Deve ser difícil estar tão longe de casa entre estranhos.

Eu dei um encolher de ombros imperceptivelmente. Eu sempre estive longe de casa e sempre entre estranhos.

— Você perdeu seus pais muito jovem, eu acho... e... uma irmã?

Eu me virei abruptamente. — Você faria bem, mulher, em manter tal habilidade estranha para ler a mente de um homem para você neste país.

Ela não pareceu ofendida pela minha completa e incharacterística falta de boas maneiras. Não era todo dia que as mesmas coisas das quais eu vinha me lembrando eram arrancadas com tanta exatidão da minha mente. — Eu

A ROYAL AFFAIR

não preciso ser uma bruxa, senhor, para ler a tristeza e a saudade em seu rosto quando você me viu com meu marido e filhos. Estou errado?

Eu debati dizendo a ela que ela estava sendo impertinente e que eu não tinha intenção de compartilhar meus assuntos pessoais com ela ou qualquer outra pessoa neste lugar horrível, mas quando eu estava prestes a falar, meu olho foi pego por uma estrutura no quintal: mesa de passarinho. Eu não via tal coisa desde que saí da Inglaterra. Era apenas uma simples construção de madeira, pintada de amarelo-girassol, mas falava muito sobre a bondade dessas pessoas neste pequeno vale junto ao mar.

Então, em vez de palavras cruéis, encontrei-me contando a ela sobre meus pais e suas terríveis mortes. Como eu havia testemunhado o massacre de nossa pequena colônia, tão precariamente pendurada na borda do mundo. Como minha irmã e eu tínhamos sido levados pelo Powponi para serem criados como seus, a tribo não se preocupou que, tendo massacrado nossos pais, poderíamos nos ressentir deles ou do seu modo de vida. E como eles se provaram corretos. Que, apesar da morte precoce da minha irmãzinha do choque, cheguei a pensar naquelas pessoas selvagens como minhas. Eu nunca tinha contado isso a ninguém, então por que eu disse àquela mulher estranha eu não tenho ideia. Talvez ela *fosse* uma bruxa. Ela certamente me enfeitiçou. Quando parei de falar, ela balançou um pouco, balançando o bebê.

— Minha mãe era de um lugar tão distante que ninguém aqui sabe onde era. Nem mesmo Aleksey, e ele sabe muitas coisas que não sabemos. Ela não era como nós. Ela era a cor da terra rica quando você a mexe para plantar. Ela não falava palavras que ninguém, exceto eu pudesse entender.



A ROYAL AFFAIR

Havia apenas nós duas e suas histórias de pessoas sábias que sabiam tudo sobre o mundo e as estrelas e o modo como as estações mudam. Ela poderia curar os doentes. Ela podia contar sobre eventos futuros, porque ela observava, pensava e colocava o mundo em ordem ao redor dela.

— Como você chegou aqui? Neste país?

— Fomos levadas em um navio como escravas. Eu vi algo dela em seu rosto: tristeza pelo que não pode ser novamente. Eu sinto muito. Eu não deveria ter falado com você assim. — Ela sorriu timidamente. — Você monta com um príncipe e deve ser *muito* importante.

Eu não precisava ter poderes de bruxa para ler isso, para dizer que *Aleksey acha que ele é muito importante, e todos nós o deixamos continuar a pensar assim*. Eu ri. De repente, senti uma leveza de coração novamente, o mesmo entusiasmo pela vida que senti durante nossa corrida de cavalos, antes de minha vergonha e desejo pelo que nunca poderia ter me alcançar e me deixar com tanto mau humor - antes de ter visto algo. Que eu queria, mas sabia que não poderia.

Eu estendi meus braços, tentativamente. — Posso?

Ela assentiu e passou a criança. Não foi um momento de ternura. A criatura não se impressionou inteiramente com médicos ou homens aparentemente bonitos com histórias tristes. Ela estragou o rostinho e soluçou. Eu me desculpei e passei de volta - rapidamente.

Quando voltamos à mesa, senti os olhos de Aleksey em cima de mim, questionadores, mas a comida havia chegado e, àquela altura, eu estava com tanta fome que ignorei minha obsessão crescente com ele em favor de

A ROYAL AFFAIR

comer. A comida foi de longe o melhor que eu tinha sido apresentado desde a minha chegada em Hesse-Davia. Mencionei para Pia que ela era uma cozinheira muito boa, só para ter meu comentário inocente sendo ridicularizado com todos os presentes. Gregory era o cozinheiro. Ele também era o proprietário da pousada e chefe da pequena aldeia. Gregory tinha sido cozinheiro em muitos dos grandes palácios da Europa e, conseqüentemente, falava muitas línguas fluentemente. Ele era claramente um homem muito culto e rico, mas ele tinha nascido em Hesse-Davia e assim retornou para onde seu sangue o chamava para passar seus últimos anos. Ele falava como um homem em seu meio-termo, mas eu já sabia que isso era uma espécie de afetação, pois ele era apenas uma década ou mais, mais velho do que eu. Ele inesperadamente conhecera Pia quando retornara. Suas circunstâncias não foram mencionadas naquela mesa, mas eu suspeitava que todos conheciam a história de sua escravização, mas eram educados demais para mencioná-lo diante de um estranho, sem saber que ela já havia compartilhado isso comigo.

Enquanto eu me divertia com a história de Gregory, Aleksey tinha conversado profundamente com o homem com cicatrizes cujo nome eu não conseguia lembrar. Eu me lembrei, no entanto, que eu não gostava particularmente dele, e essa conversinha aconchegante com Aleksey agora não fazia nada para mudar minha opinião. Eles inclinaram a cabeça muito juntos para que a conversa pudesse ser ouvida, e eles se sentaram tão perto que suas coxas estavam pressionadas uma contra a outra. Não era a maneira usual de dois homens se sentarem, especialmente porque um deles era um príncipe, e eu senti Aleksey se humilhar por tal comportamento.



A ROYAL AFFAIR

Fiquei um pouco surpreso, portanto, quando ele interrompeu sua conversa sussurrada e me disse: — Você se lembra do coronel Johan, é claro.

Eu fiz e disse isso, friamente. Eu não tinha percebido que ele era um coronel do exército de Aleksey. Eu reavaliei ele, dado este conhecimento. Ele não parecia ser tão inferior a uma criança arrogante quanto eu.

Talvez ele gostasse de Aleksey dando-lhe ordens.

— Johan veio com uma solução para o seu problema, Nikolai.

Eu bufei um pouco. — Eu não sabia que tinha um problema.

Ele franziu a testa. — O rei?

Eu me senti tolo. Quantas vezes precisei me dizer para ser mais neutro e profissional? Muito mais vezes, aparentemente. Parei de pensar em Aleksey me dando ordens e tentei me concentrar. Eles estavam discutindo o envenenamento de um rei. Não era de admirar que eles tivessem sido reservados e falado em sussurros. Eu me virei educadamente para o coronel com as sobrancelhas levantadas.

— Há uma casa de veraneio à beira-mar que é usada pelos oficiais do regimento. Está vazia nesta época do ano. É isolado, habitável e... — Ele se virou para Gregory. — Qual é a palavra que estou procurando?

Gregory bufou. — Frio?

Johan sorriu para ele, mas acrescentou para mim: — Revigorante.

A ROYAL AFFAIR

Concordando com o coronel, Aleksey acrescentou: — Ninguém poderia estar doente lá. É muito bonito.

Johan lançou-lhe um olhar afetuoso. — E lá fala o príncipe mimado que nunca teve um resfriado.

Aleksey virou os olhos frios para ele, mas eu poderia dizer que ele estava apenas fingindo sua raiva. — Você se lembra dos dez centímetros de aço que eu levei no meu intestino na guerra?

— Dez centímetros? Os únicos dez centímetros que você levou estão em seus sonhos, rapaz.

Gregory engasgou de repente com algo que ele estava comendo. Eu me virei, pensando se deveria sair agora ou lembrar do meu voto de tentar permanecer profissional. Eu não tinha certeza se entendia completamente a conversa, mas entendia o suficiente para saber que sair parecia uma opção muito agradável.

Aleksey pareceu sentir meus pensamentos mais uma vez, pois ele se afastou mais do coronel e ao meu lado. — O que você acha?

Eu tinha quase certeza de que ele não queria saber o que eu pensava, então simplesmente comentei: — Está ficando escuro. Devemos voltar, não?

Aleksey pareceu castigado. Ele fez beicinho um pouco. Ouvi um grunhido de Gregory, mas depois Pia estava limpando a mesa, e empurrou alguns pratos para o coronel e disse-lhe com raiva que os carregasse para ela. Para



A ROYAL AFFAIR

minha surpresa, ele fez. Eu não acho que eu já tenha visto um homem levar um prato antes, além de um servo, é claro. Foi bastante novo.

Nós voltamos a maior parte do caminho em silêncio. Eu tinha muito o que pensar e, assim, supus, Aleksey. Mas, enquanto cavalgávamos pela proximidade opressiva da floresta, parecia necessário dizer alguma coisa para manter as trevas afastadas. — O que aconteceu com a mãe de Pia? Você sabe? — Ele se virou para mim, surpreso, então acrescentei descuidadamente: — Ela estava me contando algo sobre sua história. Eu estava interessado.

— Margaret foi queimada como uma bruxa.

Xavier tropeçou no meu chiado de raiva chocado. Aleksey pôs a mão na rédea para firmá-lo. Ele a escorregou para a minha coxa, e ele deixou lá. Depois de um tempo adequado, que colocou o toque em algum lugar entre o conforto fraternal e outra coisa, eu me afastei. Nós não mencionamos o momento. Em vez disso, olhando para as árvores, Aleksey perguntou: — O que você achou da sugestão do coronel Johan?

Eu respondi em seu tom frio. — Se o coronel concordar com o uso da casa, então acho que é uma excelente ideia.

— O coronel fará o que lhe disserem. Você acha que isso irá funcionar?

Maldito seja, mas seu humor estava começando a me irritar. — Sim, *Sua Alteza Real*, eu acho que vai funcionar, mas não posso começar a ver como vamos separar o rei de sua corte e todos os seus assistentes.

— Eu estava pensando que nós o sequestramos.



A ROYAL AFFAIR

Eu ri, um pouco da minha tensão liberada. Então, como uma reflexão tardia, acrescentei: — Certamente você está brincando.

Ele encolheu os ombros. — Se ele viver, ele nos perdoará, e nenhum dano nos virá. Se ele morrer, nós morremos de qualquer maneira.

— O que é com isso de *nós*? Eu vou...

— Você faz isso comigo ou não.

— Droga! E se minha cura não funcionar? O que devo pensar se você é a única pessoa lá?

— Bem, suponho que você tenha que me chamar de um matador de reis.

— Ele fez uma pausa, olhando para mim na escuridão. — Você pensou coisas piores sobre mim, você não tem?

Eu olhei de volta. — E elas são verdadeiras?

Eu acho que a noite esperou pela resposta comigo. Ele piscou, virou-se para o caminho de casa e disse muito distintamente: — Eu nunca faria nada que pudesse prejudicar pai. — Nessa resposta hábil, ele chutou o cavalo em um galope, apesar dos perigos da escuridão, e se afastou da minha visão.

Capítulo Sete

Eu acordei com barulho e perturbação. Minha cabeça doía e me sentia incrivelmente sem sorte. Eu tinha sido deixado para encontrar meu próprio caminho de volta para o castelo e para o meu quarto. Isso tinha me deixado em tal mau humor que eu tinha dormido irregularmente, meus pensamentos girando e agitando tanto fora do meu controle quanto as ondas debaixo da minha janela. Fiquei levemente apaziguado ao descobrir que Stephen estava fazendo o barulho e que ele estava fazendo isso com água quente, um pouco de comida e um fogo. Ele foi uma visão bem-vinda. Eu bocejei e me estiquei. — Que horas são?

— Hora de acordar?

— Ah, uma sagacidade. — Saí da cama, enrolando modestamente o lençol em volta de mim. Com o hábito de dormir nu, não estava acostumado a ser acordado por meninos pequenos e barulhentos. Eu particularmente não queria que esse garoto pequeno e curioso notasse o estado em que eu estava. Isso passaria. Eu ordenei que ele preparasse meu cavalo. Eu estava determinado a resolver o problema com minhas próprias mãos esta manhã - visitando a casa proposta sendo minha primeira intenção.

Quando ele saiu, larguei o lençol e testei a água. Eu estava começando a me barbear quando Aleksey entrou na sala ao lado. — A bunda do diabo, Aleksey! — Peguei o lençol, mas estava um pouco atrasado para a modéstia.



A ROYAL AFFAIR

Seus olhos se arregalaram. Se ele estava prestes a protestar comigo por amaldiçoar um príncipe ou fazer algum outro comentário sobre... alguma coisa, eu não estava interessado e evitei drasticamente: — Você bate na próxima vez, sim?

— Você se lembra que eu sou um soldado?

O que isso tinha a ver com o membro ereto que eu não conseguia esconder. Ele deve ter visto minha irritada confusão, pois acenou com desdém para minha nudez mal coberta. — Eu vivo o dia todo com homens nus. Sua modéstia lhe credita, mas é desperdiçada comigo.

— Você pinta uma imagem muito interessante de suas forças armadas. Eles devem ter grande sucesso na batalha. Vastas hordas de homens nus e excitados fariam com que todos os combatentes inimigos fugissem do campo!

Ele sorriu. — Oh, eu não sei. De qualquer forma, você me distraiu do que vim lhe contar. Por favor, continue. — Ele indicou minhas abluções. A água estava ficando fria, então eu não disse a ele que esperaria até ele ir embora. Dei as costas para ele e comecei a ensaboar o rosto. No espelho, pude vê-lo me observando com grande interesse. Para alguém que, como afirmava, vivera toda a sua vida com homens nus, ele parecia estar estudando minhas costas nuas desconfortavelmente de perto. — Você é marrom e branco. — Ele bufou. — Parece ridículo.

— Eu não ando por aí nu. Ao contrário de seus soldados.

A ROYAL AFFAIR

Ele ignorou isso, como eu achava que poderia, e disse com mais seriedade: — Está de acordo, a propósito. Meu irmão concordou com sua proposta.

Eu virei, navalha na mão, cara meio raspada.

Ele assentiu. — Nós realizamos um conselho de guerra... bem, não um daqueles *reais*, é claro, porque não estamos, de qualquer forma, todos nós conversamos, e todos concordamos. Você vai acompanhar o rei até a Casa do Prazer e lá você vai curá-lo.

— Isso é... Casa do Prazer? Isso não significa... — Ele deu um pequeno e imperioso aceno e eu deixei passar. — Essa é uma excelente notícia. Estou surpreso.

Ele encolheu os ombros. — Como eu estou. No entanto, George manda e George é obedecido. Você vai. Você precisa fazer preparativos? Meu pai?

Eu olhei para baixo com um sorriso malicioso. Eu estava prestes a pedir uma cabana de suor Powponi para ser construída na Casa do Prazer e da Luxúria.

Para minha surpresa por incrível que pareça, Aleksey conseguiu encontrar meia dúzia de criados que ele me assegurou serem suficientemente perspicazes e habilidosos para executar minhas instruções de construção a partir de um diagrama e uma descrição do que era



A ROYAL AFFAIR

necessário. Eles ouviram atentamente, olharam para os esboços, examinaram meu olhar ansioso e, em seguida, o líder perguntou em tom neutro: — Então... você quer uma cabana, senhor?

Eu fiz uma careta, mas acenei. — Sim, suponho que sim. Consegues fazê-lo?

— Podemos construir... uma cabana?

— Sim.

Ele chupou os lábios um pouco. Eu poderia dizer que ele estava evitando, apenas, de olhar para seus companheiros. — Acho que isso está dentro das nossas capacidades, senhor. Nós construímos a residência de verão do rei. É claro que isso aconteceu há alguns anos, e os estilos arquitetônicos mudaram um pouco daqueles que eu estava acostumado em Colônia... quando eu aprendi na catedral lá...

— Você não é empregado doméstico, é você?

— Não senhor. Eu sou Mestre Mason, e esses ladinos são meus aprendizes atuais. Eu os chamo assim, como eu chamo minha esposa *atual*. Isso os mantém em pé.

— Por favor, minhas desculpas, senhor. Acredito que Sua Alteza Real, o Príncipe Christian, tenha um senso de humor infeliz. Então, uma cabana. Não requer arcos góticos.

— Boa. Eu odeio os insetos.

Para meu espanto, a cabana foi construída dentro de um dia e, na manhã seguinte, eu estava viajando com Aleksey para inspecioná-la e tomar

A ROYAL AFFAIR

providências para nossa estadia. Eu ainda não estava muito claro se ele pretendia ou não participar do meu exílio. Eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso de qualquer forma. Eu podia ver as vantagens e desvantagens de sua presença, prazeres e dificuldades. Meu profissionalismo estava me dizendo que eu precisava me concentrar no meu paciente. Eu não conseguia me concentrar em nada além de olhos verdes quando Aleksey estava presente.

A Casa da Luxúria (como eu traduzira e insistia em chamar a residência de verão dos oficiais) era perfeita. Situado no lado ensolarado de uma pequena encosta com vista para o mar e com quartos arejados, me lembrou das vilas construídas pelos antigos imperadores de Roma para o alívio dos verões quentes do sul. Aleksey me garantiu que o calor aumentava em Hesse-Davia nos meses de verão. Era final de setembro e os dias começavam a esfriar visivelmente.

Acho que a mudança de opinião de Aleksey em relação a mim coincidiu com o momento em que lhe disse que não estaria trazendo servos e que não estaríamos realmente morando na casa. Ele genuinamente não pensara que quando eu dissesse que tinha que ficar sozinho com o rei, eu queria dizer só: sem cortesãos e sem empregados. Mestre Mason tinha me feito orgulhoso com a cabana de suor. As paredes eram feitas de palha nova e cedros cheirosos, que eu havia pedido. A cova central estava coberta de madeira e ele até cobriu o chão de peles. Não eram ursos nem puma, como os Powponi usavam em suas cabanas sagradas, mas eram bons o suficiente.

A ROYAL AFFAIR

Quando me virei, Faelan estava deitado em uma das peles, olhando para mim com seu olhar âmbar enervante. Ele não rosnou, o que eu acho que foi o primeiro. Eu sorri para ele. — Você quer vir? Sentar nu e suar comigo?

— Sim, por favor. — Eu pulei e Aleksey afastou-se da porta, rindo. — Eu não percebi que esse esforço envolvia nudez. Acho que nunca vi meu pai nu.

— E isso não é algo que todo filho deveria ser capaz de dizer?

Ele assentiu distraidamente e sentou-se no chão de pernas cruzadas, para todo o mundo como os chefes de Powponi aos quais ele se assemelhava. — Diga-me como isso funciona.

Eu debati como melhor explicar a ele e sentei-me do outro lado da fogueira. — O veneno está no corpo da mesma forma que o sal. Você sabe o gosto do suor? — Ele me deu um olhar estranho, mas assentiu. — Esse é o sal sendo lavado para fora do corpo quando nos tornamos muito quentes. Vai funcionar para o veneno também. Comer certos alimentos ajuda o corpo a se curar; o fígado e o marisco são particularmente eficazes, embora eu não saiba por quê. Quando o veneno vai, você substitui os maus humores com água. Em casos particularmente ruins, você tem que continuar fazendo isso por semanas.

— Oh. — Ele pegou um graveto e começou a desenhar pequenas figuras no chão entre as peles. — Onde você aprendeu a ser um médico?

Essa era uma pergunta complicada. Eu costumo deixar as pessoas assumir que eu tinha frequentado uma das novas universidades que ensinam medicina. Ninguém nunca saiu e me perguntou diretamente



A ROYAL AFFAIR

antes. — Fui aprendiz de outro que praticava medicina. — Fiquei muito satisfeito com esta resposta, pois ela andava perto da verdade, mas não disse nada de verdade. Ele assentiu, não escutando de qualquer maneira, concentrado em seus próprios pensamentos. De repente, ele deixou escapar: — Se ele morrer - se meu pai morrer - vou contrabandear você para fora do país. Está tudo arranjado.

— O que! Por quê? Seu irmão concordou com isso! Ele deve entender que isso vem com risco.

— O que ele entende agora e o que ele escolherá entender quando for rei são duas coisas diferentes. Você precisa ver isso, Nikolai! Todos os reis começam seu reinado varrendo os velhos juncos... suando o veneno, se você quiser. Ele não será diferente. Ele aproveitará a oportunidade para se livrar de qualquer um que o tenha ameaçado ou desagradado e desculpar o assassinato de nosso pai - sejam eles culpados ou não.

— Mas eu não sou seu inimigo!

— Oh, pare de ser tão idiota, Niko. Como ele pode afirmar que houve regicídio se *você* não foi enredado na trama? Quem vai ouvir suas ideias de suor e fígado? Ninguém. Haverá suspeita e paranoia e tortura. Todos confessam sob tortura. Você vai confessar. Então, vamos levá-lo por...

— Não! Para onde eu iria? Minha reputação estaria arruinada. Eu nunca poderia trabalhar como médico novamente!

— O diabo leva sua reputação, Niko, este é seu...



A ROYAL AFFAIR

— Não me chame assim! Eu não vou. — Levantei-me, como se ele estivesse tentando me pegar lá e depois me colocar em um navio.

Ele também se levantou. — Oh, você vai. Você é apenas um homem e eu sou... — Ele franziu a testa. — Bem, eu sou apenas um também, mas o que eu quero dizer é...

Eu comecei a rir de sua expressão confusa. Ele olhou para cima bruscamente, e então a risada o atingiu também. Ele abaixou a cabeça por um momento. — Eu acho que seria melhor se você apenas curasse o rei, e então nós não teríamos que testar sua teimosia.

— Ou a sua capacidade de pilotar um navio?

Ele fez beicinho um pouco. — Você acha que eu iria acompanhá-lo neste voo para o exílio?

Eu deixei uma pequena pausa. — Sim. Eu acho que você faria.

Ele deu um bufo triste, como se meu conhecimento de suas intenções fosse superior ao seu. Notei, no entanto, que ele não negou minha suposição. Eu passei por ele no ar fresco. — Então, eu vou curar um rei?

Ele colocou um braço fraternal no meu ombro e concordou. — Sim, você vai curar um rei.

Capítulo Oito

Depois de três semanas em uma cabana de suor comendo fígado cru, eu poderia ser perdoado por ser um pouco... rabugento? Esse período foi de esperança crescente e humor decrescente, se esses dois são possíveis ao mesmo tempo. O rei não era o mais fácil dos companheiros. Mas também não fui eu, e você precisa ser bastante sociável quando se senta nu o dia todo com alguém. Claro, em cabana de suor da minha juventude, nós sentávamos principalmente em silêncio confortável. Eu nunca conheci outra raça que fosse tão completamente incapaz de sentar com seus próprios pensamentos quanto as raças da Europa. Eles devem estar sempre falando ou fazendo com que você fale para que eles não tenham que realmente pensar.

O rei não foi diferente. No final da primeira semana, eu havia esgotado todos os tópicos de conversa em que conseguia pensar. Mas, para ser justo com o homem, ele estava doente e não estava acostumado a ser tratado como eu o estava tratando. Ele nunca teve que fazer uma coisa que ele não queria fazer, e ele não queria ficar nu, e ele não queria que eu arrancasse o suor dele ou o alimentasse com coisas cruas que ele não conseguia tolerar, ou forçando água sem fim nele. Mas ele também não queria ficar doente e não queria morrer. Estas últimas considerações superaram o primeiro, então ele me tolerou. Mas ele queria entreter e manter sua mente fora do regime, então eu contei histórias do Powponi e suas lendas e da Inglaterra

A ROYAL AFFAIR

e alguns dos meus casos lá. Eu até conversei um pouco sobre as minhas impressões sobre o seu país, mas notei que ele sempre decidia que precisava descansar quando esse tópico era apresentado.

No final da primeira semana, no entanto, eu tinha um homem menos doente em minhas mãos. Eu tinha um homem que podia sentar-se a maior parte do dia, que exigia alguma comida que não era crua, e que queria seu conforto real. Eu lembrei a ele que o conforto real dele estava tentando matá-lo, o que o deixou sóbrio por um tempo. No meio da segunda semana, tínhamos progredido para o primeiro nome - bem, ele me chamava de Nikolai e eu o chamava de Sua Majestade. Ele então estava bem o suficiente para fazer pequenas caminhadas, e nós andamos até a praia (vestido agora - eu não era tão cruel) e mergulhei pedras nas ondas. Foi naquele momento, observando-o aplaudindo sua pedra batendo na minha, que eu sabia que tinha ganhado. Sorrir e virei meu rosto para o fraco sol de outubro. Eu senti ele se aproximar e abrir meus olhos. A descoloração de sua pele desaparecera e seus olhos estavam brilhantes. Ele respirou profundamente. De repente, uma onda quebrou sobre nossos pés. Ele olhou para baixo, espantado. Eu ri de sua indignação e me inclinei para ele. — Rei Canuto.

Ele pareceu confuso por um momento, depois riu também. — Ele também não conseguiu manter as ondas. Dizem que ele é um tolo.

Eu olhei para ele corajosamente. — Mas ele não era.

Seguindo a areia em um gesto que me lembrou muito de seu filho mais novo, ele concordou. — Ele estava provando um ponto para aqueles que pensavam que ele era todo-poderoso.



A ROYAL AFFAIR

— Que todos os homens têm que obedecer às leis superiores?

— Sim, que Deus é o mestre de todos.

— Eu não quis dizer a Deus. Eu quis dizer ciência e as leis que governam o mundo ao nosso redor. Estas ondas estão batendo nesta costa desde que Canuto foi rei aqui e vai bater nelas muito depois de você ter ido embora. Seu poder supera o seu.

— Assim como Deus.

— Deus não molha meus pés. Eu prefiro acreditar no que posso ver e sentir.

— Você é um herege, Nikolai.

— Eu sou um herege que parece ter um paciente muito cansado. Venha, você deve descansar. E coma mais fígado. — Ele gemeu, e assim minha indiscrição horrível foi ignorada. Eu realmente tinha esquecido, estando fechado com o homem por tanto tempo e tão intimamente, que não éramos colegas nem amigos. Ele poderia me matar por minha heresia. Eu esperava que ele sentisse que precisava de mim por mais algum tempo.

No final da terceira semana, estávamos caminhando juntos por curtos períodos ao longo da costa ou até a floresta. Nós éramos muito fáceis na companhia um do outro até então. Seu retorno à saúde de quase meio ano de estar muito doente, escusado será dizer, alegrou-o consideravelmente. Ele ainda não estava bem e saudável, como um homem da idade dele deveria estar, mas ele não estava mais morrendo. Provou minha teoria de que o veneno era o culpado por sua condição. Esse, obviamente, era um



A ROYAL AFFAIR

assunto que nunca deixava de nos interessar, e eu já ouvira muito mais sobre a corte e as várias personalidades de lá do que jamais me lembraria. Ele realmente parecia incapaz de nomear um suspeito. Se isso era de algum tipo de crença ilusória de que ele era universalmente amado, ou se ele era genuinamente bom juiz de caráter, eu não sabia dizer. Eu suspeitava do primeiro. Seu filho herdou grande parte de sua arrogância e autoconfiança. Em Aleksey, dada a sua relativa juventude, era divertido ou ocasionalmente irritante. Nesse homem, esse era um traço mais perigoso.

Aleksey, claro, foi muito destaque nas nossas conversas. Tenho que confessar que encorajei o velho a falar sobre seu filho mais novo. Eu aprendi muitas coisas interessantes sobre Aleksey que eu tinha certeza que ele não gostaria que eu soubesse. Eu aprendi, por exemplo, que ele tinha sido levado e mantido como refém por um estado rival quando ele tinha oito anos. Saxefalia, situada a leste de Hesse-Davia, era um país rico e poderoso, devido a acordos comerciais muito favoráveis com seu outro vizinho - a Rússia. Os saxefalianos tinham mantido Aleksey por dois anos, até que seu pai pagou seu resgate. Quando ele voltou, ele havia esquecido sua própria língua - aparentemente. Todos suspeitavam que ele fingia não se lembrar de enfatizar o fato de que levava dois anos para ele ser considerado digno de ser redimido. Aprendi que ele não comparecia à missa, mas se isso era por falta de convicção ou pura preguiça, seu pai não tinha certeza e não havia perguntado.

Tive a nítida impressão de que a Vossa Alteza Príncipe Christian Aleksey, tinha sido permitido fazer muito do que gostava quando gostava, sem que ninguém lhe dissesse diferente. Quando ele tinha quatorze anos, ele quase

A ROYAL AFFAIR

morreu nas guerras de Cretian quando ele tinha levado uma lâmina de espada em seu estômago. Tanto para seu conto de brigar na taverna. Ele encontrou seu *cachorro* na floresta, um filhote de lobo órfão e levou-o para casa com ele. Quando seu irmão colocou o filhote em um saco e jogou-o das ameias para o mar, Aleksey pulou atrás dele. Era um pulo de mais de quarenta pés, o suficiente para deixar um homem inconsciente, mas Aleksey havia sobrevivido e saído da água com seu filhote sujo. No dia seguinte, o filhote foi milagrosamente descoberto como sendo uma raça rara de algum lugar impronunciável no norte e assim poupado da morte. Ele havia rejeitado sete princesas elegíveis até que conheceu Anastasia e, em um dia, concordara em se casar quando ela tivesse idade suficiente. Ele tinha, até recentemente, cabelos longos que caíam bem abaixo de seus ombros, mas depois, em um jogo de bêbados com seus soldados, uma noite ele havia raspado tudo para uma aposta. Aparentemente, ainda estava crescendo a partir dessa infeliz aventura.

Eu estava remoendo algumas das coisas que o rei me disse enquanto eu partia alguns gravetos para o fogo. Eu estudei o machado. Por impulso, peguei uma mecha do meu cabelo inconveniente e cortei-a, depois joguei no fogo. Parecia incrivelmente satisfatório, como se estivesse fervendo. Eu fiz de novo. Então eu dei de ombros e cortei tudo em cerca de um centímetro do meu couro cabeludo. Sem um espelho, tenho certeza que o resultado foi um pouco irregular, mas me senti incrivelmente bem. Não há mais cabelos lisos; não mais preocupação com os piolhos. Foi libertador. Foi ótimo esfregar minhas mãos. O rei ficou menos impressionado do que eu e disse que eu parecia um pagão. Os pagãos que eu conhecia possuíam o



A ROYAL AFFAIR

cabelo mais bonito, de cor preto sem enrolar ou torcer, mas eu não o contradiz. Eu já havia percebido que, por pagãos, tendia a significar alguém que não concordasse com ele. O mundo do rei continha muitos pagãos.

Eu queria saber muito mais sobre seu intrigante filho mais novo, mas o velho não conseguiu me dizer o tipo de coisa que eu queria descobrir. Ele conhecia seu filho na periferia de sua vida. Eu queria conhecer o verdadeiro Aleksey e invejei seus amigos.

No final do mês, acho que estávamos ambos doentes da companhia um do outro, como amigos muito velhos podem ser. Eu resmunguei para ele, e ele resmungou para mim. Ele tinha mais motivos para ficar mal-humorado do que eu; Eu não era fácil de viver agora. Foi um efeito colateral dos meus tratamentos de limpeza que, no final, sempre me tornava muito... saudável. Compartilhando esta cabana com o rei, eu agora estava muito magro e em forma e, conseqüentemente, sofrendo de impulsos reprimidos. Eu tinha começado a me debruçar sobre memórias que me achava livre. Eu ansiava por sentir novamente carne lisa sob meus dedos, para arquear na dor e prazer, para saborear a pele de outra pessoa e compartilhar o calor. Meus sonhos estavam cheios de memórias corrompidas, pessoas que eu conhecia, em seguida, confundidas com pessoas que eu conhecia agora, coisas que eu tinha feito, então me misturei com coisas que eu queria fazer agora. Eu tive que passar mais e mais tempo sozinho, andando na praia ou cavalgando Xavier até estar exausto. O rei resmungou que eu deveria encontrar uma esposa, que não era saudável para um homem sofrer sem alívio. Eu corei e informei a ele em minha melhor voz profissional que a fraqueza da carne era meramente um sinal de boa saúde. Ele respondeu

A ROYAL AFFAIR

que um homem poderia ser saudável demais, e talvez eu devesse nadar no oceano...

Eu levei sua sugestão a sério, e ele se tornou naquele dia meu médico e eu seu paciente. Congelar na água do norte fez o truque, e eu dormi mais profundamente naquela noite e me levantei com a cabeça limpa. Ele estava particularmente bem também. Olhamos um para o outro e sabíamos que era hora de voltar. Nós dois percebemos que nenhum de nós estava lidando com uma preocupação óbvia: ele estava bem porque havia sido removido do alcance do envenenador. Este inimigo ainda estava escondido de nós, mas ele *estava de volta* aonde estávamos indo - e presumivelmente esperando nosso retorno.

Para ser honesto, não sei qual de nós temia mais o retorno.

Capítulo Nove

Pelo menos eu agora sentia que o rei estava bem o suficiente para ser um pouco responsável por sua própria boa saúde. Ele concordara em não comer ou beber nada que não tivesse sido testado por várias pessoas. Eu já havia exigido que toda a roupa de cama dele fosse trocada, então me senti confiante de que ele estava seguro para eu sair por um tempo, para que eu pudesse voltar ao meu próprio apartamento e me fazer respeitável.

Stephen estava me esperando, enquanto os guardas o alertavam para nosso retorno. Eu o despachei para um pouco de água quente e tirei minhas roupas imundas. Eu fiquei surpreso com meu próprio reflexo. Eu estava extremamente magro e, com meu novo cabelo despenteado, quase um estranho, até para mim mesmo. Ouvi a porta e virei, esperando Stephen e a água, pra encontrar Aleksey caminhando na minha direção. Ele me envolveu em um abraço e beijou com força o lado da minha cabeça, como se eu fosse um amado irmão que retornou de muito mais do que um mês de exílio. Ele imediatamente me segurou, considerando meu novo visual com espanto.

— O que você fez com o seu...? Você está entrando em um mosteiro? Recebendo ordens sagradas?

Eu bufei, peguei minha camisa e a coloquei de volta na minha cabeça. A barra pendia apenas o suficiente para a decência. — Seu pai me acusa de



A ROYAL AFFAIR

ser um pagão. Por que estamos discutindo meu cabelo? E lembre-se nós concordamos sobre a coisa da batida?

Ele riu e me deu um soco no braço. — Você curou meu pai. Eu acabei de vê-lo. Ele parece... quase tão bom quanto você.

Eu estava muito grato por ser comparado a um homem velho que tinha acabado de sobreviver à morte e disse isso a ele, mas ele estava claramente com um humor muito bom para ser desviado disso por qualquer coisa que eu dissesse. Eu peguei um pouco de sua excitação. De fato, eu tive minha própria excitação suficiente de seu abraço e beijo, e virei de costas para ele enquanto ele andava de um lado para o outro. Felizmente Stephen chegou com a água solicitada, o que me deu uma desculpa legítima para manter as costas para o quarto enquanto me barbeava.

Eu esperava que Aleksey fosse embora, mas ele parecia achar minhas abluções fascinantes - ou ele estava muito entediado para realmente se incomodar em ir. Em vez disso, ele se jogou na minha cama e fez muitas perguntas sobre meu mês de folga. Ele conseguiu fazer parecer que eu estava em um spa para a minha saúde, e eu rapidamente o desfiz dessa noção, dizendo-lhe algumas das agonias envolvidas na remoção do veneno. Na primeira menção dos aspectos mais confusos da cura, ele empalideceu, tornou-se visivelmente melindroso e rapidamente mudou de assunto. Eu perguntei a ele, sorrindo em particular, o que ele estava fazendo enquanto eu estava fora. Este assunto claramente o interessou muito mais, e eu fui tratado com uma declaração animada. — Nós estivemos em guerra.



A ROYAL AFFAIR

— Guerra! — Eu me virei, minha navalha em uma mão, um dedo da minha outra mão sobre um pequeno corte de sangue. — O que você quer dizer?

Ele se levantou da cama e estendeu a mão. — Aqui, dê para mim. — Então, não esperando minha obediência, ele pegou a navalha de mim. — Apreendi a fazer isso para os homens quando não era mais velho que Stephen. Você foi estragado, senhor. — Eu fiz uma careta, mas me permiti sentar na beira da cama. Ele montou minhas coxas, olhando-me com uma expressão ridícula que ele achava que se assemelhava a um barbeiro. Ele colocou a mão livre na minha bochecha, alisando-a sobre a minha pele quente, em seguida, roçou a borda da navalha levemente através da barba por fazer. Eu puxei as colchas no meu colo. Estava frio no quarto e eu estava vestido apenas com a minha camisa.

Alheio ao meu desconforto, ele se aproximou, o interior de suas coxas cobertas de couro apertou contra as minhas nuas.

Eu fechei meus olhos. — Eu não sou mimado. Fui criado por homens que não tinham cabelo em seus rostos até que eram quase homens velhos.

Senti as mãos dele ainda, seja por espanto de ter oferecido alguma informação sobre o meu passado ou por considerar esse fato estranho, não sei. Soou inacreditável recontado neste lugar. Ele continuou com seu trabalho, silencioso e pensativo por um tempo.

Eu precisava de distração do meu estado cada vez mais óbvio. — Conte-me sobre a sua guerra.

A ROYAL AFFAIR

Com isso, ele colocou um dedo sobre meus lábios para evitar que eu falasse mais enquanto a navalha raspava meu queixo. Eu não sei como consegui resistir a colocar aquele dedo na minha boca. Parecia que eu era bom em dissimular, porque Aleksey não sentia nada do meu desejo pelo seu toque e parecia não ler nada do aperto dos meus punhos no meu colo e no meu arrepio de necessidade.

— Houve um ataque em nossas fronteiras em nossas lojas de grãos. Muito chato. Nós invadimos de volta; então fomos invadidos. Um vasto exército montado de *vinte pessoas* com alguns ajudantes. Meus homens foram incitados a grandes feitos de valor heroico, principalmente para obter acesso aos que, como eu fui informado, estão agora agarrados aos meus homens. Repelimos a invasão, e Hesse-Davia está a salvo para sair da Idade das Trevas para outro dia.

Por mais que eu o questionasse, não consegui desvendar essa história estranha e fazer qualquer relato verdadeiro dela. Eu aprendi com a lição da cicatriz do ventre que Aleksey gostava de minimizar suas realizações, e por isso não pude contar nesta ocasião onde estava a verdade dos fatos. Ele parecia gostar do meu ceticismo. Ele fez uma cruz teatral sobre seu coração de uma maneira particularmente infantil e depois fez beicinho quando eu continuei a não acreditar nele.

Eventualmente, ele declarou-se feito. Por que, portanto, ele continuava de pé sobre minhas coxas nuas, eu não fazia ideia. Eu o empurrei e fiquei, puxando algumas calças limpas, minhas costas viradas. Ainda ele não saiu.

A ROYAL AFFAIR

Eu disse, um pouco mais impaciente do que pretendia: — Você não tem outro lugar para ficar? Tenho muito a fazer, como o desejo de sair antes que a neve chegue.

Amaldiçoei interiormente quando troquei por uma camisa limpa. Eu não tinha pensado em sair até que aquelas palavras não guardadas me deixassem, mas como elas sabiam, eu sabia que era a verdade. Meu trabalho estava terminado e eu tinha um longo caminho a percorrer para chegar em casa. Percebi que Aleksey ainda estava lá, sentado agora na cama. Ele estava girando minha navalha em suas mãos, correndo distraidamente sobre sua pele. Eu fui perto e arranquei cuidadosamente dele.

Ele segurou a minha mão. — As contusões desapareceram.

Eu não tinha percebido que ele havia notado minha mão machucada. Eu me perguntei se ele tinha sido informado de como eu recebi a lesão. Sua mão estava quente. Eu sorri fracamente quando vi que suas unhas ainda precisavam de uma boa esfoliação. Ele sofreu pequenas lesões, hematomas e cortes, como se, de fato, estivesse em uma batalha. Eu mudei o aperto um pouco, então peguei o braço dele em minhas mãos e o virei, inspecionando mais danos. Entrei no quarto ao lado e voltei com um pequeno pote de pomada. Eu deslizei um dedo suavemente em cada corte e pasta. Ele não falou. Eu também não. Eu assisti sua cabeça abaixada enquanto eu ficava em cima dele. Senti o calor de sua pele sob meus dedos e tentei inserir a sensação em minha memória mais profunda, para poder recordar esse momento sempre que quisesse, revivê-lo quando não o tivesse mais. Ele empurrou a manga de sua camisa, e eu vi um corte mais profundo em seu

A ROYAL AFFAIR

bíceps. Silenciosamente eu aliviei sua camisa de sua cintura e puxei-a sobre sua cabeça. Como eu suspeitava, seu torso também foi abusado de sua pequena guerra. Eu segurei-o em torno da nuca, seu cabelo preto curto raspando sob a palma da minha mão, facilitando-o para frente para que sua testa estivesse quente contra a minha barriga. A curva de suas costas pálidas e magras me encantou.

— Deite. — Ele olhou para mim, minha mão ainda na parte de trás do seu pescoço. Eu tinha dado ao príncipe uma ordem. Acho que nós dois sabíamos que eu não tinha dado no espírito de um médico para um paciente. Ele recostou-se na cobertura de pele da cama para o calor do inverno, o peito pálido contra a rica suavidade da pele. Depois de mergulhar meus dedos no unguento mais uma vez, retirando a mistura e aquecendo-a em minhas mãos por um momento, toquei um dedo em um corte que estava quente e vermelho em suas costelas. Ele fechou os olhos, seus longos cílios negros se abriam sobre as pálidas bochechas. Ele tinha uma leve dispersão de sardas na ponte do nariz. Aproveitei o tempo para contar cada uma. Era novo e maravilhoso para mim que um homem pudesse ter tanta beleza.

A porta se abriu. Uma multidão entrou no quarto. Na realidade, eram apenas três homens, mas minha mente saltou para uma conclusão muito mais infeliz. Agradei a Deus por não acreditar que meu horror por ser tão descoberto levou a uma calma indiferente. Não tirei a mão das feridas de Aleksey nem recuei. Ele apenas esticou o pescoço para olhar de cabeça para baixo os intrusos. Eu considerei nosso pequeno quadro da perspectiva de um estranho e vi apenas um médico tratando um homem ferido. Eles não



A ROYAL AFFAIR

conseguiram detectar meu coração batendo tão rápido que senti minha camisa tremer por causa de seu bater. Eles, felizmente, não conseguiram detectar muitas coisas enquanto eu me afastava com tranquilidade enganosa e perguntava o que eles queriam.

— O rei não pode respirar. Ele foi enfeitiçado. Tens de vir.

Imediatamente comecei a me mover em direção ao meu escritório para pegar alguns instrumentos, mas um dos homens avançou e agarrou meu braço. — Você entendeu mal, doutor.

— Tire sua mão dele. — Aleksey havia se levantado da cama. Apesar de estar seminu e claramente desequilibrado, sua voz foi obedecida. Talvez fosse o vasto lobo no canto da sala, o focinho retraído, que apressou sua obediência ao comando falado.

Esfreguei o braço e disse tão friamente quanto pude: — Preciso ir ao rei. O que é isso?

— Você foi acusado de enfeitiçar o rei Gregor.

— O que? Eu acabei de *cura-lo*. Nós voltamos apenas algumas horas! Ele estava perfeitamente bem, e agora você diz que está doente de novo, mas estive *aqui* o tempo todo. — Eu não estava no meu mais persuasivo ou coerente. Eu desafiaria qualquer médico acusado de feitiçaria a ficar mais calmo. Muito do que fizemos pode ser chamado de encantamento, pois foi contra ou apesar do dogma aceito. — O rei sabe que você está aqui? — Com isso, eles vacilaram em sua certeza e eu pressionei minha vantagem. — Leve-me para ele

A ROYAL AFFAIR

Aleksey suspirou, pegou meu braço e nos levou pelos três conselheiros. — É *claro* que vamos falar com ele. Saia do meu caminho, Vencoir, ou eu vou ter você pendurado em suas bolas na forca. Ou devo queimar você? Fora! Fora! — Seu blefe e arrogância fizeram o trabalho, e nós estávamos fora no corredor e em nosso caminho antes que eu pudesse apontar para ele que ele não tinha camisa e nós dois estávamos descalços. Felizmente, Stephen estava à espreita do lado de fora da porta (algo que eu notei estar muito ciente no futuro), e eu indiquei para ele correr e buscar uma camisa para o príncipe. Ele assentiu e saiu correndo.

Nós estávamos sozinhos, andando rapidamente através de passagens que eu estava começando a reconhecer. De repente, Aleksey me colocou em uma sala ao lado. Estava vazia. Ele bateu a porta e a trancou, efetivamente fechando Faelan do lado de fora. — O que você está *fazendo*? Eu preciso ver o rei. Ele não pode *respirar*! — Eu o empurrei para o lado e comecei a levantar a barra.

Ele agarrou meu braço. — Ainda temos o navio pronto e esperando. Você deve fugir.

— Oh, não seja ridículo! Pare de ser tão melodramático. Eu não estou fugindo de lugar nenhum. Mas eu devo ir. *Não*. — Eu joguei fora o braço dele. Ele tentou me agarrar de novo, mas eu o contornei e coloquei um cotovelo na lateral da cabeça dele. Ele não estava esperando isso. Nenhum homem está, particularmente de um médico. Ele caiu como um pedaço de roupa em colapso quando o vento deixa de levá-lo. Suspirei enquanto abaixei sua cabeça cuidadosamente no chão de pedra, destranquei a porta e corri. Confesso que minha ansiedade pela vida do rei não foi a única coisa

A ROYAL AFFAIR

que me levou. O pensamento da reação de Faelan quando ele viu dentro daquele quarto também apressou meus passos.

Sua Majestade estava no chão de seus aposentos, cercado por pessoas inúteis presas entre estar desesperadas para fazer algo e aterrorizadas em agir. Eu coloquei todos eles fora do caminho. Eu senti a respiração. Não havia nenhuma. Mas o coração estava batendo forte. Rapidamente soltei as amarras na garganta do rei, inclinei a cabeça para trás, segurei seu nariz e beijei-o na boca. Pelo menos foi o que a corte achou que eu estava fazendo, pois ouvi vagamente uma vasta ingestão coletiva de ar chocado. Eu estava muito ocupado me concentrando em observar o peito do velho e respirar para ele para me preocupar com o horror deles. Só porque eles ainda viviam em um século anterior, não havia razão para eu não usar o conhecimento que eu tinha. Eu estava extremamente preocupado com a garganta do rei. Parecia inchada e vermelha de onde ele estava rasgando. Se inchou dentro, então nenhum dos meus esforços prevaleceria. Eu continuei respirando, dando-lhe o ar que ele ainda não podia tomar para si mesmo.

O tempo parecia se estender para sempre. Fiquei surpreso que fiquei desimpedido, com o número de pessoas que nos cercavam se multiplicou dos rumores que varriam o castelo. De repente, senti aquele momento que todo médico anseia, quando aqueles quase mortos assumem a responsabilidade pela existência continuada. Eu senti o rei estremecer. Eu sentei em meus calcanhares nus, embalando sua cabeça. Todos os olhos estavam em cima de mim. Em tons ameaçadores, ouvi a palavra *mágica*.

Eu esperava que eles empilhassem a lenha alta ao meu redor, então eu queimaria rápido - melhor não demorar em momentos como esses.

Capítulo Dez

O Rei tinha um poder inquestionável em Hesse-Davia, algo pelo qual ficaria profundamente grato pelas próximas horas. Ele não tinha conhecimento da minha prisão. Não havia mais conversas sobre eu ser um bruxo ou de usar magia, primeiro para tentar matar o rei e depois salvá-lo.

De minha parte, incandescei com raiva que todos os meus bons esforços pareciam ser tão facilmente derrubados. Enquanto eu estava me divertindo com seu filho mais novo, o rei quase foi morto. Algo tinha que ser feito. Ele não tinha comido nada desde o seu retorno, apenas teve um pouco de vinho para beber, que quatro outros homens tinham compartilhado com ele, e então ele tinha ido orar. Ele não gostou da minha piada sobre os perigos da oração cristã, mas não consegui pensar em mais nada para oferecê-lo.

Eu estudei seu quarto com cuidado. A roupa de cama estava completamente trocada, como eu pedira. As novas cobertas não eram do meu gosto: ricos damascos e veludos em bordô profundo. Um laçao simpático apontou para mim de uma maneira arrogante que eles combinavam com a decoração da sala: *estilo barroco*, e eu não tinha ouvido *falar disso*? Eu não disse a ele que o barroco estava fora de moda agora nas melhores salas de estar da Inglaterra. A Inglaterra, como eu constantemente me lembrava, estava muito longe. No entanto, ele continuou a me seguir pela sala, apontando os detalhes mais refinados nas pinturas ornamentadas e nos estofamentos carmesins e azuis, e algo estava



A ROYAL AFFAIR

espetando na parte de trás do meu crânio novamente. Eu senti isso como um pequeno esboço de compreensão soprando de alguma porta aberta da memória. Mas o que era isso? Por que eu não poderia continuar avançando em minha mente?

Passei o dedo por uma das pinturas ricamente detalhadas. — Quando isso foi feito?

Ele pensou por um momento. — Eles foram comissionados quando Sua Majestade tirou sua licença de verão no ano passado. Eles foram completados para o seu retorno.

Eu franzi meus lábios por um momento. Coincidiu com o início da doença do homem, mas eu nunca tinha visto menos de dez pessoas nesta sala com ele. Ele até dormiu com um criado ao pé de sua cama. Eu bati minha cabeça com raiva; Eu nem sequer pensei em perguntar. — Alguém *mais* esteve doente com a mesma doença que o rei? Pense, cara.

Ele estragou o rosto teatralmente. — Absolutamente não.

— Eles devem ter estado! Faça perguntas. — Eu estava desesperado para estar certo.

Mas aparentemente eu não estava. Depois de investigações exaustivas, não havia um relato de alguém se sentindo mal por causa da exposição prolongada à arte ruim. Eu senti vontade de bater em frustração. Todo o meu bom trabalho está sendo desfeito por alguém ou algo mais inteligente do que eu. Eu poderia levar o homem para cima e levá-lo de volta para a cabana? Eu podia ver em seu rosto que ele também queria isso, mas o que poderia ser feito? Ele era o *rei*. Seu país já teve uma pequena guerra em sua

A ROYAL AFFAIR

ausência. Ele era o único rei enquanto ele estava realmente sendo... rei. Pelo menos ele se recuperou rapidamente deste último contratempo. Uma hora de descanso e ele estava de pé e querendo ter conselhos e fazer o que mais costumava fazer o dia todo. Eu estava contente. Eu tinha um problema pessoal para cuidar.

Sua Alteza Real o Príncipe Christian Aleksey fez seu reaparecimento quando eu estava respirando a vida de volta para seu pai. Eu estava ciente dele, claro. Mesmo depois desse curto período de nosso conhecimento, eu sempre estava ciente de Aleksey sempre que ele estava na mesma sala. Eu tinha visto seus pés descalços no meio da multidão enquanto eu segurava o velho arfando em meus braços. Ele pelo menos colocou uma camisa. Eu o mantive no canto do olho enquanto caminhava inspecionando as cortinas da parede. Eu fiquei um pouco distante dele quando os cortesãos foram questionados sobre sua saúde. Mas eu poderia atrasar o inevitável não mais. Quando todo mundo varreu o rei, eu coloquei a mão em seu braço para mantê-lo. Ele fez beicinho, olhando friamente para frente, mas ficou para trás.

— Eu sinto muito. — O que mais havia para ser dito? Eu o deixei inconsciente com um golpe. Eu sabia que tinha ferido seu orgulho tanto quanto o lado de sua cabeça. Isso estava preto e azul, mas eu não tentei aliviá-lo. Eu acho que nós dois tivemos bastante do meu trabalho por um dia. Ele olhou para baixo por um momento. Ele estava prestes a examinar suas botas, algo que fazia habitualmente quando desafiado ou pensando, mas desta vez ele encontrou os pés descalços. Ele franziu o rosto em confusão. Eu bufei; Eu não pude evitar. Ele me deu um olhar ferido e então



A ROYAL AFFAIR

balançou a cabeça com carinho, desesperado. Ele zombou do lado do meu rosto e eu peguei o golpe da mesma maneira teatral: um movimento lento girando para longe.

Ele riu. — Eu deveria agradecer a você por salvar a vida de meu pai novamente, não querendo te dobrar e... — Ele parou lá, felizmente. Tenho quase certeza de que ele estava tão confuso com a imagem que ele conjurou quanto eu. Talvez ele tenha inclinado seus soldados e os açoitado. Foi um pensamento interessante...

Nós começamos a caminhar de volta para os nossos quartos. Eu precisava desesperadamente colocar algo em meus pés. Cabeça raspada, camisa desarrumada, pés descalços, eu parecia um condenado indo em direção a um andaime. Esse não foi um pensamento que eu queria pensar.

— O que você fez? Com meu pai? Eu nunca vi algo assim.

— Eu aprendi isso há muitos anos. Uma criança se afogou e uma mulher idosa o reviveu. Ela era... suponho que você a chamaria de médica.

— Uma mulher? Dificilmente.

Eu olhei para ele. — Você não acha que uma mulher poderia ser um médico tão bem quanto um homem?

— Claro que não. Quão ridículo você pode ser? Talvez a minha amada Anastasia pudesse tomar o meu lugar como chefe do exército. Tenho certeza de que seus vestidos ficariam magníficos ao vento enquanto ela cavalga, com a lança erguida.



A ROYAL AFFAIR

Isso era tão chato e tão estúpido que eu não queria me envolver com isso. Talvez eu simplesmente não gostasse de ser lembrado de Anastasia ou tê-lo a chamado de sua amada. Então me perguntei se ele havia feito isso deliberadamente: mencionando-a e me lembrando de seu lugar em seu coração. Eu pedi desculpas pelo soco, mas ele ainda usava a marca de outro homem - um homem mais forte e mais rápido - em seu rosto. Ele tinha conseguido vingar-se com muita eficácia, se era assim. Eu determinei lá que não subestimaria este meu príncipe novamente. Ele não era vazio e avoado, como gostava de dar a impressão de ser. E por que eu estava chamando ele de meu príncipe? Ele era um vinho forte: algo que eu pensava em consumir, mas sabia que seria ruim para mim.

Aleksey parecia estar gostando do meu silêncio. Eu queria dizer a ele que não era confusão me levando a não falar e que eu tinha visto através de seu absurdo com muita facilidade, mas eu senti que isso só o encorajaria. Eu me vinguei de sua vingança. Mesquinho, eu sabia, mas bastante satisfatório. — Seria conveniente deixar meu equipamento aqui até que ele possa ser enviado com segurança? Eu gostaria de sair amanhã.

— O que você quer dizer? Nós já discutimos isso. Você vai ficar!

Eu não me lembro de discutir isso. Mas então me lembrei das minhas mãos sobre ele, seus olhos se fechando, o arco de suas costas ao meu toque. Teríamos realmente decidido meu destino naqueles toques? Talvez nós tivéssemos. Mas não poderia ser. Hesse-Davia não tinha nada para mim. Um homem como eu não tinha nada no mundo civilizado, mas certamente não neste país que favorecia a superstição medieval sobre a lei iluminada.



A ROYAL AFFAIR

Eu prefiro ter minhas chances na prisão do que em uma estaca.

Nós chegamos de volta aos quartos. Ele entrou no meu como se agora pertencesse ali e se jogou mais uma vez na cama. Puxei minhas botas, arrumei meu vestido um pouco mais decorosamente e sentei-me na beira ao lado dele.

Depois de um momento, ele esticou um braço, sua mão descansando no meu quadril, sem me tocar, mas perto o suficiente para ser sentido em minha mente. Eu estudei, então comentei secamente: — Você deve limpar suas unhas.

— Oh, pelo amor de Deus, você parece uma mulher velha.

— Elas estão sujas, e você provavelmente está coçando e cutucando suas feridas com aquelas unhas, e agora você tem um pouco de sangue ruim.

— Agora você parece um padre. Eu não tenho o diabo sob minhas unhas, Nikolai. E se eu fizer, ele não pode ser lavado.

Eu balancei a cabeça desesperadamente. — Eu não posso provar tudo o que sei. Falo apenas dos resultados da observação de uma vida dessas coisas. As pessoas mais limpas sobrevivem melhor às lesões do que as que estão sujas. É por isso que, aliás, as mulheres são melhores curadoras que os homens. Elas são geralmente mais limpas. E antes que você gaste um pouco mais do seu absurdo arrogante, aprendi tudo o que sei sobre a cura de uma mulher.



A ROYAL AFFAIR

Ele recuou a mão e estudou-a, virando-a de um lado para o outro. — Você deve ter sido deixado cair em sua cabeça quando criança. É a única explicação.

— Tenho certeza que fui. Eu me lembro pior, mas acho... — Eu o toquei levemente em seu templo, onde o machucado era o pior. Ele estremeceu, talvez esperando que eu atacasse novamente. — Por que eu bati em você aqui?

— Porque você é um bastardo indigno de confiança?

Eu sorri. — Eu quis dizer aqui especificamente e não... eu não sei... no seu ombro.

— Não seja tão irritante. Você sabe porquê. Porque eu não teria perdido meus sentidos como fiz se você me batesse no meu ombro.

— Por quê?

— Por quê? Bem... eu não sei porque! Porque meu cérebro está na minha cabeça?

— Fico feliz que você possa confirmar isso; Eu me perguntava. Então, por que bater você aqui afeta seu cérebro? Eu só bato no osso.

— Eu não sei, não sei, não sei, tudo bem? Eu não sou médico.

— Mas você é um soldado e sabe onde atingir a inconsciência, onde esfaquear pela morte, onde esfaquear para incapacitar, mas não sabe *por quê*, você não pode *explicar* isso. Bem, é assim com sujeira. Veja que as pessoas pobres que vivem cercadas de sujeira morrem muito rapidamente



A ROYAL AFFAIR

quando são apenas levemente feridas, mas as pessoas ricas às vezes conseguem sobreviver a ferimentos mais graves. Por que?

— Talvez os ricos sejam mais bem alimentados e menos ansiosos.

Eu fiz uma careta e olhei para ele de perto. Ele parecia envergonhado por seu comentário, mas eu balancei a cabeça. — Não, essa foi a primeira coisa sábia que eu acho que ouvi saindo de sua boca. Eu posso fazer você um médico ainda. — Eu afundei um pouco em mim mesmo. — Você pode fazer melhor do que eu. Por tudo que eu sei, não consigo salvar seu pai. Em segunda opinião, não se preocupe em me ouvir. Mantenha as unhas tão sujas quanto quiser.

— Não, eu vou limpá-las agora, ou você vai pensar sobre a sujeira toda vez que eu te tocar.

Levantei-me rapidamente e fui em direção à varanda. Eu o ouvi suspirar. Deixe-o. Eu estava cansado de jogar seus jogos por hoje. Eu só gostava de jogar se soubesse que venceria. Ganhar ou perder, tive a nítida sensação de que jogar com Aleksey era perigoso para minha saúde.

Capítulo Onze

Depois de quase um mês jejuando eu estava com muita fome na hora do jantar. Eu fiz Stephen me mostrar o caminho até o salão de banquetes. O jantar não devia ser tomado na arejada sala de jantar que eu havia almoçado, mas no salão mais formal e antigo em homenagem ao retorno do rei à saúde. Algo de uma festa improvisada havia sido ordenada. Havia entretenimento: música e dança. Stephen estava tão empolgado que achei que ele ficaria doente, e avisei-o de que, se ele desonrasse sua nova posição, eu o proibiria de me atender de novo. Ele balançou a cabeça solenemente, e eu não consegui tirar outra palavra dele enquanto ele me guiava pelos corredores escuros. Percebi que o castelo parecia muito mais frio e sombrio agora do que na minha chegada. Eu estava aqui há quase cinco semanas, e o inverno estava chegando.

O salão era festivo, com juncos de cheiro adocicado no chão e tapeçarias de vegetação. Desta vez, as mesas estavam dispostas em forma de um grande U achatado. A realeza importante estava sentada na mesa de junção curta no topo, e o resto de nós nos arrumamos pelos dois longos braços. Fiquei aborrecido ao me encontrar sentado ao lado do Príncipe John no topo de um dos lados. Eu pensei que eles poderiam pelo menos ter sentado uma dama entre nós, por uma questão de forma, mas quando a refeição começou, ocorreu-me que ele poderia ter projetado o arranjo de assentos. Aleksey estava sentado na diagonal na minha frente, na extremidade mais

A ROYAL AFFAIR

distante da pequena mesa. Fiquei surpreso com isso, enquanto seu irmão se sentava ao lado do rei, até que percebi com um sorriso que Aleksey estava mais perto da porta que dava para o jardim formal. Ele conseguiu o benefício do ar frio e a oportunidade de desaparecer de vez em quando sem que ninguém percebesse sua ausência - exceto eu.

No começo, fiz uma conversa educada com John e o achei educado e inteligente, bem lido e relativamente bem informado. Ele também era curioso, uma característica que vale a pena em qualquer um, pois ele era genuíno em seu interesse pelas minhas experiências e ouvia atentamente quando eu falava. Dei a ele a mesma cortesia, e estávamos nos dando muito bem até que ele disse depois de uma pequena pausa: — Ouvi dizer que você teve uma experiência infeliz em sua jornada, doutor.

Pedi-lhe novamente que me chamasse de Nikolai e ele assentiu brevemente, concordando. Eu acho que ele sabia que eu estava dissimulando. Finalmente, tive de admitir que testemunhara tanto a queima de uma velha como o empalamento de um jovem.

Ele assentiu sabiamente. — As bruxas são uma maldição, mas estou mais interessado no garoto. Ele falou de alguma forma - no final? — Ele limpou os lábios com o guardanapo e acenou para que um criado lhe trouxesse um limpo.

— Ele não estava em condições de falar, Alteza. Eu acredito que ele estava gritando demais.

Ele estremeceu, assentindo. — Alguma coisa foi dita por seus acusadores do homem com quem ele fora descoberto?

A ROYAL AFFAIR

Eu hesitei. Eu estava observando as mãos dele. Ele estava sentado com o aspecto casual e desleixado de alguém que acha a vida cheia de tédio - exceto pelas mãos. Aqui ele se traiu. Eu não acho que ele tenha percebido que ele tinha uma unha na palma da mão tão forte que ele estava sangrando. Eu levantei meus olhos devagar. Eu segurei seu olhar até que ele teve que desviar o olhar. — Eu acredito que eles sabiam com quem ele estava, sim. Mas eles não me disseram.

Ele aparentemente estava agora empenhado em tentar conseguir um servo para recarregar seu vinho. Quando ele conseguiu seu objetivo, ele tomou um longo gole do líquido vermelho-sangue e se virou mais uma vez para mim. — É uma sorte que você não conheça a identidade do homem, Nikolai, não é?

— Por que, senhor?

— Porque então você estaria em perigo. Ele pode temer que você use essa descoberta a seu favor.

Eu engoli em seco e voltei para o meu próprio vinho por um momento, tomando o tempo para beber devagar, pensando. Finalmente eu disse abruptamente: — Eu nunca faria isso.

Ele notara a mão sangrando e a enxugou com o guardanapo limpo. — Muitos homens iriam.

— Eu não sou muitos homens.

Ele assentiu. — Não, você não é, Nikolai. Você não é de fato. — Ele deslizou a mão na minha coxa. Eu estava tão chocado como se ele tivesse



A ROYAL AFFAIR

se virado na frente de todos e me beijado. Mas o choque não foi minha única emoção. Houve desejo também. Isso me deixou doente. Sua mão começou a se mover lentamente pela minha perna. O calor era indescritível. Eu enchi e estiquei para alcançá-lo, mas não precisava, ele me encontrou. Eu engoli profundamente, então olhei para baixo. Sua palma deixara uma mancha vermelha no tecido. Eu fui marcado por esse pecado tão seguramente como se eu tivesse o iniciado.

Eu puxei minha perna para longe, senti suor na minha testa.

Ele riu. — Você ainda precisa aprender, Nikolai, como amigos poderosos podem ajudá-lo.

— Eu não acho que gostaria do seu tipo de ajuda. — Minha voz não estava firme.

Eu ouvi uma risada baixa. — Eu posso garantir que você gostaria. Venha, Niko - posso te chamar de Niko? Nós dois sabemos o que queremos. Eu posso garantir-lhe total discrição. Eu acho que você acharia muito prazeroso. Eu sei que sim. — Eu me levantei da mesa, mas sua mão disparou e me puxou de volta para sentar. — Você não deixa um príncipe, doutor. Perguntas seriam feitas. Sente-se e aproveite o entretenimento. Você é uma triste decepção. — Com isso, acenou para o criado e começou a ficar muito bêbado.

Meu coração estava acelerado. Eu me senti um pouco enjoado. Fechei meus olhos e imaginei a cena. Não meu quarto, com certeza, com o Aleksey ao lado. O Jardim? Os estábulos, talvez? Não haveria necessidade de palavras ou revelações carinhosas. Seria uma transação de necessidade. Eu

A ROYAL AFFAIR

o curvaria e pegaria. Foi revoltante e ainda fez minha cabeça girar com desejo ao mesmo tempo. Eu era o homem faminto que foi oferecido carne - carne rançosa, mas sustento mesmo assim. Que escolha me foi deixada? Que escolha foi deixada qualquer homem como eu? Eu queria o que todos os homens querem, amar abertamente e com alegria, mas isso me foi negado. Eu senti uma sensação estranha no meu queixo. Eu engoli desesperadamente, prestes a me desgraçar com lágrimas. Era nisso que minha vida consistiria - avanços indesejáveis de homens repugnantes aceitos para aliviar a solidão extrema e dolorosa? Eu não era um santo. Eu precisava de algo, *qualquer coisa*, apenas para me sentir vivo e desejado, mesmo que apenas por um momento transitório e ilusório.

O entretenimento tinha começado: anões montando porcos, homens vestidos de mulheres e mulheres como homens. A música, o calor e o mau cheiro da comida e das pessoas eram intoleráveis. Eu debati subindo de novo e saindo, enfrentando as consequências de minhas ações na manhã seguinte. Mas então senti uma mão no meu braço. Eu olhei para o rosto pálido de Aleksey. Ele se inclinou entre nós e inesperadamente se virou para o tio e beijou-o de leve e de brincadeira na bochecha. John se preencheu, amoroso, encantado. Quem não seria? Aleksey acariciou as costas do pescoço do tio com o polegar.

— Eu tenho que roubar seu companheiro de jantar, senhor. Houve um acidente na cozinha e sua pequena tolice foi queimada.

Eu me levantei imediatamente. — É ruim?



A ROYAL AFFAIR

Aleksey bateu no meu braço com um ar afetado. — Nós não sabemos. É por isso que precisamos de *você*, doutor. Tio - fez um gesto coquete - posso tê-lo?

John riu e aproveitou a oportunidade para colocar a mão no traseiro de Aleksey. — Tome-o, sobrinho; ele é uma grande decepção para mim.

Aleksey riu, inclinou-se e beijou-o novamente, em seguida, pegou meu braço e praticamente me arrastou para longe.

Nós batemos no ar frio da noite; ele se virou e *me* bateu. Eu recuei, uma mão na minha bochecha sobre a bofetada ardente. — Para o que foi isso? Onde está Stephen?

— Stephen está enfiado na cama onde todos os bons bebês deveriam estar. O que diabos, Niko? Você é um idiota completo?

— O que? Você ficou maluco?

— Por que você tem que ser tão sangrenta...? — Ele acenou com as mãos ao redor, como se tentasse arrancar a descrição do que eu era do ar frio da noite. Ele se virou, exasperado com sua falta de fluência ou comigo, e começou a andar de um lado para o outro. Então ele se virou e enfiou um dedo no meu peito. — Teimoso. Rígido. Adequado. Obstinado. Inflexível. — Ele mudou para o alemão e acrescentou mais alguns sinônimos.

Eu estava furioso. Indignado. Eu lancei lhe uma lista de palavras também.



A ROYAL AFFAIR

Ele me cortou e agarrou as lapelas da minha camisa. — Você se sentou lá e enfureceu um dos homens mais poderosos deste reino por causa de sua propriedade. Sua *modéstia*.

— O que! Que diabos você está falando? O que eu deveria fazer? Ele queria.... Ele tentou... — Eu não pude dizer o que ele tentou fazer. Dizia tanto sobre mim quanto sobre John. Ele *me* escolheu para a proposição. Isso não foi coincidência.

Aleksey obviamente entendeu minha hesitação. Ele me empurrou com um suspiro exasperado. — Oh, Niko, ele tenta com *todos*. Você deveria ter jogado e rido, aproveitado a noite e ido embora. Ele nem se lembraria de manhã. Ele nunca faz. *Agora* ele vai lembrar de você, no entanto. Você o insultou da pior maneira possível.

Eu vi meu erro, meu erro terrível. John não tinha me escolhido deliberadamente, mas minhas próprias inclinações me levaram a entender mais do que ele pretendia com seus avanços e fiquei enojado. Outro homem ficaria... confuso? Divertido? Outro homem se juntaria ao ridículo e esqueceria de manhã.

Irritado comigo mesmo, eu tirei isso em Aleksey. — Eu prefiro insultá-lo ao seu jeito de prostituta com ele. Você praticamente abaixou a cabeça no colo dele e... — *Isso* eu não consegui terminar. Isso me trairia por completo se ele percebesse que eu conhecia essas coisas. — Eu sinto muito. Você só estava tentando ajudar. — Eu me curvei e comecei a me afastar.

Ele me pegou e andou ao meu lado. Finalmente suspirou profundamente e comentou em voz baixa: — Ainda é cedo. Não volte para seu quarto tão

A ROYAL AFFAIR

amargo, Niko. Venha... — Ele fez aquele pequeno beliscão da minha manga novamente.

Eu não podia ficar zangado com ele. Estava além do meu poder. Eu o segui.



Capítulo Doze

Eu nunca estive em um quartel do exército antes. Eu imaginava que seriam lugares de ordem e disciplina organizadas. Não era assim - ou não naquela noite de qualquer maneira. A chegada de Aleksey foi recebida com alegria. Interrompemos a festa de comemoração de um dos sargentos inferiores, segundo Aleksey, o que não significava nada para mim. Eu achava que as relações entre oficiais e soldados eram muito rígidas e formais. Mais uma vez, como eu estava errado. Eles o chamavam de senhor, com certeza, mas fora isso, eles eram extremamente livres e fáceis com ele e ele com eles. A festa estava bem encaminhada quando chegamos.

Os homens me trataram com grande interesse, em primeiro lugar por ser estrangeiro e falar de maneira engraçada (suas palavras não são minhas) e, em segundo lugar, porque eu era um charlatão (novamente, a palavra deles). Claro, então me foi apresentado um fluxo de reclamações e enfermidades e um ou dois furúnculos e queimaduras e quebras reais para inspecionar. A bebida fluía muito livremente, e não demorou muito para que eu inspecionasse as coisas em lugares que ninguém deveria quando estava bêbado, mas todos acharam isso extremamente engraçado. Nós jogamos bilhar por um tempo, e depois cartas, e então ficou realmente selvagem. Nós jogávamos jogos estranhos de proeza física, que pareciam não ter nenhum objetivo, exceto danificar alguém tão mal quanto você

A ROYAL AFFAIR

podia e não se machucar no processo. Regras fáceis, então. A certa altura, acho que saímos para um pátio e recebi uma lição de luta com espadas.

Minha demonstração de luta com facas foi a lição mais popular da noite, no entanto. Todos se acharam muito bem com facas até me conhecerem. E eu estava me segurando: eu na verdade não escalpelava ninguém. Onde estava Aleksey em tudo isso? Ele estava bem ali ao meu lado a noite toda, bebendo, rindo, sangrando, e nenhuma vez me senti sozinho, triste ou ansioso por algo que não poderia ter. Naquela noite eu tive tudo. Bem, quase. Mas bêbado e feliz, a dor foi embora por um tempo. Eu disse a mim mesmo que tinha tudo.

Foi uma história um pouco diferente na manhã seguinte. Eu acordei me perguntando se alguém tinha me envenenado. Virei, vomitei e depois percebi que estava na cama de outra pessoa. Decidi pensar sobre isso mais tarde e me obriguei a voltar a um lugar onde nada doía. Eu fiz, depois de vomitar mais uma vez.

A próxima vez que eu acordei, estava claro no quarto. Eu ainda estava no quartel, deitado em uma palheta de palha. Pelo menos eu estava vestido e sozinho na cama. Houve algumas vezes em minha vida em que eu tinha acordado confuso de maneira semelhante, mas nem vestido nem sozinho. Sentei-me com muito cuidado e vi que Aleksey estava esparramado em um catre ao meu lado. A única coisa que nos separava era uma poça seca de vômito. Nós éramos um casal muito atraente depois da nossa primeira noite juntos, devo dizer. Eu vi um par de pernas e deixei meus olhos viajarem lentamente para cima delas, apertando os olhos para o brilho

A ROYAL AFFAIR

quando cheguei ao rosto. Coronel Johan. Nós nos olhamos por um momento.

Ele sacudiu os olhos para Aleksey. — Ele ainda está vivo?

Eu balancei a cabeça, mas me arrependi imediatamente. Ele suspirou, estendeu a mão, em seguida, me puxou para os meus pés e me segurou. — *Você não vai vomitar em mim. Você entende?*

Eu não arrisquei outro aceno, mas fiquei lá debilmente, imaginando o que ele faria comigo. Ele marchou-me à força para o pátio. Eu pensei que ele estava me levando para o portão, mas nós viramos para o lado, e antes que eu percebesse, eu estava sendo mergulhado no cocho do cavalo. A água gelada expulsou o sangue da minha cabeça. Eu cheguei ofegante, fluindo. Ele me molhou novamente. Fiquei indignado além das palavras, o que foi bastante redundante, pois eu não conseguia falar de qualquer maneira. Finalmente ele me jogou no chão e eu fiquei tremendo e vomitando, rezando para a morte.

Ouvi seus passos se aproximarem mais uma vez e me encolhi, apenas para vê-lo segurando Aleksey debaixo do braço. O príncipe nem parecia consciente. Ele se tornou assim, depois de seu primeiro mergulho. Ele gritava roucamente uma torrente de maldições vil que eu suspeitava que ele tivesse apanhado nesses mesmos quartéis. O Coronel Johan o ignorou completamente e o molhou várias vezes, até que ele ergueu a mão fraca e sussurrou que agora era capaz de ficar de pé sem ajuda. Eu me esforcei para ficar de pé também. O coronel nos inspecionou e endireitou uma ou duas coisas, o que me parecia bastante tolo, pois estávamos imundos,



A ROYAL AFFAIR

encharcados e balançando de forma alarmante. Ou pelo menos eu estava; Eu esperava que Aleksey estivesse também, ou meu equilíbrio era pior do que eu temia.

— Seus cavalos foram selados. Você pode montar? — Aleksey fez um som fraco. Johan pareceu entender que isso indicava que podíamos, e ele nos acenou na direção dos estábulos.

Fiquei bastante orgulhoso do fato de termos chegado ao castelo sem cair dos cavalos ou adoecer. Na verdade, eu estava começando a me recuperar e estava me perguntando onde eu poderia conseguir alguma comida. Na verdade, eu não havia comido nada na festa oficial e não me lembrava de ter comido nada mais tarde, não oficial. Assim que cheguei aos meus aposentos, convoquei Stephen e disse-lhe que trouxesse alguma comida. Seus olhos estavam arregalados enquanto ele recebia suas ordens. Ele continuou olhando entre nós. Eu assenti sabiamente e disse em um sussurro: — Fomos envenenados. — Ele pulou para trás e benzeu-se, depois saiu correndo, esperando encontrar minha comida.

Aleksey se abaixou na cama e murmurou, divertido: — Você não deveria ter dito isso.

Eu me abaixei cautelosamente também. — É verdade. — Eu me sentiria pior se me deitasse, então fiquei sentado, encostado na cabeceira da cama. Aleksey estava muito, muito pálido. Ele estava deitado em sua barriga, seu rosto virado para um lado para que ele pudesse respirar. Ele murmurou que Faelan, que ficara em seus aposentos a noite toda, graças a Deus, sentiria sua falta, que ele deveria ir embora. Ele não se mexeu, no entanto.



A ROYAL AFFAIR

Notei uma contusão escura em seu pescoço e afastei a gola de sua camisa.
— Puta merda. — Suas costas inteiras estavam negras com escamas amarelas.

Ele assentiu com tristeza. — Eu lutei nas pedras do calçamento, eu acho.
— Ele começou a rir baixinho. — *Eles* tiveram que se levantar e fazer uma marcha forçada ao amanhecer. Equipamento completo. Dez milhas, eu acredito.

— Meu Deus! Que bastardo ordenou isso?

Ele riu. — Eu fiz. É por isso que Johan ficou tão zangado.

— Eu pensei que ele desaprovava você beber com os homens. Ou apenas bebendo.

— Dificilmente. Ele teria estado lá, mas Mark estava... — Ele parou abruptamente e virou-se com um gemido exagerado de dor. — Por que você não produziu algo para nos fazer sentir melhor, Niko? Você é médico ou esqueceu?

Eu fechei meus olhos e assenti. — Precisamos de uma cabana de suor.

Ele sentou-se. — Nós temos uma cabana de suor.

Eu pisquei. — Ir para a Casa da Luxúria?

Ele me deu o que ele achava que era um olhar lascivo. Parecia mais que ele ia vomitar de novo, e eu lhe disse isso. Fiquei intrigado com a ideia de voltar para minha cabana, no entanto. Por que não deveríamos? Ele estava me observando. Eu balancei a cabeça e ele sorriu, de repente se atirando

A ROYAL AFFAIR

para fora da cama e aparecendo muito mais vital e bem do que ele tinha apenas alguns momentos antes. Deve ser bom ter vinte e três anos.



Capítulo Treze

Eu tinha esquecido que nos sentaríamos numa cabana suando nu? Se fosse torturado, eu poderia ter admitido que não, mas eu *disse a* mim mesmo que tinha sido apenas um descuido no meu planejamento. Eu pretendia apenas que suássemos o álcool, os hematomas e a rigidez. Mas lá estávamos nós, poucas horas depois, nus em cada lado da fogueira, observando as brasas brilhantes e bebendo água. Eu não tive tempo de preparar qualquer alimento curativo, mas nada teria me convencido a comer fígado cru de qualquer maneira naquele dia. Felizmente para minha modéstia, estava muito escuro na cabana, que não tinha janelas, e era consequentemente esfumaçado, pois estava extremamente frio lá fora, e demorou um pouco para que o calor no poço subisse o suficiente para fazer a fumaça subir e pra fora no buraco no telhado. Era uma fumaça agradável, porém, cheirando a fogueira da minha juventude.

Eu deitei e virei para a minha barriga, embalando minha cabeça dolorida nos braços cruzados. Aleksey me copiou depois de um momento e nos encaramos através da luz suave. Eu me senti sonolento, contente. Embora eu tenha quase morrido (um exagero, mas quem não pensa em morte depois de uma noite dessas?), lembrava como uma noite quase perfeita. Eu não tinha desfrutado de tal companheirismo fraternal desde que saí do Powponi. Lá, irmãos da carne constantemente me cercavam: guerreiros, em cujo número eu era contado. Nós lutamos, tocamos e amamos juntos.



A ROYAL AFFAIR

Meu retorno à Inglaterra foi muito difícil. Eu estava totalmente despreparado para a vida que seria obrigado a morar lá. Mas ontem à noite encontrei mais uma vez uma pequena parte daquela velha vida. Eu tinha lutado e jogado e... bem, eu não amava.

Eu franzi os lábios, pensando na infeliz linha de pensamento que eu acabara de começar (ficar nu), quando Aleksey disse, do nada: — Estávamos levando Mark para a aldeia naquela noite.

— O que?

— O homem que você viu sendo executado? Ele e Mark eram amantes.

Minha mente girou, tentando recuperar o atraso. Isso explicava a aparência dos amigos quando chegamos à pousada e a partida abrupta de Mark: ele estava com muito medo de se mostrar. Eu perguntei se isso era assim.

Aleksey suspirou, irritado. — Mark não foi aquele que aquele idiota estúpido foi pego! Então, não apenas Mark sabe da morte terrível, ele sabe que foi traído em amor. Ele chora e delira amargamente ao mesmo tempo.

— Ack, ele é jovem.

— O que isto quer dizer? Os jovens sentem menos as coisas?

— Sim. Claro! Não inicialmente, eu garanto. Os golpes da vida picam os jovens como se fossem os únicos no mundo a sentir tanta dor. A picada rapidamente desaparece, no entanto, à medida que os espíritos naturais da juventude os capacitam a se recuperar. Apenas quando envelhecemos, mantemos dor e tristeza em nossos corações até que nos matem.

A ROYAL AFFAIR

— Oh, ouça você mesmo. Você jorra muito lixo, é uma maravilha que você não seja levado por um idiota do rei às vezes.

Dei de ombros. Os jovens nunca gostam de ter sua inconstância apontada para eles. Ele estava fazendo beicinho novamente, pensando. Se ele estivesse vestido, ele estaria examinando suas botas, sem dúvida. — Você é amigo de Mark - apesar do que você sabe que ele é? Isso é... incomum.

Foi sua vez de dar de ombros e ele respondeu enigmaticamente: — Somos todos soldados. E Gregory tem Pia para colocá-lo certo. Há lugares neste mundo onde essas coisas são... normais, você sabe.

Se ele achava que estava sendo sábio e me impressionando com seu conhecimento, ele não estava. Eu respondi simplesmente: — Eu sei. Eu costumava viver em tal lugar.

Ele sentou-se, olhando para mim. Eu pensei que isso poderia surpreendê-lo. — O que você quer dizer? Onde? Quando?

Eu gemi e me virei, sorrindo em particular. — Minha cabeça dói, Aleksey. Essa é uma história para outra ocasião. Deixe-me dormir. — Ele dificilmente poderia continuar a me atormentar sem trair um interesse pessoal em minhas respostas, um interesse inadequado a um jovem noivo de uma bela princesa. Eu tinha estragado meu bom humor agora, lembrando Anastasia. Minha cabeça realmente estava doendo. Eu o ouvi atijando as brasas e colocando mais troncos. O calor aumentou. Meus músculos estavam totalmente relaxados e deixei passar por um tempo todos os fardos que carregava. Dormi um sono quente, suado, mas sem sonhos e curativo.

A ROYAL AFFAIR

Eu acordei com a sensação de uma lâmina de faca sendo arrastada pelas minhas costas oleosas. Eu pensei que ainda estava sonhando, tão familiar era a sensação, tão bem vinda. Estendi-me ao prazer e disse em Powponi ao meu irmão dos sonhos: — Mais e mais baixo.

A raspagem rítmica não mudou, então me virei e segurei o braço, mas não estava sonhando, e o ato de virar me acordou completamente. Aleksey pegou um dos raspadores e o puxou pelas minhas costas nuas. Agora ele estava olhando para mim enquanto eu estava exposto. Era um pouco tarde para a falsa modéstia. — Eu acredito que estou me sentindo melhor.

Ele assentiu, claramente distraído. — Você está.

— Seu pai recomendou o oceano para tais ocorrências. Ou casamento. Eu prefiro a opção de água fria. Você nada?

Claro que ele nadava. Ele nadou como ele fazia tudo mais, com uma exuberância de espírito jovem, recuperado e faiscando com vitalidade mais uma vez. Nós mergulhamos nus nas ondas, gritando com a sensação horrível do frio até ficarmos dormentes, depois corremos tremendo de volta para a praia e mergulhamos na cabana. Não era tão doce agora e parecia sem ar e quente demais. Nós terminamos. Eu me senti muito bem e particularmente com fome. Nós nos vestimos rapidamente, montamos nossos cavalos e voltamos para o castelo.

A ROYAL AFFAIR

Eu não sabia se minha desgraça na cabana seria revisitada ou ignorada - ou como me sentia sobre isso de qualquer forma. Eu esperava que Aleksey se referisse a minha excitação de alguma forma, enquanto ele me dava olhares pensativos e de lado durante o resto da tarde. Eu esperava que ele dissesse *alguma coisa*, mas não. — Você gosta de música?

Eu estava ocupado comendo, bastante vorazmente depois da purgação e da fome do dia, então apenas balancei a cabeça e encolhi os ombros para este aparente non sequitur². Na verdade, eu era indiferente. Ele sorriu e aceitou isso por afirmação entusiasticamente com um plano que ele estava planejando, e declarou que me levaria naquela noite para provar as delícias culturais da cidade. *Alegria profunda*, pensei. Na verdade, eu estava me deliciando com a antecipação de mais uma noite na companhia de Aleksey e poderia aguentar música acompanhante se fosse necessário.

Passei a tarde verificando o rei e fazendo algumas poções para reabastecer minhas ações. O rei não estava tão bem quanto quando retornamos ao palácio, o que mais me assustou, mas ele estava tomando conselhos e estava andando mais cedo, então ele também não estava à porta da morte. Pouco antes das seis horas, Aleksey bateu muito na porta entre os nossos quartos. Como ele já estava do meu lado da porta aberta, isso claramente foi feito mais para divertir do que anunciar, mas deixei passar. Eu teria sido completamente incapaz de dizer ou fazer qualquer outra coisa além do que eu fiz, que era olhar para ele.

² Assertiva sem nenhuma referência lógica ao que foi dito anteriormente.

A ROYAL AFFAIR

Vestindo a habitual calça de couro preta e longas botas de montaria, mas trocara a habitual camisa branca por uma de um verde profundo esmeralda que combinava com seus olhos à perfeição, e por cima vestia uma jaqueta militar curta de carmim com um forro de seda verde. Este casaco foi embelezado com uma trança de ouro. O efeito foi brilhante, as cores se chocando ainda lindo, mas também profundamente masculinas. Eu engoli, vesti meu próprio casaco liso e acenei que estava pronto.

Nós atravessamos a cidade e pegamos uma estrada que levava a algumas das casas mais ricas. Eu continuei olhando atrás de mim e, eventualmente, perguntei: — Onde está seu cachorro?

Aleksey não se irritou, mas respondeu alegremente: — Ele desaprova nosso destino e disse que ele tinha menos atividades edificantes a seguir. — Ele riu por algum motivo em sua escolha de palavras.

Desmontando em um estabelecimento particularmente bom, fomos recebidos como velhos amigos. Todo mundo falava a língua local, pois apenas a corte falava alemão e inglês apenas Aleksey e parte de sua família. Eu entendi algumas palavras aqui e ali, mas fiquei mais do que feliz por não ter que falar pela primeira vez. Fomos levados a uma grande sala de visitas cheia de homens e mulheres mais velhos e esplendidamente vestidos. Todos pareciam muito cheios de bom humor, literal e metaforicamente, como eu descobri. Fomos rapidamente cobertos de vinho, que eu recusei depois da devassidão da noite anterior, e sentei-me em semicírculo diante de um esplêndido piano. Essa era, de fato, uma visão impressionante, pois eu só havia visto um ou dois desses instrumentos em casas particulares

A ROYAL AFFAIR

antes, e apenas dos mais ricos de meus pacientes aristocratas. A dama desta casa deve ter tido boas conexões e ser muito rica.

Uma jovem que eu tomei por ser a filha da casa sentou-se nas teclas e começou a tocar e acompanhando cantando com uma voz muito doce e afetada. Eu já estava entediado e comecei a procurar por Aleksey. Ele estava em pé junto à lareira, encostado sob ela. Eu sorri em particular, sabendo que ele sabia o quão bem ele parecia em pé. Ele deliberadamente não sentava até ter sido suficientemente admirado. Como meu olho estava fazendo exatamente isso, eu ouvi alguém sentado ao meu lado e me virei para descobrir uma mulher jovem espalhando suas saias e sorrindo encantadoramente para mim. Eu balancei a cabeça educadamente e fiquei surpreso quando ela se dirigiu a mim em inglês. Eu disse isso, e ela respondeu que havia passado algum tempo em Londres em uma casa que pertencia à seu amante e que havia aprendido minha língua lá. Eu acho que o uso da minha língua foi um pouco confuso, porque isso pareceu um pouco estranho para mim. Perguntei se ela era a filha da casa. Ela franziu a testa, também confusa. Eu acho que a iluminação só veio a mim quando, alguns minutos depois, ela colocou uma mão na minha coxa, e seus dedos começaram uma dança ao ritmo da música sobre a minha carne.

Eu me virei e me concentrei na cantora. Aleksey nos levou a um bordel. Uma casa elegante e de muito bom gosto, sem dúvida, mas um bordel mesmo assim. Pensei nos acontecimentos do dia: nossa íntima associação, física e emocional, minha reação a isso - sua observação da minha ereção. De tudo isso, ele concluiu que eu não tinha companhia feminina. Ele me levou a um bordel. Eu não sabia se ria ou chorava. Nem parecia apropriado



A ROYAL AFFAIR

nem valia o esforço. Em vez disso, recostei-me ligeiramente, fechei os olhos e concentrei-me na sensação da mão sobre mim. Aleksey colocou a mão na minha coxa quando voltamos de visitar Gregory. Na minha cabeça agora, essa mão era sua mão. Eu permiti que fosse, já que eu não tinha permitido a minha imaginação de Aleksey de rédea livre antes. Ele me trouxe aqui; ele deve levar as consequências. Agora, na privacidade da minha própria mente, sua mão sobre mim, seu polegar acariciando o sensível dentro da minha coxa através das minhas calças, eu pensei sobre o nosso dia juntos. Pela primeira vez, permiti que minha mente evocasse sua forma nua e se *deleitasse*.

Por que quando os homens olhavam para a forma feminina, perdiam-se no desejo? Quando eu via mulheres, derramando rosa e o rechonchudo de seus vestidos, eu vi glândulas mamárias para a alimentação de jovens e pensei em leite. Enquanto outros homens admiravam os quadris balançando em direção a eles, media e calculava a largura para o parto. Mas como esses mesmos homens reagiriam quando olhassem para Aleksey? Como não podiam gemer de necessidade com a forma de seus ombros largos e fortes? Como eles não podiam tremer de desejo quando permitiam que seus olhos viajassem pelo torso até os cumes de sua barriga? Será que as pontas dos dedos não formigavam com o desejo de tocar e rastrear o V de músculo que mantinha tudo isso no lugar e atraía mais o olho - o que fazia a minha boca lacrimejar ao pensar? Eu endureci então ao pensamento de Aleksey como eu o tinha visto nu naquele dia. Naquele lugar, com essa mão sobre mim, não me foi permitido finalmente subir?



A ROYAL AFFAIR

Eu olhei cautelosamente com as pálpebras abaixadas ao redor da sala. Pequenos grupos de dois se formaram em todo lugar. A noite estava esquentando. Nós não éramos o único casal absorto em outra coisa além da música. Minha companheira, claramente satisfeita com minha reação, aproximou-se mais. Sua cabeça estava no meu ombro, e agora não se podia dizer que a posição de sua mão fosse uma resposta inconsciente à intensidade da música: estava dentro dos meus calções. Ela sorriu no que devo supor ser um jeito sedutor. Eu me virei com a visão da tinta nos dentes. Quando me virei, vi Aleksey. Ele estava saindo do salão na companhia de duas jovens mulheres.

Eu não sou um homem dado à raiva facilmente, ou, se sou, posso mascará-la por trás da indiferença treinada. Mas naquela noite, minha fúria se elevou quente e forte. Levantei-me, escovando a mão da mulher da minha virilha. Recusei-me a ficar envergonhado com o meu estado, dado que não era a parte culpada aqui com reações inadequadas. Eu era a marionete deles e eu dançara com suas cordas. Eu estava rasgado agora, no entanto. Metade de mim queria ir embora, e metade de mim queria encontrar Aleksey e arruinar sua noite como ele arruinou a minha. Mas para fazer isso, eu teria que admitir a causa da minha angústia, e isso eu não poderia fazer. É claro que eu já admitira isso para mim mesmo bem o suficiente; Eu mal conseguia manter esse nível de fingimento. Eu entendi muito bem porque vê-lo sair com duas mulheres me aborreceu: eu estava com ciúmes. Eu estava *doente de* ciúmes. Eu queria *matá-lo*. Eu preferia que ele estivesse morto do que lá... sem *mim*. Não era uma revelação que pudesse melhorar meu humor.



A ROYAL AFFAIR

Limpei as perguntas ansiosas da jovem sobre minha saúde e indisposição súbita. Ela disse essas palavras, mas é claro que só estava pensando no pagamento da noite e que desperdiçou a maior parte da noite comigo por nada. Eu não conhecia a etiqueta desses lugares, nunca tendo estado em um antes, mas assumi que não poderia lançar algumas moedas para ela em público. Eu murmurei algumas desculpas, o que eu pude ver *realmente* fez as coisas melhor, e decidi não perder meu tempo ainda mais. Eu deixei. Voltei para o castelo sozinho. Deitei por um longo tempo ouvindo sons do outro lado da parede que não vieram.

Na manhã seguinte, apesar de estar doente (e também genuinamente doente, pois minha raiva e ciúmes me deixaram arrepiado e quente ao acordar), eu caminhei pelos corredores até o apartamento do rei como um homem determinado. Eu exigi entrada. Como visitante regular dos aposentos do rei, fui admitido. Fui recebido pelo sacerdote untuoso, cujo nome eu havia esquecido. Ele me disse que o rei estava em oração e não deveria ser incomodado. *Que o diabo o leve.* Eu o empurrei rudemente para o lado.

Seguindo a direção de seus olhos, afastei um rico tecido escarlate e encontrei uma porta. A porta conduzia a um lance de degraus que desciam em uma pequena câmara redonda. Minha primeira reação foi recuar em horror. Isso foi antes mesmo de eu ver o rei deitado ofegante sobre as bandeirinhas úmidas na pedra. Para os meus sentidos doentios, entrar no quarto era como mergulhar em um barril de purê de maçã azeda: era tudo verde e amarelo. No entanto, ao cambalear, percebi que estava mais doente do que pensava, pois, na realidade, a capela estava apenas decorada em

A ROYAL AFFAIR

ricas tapeçarias de verdes brilhantes e verdejantes. Caí de joelhos ao lado do rei e gritei por ajuda, mas não adiantou - ou o padre não pôde me ouvir ou já havia partido para buscar guardas.

Apoiei o velho com dificuldade, balançando, me equilibrando contra a parede, cara a cara com o verde. Quão inadequado para um lugar de oração! Quem gostaria de rezar em uma sala verde? Foi quando me atingiu, a memória escorregou e deslizou para longe de mim. Subi os degraus com o rei em meu ombro para encontrar confusão e desalento no quarto de dormir. Depois de jogar o rei sem cerimônia na cama, me virei para encarar os guardas e cortesãos despertados pelo padre. Eu também enfrentei Aleksey. O que eu queria dizer àquele jovem era irrelevante; isso era imperativo. — É o *quarto*, Sua Alteza, os papéis na parede e as tapeçarias. São *verdes* e envenenaram seu pai. — Eu então me virei para salvar, mais uma vez, meu pobre paciente.

Felizmente para a vida do rei, a distração sobre os assuntos do estado lhe dava menos tempo para rezar desde o seu retorno da limpeza. Naquela manhã, ele havia acordado mais tarde do que o habitual e só ficara na capela por meia hora. Até mesmo esse tempo em seu estado enfraquecido fez com que ele desmoronasse mais uma vez, sua garganta inchada e sua respiração ofegante. Consegui reanimá-lo com um pouco de ar fresco e uma respiração tranquila e, confesso, um pouco de vinho. Ele relaxou rapidamente, e eu pensei que não iria prejudicá-lo apenas desta vez para ser inebriado pela manhã. Além disso, eu tinha minhas próprias razões egoístas para querer que ele fosse receptivo. Eu tinha ido ao seu quarto para dizer que eu estava saindo naquele dia, e nada desde então me persuadiu a

A ROYAL AFFAIR

mudar meu plano. Agora que tinha certeza da causa de sua condição e descoberto efetivamente o envenenador, por assim dizer, estava ainda *mais* determinado a partir naquele mesmo dia. Se eu me apressasse, poderia ultrapassar a neve, pois estaria viajando para o sul antes de virar para o oeste. Mesmo se for pego, prefiro esperar o inverno na hospedaria mais miserável do que Hesse-Davia poderia oferecer do que ficar mais tempo no quarto ao lado do Aleksey.

Eu tinha vindo para obter a permissão do rei para sair, mas primeiro tinha que me explicar. Por que sua recém-decorada (com grande despesa, com o melhor papel de Londres) estava sendo removida da capela? O que diabos (sua expressão, não minha) eu queria dizer com isso? Eu dificilmente poderia explicar isso sozinho. Era um rumor entre aqueles de nós que se especializaram no tratamento de veneno. Foram sussurrados pensamentos sobre crianças morrendo em quartos verdes, de mulheres que morreram usando vestidos verdes, de cavalheiros morrendo em seus quartos fumegantes e deitados parados e frios sobre feltro verde. Nenhum de nós poderia articular nossos medos, mas mesmo assim os compartilhamos. Não se podia falar, pois já não éramos suspeitos de lidar com as artes das trevas? Como uma cor pode matar você? Era ridículo, e nós teríamos sido zombados por nossos pacientes.

Então inventamos outras razões para a doença verde, mas que ainda nos permitiram separar nossos pacientes do verde em suas vidas. Eu nem pensara que a capela do rei pudesse estar coberta por uma cor mortal. Eu podia ver que não estava sendo totalmente acreditado, mas era imperativo que ele seguisse minhas instruções e removesse a cor letal. No final,

A ROYAL AFFAIR

engolindo meu orgulho, ofereci uma explicação que um dos meus colegas havia inventado e usado com frequência para persuadir seus clientes mais relutantes: a vontade de Deus. Eu disse ao rei que o verde era a cor de Deus - a cor que ele usou para vestir nosso mundo - e, como a Bíblia cristã diz, ele é um Deus ciumento. Eu disse ao rei que ele tinha ofendido a Deus imitando seus trabalhos gloriosos: fique com azul e vermelho. Eu vi um sábio aceno de cabeça agora de seus conselheiros. Suspirei. Eu me perguntei se era hora de mudar de profissão.

Fiquei satisfeito e lisonjeado, a princípio, que o rei se recusou a ouvir a minha partida e disse que eu deveria ficar. Ele gostava de mim. Ele me devia sua vida e, como em qualquer linha de vida tênue, ele estava muito relutante em deixar ir. Mas ele deixou ir. Eu raciocinei com ele e, finalmente, recebi minhas cartas de demissão, excelentes referências reais e uma bolsa muito satisfatoriamente recheada de moedas.

Eu estava de muito melhor humor quando voltei aos meu quarto para dar ordens a Stephen sobre a bagagem e o envio de meus pertences pessoais. Quando o menino (que estava deprimido por algum motivo) me disse que minhas caixas podiam ir naquela semana, já que havia um navio de Londres no porto, eu parei. Eu poderia superar minha relutância em cruzar o mar? Isso significaria nenhum medo do inverno me prendendo nas montanhas.... Eu poderia estar em casa antes da época de Natal ... Eu refleti enquanto arrumava a mala e decidi ir até o porto e ver o navio antes de tomar minha decisão. Eu não tinha andado uma milha antes de ouvir o bater de cascos, e Aleksey parou ao meu lado, sua grande fera correndo à frente, como se soubesse o meu destino. Aleksey não me cumprimentou,



A ROYAL AFFAIR

então eu também não disse nada. Eventualmente, porém, ele perguntou em uma voz mal-humorada: — Ele pagou bem a você?

Foi uma questão particularmente rude. Os médicos não gostam de discutir o fato de serem pagos por seus serviços, preferindo sugerir que eles agem por caridade. Eu balancei a cabeça e deixei por isso mesmo. — Por que estamos indo por esse caminho?

Nós, pensei, não estávamos indo a lugar nenhum, mas me absteve de apontar isso e respondi de maneira uniforme: — Ouvi dizer que há um navio vindo de Londres. Eu quero vê-lo.

— Todos os navios parecem iguais.

— Eu estou saindo. Se o navio é adequado, eu posso reservar uma passagem.

Ele ficou em silêncio novamente por um tempo. Eu decidi que preferia ele falando. Eu queria ouvir suas mentiras. Eu queria muito mais do que isso. Eu queria puxá-lo de seu cavalo e bate-lo até que ele chorasse por minha misericórdia, o que eu poderia ou não lhe dar. — Você se divertiu na noite passada?

Ele me lançou um rápido olhar. — Eu suponho que sim. O que você vai fazer quando voltar para a Inglaterra?

Eu esperava que minha pergunta o incomodasse, forçá-lo a falar sobre o que aconteceu a portas fechadas - sem mim. Pensei em outra coisa que poderia irritá-lo mais. — Eu não tinha pensado nisso. Por quê? Eu posso viajar por um tempo. Eu posso ir para casa.



A ROYAL AFFAIR

Ele franziu a testa. — Casa?

— Hmm. Para as Américas. Meu povo.

Eu quase podia ouvir seus pensamentos, ouvi-lo fazendo as conexões. Muito satisfatoriamente, como eu queria, ele perguntou de forma indireta: — Esse é o lugar de onde você falou? Onde... práticas não-cristãs são comuns?

Eu assenti gravemente, depois torci a faca. — Os homens de lá amam abertamente outros homens tão facilmente quanto amamos as mulheres em nosso mundo. É algo para se contemplar. Eu acho que, libertados como são de qualquer forma de religião, além da adoração de seus corpos perfeitos, eles não acham os homens unindo-se a outros homens de modo algum estranho.

A maior parte disso foi uma fabricação completa, é claro. Os Powponi tinham uma vida espiritual muito bem formada e certamente não encorajavam seus jovens guerreiros a desperdiçarem sua semente dentro dos corpos de seus irmãos. Pelo contrário, era valorizado e celebrado como um meio de aumentar os números e a força da tribo. No entanto, se dois homens quisessem ser íntimos, eles poderiam, e nada era dito ou feito para detê-los. No entanto, convinha aos meus propósitos naquela manhã incomodar e perturbar Sua Alteza Real o Príncipe Christian Aleksey, e era isso o que eu estava fazendo. Eu me perguntei qual seria a próxima pergunta dele. Eu podia sentir uma vindo. Eu coloquei meu dinheiro no comentário de corpos perfeitos. Eu tinha razão.

— Eles são de pele muito escura, essas pessoas? Como a Margaret?

A ROYAL AFFAIR

— De modo nenhum. Eles são castanho claro. A mesma cor que eu estava quando cheguei. Aqui... — Eu estendi meu braço, ainda mais marrom do que seria quando o inverno chegasse até nós. — Sobre essa cor. — Eu segui meus dedos levemente para cima e para baixo, da mesma forma que a jovem executou a dela na minha perna. Aleksey engoliu em seco, seus olhos observando a exibição. — O cabelo deles é da sua cor, mas muito liso e gasto com tranças e enfeites, pequenos crânios e penas. Eles são as pessoas mais bonitas do mundo, eu acredito. Especialmente seus homens jovens, que vivem em uma dieta que incentiva o crescimento muscular. Eles são altos e, como vivem nus, seus músculos estão sempre à mostra.

— Eles vivem nus! O que? O tempo todo?

Claro que não, menino estúpido. Isso foi mais divertido do que eu previ quando comecei. — É um clima muito favorável: calor a maior parte do ano, então não há necessidade de cobertura. Eles às vezes usam tinta para melhorar certos... recursos óbvios. Quando eretos, por exemplo - mas fora isso, estão nus.

Eu virei meu rosto para o oceano para esconder minha expressão. Eu me perguntei como ele estava imaginando a decoração - e as ereções chegando a isso. — E você? Certamente você, como homem branco e cristão, não seguiu esse costume?

— Eu não sou cristão. Eu não era na época e agora não sou.

Ele colocou a mão nas minhas rédeas para impedir nosso progresso. — O que você quer dizer?



A ROYAL AFFAIR

— Fui levado cativo quando era muito jovem. Eu cresci sem conhecimento da sua Bíblia ou do seu Deus.

Ele franziu a testa profundamente. — Mas Deus está em todo lugar. Não é possível ficar sem conhecimento dele.

Dei de ombros e deixei que ele trabalhasse um pouco mais para si mesmo.

Eventualmente ele perguntou: — Por que você foi embora? E como? Quer dizer, este lugar é muito longe, não é?

— Sim, daqui certamente. — Eu particularmente não queria entrar nas razões para minha partida das colônias ou detalhes de minha viagem à Inglaterra. Eu franzi meus lábios, brincando com a juba de Xavier, torcendo os pequenos fios. — Conheci alguém que me convenceu a voltar para a Inglaterra com um navio que partia. Eu estava... inquieto e queria a aventura.

— E essa foi a primeira vez que você usou roupas?

Eu ri alto da maravilha inocente e da ingenuidade infantil de sua pergunta. Ele havia se fixado na nudez, como eu achava que poderia, e agora não podia enxergar além dela. Eu estava contente. Ele não havia perseguido o assunto daquela terrível viagem por mar e minha paixão não correspondida. Chegamos ao cais. Parei de girar minha pequena teia de vingança e procurei por um provável navio. Aleksey saiu para comprar comida nas barracas que sempre rodeavam os portos, e eu fui até o escritório do porto para perguntar sobre a passagem para Londres.

A ROYAL AFFAIR

Ouvi os primeiros gritos de alarme alguns instantes depois de entrar no escritório, mas pensei que estava ouvindo gaivotas, cujos gritos haviam sido um acompanhamento de fundo para toda a nossa conversa. Mas o capitão do porto, claramente mais acostumado ao verdadeiro som desses catadores do que eu, olhou para cima, surpreso. Ele olhou pela porta aberta e murmurou alguma coisa no horrível dialeto local que eu não consegui entender. Nós dois fomos para o cais quando o grito ficou mais alto. Eu imediatamente olhei ao redor em busca do príncipe. Eu não estava tão zangado com ele que queria que algo prejudicial ocorresse. Pelo contrário, não era esse tipo de raiva.

Um número de homens estava se reunindo em torno de outro. Ele estava gritando e eles estavam tomando o grito. Aleksey apareceu de repente ao meu lado. Seu rosto pálido estava aceso com o que eu só poderia descrever como alegria. — Nós fomos invadidos! — Estas não eram as palavras que eu esperava para acompanhar esse olhar. Eu disse isso a ele. Ele socou o meu braço e reiterou, como se isso explicasse toda a sua grande alegria: — Estamos em *guerra*, Niko. *Guerra*. — Ele correu até seu cavalo e pegou a rédea de Xavier ao mesmo tempo, depois levou os dois para o outro lado. Ele subiu em sua sela, suas coxas ondulando, seu corpo inteiro tenso e vibrante. — Vamos! Ou nós vamos perder isso!

Eu subi na minha sela ao lado dele. — Vamos perder a guerra?

A cor subia ainda mais nas maçãs do rosto. — Bem, tudo bem, não a guerra, mas eu não quero perder a graça de contar a todos. Vamos!

A ROYAL AFFAIR

Nós galopamos pelo cais, aumentando a excitação da multidão. Eles começaram a aplaudir o príncipe e eu também, suponho. Foi ridículo. Aleksey adorou, e retornou seus gritos com um aceno de mão, o general concedendo sua bênção. Suspirei, estimulei Xavier a galopar e o ultrapassei na estrada aberta. Com alguma sorte, eu poderia usar esse novo ataque a meu favor e escapar sem ser visto mais tarde naquele dia. Eu não queria despedir-me. Pela aparência da distração de Aleksey, eu não ficaria de qualquer maneira. Algum velho médico estava saindo? Como isso poderia comparar com a guerra? Ele provavelmente usaria sua jaqueta verde e escarlate, poliria suas medalhas e montaria orgulhosamente na frente de seu exército. Hesse-Davia estava indo para a guerra. Que legal.

Capítulo Quatorze

Saxefalia, o país a leste das fronteiras de Hesse-Davia, era o grande Satã que ousara atravessar e reivindicar uma grande península que havia sido objeto de disputa por muitas gerações entre as duas nações. Como eu havia descoberto do rei Gregor na cabana de suor, este país era o mesmo que levava Aleksey quando menino e o manteve como refém por dois anos. Eu esperava que ele fosse mais amargo, mas ele não era. Ele se lembrava do tempo que passara ali com muito carinho, pois, segundo ele, ele havia sido tratado como um príncipe favorito e praticamente autorizado a fazer exatamente o que desejava. Assim como sua vida aqui, então, eu aponteï. Mas ele não estava com humor para o meu sarcasmo. Ele tinha uma guerra para planejar. Ele estava claramente muito desapontado com minha falta de entusiasmo, e constantemente aparecia em meus aposentos para me mostrar planos e mapas e me consultar, de uma forma lisonjeira, suponho, sobre estratégia. Eu disse a ele que a única preparação que eu já fizera para a guerra era me pintar. Ele gostou desta ideia e foi propor ao Coronel Johan.

Tentei impressionar lhe com o horror da guerra, os corpos mutilados, as cicatrizes emocionais que nunca saravam, mas ele não estava tendo nada disso. E eu tinha que admitir, havia alguma justificativa para seu argumento de que a vida era sangrenta e amarga e curta para a maioria dos homens de qualquer maneira, e que pelo menos se eles estivessem em



A ROYAL AFFAIR

guerra, eles morreriam por algum motivo e com honra. Além disso, mais importante, como ele apontou, eles morreriam com uma pensão que ia para suas famílias.

Eu tinha franzido a testa quando ele mencionou isso pela primeira vez, sem entender o conceito, e ele imediatamente tentou mudar de assunto. Estávamos debruçados sobre mapas espalhados sobre a mesa em seus aposentos - ou ele estava. Eu estava observando-o e fingindo estar interessado no cálculo das taxas de marcha versus possíveis restrições climáticas. Mas eu mudei para sua conversa quando ele mencionou essa pensão, assim como ele tropeçou em silêncio e tentou mudar o assunto para quantidades de vinho que poderiam ser transportados.

Quando pressionado, porém, ele admitiu: — Foi meu primeiro ato quando me tornei general. Eu tinha visto coisas terríveis na batalha que arruinaram o corpo de um homem, mas pareceu-me que a alma de um homem estava arruinada quando ele foi deixado para trás - incapaz de lutar. É uma contradição. Eu me pergunto por que homens inteligentes não estudaram isso. De qualquer forma, eu aumentei o salário de cada homem em um terço, mas mantive o dinheiro extra de volta - e acredite em mim, Niko, que não foi fácil de vender isso para os homens. Eu acho que eles pensaram que eu estava realmente mantendo tudo para mim. Mas está lá para eles - quando estiverem feridos ou velhos demais para lutar.

Eu fiz uma careta. — Mas isso não é motivação para você vê-los mortos em batalha, e não ser tratados para que eles possam se recuperar?



A ROYAL AFFAIR

Ele me encarou como se eu tivesse feito um ato lascivo sobre seus mapas e respondeu arrogantemente: — Se eles morrerem, a pensão é paga para as famílias *deles* pelo alívio.

— Oh. — Agora se explicava por que o exército de Aleksey sempre parecia tão bem armado. Presumi que tivesse a escolha dos jovens de Hesse-Davia, desesperados para se juntarem.

Essa conversa me levou a parar minhas críticas à guerra e a interessar-se mais por ela. Pois, claro, isso me fez parar minha guerra *pessoal* com Aleksey. Eu não acho que ele realmente tenha percebido que *estávamos* em guerra, então isso arruinou minha diversão de qualquer maneira. Mas como eu poderia odiar um homem que podia pensar em algo assim? Sempre que eu tentava retornar à minha raiva e ciúmes, ele fazia algo que provava que ele tinha profundidades escondidas, o que, por alguma razão, ele mantinha bem escondido sob o disfarce de um príncipe ocioso e mimado.

Nos primeiros dias após a declaração de guerra, eu pretendia manter minha resolução e sair. Mas duas coisas aconteceram que me impediram. Em primeiro lugar, eles fecharam as fronteiras; essa foi a razão mais prática. Se eu tivesse forçado a mão do rei, ele teria me deixado ir. Afinal de contas, o fechamento era mais para manter as pessoas fora do que para dentro, mas depois a segunda coisa aconteceu, e a saída tornou-se menos atraente.

Eu estava a caminho dos estábulos para preparar Xavier para um possível passeio secreto durante a noite, mas antes que eu pudesse



A ROYAL AFFAIR

atravessar o pátio, um mensageiro me abordou, informando que o rei tinha me chamado. Supondo que isso fosse a confirmação oficial do meu sequestro em Hesse-Davia enquanto durasse a guerra, eu debati fazer uma corrida pela liberdade naquele momento, mas algo me impediu. Orgulho? Possivelmente, eu não queria uma disputa imprópria com o criado. Mas foi mais que isso. Senti uma sensação de desamparo, como se eu fosse apenas um dos navios presos no porto e meu destino agora estava totalmente fora do meu controle.

Seja qual for o motivo, eu segui o homem docilmente o suficiente para a sala do conselho do rei.

Eu reconheci muitos dos rostos presentes, os cortesãos que habitualmente cercavam o rei como moscas em carniça.

Mais precisamente, reconheci uma face específica. Um pálido com sardas. Quinze, para ser preciso.

Ajoelhei-me e esperei minha sentença.

O rei me fez subir. Ele estava sorrindo. Aleksey estava sorrindo como um idiota, mas eu o ignorei.

— Doutor, como você sabe, estamos em guerra. Somos eternamente gratos por seus serviços nos últimos meses. O que você diz, senhor, agora colocando suas habilidades para trabalhar com nossos homens de armas?

Minhas sobrancelhas levantaram-se por um segundo antes de eu rapidamente compor minhas feições. O louco estava rindo ainda mais, mas



A ROYAL AFFAIR

eu não ia dar a ele a satisfação de ver que qualquer coisa que ele fazia chamava minha atenção ou interesse.

O rei, claramente não acostumado à recusa, tomou minha confusão e silêncio como consentimento para seu plano e enfiou um pergaminho enrolado em cima de mim. Quando não examinei, ele acenou imperiosamente para um de seus lacaios. — Cirurgião geral. Comissão e classificação em conformidade. Veja que o coronel tem tudo o que precisa.

Eu estava do lado de fora da sala do conselho, com pergaminho na mão, antes que suas palavras fizessem sentido. Senti uma cutucada no meu cotovelo, soube quem era, então comecei a andar pela longa galeria.

Eu fui seguido.

— Bem, isso não é excelente, *Coronel* Hartmann?

Não respondi, mas o pergaminho ficou um pouco amassado no meu punho.

— Eu terei que te ensinar a... saudar.

Ele poderia tentar.

— Eu terei que te ensinar a saudar... *eu*.

Eu cerrei meus dentes e desviei em direção a uma escada descendente que quem sabia pra onde ia.

Eu ouvi um bufo divertido, e ele estava ao meu lado novamente com a graça de um parceiro dançando executando um passo complicado.



A ROYAL AFFAIR

— Você ficará tão bem em seu uniforme. Eu não posso esperar para te admirar.

Uniforme? Isso era algo que eu não tinha considerado. — Será da mesma cor que o seu?

Se houve outro bufo divertido, eu ignorei.

— Claro. Não tanta insígnia de ouro, no entanto. *Você* é apenas um coronel. — Ele parou e pegou meu braço. — Diga-me que gosta deste meu plano, Niko, pois foi o próprio diabo convencer meu pai de que os soldados precisam de cuidados em batalha - mais do que reis em tempo de paz, se é que se diga a verdade.

Eu olhei para os dedos segurando meu braço. Eu senti esse toque em todas as partes do meu corpo e fui incendiado. Eu concordei com um aceno de cabeça. Ele levou isto como capitulação ao seu plano. Ele não percebeu que era muito mais que isso.

Para ser justo, eu estava menos seduzido pela posição e uniforme do que pela perspectiva de ser responsável pela saúde e pelo bem-estar de tantos homens. Homens da minha profissão conheciam muito bem as oportunidades oferecidas pela guerra. A guerra avançou o conhecimento em todas as esferas, e a medicina foi uma das mais afortunadas nesse aspecto. Eu queria a chance de ver feridas e ferimentos que eu nunca tinha



A ROYAL AFFAIR

visto antes, a oportunidade de criar novas estratégias e métodos de cura. Essa guerra era boa demais para perder. O fato de eu ir para a batalha em um uniforme novo e esplêndido, junto com o objeto do meu desejo, não contribuiu, é claro, para a minha tomada de decisão.

Eu aceitei a posição. Fui imediatamente transferido dos quartos do castelo para os quartos do quartel. Estes estavam na bagunça dos oficiais e eu tinha um quarto em frente ao Coronel Johan. Imediatamente descobri que minha posição não era apenas uma afetação da parte de Aleksey (ou um truque para me ver de uniforme). O posto me deu a autoridade para realizar os preparativos que eu queria fazer. Eu tinha total autonomia sobre questões médicas, principalmente porque - comparado a espadas e lanças, cavalos e bandeiras - homens doentes eram considerados muito chatos. Ninguém estava preocupado com o que eu estava fazendo, portanto, e aproveitei essa mão livre para fazer o que quisesse.

Os homens frequentemente morriam em batalha porque a ajuda para eles demoravam a chegar. Um homem ferido que tinha de ser levado para fora do campo de batalha, carregado em uma carroça e sacudido por terrenos acidentados entre homens com ferimentos semelhantes, muitas vezes não sobrevivia à viagem apesar de não ter recebido uma ferida inicialmente fatal. O tratamento para esses soldados precisava ser imediato, apropriado e próximo à ação. A limpeza de feridas quando os soldados chegaram de volta à ajuda médica poderia salvar outras vidas. Os menos gravemente ferido, aqueles que precisavam de um pouco de descanso da luta antes que pudessem firmar seus nervos e voltar, *tinha* necessidade de ser removidos dos sons e imagens da guerra. Eu queria



A ROYAL AFFAIR

estabelecer duas estações médicas, portanto, uma que viajasse com a linha de frente do exército, onde eu estaria, e uma que permanecesse na retaguarda para as lesões menos críticas.

Logo percebi que meus planos falhariam totalmente a menos que eu tivesse alguma ajuda. Eu pensei em Jules Lyons. Ele era um homem bom, confiável e não resistente a novas ideias. Eu o consultei e ele concordou com a minha proposta. Eu não sabia que ele já era um amigo em particular do coronel Johan. Eles haviam sido acompanhados uma vez em uma visita real a um spa na Alemanha para a saúde do rei e descobriram um amor mútuo pelo xadrez. Jules também foi comissionado - Capitão Jules Lyons. Eu tive meu primeiro oficial no meu pequeno corpo médico. Foi emocionante, e celebramos nossa parceria adicionando uma pequena faixa branca nas mangas dos nossos casacos vermelhos para representar uma bandagem e, assim, nos tornar facilmente identificáveis aos soldados. Eu pensei que nós seríamos ridicularizados, mas todo mundo gostou da ideia, e logo faixas coloridas diferentes estavam aparecendo em todas as mangas uniformes. Tornou-se muito mais fácil, portanto, reconhecer quem era responsável por quê.

Jules e eu não podíamos esperar equipar nossas duas estações médicas planejadas dos suprimentos limitados que dispúnhamos na capital. Tivemos a sorte, portanto, de que muitos navios estrangeiros tivessem sido apanhados no fechamento das fronteiras. Navios naqueles dias muitas vezes carregavam cirurgiões e armazéns de boticários bem abastecidos. Nós requisitamos todos os suprimentos. Um uniforme escarlate e uma espada



A ROYAL AFFAIR

levou a melhor. Nunca deixou de me surpreender o poder de um pouco de insígnia de ouro.

Eu não pisei pessoalmente em um único navio. Eu não pude. Até mesmo o cheiro do porto e o som do vento no cordame de navios amarrados me deixaram doente. Nada aliviou a sensação de náusea que experimentei ao aproximar-me abaixado das tábuas. Eu tive que deixar o embarque dos navios para o meu recém-nomeado capitão e nossa pequena tropa de soldados.

Jules sugeriu que eu sofria de uma forma extrema da doença que atinge muitos homens ao descobrir o movimento do mar, e eu não o desiludi dessa noção.

Voltei de cada uma das nossas expedições devastadoras, amargurado de raiva pela minha própria fraqueza. Não pude deixar de comparar essa evidência da minha diminuição com o crescimento que comecei a ver em Aleksey.

Eu nunca realmente apreciei o tipo de homem que Aleksey era até me tornar um dos oficiais de seu exército. Enquanto eu tinha um capitão e uma preocupação - garantir a provisão médica - Aleksey comandava todos e era responsável por tudo. Todos os seus oficiais o procuravam por decisões, dinheiro e aprovação de seus planos. Tudo tinha que ser coordenado através dele. Não era bom eu comprar centenas de metros de algodão para fornecer lençóis limpos para soldados feridos se não tivéssemos carrinhos para levar minhas provisões à guerra. Ninguém podia falar diretamente com o oficial encarregado dos vagões (aliás, agora usando uma faixa verde),

A ROYAL AFFAIR

ou ele teria dezenas de tais abordagens. Eu nunca soube exatamente como Aleksey o fez, mas três semanas depois da declaração inicial de guerra, tínhamos um exército reunido e pronto para marchar para Saxefalia. Ele tinha apenas vinte e três anos. Eu achei incrível que não só ele pudesse alcançar esse feito impressionante, mas que ele o fizesse com uma alegria e entusiasmo infalíveis que nos mantinham todos sob sua influência.

Claro, ele não teve que trabalhar duro para eu ser seu escravo. Eu admiti para mim mesmo que estava totalmente apaixonado pelo Príncipe Christian Aleksey.

Essa confissão privada foi dolorosa e desagradável e foi acrescentada à raiva amarga que eu sentia por muitas coisas em minha vida. Quando a sensação de confusão primeiro distorceu meu intestino, eu realmente o coloquei no rescaldo da expedição de invasão de que tínhamos retornado daquela hora.

Era de manhã cedo. Frequentemente realizávamos nossas incursões - visitas - antes do nascer do sol, para que tivéssemos tempo suficiente para vasculhar os navios em plena luz do dia. Neste caso, os suprimentos foram entregues sem reclamações, e assim retornamos antes do café da manhã.

Eu estava colocando Xavier no estábulo.

Eu ouvi uma comoção no quintal e espiei para fora da porta.

O barulho explosivo de um barril caindo do alto de uma carroça e abrindo-se nas pedras do chão espantara um cavalo. Vários homens estavam tentando pegar o animal de criação e acalmá-lo, e bem ali, entre eles, estava o general, o príncipe Aleksey. Ele vestia apenas as calças e a

A ROYAL AFFAIR

camisa aberta, como se tivesse ouvido a comoção enquanto se vestia e saiu correndo antes de considerar seu traje.

Cercado de confusão, homens gritando e um cavalo em pânico, pareceu-me que a luz do sol de repente se inclinava para brilhar sobre ele sozinho. O tempo diminuiu enquanto eu assistia os eventos se desenrolarem. Temi ter sido finalmente superado pela doença que me atormentava no porto. A estranha iluminação do cabelo de Aleksey, o brilho de sua camisa branca, o modo como ele virou a cabeça para me procurar, lentamente, como se através de um meio denso que havia surgido entre nós - tudo isso eu atribuí à minha fraqueza anterior e não reconheci os sintomas pelo que eram.

Quando ele pegou o cavalo, como ele inevitavelmente fez, ele entregou-o e veio até mim rapidamente. — Você está bem?

Eu me virei e voltei para a escuridão do estábulo.

Eu não entendia o que estava sentindo, mas o que quer que fosse, era pior quando ele estava perto.

Aleksey raramente fazia o que alguém dizia, e eu sabia que ele não iria embora até que eu tornasse minha angústia conhecida.

Previsivelmente, ele me seguiu até a tenda de Xavier, encostado na parede, me observando enquanto removia pedaços imaginários de palha da crina escura. Eu senti Xavier mudar em reconhecimento do cheiro do lobo ao lado de Aleksey.



A ROYAL AFFAIR

— Você está achando suas novas tarefas cansativas, coronel? Não peço como seu amigo, mas posso ajudar meu novo oficial. Este não é o seu país nem a sua língua, e você não foi educado para ser soldado.

Eu consegui murmurar que tudo estava bem. Eu acho que teria escapado dessa mentira se ele não tivesse vindo e encostado no flanco caloroso de Xavier. Eu gemi e ele pegou minha cintura, talvez pensando que eu estava prestes a cair.

Ele cheirava a novo suor em linho recém lavado.

Suas mãos eram quentes, seus dedos fortes, apertando meus lados, e através desses pequenos toques ele acendeu meu corpo inteiro.

Eu *queimava* e não sabia como ele poderia me segurar e não sofrer essa conflagração.

As coisas poderiam ter dado uma reviravolta inesperada para nós dois se um colega não tivesse entrado nos estábulos naquele momento para procurar o conselho de Aleksey em uma questão de alguma urgência em relação às tendas. Aleksey se afastou de mim com naturalidade, como se estivesse tão perto de todos os seus oficiais e foi até o outro homem, interrogando-o. Aleksey colocou a mão no braço do homem enquanto falavam.

Então eu soube.

A intensa pontada de ciúme que se seguiu à mudança de atenção de Aleksey de mim para esse outro homem pobre não foi a irritação da amizade retirada.

A ROYAL AFFAIR

Eu estava doente de inveja porque ele colocou a mão em outro homem.

Tudo estava claro.

Eu estava cheio de conhecimento ardente, amargo, exaltado, alegre, mas terrível que eu amava Aleksey. Eu o amava como um homem deveria amar uma mulher. Eu queria que ele como homem deveria querer uma mulher.

Mas o amor, na minha experiência, era algo que deixava fraco e vulnerável e perto da morte. Durante as semanas que se seguiram, reprimi qualquer traição externa de meus sentimentos e mantive nossa amizade exatamente assim: a amizade fraterna e levemente paqueradora de que desfrutamos. Eu rapidamente cheguei a ver que, quando entre seus próprios tipos, seus oficiais, Aleksey flertava com todos. Não da maneira desagradável que eu tinha experimentado com o príncipe John, mas mais como se um segredo irreverente estivesse prestes a ser compartilhado, uma piada particular ligava você a ele. Todos eles o adoravam. Meu amor mais intenso e doloroso, portanto, estava oculto nesta adoração universal de Aleksey. Eu pensei que meu segredo estava seguro.

Descobri que na marcha de dois meses até a Saxefalia, dividiria uma barraca com Aleksey.

Tanto para manter meu segredo seguro. Minha resolução de manter a nossa amizade mútua e solitária dissolveu-se com um jato de água quente em seu corpo nu enquanto ele se lavava na primeira noite em marcha.

A ROYAL AFFAIR

Aleksey estava certo sobre o exército e seu amor pela nudez. À noite, depois das longas marchas, homens nus perambulavam por toda parte - sem pensar, alegremente. Livres da presença das mulheres, ficaram muito contentes com o fim da marcha forçada de todos os dias para despir os uniformes quentes que se esfregavam e esfregavam crus e caminhavam sem restrições para se lavar em rios. Estar no exército era extremamente físico de maneiras que eu não havia previsto. Eu já havia vivido há alguns anos em um mundo onde o físico era negado: corpos cobertos, funções corporais nunca discutidas, eufemismos usados onde uma boa palavra honesta teria sido melhor. Mas aqui tudo era cru e básico e honesto. Os soldados eram grosseiros: tudo relacionado a pau ou bunda.

Certa vez, dobrei uma esquina entre algumas tendas para encontrar um grupo de homens em pé observando um homem chupar o pênis de outro. Aparentemente, um desafio foi dado, o dinheiro estava na mesa, e todos estavam aplaudindo o resultado. Para dizer que eu estava confuso seria um eufemismo. Fiquei mortificado, chocado - não pelo ato. Afinal, não era algo que eu não conhecia. Fiquei perplexo com o fato de que nenhum desses homens teria se considerado um homem como eu: alguém que preferia homens a mulheres em todas as coisas. Tal ato entre os homens era punido com a morte, como eu sabia muito bem. Então, como esses soldados poderiam fazê-lo abertamente em um campo cercado por companheiros aplaudindo? Eu estava confuso e desanimado. Eu vi muitos exemplos desse... duplo padrão. Se você fazia essas coisas como uma piada ou como aposta, era aceitável. Se a emoção entrava na equação, Deus proibiu o

A ROYAL AFFAIR

amor, então isso significava a morte. Como isso poderia ser? Um ato sem sentido, feito com encorajamento depravado e obsceno, era melhor do que um entre dois homens que queriam expressar afeto?

O que Aleksey fez de tudo isso? Ele estava no exército desde menino. Ele tinha vivido duas vidas, uma de maneiras e a etiqueta da corte e uma aqui no exército, onde a hierarquia de comida e privilégio dependia mais da força do seu braço e do tamanho do seu pênis do que da posição no ranking. Então, uma noite, quando estávamos comendo juntos, perguntei a ele. Ele se divertiu com a minha pergunta e primeiro queria uma descrição muito detalhada do que eu tinha visto. Eu tinha sido muito vago, não tendo palavras para essas coisas além daquelas que eu estava desconfortável usando na frente dele.

Ele considerou minha pergunta por um tempo e depois deu de ombros. — É a nossa cabana de suor. — Ele olhou para a minha expressão e explicou: — Eles enchiam a sua luxúria; isso os envenenaria. Melhor é sair ao ar livre. De outro modo, os desejos se acumulariam e se concentrariam em um homem, ciúmes surgiriam, apegos inexperientes. É melhor assim.

— Mas é isso que estou perguntando. Se eles querem fazer isso com outro homem, por que não fazê-lo em particular, onde isso pode significar alguma coisa. Isso é feio e sem paixão.

— Você não pode ter homens amando homens em um exército, Niko. Isso leva à distração e aos homens se comportarem como mulheres. Certamente, os homens pagãos de quem você falou não moldaram... os apegos.



A ROYAL AFFAIR

Eu considerei isso. — Às vezes eles fizeram. Mas mesmo que não o fizessem, não se comportavam como seus homens. A troca de corpos sempre foi respeitada, fosse um desejo momentâneo ou não. Seus homens parecem considerar pouco mais que... defecação, algo para ser constantemente brincado.

— Talvez se eles não rissem, eles chorariam. — Ele espetou um pedaço de maçã e mastigou, me observando atentamente.

— O que você quer dizer?

— Talvez eles *gostariam* que isso significasse algo mais, mas não sabem como expressar esse desejo. Não é algo que qualquer homem possa sair e dizer, é? As consequências de interpretar mal os sinais são terríveis demais. E se você pensou que outro homem queria você, mas você não podia ter certeza? O que você pretende fazer? Não há bordéis aqui e não permito seguidores de acampamento. Então, eles encontram a liberação em uma piada, uma aposta, um ato sem sentido por trás do qual eles podem esconder sua verdadeira intenção. — Ele apunhalou a faca na mesa. — Eu não sei, coronel. Eu não tenho nenhuma resposta para você. Insisto que meus oficiais não se envolvam em tais jogos, mas, além disso, não vejo mal algum nisso. Eu deixei a rotina de cão do acampamento também. Você tem uma pergunta sobre isso para mim?

Ele parecia apagado por algum motivo que eu não conseguia entender. Eu balancei a cabeça, desanimado. Eu não gostava que nossas posições relativas de poder tivessem sido revertidas recentemente. Eu viera para o castelo com o conhecimento e a experiência. Eu estava lá, o herói, para

A ROYAL AFFAIR

salvar a vida do rei, o que eu fizera. Sim, minha eventual descoberta não fora exatamente o grande momento de esclarecimento que eu esperava que fosse, antes um anticlímax, admito: revestimentos de parede verdes quando eu queria descobertas de vilões e vilões malignos. No entanto, eu estava em ascendência e Aleksey apenas um príncipe bonito e mimado. Agora ele era meu oficial de comando. Ele sabia tudo; Eu não sabia nada. Eu nem sabia o nome dos itens mais comuns, e *tudo* no exército tinha um nome, e nenhum deles era comum. Além disso, como ele havia apontado, eu não falava a língua dos soldados comuns. Tive a sorte de ter um porte militar. Para ser honesto, eu era muito mais alto, mais forte e mais apto do que todos os soldados e a maioria dos oficiais, e eu podia andar melhor do que qualquer um deles, incluindo Aleksey. Mas eu nunca tinha lutado com uma espada e não sabia como perfurar ou marchar ou montar uma barraca ou desmontar uma ou onde tudo deveria ir e como deveria ser feito. O melhor e o mais relevante daquilo foi, eu não acho que deveria ter que perguntar nada a *Aleksey*. Ele deveria estar me perguntando, consultando-me, olhando para mim, e eu não gostei dessa mudança em nosso relacionamento.

Eu vi muito pouco de Stephen naqueles dias. A princípio, nosso senhor e mestre o consideraram jovem demais para acompanhar o exército. Mas em seu constante pedido, Aleksey cedeu e disse que poderia vir, mas que não seria apropriado que ele continuasse sendo meu servo. Até mesmo Aleksey não trouxe servos reais quando estava em marcha. Stephen, portanto, estava vivendo com os outros meninos e treinando para ser um mensageiro. Esta foi outra característica do exército de Aleksey que me intrigou: parecia

A ROYAL AFFAIR

ter um número incomum de jovens e muito velhos ligados a ela. Eu não conseguia entender isso, mas como não ia perguntar a Aleksey outra questão que destacaria minha ignorância, decidi perguntar a Johan.

O coronel Johan era o Subcomandante de Aleksey. Neste, quero dizer que ele não tinha uma função ou papel específico. Ele, como Aleksey, supervisionava tudo e era responsável diretamente pelo general pela condução da marcha. Ele era, consequentemente, um homem ocupado e difícil de definir. Eu esperei até que nós estávamos andando um dia e montados ao lado dele. Minha reputação como um cavaleiro quase sobrenatural foi extremamente útil para ganhar um certo respeito de meus colegas oficiais. Nós não comparamos o comprimento do pau para tal, como fizeram nossos soldados, mas sim a proeza julgada com espada e cavalo. Eles ignoraram minha incapacidade de segurar uma espada, pois eles estavam admirados com a minha equitação. Johan acenou para mim secamente. Decidi não perder tempo e perguntei-lhe diretamente por que tínhamos o que pareciam ser centenas de garotinhos correndo ao nosso redor o tempo todo, pegando mensagens, pegando, carregando, limpando. Ele olhou ironicamente para um dos culpados, naquele exato momento voltando das fileiras da frente para os extraviados, levando-lhes algumas camadas de água. — Eles são os órfãos.

— O quê?

— Foi a ideia da criança idiota. Ele contornou os mendigos órfãos e os alistou em seu exército. Ele paga-os e alimenta-os e veste-os. Não surpreendentemente, todos eles adoram o terreno santo em que ele

A ROYAL AFFAIR

caminha. — Ele parecia irônico, mas eu o conhecia um pouco melhor a essa altura.

Eu peguei um punhado da juba de Xavier e comentei secamente: — Como você.

Ele se virou para mim, irritado. Eu segurei meu olhar e levantei minhas sobrancelhas. De repente, ele riu, baixando a cabeça. Ele fora pego e sabia disso. Tudo o que ele disse foi: — Ele é um idiota, pois todos eles são ladrões e rufiões, mas eu tenho minhas mensagens e minhas botas limpas, então eu não estou reclamando.

— Você o conhece há muito tempo? — Esta foi uma oportunidade boa demais para deixar de descobrir um pouco mais sobre o objeto de minha obsessão.

Ele franziu os lábios, pensando sobre isso por um momento, depois respondeu calmamente: — Vinte e três anos. Eu o tirei do corpo de sua mãe morta. — Meu cavalo recuou um pouco e eu o cutuquei de volta. O coronel estava olhando para as montanhas distantes em direção às quais estávamos indo lentamente. — Eu era o capitão de sua guarda. Nós estávamos viajando para encontrar o rei. Ela caiu do cavalo e Aleksey veio naquela noite.

— Eu sabia que ela tinha morrido dando à luz a ele.

Ele hesitou por um longo tempo, depois se virou para mim. — Ela não. Ela já estava morta da queda. — Ele olhou para baixo, franziu os lábios e acrescentou em voz baixa: — Eu esperava que a criança ainda estivesse viva, então a abri e o puxei para fora.



A ROYAL AFFAIR

Eu olhei para ele, surpresa. — Eu ouvi falar de algo assim, mas nunca vi isso acontecer. Mesmo como médico. A maioria das crianças seria deixada para morrer dentro de sua mãe como prova de obediência à vontade de Deus.

Ele assentiu. — Aleksey era especial. — Então ele acrescentou com uma sacudida desesperada de sua cabeça, — Mesmo assim.

Uma suspeita súbita e muito violenta entrou em minha mente. Eu não deixei nada disso aparecer no meu rosto, virando a conversa para os velhos que eu havia observado e meio que escutando quando ele me informou que eles eram outro dos projetos de Aleksey: veteranos do exército, muito velhos ou muito feridos para lutar. Esperei até poder ver Aleksey à distância e deixei minha mente vagar livre. Eles *eram* muito parecidos. Eu tinha notado a primeira vez que conheci Johan que ele era atraente e que ele parecia muito apaixonado por Aleksey. Eu tinha colocado observação constante de Johan do príncipe até o tipo de atração que eu possa sentir por outro homem, que eu *sentia* por Aleksey. Depois da história do coronel, fiquei imaginando. *Aleksey era especial*. Um *filho* era especial. Aleksey sabia? Eu raciocinei que ele não sabia. Seu senso de direito era muito arraigado, seu senso de si mesmo como um príncipe de sangue muito óbvio. Isso o destruiria ao saber. Talvez estivesse lendo demais na história do coronel. E por que ele me disse se isso levou a tal conjectura da minha parte? Era algo que ele não poderia querer que eu soubesse.

Eu tive muitas oportunidades para observá-los juntos depois disso, pois eles estavam quase sempre na companhia um do outro. Minhas suspeitas certamente mudaram a maneira como eu via o relacionamento do coronel

A ROYAL AFFAIR

com Aleksey. Agora eu gostava bastante do modo como ele constantemente monitorava, criticava, orientava e aconselhava seu superior muito mais jovem. Certamente poderia ser o cuidado que um pai pode dar a um filho. Invejei o relacionamento de Johan. Invejei o coronel pela liberdade que ele teve de desempenhar esse papel, um papel - entre outros menos nobres - que eu queria desesperadamente exercer na vida de Aleksey.

Nós seguimos em frente, dia sem fim após um dia sem fim. Parecia interminável, mas antes que eu percebesse, completamos um mês de marcha. Metade do nosso tempo juntos se foram. Eu sempre estava ocupado, claro. Parecia haver tantas maneiras de um soldado se ferir na marcha para a guerra quanto na própria guerra. Dedos e dedos foram esmagados sob rodas, ossos quebrados de quedas e lutas, e a doença nos atormentou dos maus humores da água ou da comida. Se alguém me perguntasse, antes de minhas experiências em Hesse-Davia, o que eu imaginava quando ouvia a palavra guerra, teria respondido a um emaranhado de cavalos, gritando e pintando rostos com cabelos negros voando ao vento. Eu percebi agora que o que eu pensava que era guerra tinha sido apenas uma batalha. Os Powponi não guerreavam contra seus vizinhos; eles invadiam e saqueavam com pouco plano e sem logística. A guerra real, essa guerra, era pesada, cansativa... chata. Nós fomos tão devagar que às vezes os camponeses que viajavam nas estradas eram mais rápidos do que nós. Era humilhante ver uma velha carregando maços de madeira pela manhã, só para vê-la outra vez naquela noite, arrastando-se lentamente por nossas filas.

A ROYAL AFFAIR

Toda noite éramos convocados a uma reunião em que tínhamos que relatar qualquer coisa que achávamos que o general deveria saber sobre nossas áreas de interesse. Ele deixou muito claro para todos nós que, se não tivéssemos nada de crítico para dizer, então não dizer nada seria bem-vindo. Como eu tinha toda a sua atenção todas as noites enquanto nos deitávamos lado a lado em nossos catres, eu não perdia tempo nessas reuniões falando de modo algum. Aproveitei a oportunidade para aprender mais sobre as formas das forças armadas, ouvindo em vez disso.

Os oficiais de Aleksey eram um grupo misto. Muito poucos deles vieram da própria Hesse-Davia. A maioria era refugiada das várias guerras que assolaram a Europa por tantos anos. Eles eram homens experientes e durões, que gostavam de ser soldados para a vida em si, em vez de pagar (o que era muito ruim) ou glória e honra (que eram difíceis de ganhar). Eles genuinamente pareciam gostar de andar o dia todo, dormindo em barracas e comendo rações de campo. Eles pareciam incomodados pelo desconforto físico ou falta de variedade em suas vidas. Se eu não tivesse tido tantos pequenos ferimentos para cuidar, acho que teria morrido de tédio naquela longa marcha. A única parte brilhante de cada dia era quando terminava, quando Aleksey finalmente entrava em nossa tenda, tirava as botas e levava Faellan para o seu próprio cobertor junto ao fogão, sinal claro de que estavam hospedados. Aleksey afundava-se agradecido na cama e queria conversar sobre o dia. Nós comparamos pensamentos sobre nossos

A ROYAL AFFAIR

companheiros de viagem, trocamos histórias ou compartilhamos preocupações.

De certa forma, senti como se tivéssemos passado pelo nosso grande caso amoroso e estivéssemos à deriva felizes depois de tudo, felizes por sermos apenas dois homens que se conheciam muito bem e estavam muito à vontade na companhia um do outro. Ou pelo menos foi o que eu disse a mim mesmo para superar aquelas noites em que a saudade quase me dominava. Enquanto John era carne rançosa, Aleksey era o melhor banquete já apresentado, colocado ao lado de um homem que morria de fome, e eu não conseguia me aproximar e sentir um só gosto.

Capítulo Quinze

Eu tinha certeza que minha conversa com o coronel Johan passara despercebida por nosso comandante - eu o projetara deliberadamente para que Aleksey não estivesse presente. Ele me surpreendeu algumas noites depois, portanto, enquanto tirava as botas, perguntando casualmente o que estávamos discutindo - era algo que *ele* poderia me ajudar?

Eu disse a ele que não era.

Embora tivéssemos apenas a luz de uma lanterna suspensa, pude ver sua expressão escurecer com a minha resposta. Ele parecia frustrado, mas eu não conseguia entender por que isso deveria ser assim.

Depois de uma luta com a bota esquerda, ele comentou com irritação: — Johan tem muitas histórias interessantes. Ele está no serviço real há anos - desde antes de eu nascer.

— De fato.

Ele virou a cabeça tão rápido que ouvi um estalo audível. — Então ele te contou - uma história, sim?

Eu não queria me desviar da verdade, caso minha expressão mostrasse minhas novas suspeitas sobre a verdadeira filiação de Aleksey. Dei de ombros e fingi fechar os olhos. Eu ainda podia vê-lo me observando, no entanto.

A ROYAL AFFAIR

Sem justificativa, até onde pude ver, ele de repente jogou a bota para mim. Quando me sentei e me opus a esse tratamento, ele me disse que era minha culpa, que eu era mais idiota que meu cavalo e que ele estava dormindo em outro lugar naquela noite, pois não podia tolerar minha presença.

Ele havia chegado à aba da tenda quando se virou para trás e sibilou que ia compartilhar a tenda de Johan - que Johan sempre fora pai dele. Ele parecia estar esperando por algo de mim. Eu não tinha ideia do que deveria dizer.

Eu devolvi sua bota.

Seus olhos se arregalaram. Se possível, um olhar ainda mais irônico contorceu suas feições, e ele saiu em disparada.

Demorou um pouco, mas depois de uma hora de pensamentos e sentimentos, comecei a me perguntar se Aleksey havia planejado minha conversa com Johan.

Eu pude ver que ele poderia ter. Mas *por que* ele tinha feito isso me derrotou. Ele não queria que eu pensasse que Johan era o pai dele - acho que ele não teria se referido a Johan de tal maneira se essa coisa escandalosa fosse verdade. Por que ele queria que eu entendesse mais sobre o relacionamento deles? Ele não poderia ter sentido meu ciúme. Eu estava muito guardado. Mas talvez ele tivesse. Talvez o incomodasse que eu não estivesse totalmente concentrado na marcha, como ele estava.

Essa pareceu uma conclusão muito razoável.

A ROYAL AFFAIR

Aleksey queria que meu foco voltasse à marcha e ordenou que Johan falasse comigo sobre isso.

Eu ainda estava intrigado com o lançamento da bota, no entanto.

Minha confusão sobre muitas coisas nesse caminho para a guerra, incluindo o humor de Aleksey, foi aprofundado por um incidente estranho no dia seguinte. Eu ainda estava pensando sobre aquela conversa noturna com Aleksey, repassando, fingindo que tinha dito isso e ele havia dito isso e talvez outras coisas mais agradáveis do que uma bota sendo jogada na minha cara tivessem ocorrido, quando eu contornei o final de uma linha de tendas e vi Jules e Johan no fundo de uma conversa, cabeças baixas. Como já disse, Jules era um amigo em particular de Johan. Eles regularmente se sentavam juntos à noite, jogando xadrez, então não era tão incomum vê-los juntos agora. Eu estava prestes a me juntar a eles, portanto, quando ouvi Jules dizer: — Não, suponho que você esteja certo. Ele não está.

Não posso dizer por que a suspeita imediata de que eles estavam falando de mim veio à minha mente, mas aconteceu.

Era desalinhado, embaixo de mim, mas eu voltei para trás da tenda e escutei.



A ROYAL AFFAIR

Suas vozes eram muito fáceis, e ouvi Jules acrescentar: — Achei que ele era um daqueles ferozes mercenários alemães quando entrou pela primeira vez no quarto de Sua Majestade.

Johan bufou. — Sim, como eu quando nos conhecemos. Disse o pequeno tolo também, mas ele não me dava ouvidos. Nunca faz. Tudo o que ele pode ver é o rosto do maldito homem - e outras partes, eu garanto.

— Bem, ele é excepcionalmente bonito, Johan. Mesmo você tem que admitir que a beleza de seu semblante *é um* pouco perturbadora. Viu como os soldados o vigiam?

— Eu *não* tenho, e o diabo se eu admitiria tal coisa se eu tivesse. Eu tenho que ouvir a loucura do idiota todo dia: como o cabelo dele brilha como o trigo amadurecido ao sol, como ele se move como um dançarino, como sua pele é como seda marrom - a respiração, Deus, minha cabeça é bobagem do absurdo feminino sujeito! O que eu quero saber de um homem *sensato* é que esse homem pode ser confiável?

— Ah. Sim eu entendo. Confiável com...

— *Sim, maldito você.* Eu sei que ele é privilegiado e direito, superior em todos os sentidos, mas ele também é muito jovem, inexperiente e *assustado*. Ele não vai agir por *si mesmo*. Ele parece inteiramente maravilhado com o selvagem, com medo de que, se ele falar... não sei! Deixem cavalos sangrentos qualquer dia. Então, sua opinião, doutor.

Eu estava prestes a sair, minha confusão tão grande que mal conseguia respirar, quando Jules murmurou: — Ele é o anjo guerreiro, senhor - ou é assim que os homens o chamam.

A ROYAL AFFAIR

— Os homens dizem isso?

— Eles fazem.

— Eu sei que raramente os soldados são maus juízes dos oficiais que estão acima deles.

— Nem eu entendo isso como uma indicação de sua extrema aprovação.

Eu os ouvi aproximar-se do local onde eu estava escondido e saí como se tivesse acabado de chegar. Os dois pareciam surpresos e eu estava incoerente com minha saudação truncada.

Nós passamos o momento e conversamos sobre assuntos neutros, mas eu não conseguia lembrar mais tarde o que realmente dissemos. Minha mente estava muito longe daquele lugar de tendas e lama.

Eu não podia duvidar de quem tinha sido o assunto da conversa deles. Eu não estava cometendo o pecado da vaidade neste reconhecimento - pelo contrário, na verdade. Eu passei os últimos anos construindo uma fachada para desviar os pensamentos dos homens do meu semblante e carregar para minha erudição, minhas habilidades como médico. Eu me apresentei ao mundo como um homem culto da ciência para esconder minha verdadeira natureza - a de um homem que ama os outros homens e tem o poder de conquistá-los com características tão perfeitamente alinhadas que poucos resistiram quando eu explorava seus desejos mais íntimos, e seu desespero para a minha vontade.

Eu não era mais esse homem.

Portanto, não foi com alegria ou vaidade que ouvi essas palavras.

A ROYAL AFFAIR

Foi com um profundo sentimento de horror que eu estava sendo discutido assim, que eu era o sujeito de algum tipo de peso na balança.

Eu poderia ser confiável?

Eu não podia contar a eles. Essa era uma pergunta que eu ainda tinha que responder por mim mesmo.

O fato era que minha fachada cuidadosamente construída era agora assunto de discussão aberta entre homens que eu pensava ter enganado por completo, quase me paralisando com indecisão. Aleksey continuou sua exaustiva contrariedade em direção a mim, um minuto arrogante e desdenhoso e o seguinte hesitante e confiante, e eu andei por aí como se reanimado - movendo-me, falando, mas com medo de que, com um único deslize, eu pudesse revelar a resposta à pergunta. Eu poderia ser confiável? Devíamos ter sido um casal bonito, raramente falando, contorcendo-se em tensos silêncios quando compartilhamos a tenda à noite e evitávamos um ao outro o máximo possível durante o dia.

No entanto, houve um ou dois momentos nessa longa marcha quando quase cruzamos a divisão que separa o desejo da ação. Um, no meio do segundo mês, ficou particularmente na minha cabeça. Durante todo esse tempo, só havíamos nos tocado uma vez: aquela vez em que eu cuidara de seus pequenos machucados e fomos interrompidos por minha quase prisão



A ROYAL AFFAIR

por feitiçaria. Nossa chance de tocar novamente surgiu, mais uma vez, através do meu papel como médico e sua necessidade de ser meu paciente.

Todos os exércitos sofrem de falta de informação. Os generais não podem fazer planos quando não sabem o que está acontecendo ao seu redor. Aleksey tentou introduzir um método eficaz de passar informações usando seu pequeno bando de meninos como corredores. Levaram mensagens da frente da fila para as carroças na retaguarda, de Aleksey para seus capitães, e para os sargentos, e assim por diante. Embora a informação no exército de Aleksey fluísse livremente, nem sempre era correta. Os pequenos idiotas muitas vezes embelezavam as informações que carregavam para reforçar sua própria importância. Eles misturaram isso em suas mentes, então algumas pessoas receberam algumas mensagens, outras o resto, mas ninguém a história toda. Embora *soubesse* disso, não me lembrava disso quando comecei a ouvir gritos histéricos de todos os lados um dia. — *O príncipe está morto! O príncipe está morto!*

Nós só tínhamos um príncipe conosco, então *eu* ouvi: — *Aleksey está morto.*

Eu estava andando na parte de trás da fila na hora, falando com alguns dos veteranos que estavam correndo em uma carroça. Eu estava tentando descobrir qual era o papel deles, já que Johan tinha sido completamente incapaz de explicar por que Aleksey insistiu que esses soldados velhos ou feridos ainda deveriam ser pagos e ainda acompanhar o exército. Eles dificilmente eram mais acessíveis. Segundo eles, eles forneciam informações vitais ao general, mas na verdade não podiam me dizer qual era essa informação.

A ROYAL AFFAIR

Então ouvi o grito e acreditei. O sangue correu da minha cabeça. A sensação era assustadora pela sua rapidez. Tudo ficou cinza ao meu redor e eu caí de lado na sela. Um dos veteranos me puxou de volta para o momento, soltando bruscamente: — Suba lá, cara. Verifique o corpo. Esses tolos não saberiam sinais de vida se enchessem suas bundas onde a luz não brilha. — Eu nem tentei desvendar isso. Impulsionei Xavier a vida, e galopamos pela coluna até a terra plana e clara e voamos como o vento. Deitado baixo sobre suas costas largas, um com ele, nunca andei em lugar algum tão rápido. O chão gelado se formava por trás de seus cascos, o vento soprava em meus olhos e eu mal conseguia ver a cabeça da coluna a seis quilômetros da frente.

Chegamos a uma cena de caos, com homens parados gritando ao redor. Um deles era Aleksey. Eu circulei o grupo, me acalmando. Aleksey deve ter visto algo na minha expressão. Ele interrompeu seu argumento, me dando um olhar interrogativo. Eu consegui dizer: — A palavra abaixo é que você está morto.

Ele amaldiçoou e declarou aos seus capitães que precisava montar a linha e se mostrar. Ele teve que ser ajudado em seu cavalo. Ele acenou para todos eles e acenou para eu andar ao lado dele. Depois de um momento, quando não ouvimos ninguém, ele disse em um tom gentil: — Eu não estou morto, Niko. Você pode respirar novamente.

Eu tentei rir, mas foi uma tentativa muito fraca. — O que aconteceu?

— Nós estávamos jogando...



A ROYAL AFFAIR

— Jogando! *Jogando*. Jogando? É isso que você gasta seu tempo fazendo na frente da linha? Eu tinha...

— Estávamos *jogando* — ele repetiu, com uma paciência que desmentia sua irritação com o meu desabafo, — um novo jogo chamado pulu. É realmente bom. Nós todos andamos por aí batendo essa bolinha entre nós. É muito bom treinamento para meus oficiais.

— Não é novidade, Aleksey; os Powponi treinaram *bebês* a cavalo com esses jogos.

— Oh, tenho certeza que o maldito *Powponi* faz tudo melhor que eu. Você quer ouvir minha história? Ou você vai ficar zangado comigo o dia todo porque *você* ouviu um simples...

— Eu não ouvi mal.

— De qualquer forma, eu estava jogando pulu, esse *novo* jogo, e caí do cavalo. Quão principesco e emocionante é isso?

— Então por que você estava gritando?

— Oh, bem, sim, então fui atropelado por alguém, e o cavalo dele pisou em mim. Eu pensei que era um pouco antidesportivo.

— Bom Deus. Deixe-me ver.

— Aqui não! — Ele riu. — Eu acho que você levou muito a sério a minha história do exército nu. Eu não posso cavalgar até minhas fileiras sem meu uniforme. Seria... frio, se nada mais. Esta noite.

A ROYAL AFFAIR

Senti um arrepio percorrer-me, como se ele tivesse dito isso por outro motivo. Que eu tinha perguntado a ele desesperadamente *quando posso te ver*, e ele havia respondido *esta noite*. Eu pegaria o que conseguisse de Aleksey, no entanto. Ser seu médico também era algo muito esperado.

Ele chegou de volta ao acampamento mais cedo do que era seu hábito. Ele sempre fazia as rondas dos vários acampamentos antes de retornar ao nosso: verificando os homens, falando com alguns, mostrando-se a todos. Mas esta noite ele voltou direto para o acampamento dos oficiais e desmontou do lado de fora da nossa tenda, passando as rédeas para um dos meninos. Ele entrou e disse imediatamente: — Ajude-me, Niko. — Eu fui até ele e peguei o braço dele. Ele se inclinou agradecido contra mim e sorriu, castigado. — Eu deveria ter seguido o seu conselho e voltado com você depois da queda. Eu acho que estou morrendo.

Eu estava agora sobre o meu medo inicial e capaz de tratar este modo teatral de falar com o desprezo que merecia, mas eu estava preocupado. Não era como ele parecer tão pálido ou admitir que estava com dor. Apoiei-o no colchão, agachei-me na frente dele e desabotoei a jaqueta dele. Seus olhos seguiram meus dedos. Minhas mãos começaram a tremer um pouco ao pensar em como essa cena poderia se desenrolar em outro momento, outro mundo, e se não fossemos dois homens.

Eu ri disso. — Estou com frio.

Ele assentiu, distraído. Eu tirei o casaco de seus ombros e coloquei na cama. Sua camisa saiu facilmente do cós, mas quando eu tentei puxá-la de sua cabeça, ele estremeceu. — Eu não posso levantar meu braço.

A ROYAL AFFAIR

Eu engoli ansiosamente e retomei de cócoras, olhando para ele. — O que você fez, seu bobo? — Eu deslizei minha faca da minha bota. Ele pareceu surpreso que eu mantinha uma lá e seguiu seu movimento enquanto eu cortava sua camisa da bainha acima e tirava a metade de seus ombros.

Eu não fiquei muito surpreso com o que vi. Ele estava preto, azul, amarelo e verde, o hematoma era vasto, extenso e centrado em um dos lados do torso. — Eu acho que você quebrou uma costela. — Eu olhei para cima. — Você continuou andando o dia todo assim? Por quê?

Ele fez beicinho. — Porque eu sou estúpido?

Eu não podia ficar com raiva dele. Ele havia sofrido o suficiente. Ele precisava de algo diferente de raiva e reclamação. Eu o aliviei de volta, então ele estava deitado na cama, em seguida, peguei as cobertas da minha cama e as coloquei atrás das suas costas, levantando-o e arrumando-o até que ele estivesse confortável. Sentei-me ao lado dele, considerando seu rosto pálido. Eu toquei meus dedos frios na sua contusão. Ele fechou os olhos. Estendi a mão e acariciei o cabelo da testa dele, depois deixei meus dedos correrem mais longe, puxando os fios escuros como um pai faria com um filho desobediente. Ele pegou minha mão, segurou por um momento, depois empurrou-a para baixo até a contusão, onde desaparecia sob o couro de sua calça. — Dói aqui. — Eu senti o lugar gentilmente, sabendo que estava sendo manipulado. Ele ainda segurava meu pulso.

Se ele tivesse empurrado minha mão mais para baixo, tudo teria ficado claro entre nós, todo ordenado e decidido, mas ele não o fez. Ele assobiou, e eu não sabia se era de dor ou outra coisa, mas me levantei e fui para a

A ROYAL AFFAIR

minha caixa de médico. Eu tirei uma pequena garrafa, coloquei uma taça de vinho e adicionei algumas gotas do frasco. Voltei para a cama. — Beba isso.

— O que é isso?

— O que estou lhe dizendo para beber. É o que é.

Ele me deu um olhar mal-humorado, mas bebeu, estremecendo com a amargura. O láudano entrou em vigor rapidamente. Não acostumado a isso, ele não tinha resistência e logo ficou bastante alegre. Eu ri e balancei a cabeça para ele, e ele me insultou suavemente. — O que? Estou te divertindo?

Assentindo, passei um dedo nos olhos dele. — Pequenos alfinetadas. Você não passaria na prova. Seus olhos traem você. É um efeito do láudano; Não se preocupe. — Ele insistiu que eu me sentasse com ele, e ele pareceu encontrar algum alívio da minha aplicação delicada de pomada em seu lado machucado. Eu estava muito feliz em alisar minhas mãos sobre sua pele quente, então nós dois estávamos muito contentes por um tempo. Mas um homem faminto acha difícil se controlar quando recebe acesso à festa. Aleksey estava com sono, maleável, carente. Eu queria fornecer o que ele precisava. Ele estava piscando lentamente, me observando através de pálpebras abaixadas enquanto eu o acariciava. — Você deveria dormir agora. — Ele assentiu, mas pegou minha mão antes que eu pudesse me levantar.

— Me beije de boa noite, Niko.

A ROYAL AFFAIR

Eu tentei manter as coisas leves e não dar muito do meu desejo. — Isso não é um papel do médico.

Ele fez beicinho. — Então me beije como amigo. — Suspirei e me inclinei para frente, meus lábios roçando sua testa. Ele me segurou no pescoço, então quando eu levantei meus lábios, ele me puxou para ele. Seus lábios eram macios. Eles se abriram. Eles ficaram folgados. Ele estava dormindo.

O láudano trabalhara em seu sistema, levando-o a um lugar onde não havia dor. Sorri para seus lábios indiferentes, beijei-o mais uma vez como pai de uma criança e enfiei os cobertores calorosamente em volta do corpo machucado.

Capítulo Dezesseis

Eu não sabia no dia seguinte se Aleksey se lembrava de seu pedido para eu beijá-lo, ou que eu realmente o fizera. Ele não deu nenhuma indicação de que ele fez, e eu não conseguia lê-lo em tudo. Eu tenho uma desculpa legítima para isso, porque ele não era ele mesmo por muitos dias. Ele estava com uma dor considerável, apesar do envoltório apertado de ataduras que eu havia fornecido sob sua camisa e o láudano que eu permitia que ele tomasse todas as manhãs e noites. Ele *tinha* que montar; não havia mais nada que eu pudesse fazer.

Tivemos nossa primeira grande discussão sobre o láudano. Eu não conto o incidente do bordel, porque eu era o único que discutiu lá. Eu já havia usado o láudano antes com os pacientes e estava muito ciente de como ele parecia tomar conta da mente de um homem da mesma forma que o álcool. Tínhamos um tal oficial, um tenente-coronel Rohanus, cavalgando conosco. Para todos os efeitos, ele era um bom soldado e durante o dia cavalgava e trabalhava tão bem quanto qualquer um. Mas quando a noite chegava, ele mudava. No início, quando o odre de vinho se esvaziava, ele era divertido e encantador, mas logo se transformava em combatividade. Argumentos se seguiram. Ele queria brigar com todos. Johan uma vez o baniu da adega, mas isso foi pior. Rohanus quase matou um jovem soldado que o desafiou em serviço de sentinela uma noite. Parecia melhor deixá-lo beber. Quando chegou a hora de marchar conosco, ele costumava se afastar

A ROYAL AFFAIR

por um dia ou dois depois de uma compulsão como essa para se recuperar em particular. Era uma situação terrível, mas Aleksey não queria ter que fazer o inevitável.

O vinho, no entanto, não era nada como o láudano em seu poder de corromper todos os homens. Eu só permitia pequenas quantidades para Aleksey e só para colocá-lo em seu cavalo de manhã e dormir à noite, apesar de como ele sempre exigia mais. Eu tinha ouvido falar de um caso em que uma overdose do ópio causara ao homem uma aparência prematura de morte: ele havia sido como um cadáver por muitos dias até que ele revivera em seu próprio caixão. Eu não sabia o fim do conto e me perguntei como isso poderia ser verdade, pois quem sabia que ele havia ressuscitado? Achei a história apócrifa, mas mesmo assim dei atenção à sua verdade essencial. Aleksey precisava do seu próprio corpo para assumir o controle da dor, então na quarta noite eu o interrompi completamente.

A princípio, Aleksey achou que era uma piada e tirou as botas, rindo do meu senso de humor distorcido. Eu me senti muito mal por ele. Ele ainda estava com dor considerável, mas eu sabia que a dor seria pior se eu permitisse que a droga o levasse. Ele finalmente recebeu a mensagem de que eu não iria dar a ele o que ele queria. Ele se levantou e fez seu próprio caminho para os meus suprimentos. Ele era um príncipe; ele era o chefe do exército. Se ele queria algo que ele estava acostumado a conseguir. Eu tinha antecipado isso e o deixei remexer, despreocupado. Ele se virou para mim furioso. — Não faça isso, Niko. *Onde está isso?*

— Você pode ficar com tanta raiva quanto quiser. Você não vai encontrar. É para o seu próprio bem.



A ROYAL AFFAIR

— Isso dói!

— Eu sei que sim. — Cautelosamente, cheguei mais perto e peguei o braço dele. Muito gentilmente, eu o empurrei para um abraço. — Eu sei que sim, mas se você encobrir essa dor com uma fuga tão doce, você se arriscará a causar mais danos, porque você não pode sentir isso. A dor é o seu corpo dizendo para você se amar um pouco mais.

Senti seu braço bom deslizar pelas minhas costas. Ele pressionou seus quadris mais contra os meus e sussurrou em meu pescoço. — Me dê isso, Niko. *Por favor*. Só esta noite e nunca mais perguntarei, *prometo*. Só essa noite.

Comecei a sacudir a cabeça, mas ele pressionou os lábios desajeitadamente contra a minha bochecha. — Por favor. Eu vou amar meu corpo e *you* se *you* me der isso. — Sua mão encontrou seu caminho sob a minha camisa para a pele quente na base da minha espinha.

— Não faça isso, Aleksey. Está abaixo de você. — Eu tremi quando sua mão começou a deslizar para baixo. — *Pare com isso!*

Ele recuou, o rosto corado pela vontade frustrada. — Como você se *atreve*. Você ficou muito feliz em me beijar quando lhe convinha!

— Aleksey...

— É Sua Alteza Real o Príncipe Christian, Doutor ou *General*. — Sua voz ficou gelada. — Só meus *amigos* me chamam de Aleksey.

Eu estreitei meus olhos para ele. — E isso deve me convencer de que o láudano não lhe causou nenhum mal?

A ROYAL AFFAIR

Ele cutucou meu peito. — Eu não me importo com o que você pensa, doutor. — Ele voltou para sua cama e tentou colocar suas botas sem ajuda. Ele não podia.

— Você quer minha ajuda? — Ele estava claramente rasgado, mas assentiu rigidamente. Eu o ajudei a se vestir, mantendo meus olhos presos aos dele, tentando constrangê-lo em um comportamento melhor, mas ele não estava tendo nada disso. Ele saiu cambaleante e se dirigiu para a tenda bagunçada. Ele provavelmente ficaria bêbado. Suspirei; amanhã ele se sentiria horrível em todos os lugares.

Eu nunca descobri se Aleksey afogou suas mágoas no vinho; Não o vi novamente por muitos dias ou noites. Ele foi para outra barraca. Ele não andava comigo e não comia com os oficiais nem fazia suas ordens diárias. Era como se ele tivesse saído da minha tenda e desapareceu deste reino terrestre. Eu estava certo, mas isso dificilmente me fazia sentir melhor. Não só eu estava preocupado com o nosso progresso para a guerra - afinal, estávamos a menos de duas semanas de nosso destino -, mas sentia falta dele amargamente. Ele era meu único amigo de verdade em marcha, aquele que eu procurava, o que eu esperava. Ele era o que eu desejava com uma dor que nunca ia embora. Eu teria pensado que era mais fácil sobreviver ao meu amor não correspondido longe dele, sem vê-lo o tempo todo tão perto e ainda assim tão além do meu alcance, mas não era. Já ouvi falar de casos

A ROYAL AFFAIR

raros em que os homens aprenderam a controlar o uso do láudano, usando-o todos os dias em pequenas quantidades, em vez de não usá-lo. Aleksey era meu láudano. Eu precisava dele em pequenas quantidades para superar a dor de precisar dele completamente. Sem minha pequena dose diária, comecei a pensar no alívio da dor que eu poderia dar a mim mesmo. Eu escondi a droga de Aleksey, mas... eu sabia onde estava... Apenas algumas gotas e eu conseguiria dormir. Algumas gotas mais e eu poderia andar sem meus olhos rasgando enquanto procuravam pela figura magra e de cabelos escuros que eu não conseguia ver.

Eu estava contemplando essa solução uma noite, enquanto cavalgávamos a última hora antes de chegar ao acampamento, quando senti alguém reinar ao meu lado. Eu sabia quem era, claro. Eu o ignorei. Era a única maneira que eu poderia parecer no controle de mim mesmo. Eu chutei Xavier levemente, então eu estava à frente. Ele puxou ao lado mais uma vez. — Você não é um médico muito atencioso, doutor. Você não perguntou como eu estou.

— Como você está?

— Muito melhor. Obrigado por perguntar. Como você está?

— Eu não estava doente.

— Como você está em geral, então? Estou fazendo uma conversa educada até você abrir o queixo e falar comigo de novo.

Ele teria uma longa espera.



A ROYAL AFFAIR

Ele observou minha expressão. — Não? Bem então. Tem sido bastante frio recentemente, não tem? Estava gelado ontem e depois, meu Deus, gelado de novo hoje. Eu acredito que teremos neve em breve. A neve não é o diabo quando você...

— Pare com isso. Você não é engraçado.

— Deve ser por isso que você não está sorrindo.

— Deixe-me em paz, *Alteza*.

Ele ficou ao meu lado, porém, cavalgando silenciosamente, ocasionalmente me lançando olhares, principalmente olhando para seu cavalo e enrolando pequenos cachos em sua crina. — Eu realmente não vejo porque eu deveria me desculpar, Niko. Eu estava doente e não sabia o que estava dizendo. Mas se é o que você quer ouvir, então me desculpe.

Eu torci na minha sela para poder fazer meu ponto mais forçosamente. — Não estou zangado com sua tolice sobre o láudano. Já tive pacientes que me oferecem coisas *muito* mais tentadoras do que você para ter mais algumas gotas. Estou com raiva porque você não considerou que, como seu *médico*, eu ficaria preocupado em não vê-lo por quase cinco dias!

— Quatro.

— *Cinco*. Eu tenho contado.

Ele ficou em silêncio e suspirou teatralmente, era a sua maneira. Eu vi a quem Stephen puxou; eles foram cortados do mesmo tecido. — Eu tenho andado em uma carroça. Você está satisfeito? Eu fui totalmente não-

A ROYAL AFFAIR

tripulado, mas eu não deixaria ninguém me ver assim. Eu requisitei uma carroça e fui rebocado como um velho soldado ferido. Você está feliz?

— Por que deveria me fazer feliz que você fez isso, mas não pensou em me dizer! Eu poderia ter...

— Oh o que? Vê e pô as mãos em mim novamente? Porra, você, Niko. Você é tão estúpido. — Ele chutou o cavalo e subiu a linha em direção ao acampamento.

Naquela noite, ele realizou seu primeiro grupo de pedidos desde que se retirou para se recuperar. Todo mundo ficou muito feliz em vê-lo. Ele parou o bate-papo geral rapidamente e ouviu as atualizações. Ele até me pediu educadamente o meu, pois ele não teve o benefício de nossas conversas habituais.

Esperei que ele voltasse para nossa tenda, ensaiando coisas que eu poderia dizer, um minuto planejando um pedido de desculpas e as próximas palavras iradas para desabafar meus sentimentos. Ouvi passos, levantei-me, olhei para a aba da tenda e o coronel Johan entrou. — Que roupa você tem, doutor, diferente de seu uniforme?

— O que?

— Roupas? Para andar? Fora o uniforme?

— Eu estou indo a algum lugar?

— Claramente, ou eu não estaria aqui lhe perguntando isso. — Ele tinha visto uma maleta e estava remexendo nela. Ele puxou uma camisa, atirou-



A ROYAL AFFAIR

a para mim e depois encontrou um casaco, e isso seguiu a camisa. — Rápido. Coloque-os e venha comigo.

— O que está acontecendo? — Eu tinha sido demitido? Eu podia ver pela expressão dele que eu não conseguiria mais nada dele, então fiz como ele ordenou e tirei minha jaqueta e camisa e vesti as que eu tinha usado para Hesse-Davia.

— Você tem alguma arma, doutor? Você parece mal armado.

Eu queria retrucar que eu era um médico, não um soldado, mas segurei minha língua e fui para minha caixa de remédios. Eu puxei a camada superior e coloquei-a de lado. Abaixo havia uma coleção de facas. Eles eram do melhor aço de qualidade. Eu carregava a maior na minha bota o tempo todo, mas as outras que eu havia deixado de usar, como regra geral, uma vez que eu tinha me estabelecido na Inglaterra. Agora eu as guardava em torno de minha pessoa, e meu corpo quente acolheu seu aço frio como velhos amigos. Eu podia ver pela sua expressão que ele não esperava isso. Eu me perguntei se Aleksey havia contado a ele sobre a noite em que demonstrei minha destreza no combate a facas. Provavelmente - ele parecia dizer-lhe todo o resto. Eu ainda estava lutando contra o meu intenso ciúme de Johan. Eu *queria que* Johan fosse o pai de Aleksey, mas ocasionalmente eu voltava à minha suposição mais básica de que eles eram amantes. Tudo o que eu sabia era que me sentia quase doente de tensão reprimida toda vez que via esse homem com cicatrizes. Eu queria desesperadamente perguntar-lhe se Aleksey havia ordenado essa demissão ou se ele, o coronel, se encarregara de livrar o príncipe de minha presença para sempre, já que eu parecia não fazer nada além de deixar seu precioso Aleksey com raiva.

A ROYAL AFFAIR

Tive a sensação de que Johan havia respondido àquela pergunta por fim - *pode ser confiável* - e que a resposta não era favorável.

Nós marchamos através das linhas silenciosas e escuras com apenas o som ocasional de um ronco ou um grito nos acompanhando. Estava muito frio. Aleksey estava certo em seu bate-papo bobo naquele dia; parecia neve. Saímos das sentinelas, o coronel aproveitando a oportunidade para falar com eles, verificar suas ordens e a senha e, em geral, revirar um pouco. Eles pareciam alertas, mas frios. Depois que saímos do acampamento, foi mais difícil andar, pois não tínhamos luz alguma. Fiquei imensamente contente em ver o coronel tropeçar uma ou duas vezes. Ele não passou a maior parte de sua vida com pessoas que estavam em um com sua mãe a lua e seus irmãos as estrelas. Eu tinha, e me movi com graça felina ao lado de seu progresso barulhento.

Alguém o havia ouvido claramente, pois uma voz saiu da escuridão. — Agora você vê, Johan, por que eu o escolhi, sim?

O coronel apenas grunhiu quando chegamos a figuras sombrias: Aleksey segurando dois cavalos. Xavier fungou nervosamente e veio em minha direção. Eu estava incandescente de raiva por eles o terem tirado de seu lugar na linha, selado e trazido para cá. Era como se eles tivessem usado o meu corpo para algo sem permissão.

Aleksey viu algo do que eu estava pensando, porque ele colocou a mão no meu braço e disse simplesmente: — Ele me conhecia.

Eu quase o perdoei em seu rápido entendimento de que eu não gostava do pensamento de um estranho lidando com meu cavalo, trazendo-o para



A ROYAL AFFAIR

fora assim, onde ele ficaria angustiado. Eu *quase* o perdoei, mas não inteiramente. Eu estava me sentindo um pouco angustiado. Reuniões clandestinas no escuro para dizer adeus - eu estava completamente confuso e desequilibrado. Aleksey subiu em sua sela com apenas a menor das caretas e indicou que eu fizesse o mesmo.

Eu recusei e permaneci firme. — Diga-me agora o que é isso. Você está me acompanhando no meio do caminho? Você vai expor minhas falhas enquanto cavalgamos, para se dar a satisfação de que você fez isso de uma maneira militar?

Ele olhou para mim por um momento. Eu ouvi Johan murmurar algumas palavras, das quais eu só peguei “*idiotas, mesmo molde, merecem um ao outro*”. Ele deu a Aleksey um longo olhar, depois voltou para o acampamento. Nós estávamos sozinhos. O cavalo de Aleksey estava torcido, ansioso por fazer alguma coisa. Ele o acalmou.

— Eu não tenho absolutamente nenhuma ideia do que você acabou de dizer, doutor. Monte. Estou com frio. Eu tenho esperado aqui por horas.

Eu duvidava disso, pois o chão estava gelado e eu podia ver os rastros que ele fez, não menos frescos que os nossos. No entanto, fiz o que ele pediu, pois *estava* frio, e eu queria isso. Eu não queria um longo castigo ou despedida. De repente, fiquei feliz em me livrar de todos eles.

Pela primeira vez, notei que ele também não estava de uniforme. Ele também não usava o habitual couro e seda nem usava suas botas favoritas. Ele estava vestido sobriamente em calções indescritíveis e uma jaqueta que parecia ter visto dias melhores. Por um momento ridículo, pensei que talvez



A ROYAL AFFAIR

ele também tivesse sido demitido. Felizmente, eu não tentei articular esse pensamento e me fazer parecer ainda mais lento na captação. Felizmente, percebi que estávamos indo para o leste e não para o oeste e que não havia sinal de Faelan. Aleksey nunca foi a lugar algum sem sua sombra.

Eu parei. — Eu não vou dar outro passo até que você me diga do que se trata.

Ele também puxou o cavalo para que ficássemos lado a lado, encarando um ao outro. — Estamos indo para Saxefalia.

— O que...? — De repente, tudo ficou claro. — Como *espiões*? Você vai espionar o inimigo?

— *Vamos* espiar o inimigo.

Eu estava furioso. — Você é um príncipe, Aleksey. Não é o seu trabalho. Você *tem* espiões para fazer esse tipo de trabalho.

Ele assentiu. — Eu faço, mas eles não retornaram. E eu sou a pessoa ideal, na verdade. Eu falo a língua e conheço os costumes. Quem melhor?

Ele me teve lá. Tentei pensar em uma boa razão para que ele não pudesse fazer isso, além do óbvio: era perigoso demais, e eu estava com medo de perdê-lo. Eu não tinha consciência, é claro, que eu realmente não *o tinha*, mas gostaria de aproveitar esta amizade romântica e toda a discussão e brigas ao perdê-lo inteiramente. Finalmente, resolvi perguntar: — Então, por que eu? Certamente você tem mais oficiais competentes que poderiam acompanhá-lo.

A ROYAL AFFAIR

Ele sorriu, um clarão de perfeitos dentes brancos na escuridão. — Oh, provavelmente, mas eu não os queria. Eu queria alguém que não fosse soldado.

— O que você quer dizer com isso? — Eu tinha tomado isso como um insulto, é claro. Que homem não se irritaria ao ser informado de que não era soldado?

Aleksey revirou os olhos, como se ceder à minha vaidade fosse esforço demais para fazer. — Você não se comporta ao meu redor como os outros, Niko. Você não tem rigidez nem respeito por autoridade ou posição - particularmente a minha. Você não vai escorregar e me chamar de senhor ou vossa Alteza ou se curvar ou, Deus me livre, saudar. Eu nunca vi ninguém andar como você ou lutar como você. Você é muito alto para ser um nativo de Hesse-Davia, e seu cabelo e pele o diferencia de todos nessas terras. Você parece um deus mítico de um lugar distante do sol, e eu quero você. Isso é suficiente, ou devo continuar e expor sua excepcional beleza e como podemos usar isso para nossa vantagem como espiões?

— Não, acho que é suficiente por enquanto. — Eu andei com Xavier lentamente para frente. Aleksey virou o cavalo e se aproximou para cavalgar. Mais uma vez, ele me chamou de lindo. Ele me chamou de deus. Ele disse que me queria. Eu tinha algumas coisas agradáveis para me debruçar para manter o frio na baía.

Embora eu tivesse muitas habilidades, resistir ao frio não era algo que eu pudesse me gabar. Eu tinha sido criado em climas quentes onde, durante a maior parte do ano, podíamos viver com pouca cobertura, dia ou noite. No



A ROYAL AFFAIR

inverno, tínhamos frio e neve, mas também tínhamos peles, excelentes habitações e boa comida. Eu nunca fui capaz de tolerar o frio também desde que saí das colônias. O frio inglês era particularmente difícil de suportar, com a umidade associada e o hábito de chegar um dia e deixar no próximo. Sua imprevisibilidade sempre me pegou. Eu não estava ansioso para fazer acampamento no inverno com o exército de Aleksey, mas no acampamento eu tinha uma tenda com um fogão a lenha e um uniforme quente. Agora eu não tinha nenhuma dessas coisas. Eu estava vestido, a meu ver, totalmente inadequado para uma noite tão fria. Eu comecei a tremer, e não em pequenos tremores, mas os movimentos profundos do corpo que eu sempre senti precederam a morte. Olhei para Aleksey, cerrando os dentes para parar o meu maxilar chacoalhando. — Você não está com frio?

Ele virou. Claramente ele estava mergulhado em pensamentos. — Frio? Sim, suponho que sim. Colocaremos algumas milhas atrás de nós no escuro e depois pararemos. Não podemos viajar durante o dia, pois logo estaremos cruzando a fronteira e em território inimigo.

Depois de alguns minutos, para me distrair do desconforto crescente, perguntei: — Eles não vão reconhecê-lo em Saxefalia? Isso não é muito perigoso para você?

— Oh, espero que seja perigoso. Não há diversão do contrário. Mas não, duvido que eles me conheçam. Eu tinha dez anos quando saí. Eu mudei um pouco desde que eu tinha dez anos.

— Eu quis dizer os olhos, Aleksey. *Eles* não mudaram.

— Meus olhos? O que há de errado com meus olhos?



A ROYAL AFFAIR

— Não seja tão denso. Eles são de *um verde brilhante*. Você sabe como raro o tom é? Nunca encontrei ninguém com olhos verdes como o seu antes, e já vi mais do mundo do que você.

— Então... você notou a cor dos meus olhos, doutor? Estou *terrivelmente* lisonjeado.

Lá estava novamente, o flerte. Eu tinha perdido, então respondi da mesma forma. — E *you* notou que sou muito divino. Devemos continuar com nossa lisonja mútua ou pensar seriamente por um momento?

— Oh, continue a lisonja. Eu amo ser lisonjeado. Eu sei. Vou andar de olhos fechados para esconder sua beleza brilhante, e podemos fingir que sou cego e você é meu médico, o que é verdade e acrescentará veracidade à minha aflição.

Eu tinha a sensação de que ele não estava levando essa missão de espionagem tão a sério quanto deveria. Comentei secamente que ele não seria um bom espião se tivesse os olhos fechados e continuamos em silêncio por alguns quilômetros a mais.

No momento em que a luz começava a se levantar à nossa frente, eu estava tão gelado que, desmontando, tropecei, minhas pernas estavam muito frias para me salvar da queda. Levantei-me e jurei em silêncio. Nós estávamos possivelmente em território inimigo, de acordo com Aleksey, e eu não queria que minha voz fosse carregada. Nós estávamos acampados por um riacho com um penhasco se erguendo atrás de nós, e fizemos um abrigo com alguns arbustos e puxamos os cavalos para perto. Não podíamos acender uma fogueira, por isso comemos rações frias. Não fez

A ROYAL AFFAIR

nada para me aquecer. Aleksey me disse que teríamos o dia e depois mais uma noite de cavalgada, e estaríamos do outro lado da fronteira, bem em Saxefalia e poderíamos ficar em uma pousada.

Depois de termos ficado sentados em nossa pequena posição por um tempo, Aleksey disse do nada: — Eu não poderia lhe dizer que estava andando com as carroças porque temos espiões em nosso acampamento. Eu não podia permitir que o inimigo descobrisse que eu estava ferido. Você poderia ter sido seguido e teria sido descoberto. Johan insistiu para que você não soubesse e, como eu estava... incapacitado, não pude contatá-lo. Lá, agora você sabe, então talvez você pare de ficar zangado comigo e me diga algo interessante para passar o dia. Diga-me mais sobre morar com o Powponi.

— Tenho a impressão de que você estava cansado de ouvir falar deles.

— No mínimo, contanto que você esteja me comparando a um de seus chefes ou me contando sobre suas interessantes práticas sexuais. *Que* eu gosto de ouvir. Não quero ouvir que você prefere a companhia deles à minha, não.

— Eles não tinham olhos verdes.

Ele sorriu suavemente e recostou-se contra a rocha atrás de nós. Sua coxa estava tocando a minha, algo que estava me distraindo consideravelmente.

— Eles têm uma língua?

Eu fiz uma careta e dei a ele uma olhada. — Não, Aleksey, eles aprenderam a grunhir. Assim, significa que você é um idiota.



A ROYAL AFFAIR

— Hmm. Ensina-me algo então. Como eles diriam... 'Ainda estou com fome'?

Eu disse a ele, e ele repetiu, olhando para a maçã que eu estava comendo. Suspirei e dei para ele. Mastigando, ele perguntou: — Como eles diriam que gostava de alguém?

Eu fiz uma careta, tentando lembrar se eu já ouvi alguém dizer isso. Não é algo que você realmente ouve todos os dias e soa estranho, agora que ele disse isso. Eu tentei uma frase e ele repetiu. Dei de ombros. — Significa mais 'estou desejando coisas boas para você' do que 'eu gosto de você'.

Ele olhou para o espaço por um tempo e então disse, tão claramente e tão bem quanto qualquer um dos meus irmãos poderia *dizer*: — *Estou com fome por você*. — Ele aparentemente tinha sido capaz de ouvir e entender a sintaxe das frases simples e montar sua própria declaração de paralelepípedos. Eu olhei para ele. Ele ergueu as sobrancelhas e disse inocentemente: — Tentei dizer que desejava não estar com tanta fome. Eu estava correto?

Eu puxei meus joelhos até meu peito, envolvi meus braços ao redor deles, e abaixei meu queixo. — Não.

Ele espelhou minha posição. — Você ainda está com frio?

— Sim.

— Aproxime-se, então. — Eu engoli meu orgulho e fiz isso. — Você não se parece com alguém que sente o frio.

— Existe um olhar para alguém assim?



A ROYAL AFFAIR

— Bem, sim. Alguém pequeno e fraco?

— É a gordura que te mantém aquecido e você pode não ter notado, mas eu não carrego nenhuma.

— Oh, eu tinha notado. Mas também não sou gordo e não estou com frio. Bem, eu não estou gemendo e choramingando sobre isso de qualquer maneira.

— Eu não mencionei isso *uma vez*.

— Não em voz alta, não, mas você tem ensurdecido a mim e aos cavalos com os lamentos acontecendo em sua cabeça.

Eu ri disso, pois era verdade. — Eu tenho uma teoria sobre isso, se você gostaria de ouvir.

— Oh, sim, eu amo suas teorias. — Ele levantou uma mão. — Vê? Unhas limpas. — Ele sorriu. — Apenas no caso de eu tocar em você hoje. Então, conte-me outra das suas teorias. Eu estou aqui com excitação.

— Eu não falarei nada pelo resto do dia se for a recepção que recebo.

Ele me cutucou e eu cedi. — É algo a ver com o coração e quanto sangue as pessoas têm em seus corpos. Calor é carregado pelo sangue, não é?

Ele franziu a testa. — Eu suponho que sim.

— Se você derramar um pouco de água quente em uma superfície grande, ela resfria mais rapidamente do que a mesma quantidade colocada em um pequeno recipiente, sim?

— Minha cabeça está doendo. Eu não faço ideia. Se você diz.

A ROYAL AFFAIR

— Então, é a *disseminação* da coisa que a resfria. Eu tenho muita pele porque sou tão alto e possivelmente muito pouco sangue, então não posso me manter aquecido. Lá, essa é a minha teoria.

Ele parecia estar pensando profundamente sobre isso, então se aventurou: — Eu sou quase tão alto quanto você e magro também, então sua teoria não funciona. Mas você pode ter menos sangue; que eu concedo a você. Eu suponho que nós nunca saberemos. *Espero* que nunca saberemos. Na minha experiência, ser capaz de medir quanto sangue um homem contém nunca é bom para o homem.

— Não. Talvez um dia nós olhemos para os homens quando eles estiverem mortos e exploremos mais seus corpos, e então saberemos essas coisas.

— Essa é a coisa mais repugnante que eu acho que já ouvi você dizer - e eu me sentei em uma cabana de suor com você por um dia vendo você vomitar. Quem iria querer mexer em um cadáver?

— Pelo menos eles ficariam em silêncio quando você os cutucasse. — Ele olhou para mim e nós dois rimos ao mesmo tempo. — Eu não quis dizer isso da maneira que soou.

— Isso é uma sorte, pois não soou bem.

Nós nos sentíamos bastante confortáveis um com o outro agora, e eu me sentia mais quente por isso. Talvez alguns dos meus tremores tivessem sido de tensão reprimida e raiva. Dissipara-se agora no calor que irradiava de seu corpo e no prazer de ter quase todas as partes do meu corpo próximas e tocar as dele. Por impulso, peguei sua mão a pretexto de aprovar sua

A ROYAL AFFAIR

limpeza. Ele me deixou segurá-lo com o mesmo pretexto, talvez, depois murmurou: — O que você vê na minha mão? Você pode ler suas linhas?

— Eu não sou um místico. Sou um médico. Eu estava olhando para ver se estava limpo. Que está, por uma vez.

— Mas o que você pode ver nas linhas? Eu vou ter uma vida longa?

Suspirei e virei a mão, olhando para a palma da mão. Depois de um momento, deixei cair. — É superstição. Em seguida, você me fará tentar realizar alquimia ou necromancia.

Ele parecia não ter notado minha mudança de assunto ao ver sua linha de vida. Ele pegou minha mão em vez disso. — Tivemos uma cigana que chegou ao tribunal em um Natal e leu todas as nossas mãos. Meu pai não a banuiu, e os padres não puderam dizer nada. Você tem uma linha muito profunda aqui. O que é isso?

— A linha do coração. Deixe isso, Aleksey. Não é científico, e as pessoas só querem ouvir coisas boas de qualquer maneira. Eu também poderia jogar alguns ossos e ler o seu futuro neles como eu poderia a partir de linhas formadas em carne. Seu futuro está escrito nas coisas que você faz hoje.

— O que você quer dizer? Isso é outra teoria? Eu gosto de suas teorias.

— Você caiu do seu cavalo e quebrou sua costela. Isso afetou o que aconteceu com você nos próximos dias. Se você não tivesse caído do seu cavalo, você não estaria aqui sentado comigo agora. Você estaria em outro lugar, fazendo outra coisa. Devemos todos tomar decisões cuidadosas sobre



A ROYAL AFFAIR

o que fazemos e pensar na consequente repercussão dessas decisões antes de agirmos.

Ele pensou sobre isso por um tempo excessivamente longo. Eu estava muito contente em ficar lá quente contra ele e com o fraco sol de inverno no meu rosto. Finalmente, ele se levantou um pouco e perguntou com uma voz enganosa: — Então você está dizendo que toda ação tem uma consequência.

— Sim. Não é mágica ou superstição que faz com que as coisas aconteçam. São os homens e as coisas que eles fazem.

— Então, se eu decidir fazer algo, devo pensar em todas as possíveis consequências e pesá-las em equilíbrio.

— Sim, exatamente.

— E mesmo que eu possa prever consequências ruins, ainda estou justificado em tomar a decisão de agir de uma certa maneira, porque estarei agindo com *vontade consciente* contra o meu melhor julgamento?

— Eu suponho que sim. Mas eu não vejo por que você previu consequências infelizes de um ato, mas *ainda o faz*.

Ele se virou para mim, pegou meu rosto em suas mãos e me beijou.

Capítulo Dezessete

Um homem não pode ser uma criatura racional, um homem de ciência e pensamento, o tempo todo. Ele ainda é um homem quando tudo está dito e feito. Eu era um homem, e estava sendo oferecido a única coisa que eu queria desde que eu tinha idade suficiente para querer tais coisas e da própria pessoa que eu tinha fixado como a pessoa que eu queria. Eu retornei o beijo, minhas mãos indo para o cabelo dele, puxando-o para mais perto. Ele abriu os lábios. Nossas línguas se encontraram. A união foi como uma faísca na minha virilha, despertando ao toque da minha necessidade. Eu poderia tê-lo engolido inteiro.

Ele saiu, com o rosto brilhante e triunfante, provocando aquela intensa vitalidade que sempre associei a ele. — Lá. Eu *fiz* isso. Eu disse que faria e fiz.

Eu empurrei de volta, mudando o corpo para longe dele. — O que você quer dizer? — Eu senti um frio terrível correr pelo meu corpo. — Isso foi uma aposta? Você está jogando um jogo?

Seu rosto era uma máscara de mágoa e confusão. Pobre Aleksey. Ele havia feito esse incrível primeiro movimento apenas para receber isso. Mas é claro que ele não sabia por que esse pensamento me desanimou. Ele não sabia nada da minha história. Eu agarrei seus braços. — Pra quem você disse isso? Você já discutiu isso com alguém?



A ROYAL AFFAIR

— Eu só... Johan disse...

— Johan! — *Isso* foi o que Johan tinha discutido com Jules. Aleksey propusera esse desafio; a aposta foi aceita. Eles riram quando planejaram? Riu de mim? Provavelmente enquanto desfrutava - não pude levar esse pensamento terrível à sua conclusão.

— Niko. — Ele parou abruptamente. Eu também ouvi: um clipe de cascos de cavalos, um tilintar de aderência. Ficamos como um só e seguramos a cabeça de nossos cavalos, passando as mãos pelas narinas, acariciando e falando em silêncio palavras calmas. O grupo de cavaleiros passou acima de nossas cabeças na colina. Nós poderíamos vê-los, claramente delineados contra o céu. Eles estavam fortemente armados e usavam uniformes.

Acho que teríamos permanecido sem sermos detectados, até que um de seus cavaleiros deixou seu cavalo escorregar e tropeçar, fragmentos da borda arenosa caiu e choveu ao nosso redor. Ele olhou para baixo e fomos vistos. Nós estávamos em nossas montarias e nos afastamos antes que ele pudesse gritar de susto. Eles tinham a vantagem do terreno mais alto, porém, e podiam nos manter à vista enquanto tentávamos encontrar um caminho para fugir deles. Eu não tinha dúvidas de que poderíamos superá-los, pois Xavier era um cavalo excelente, e Aleksey sempre montava o melhor dos cavalos. Mas precisávamos sair do vale do riacho e subir nos prados abertos. Ouvi algo passar pelo meu ouvido e vi uma lança tremer na areia macia à frente. Eu a tirei do chão quando passamos. Eu pretendia devolvê-la para eles.

A ROYAL AFFAIR

Finalmente conseguimos sair da margem, e saímos dos cavalos e os puxamos até o topo, remontamos e levantamos voo. Só quando atravessava o prado senti a tensão deixar meus ombros. Não é uma boa sensação esperar uma lança entre as omoplatas a qualquer momento. Eu olhei para trás e relaxei um pouco. Eles ainda estavam tentando descer da cordilheira, e não estava sendo fácil. Eles tiveram que desmontar, e os cavalos estavam lutando contra a sensação de escorregar e deslizar na areia. Eu aliviei Xavier de volta um pouco para que Aleksey pudesse vir ao lado. Seu rosto estava de pedra. Eu sabia que ele estava pensando no momento interrompido entre nós. — Por que não continuamos à luz do dia agora? Perfil discreto pelo dia não nos protegeu. Talvez ir em frente corajosamente irá.

Ele assentiu. Eu não acho que ele se importava muito de um jeito ou de outro. Eu olhei para trás novamente. Nós estávamos protegidos da visão de nossos perseguidores pela profundidade do leito do rio de onde eles ainda tinham que emergir. Eu balancei a cabeça em direção à floresta e nós viramos nossos cavalos para as árvores. Eu deslizei de Xavier e dei as rédeas para Aleksey. — Continue. Eu vou te pegar.

— O que você está...

— Apenas vá. Você está perdendo tempo.

— Como você vai encontrar...

— Vai!

Ele me deu um olhar muito desagradável, que eu ignorei, e continuei para a escuridão da floresta. Comecei a cobrir qualquer sinal de onde



A ROYAL AFFAIR

hávamos entrado nas árvores, trabalhando até voltarmos e depois voltarmos um pouco mais. Então pareceu como se tivéssemos sido levantados no ar. Se eles assumissem que nós voltamos para as árvores e nos seguisse, eles iriam se virar no ponto errado agora e se perderiam. Eu corri de volta para a cobertura e me agachei. Em poucos minutos, observei-os passarem. Eles estavam entusiasmados com a excitação da perseguição e nem notaram que nossas pistas haviam terminado. Bem, eles agora destruíram todos os sinais com sua própria inépcia. Eu deslizei da minha posição e comecei a correr, seguindo o rastro de nossos próprios cavalos.

Enquanto corria, não pude deixar de pensar em meu beijo. Eu não podia acreditar que ele tinha feito isso. Eu não podia culpá-lo por sua ignorância da minha história, mas, mesmo por causa da amizade, eu não teria esperado isso dele. Talvez não fosse mais para ele do que John, colocando a mão na minha coxa.

Eu me perguntava quanto dinheiro ele ganhara com a aposta.

Quão longe ele teria ido?

Lembrei-me do homem que eu testemunhara ajoelhando-se para outro, chupando e lambendo em um encorajamento depravado e obsceno de seus espectadores.

Aleksey teria...

A aposta incluiu...



A ROYAL AFFAIR

Eu me puni com esses pensamentos enquanto corria, mas até mesmo a insistente e penetrante repetição deles não conseguia distrair de outra pergunta insidiosa que aparecia por baixo.

Eu me importo?

Eu estava tão longe no meu desejo por Aleksey que eu teria ele de qualquer maneira que eu pudesse pegá-lo?

Não era de admirar, portanto, que eu não tenha discutido o incidente calmo e racionalmente quando finalmente os encontrei. Eu me inclinei contra as costas de Xavier e ofeguei: — Nós os perdemos.

— Eu não sou um bebê, doutor! Eu sou um *general*. Eu deveria ter ficado para trás para fazer o que quer que você fez. Eu não deveria ter sido dispensado como faria um mensageiro com os cavalos.

Deus me ajude. Esqueci que ele não fazia ideia de que, quando eu tinha metade de sua idade, eu montava um cavalo de guerra Powponi decorado com uma centena de escalpos. E eles não eram de cabelos negros soltos, mas louros, marrons e vermelhos. Ele acha que eu nunca fui um espião antes? Como ele acha que eu mantive meu inglês enquanto morava na tribo? Quem melhor para se infiltrar nas novas colônias, encontrar suas fraquezas e traí-las, do que um garoto loiro que falava sua língua? Aleksey não poderia saber nada disso, mas, mesmo assim, *eu* sabia, e coloriu minha reação à explosão infantil. Eu estava cansado de Sua Alteza Real o Príncipe Christian - minhas desculpas, Sua Alteza Real *General*, o Príncipe Christian.

A ROYAL AFFAIR

Eu me virei e em um movimento rápido o tirei de seu cavalo. Agradeço aos deuses, agora que não estava montado, pois teria me atirado contra ele e o teria levado ao chão de qualquer maneira. Pobre rapaz, suas costelas provavelmente teriam quebrado de novo. Como foi, ele gritou - mais em choque e indignação do que dor. Não importava realmente o porquê; Eu o ignorei.

— Você quer ser tratado como um homem, hein? Não jogue jogos como um menino, então. — Eu deitei duro sobre ele e o beijei. Ele tentou escapar, mas não teve chance. Eu era muito mais forte que ele e ele estava ferido. Eu cerrei meus lábios aos dele, forcei-o a abrir, empurrei minha língua para dentro. Ele tentou morder, mas isso só me fez rir. Eu joguei esse jogo com especialistas, homens que me dominaram várias vezes e me fizeram seu brinquedo. Eu não ficaria intimidado agora por um bebê brincando como homem. Comecei a desabotoar suas calças. Seus olhos se arregalaram e eu sorri contra seus lábios. — Mmm, não tão ansioso para jogar agora, não? Isso é o que acontece, Aleksey, quando você engana e joga jogos. Isso desperta a fera dentro.

Fiquei muito impressionado com o seu próximo passo. Ele trouxe sua testa para cima bruscamente, e conectou com meu nariz. Eu gritei e coloquei duas mãos para ele, sentindo para ver se estava quebrado, e ele estava longe, rolando debaixo de mim e lutando para ficar de pé. Eu também me levantei, ainda sentindo o nariz timidamente. Ele havia puxado uma faca da bota. Eu quase ri. Ele tinha me copiado em usá-la assim. Eu acenei uma mão para ele. — Nem tente, criança, ou vou enfiar aquela faca onde ela não vai ver o sol por muito tempo. — Eu perdi a borda da minha



A ROYAL AFFAIR

raiva. Meu nariz doía muito, e eu estava tremendo de novo, o suor da corrida tendo esfriado meu corpo para baixo além do nível de calor que eu sempre quis.

Eu estava com frio, com fome, tinha um nariz muito dolorido, e sentia-me completamente e totalmente deprimido de espírito. Eu subi em direção a Xavier e disse cansadamente: — Vamos? Eu não sei o caminho para uma pousada. Vou continuar na sua companhia até chegarmos a uma, e depois nos separaremos. Minha presença claramente não é do seu agrado.

Ele ficou lá com a boca aberta, tão diferente de sua aparência real habitual que eu gritei. — Pare de jogar o idiota e monte seu cavalo, Aleksey.

Ele fechou a boca e subiu em sua sela com grande dificuldade. Eu não o poupei nem um pouco de simpatia. Antes de incitar o cavalo a se mexer, porém, virou-se para mim e disse secamente, como se apenas confirmasse o preço surpreendente de um pedaço de pão: — Não é do meu agrado?

Eu estava pensando em outras coisas e não percebi o seu significado, então eu grunhi e comecei a cavalgar com Xavier.

Ele repetiu: — Não é do meu agrado? — e acrescentou desta vez: — Eu te beijei porque eu *não* gosto de você? Mas eu sou o único a ser espancado até o chão, insultado, e... — Ele parou abruptamente e olhou por cima do ombro para o local onde havíamos ficado. Ele parecia estar processando alguma coisa.

Eu não gostava do trem de seus pensamentos, que eu imaginava poder ouvir. Ele pode ter interpretado mal minha reação ao beijo, mas não minha natureza essencial. Que homem nega sua atração antinatural a outros



A ROYAL AFFAIR

homens, levando um para o chão e tentando *penetrá-lo*? Estas não eram as ações de um homem repugnado pelo ato em si, meramente, talvez, seu tempo... sua intenção...

Minha própria inconsistência me enfureceu.

Aleksey não era idiota. O oposto, na verdade, é que sua rápida compreensão de Powponi e seu uso muito eficaz provaram isso. Ele faria muito facilmente a conexão entre minhas ações no terreno e meus desejos.

Talvez agora ele estivesse tentando descobrir por que seu beijo foi recebido assim.

Não me atrevi a virar para ele e observar sua expressão.

Talvez ele estivesse desejando ter continuado com seu plano para a faca.

Eu poderia deixá-lo afundar isso dessa vez. Eu estava me sentindo tão miserável.

Então, perdidos por nossos próprios pensamentos, continuamos até que percebi que estava ficando escuro. Eu olhei em volta para a terra vazia. — Onde é esta hospedaria?

Ele saiu de seu devaneio e olhou ao redor também. — Como eu deveria saber?

Eu fiz uma careta. — Eu pensei que você fosse o espião mestre. Eu pensei que você conhecesse este país!

— Eu tinha oito anos! Eu mal frequentava as pousadas! Não tenho ideia de onde estamos. — Eu podia ouvir que ele estava adicionando algumas

A ROYAL AFFAIR

maldições em mim em sua cabeça. Contanto que ele os guardasse para si mesmo, nós nos daríamos bem. Meus dias de ser manso e suave com sua alteza terminaram.

— Teremos que acampar durante a noite.

— Eu não sou... — Tudo o que ele estava prestes a me dizer estava perdido quando de repente ele sussurrou: — Luz, olhe, ali.

Ele estava certo. Eu podia ver um sinal de fogo contra a escuridão da linha das árvores. Nós desmontamos silenciosamente. Eu segurei a mão no peito dele. — Fique aqui. Eu irei ver quem eles são.

Ele passou pela minha mão estendida, largando as rédeas no chão. Eu não podia fazer muito, mas pegá-las e segurar os cavalos enquanto ele avançava sozinho. Eu estava apenas feliz por estar longe dele, então eu assisti, totalmente despreocupado, enquanto ele se afastava. Esse desdém pela sua segurança durou cerca de dez segundos, é claro, até que eu puxei os cavalos atrás de mim e o segui, amaldiçoando silenciosamente, para a luz.

Eles eram comerciantes da França, viajando pela Saxefalia a caminho de países mais a leste. Fomos recebidos calorosamente, e eles até compartilharam um pouco de comida conosco, desesperados por notícias sobre a guerra. Eles foram parados na fronteira e procuraram e foram

A ROYAL AFFAIR

informados de várias estradas que não deveriam seguir, mas fora isso, eles eram totalmente ignorantes dos eventos que aconteciam ao redor deles. Por meio de um questionamento cuidadoso, aprendemos mais com eles do que com os nossos. Eles até produziram um mapa aproximado e nos mostraram onde estávamos. Eu consegui retribuir sua gentileza e generosidade quando descobriram que eu era médico, pois um deles tinha uma ferida na perna. Quando eu concordei em examiná-lo, descobri que ele o havia empacotado em esterco de cavalo, que lhe disseram ser um remédio eficaz se o cavalo passasse sua merda durante a lua cheia. Nós tínhamos visto uma lua cheia alguns dias antes, então ele tinha coletado devidamente o estrume e envolveu sua perna nele. Estranho dizer, ele agora tinha um grande abscesso e estava com dor considerável.

Eu os fiz acender o fogo e ferver um pouco de água. Eles ficaram intrigados com o meu pedido, mas minha explicação de que minhas mãos estavam sujas só os confundiu mais. Aproveitei a oportunidade para mergulhar minha faca na água também. Não parecia estranho para mim que, se a doença viesse da sujeira, eu também deveria limpar meus instrumentos. Quando a água esfriara um pouco, lavei a perna dele. O abscesso era horrível. Eu tive uma audiência bastante por esta altura. Todos queriam saber que remédios eu iria aplicar. Quando eu disse a eles, houve uma inspiração universal de respiração. Eles ficaram horrorizados que eu estava planejando abrir a ferida e drenar o pus. Todos acreditavam que pus era o grande curador e que desperdiçá-lo no chão era como desperdiçar vinho. Um deles sugeriu preservá-lo em um frasco para ser esfregado em outras feridas que ainda não tinham pus. Outro se ofereceu para cavar

A ROYAL AFFAIR

minhocas e alegou que elas se mostraram eficazes quando esmagadas e aplicadas em uma ferida. Um terceiro resmungou que a oração sozinha poderia ajudar, e felizmente ele se retirou para fazer exatamente isso e me deixou sozinho para me preparar.

Quando eu estava pronto, eu disse a um dos amigos do homem para mantê-lo firme, mas ele se recusou, dizendo que não tomaria parte no trabalho do diabo. Eu ouvi um suspiro, e Aleksey veio para a luz e sentou-se atrás do homem, segurando-o com segurança. Eu olhei para ele para agradecê-lo, mas ele não me olhou de volta.

Não havíamos chegado tão perto desde o incidente no terreno, e esse momento voltou-me à força agora, enquanto eu ajudava meu paciente. Eu tinha deitado com homens antes, é claro, por muito mais tempo e em circunstâncias mais íntimas, mas não conseguia me lembrar de um único caso em que eu o quisesse debaixo de mim tanto quanto eu queria Aleksey. O que ele teria feito se eu não tivesse sido cruel? Não com raiva e magoado. O que ele faria agora se eu movesse um pouco a minha mão para onde ele estava nos ombros do meu paciente e o tocasse? Talvez ele levantasse seus olhos baixos para os meus e tudo seria compreendido e perdoado.

Eu comecei a deslizar minha mão para mais perto.

O abcesso explodiu para o acompanhamento de xingamentos de Aleksey e do jovem comerciante, e o momento foi perdido.

Eu me levantei, limpando minha faca. Eu não reconheci a ajuda de Aleksey de forma alguma.

Eu só queria ficar longe dele e ter algum tempo para pensar.

A ROYAL AFFAIR

Parecia incrível, mas eu finalmente tinha *beijado* Aleksey. Não importava quantas vezes eu dissesse para mim mesmo; não se tornou mais crível. A lembrança de sua língua sobre a minha era tão vívida que imaginei poder sentir de novo o ligeiro impulso de uma busca hesitante voltando-se para a alegria gananciosa. Eu não os sentira na época, mas agora conseguia me lembrar de suas mãos sobre meu corpo e onde ele me tocara, me chameando de novo. Tudo dentro de mim ardia; reprimido ameaçando entrar em erupção. Meus sonhos traíram meus desejos. Eu acordei em um estado muito óbvio, apesar do frio, e tive que me afastar bem do acampamento por algum tempo antes que eu fosse decente o suficiente para encontrar meus companheiros de viagem para o café da manhã.

Capítulo Dezoito

Aleksey estava estudando o mapa que os comerciantes estavam usando para navegar para o leste. Eu queria ver o caminho que deveria tomar para retornar a Hesse-Davia e daí para a Inglaterra, pois decidira que precisávamos nos separar o mais rápido possível. Eu me agachei ao lado dele e olhei para os rabiscos. — Onde estamos?

Ele parecia um pouco relutante em se envolver comigo, mas apontou para um lugar que estava marcado com pequenos arranhões, indicando a floresta. — Onde estávamos quando saímos dos nossos companheiros?

Mais uma vez, ele indicou um lugar. Eu medi a distância, calculando a distância e o tempo percorrido, e tentei estimar quanto tempo levaria, em uma rota direta, para retornar ao castelo. Ocorreu-me que eu poderia partir para a Saxefalia na Inglaterra, mas deixara minha moeda e cartas de referência de volta aos meus aposentos na bagunça dos oficiais, por isso relutei muito em voltar para a Inglaterra apenas com as roupas em que eu estava. Depois de um momento, Aleksey disse em uma voz neutra: — Esta é a península que eles tomaram. — Eu não respondi. Ele esperou por um momento, depois continuou: — Esta é a rota que eles estarão reforçando. Suas tropas terão que passar por aqui. — Ele apontou para uma linha sinuosa, que parecia muito próxima da nossa localização atual. Ainda não dei resposta. — Poderíamos descobrir a força e a disposição de suas tropas se assistirmos daqui.



A ROYAL AFFAIR

— Você poderia, sim. Eu estarei indo nessa direção... para casa.

Ele hesitou por um longo tempo, olhou ao redor para se certificar de que não éramos ouvidos, então disse: — Tecnicamente você ainda está no exército, doutor. Isso seria, tecnicamente, deserção.

Eu não ri disso totalmente. Eu me considerava um homem de honra, e a deserção não era algo que qualquer homem gostasse de ter ligado ao seu nome. — Qual é a punição pela deserção? Tecnicamente.

— Morte. Mas você tem uma comissão *honorária*, então eu não acho que você seria jurado se as circunstâncias exigissem o contrário.

— Quem decidiria essas coisas?

— Bem, eu suponho.

— Uh-huh. E quais seriam as circunstâncias que informaram sua decisão?

— Eu suponho o quanto eu senti que eu era culpado por sua decisão de sair. — Ele olhou para mim pela primeira vez desde os terríveis acontecimentos do dia anterior. — Você vai me dar algum tempo para decidir? Cavalgue comigo até aqui...? — Ele apontou para um lugar no mapa onde minha rota para casa cruzava com o destino pretendido. — E então você pode sair se ainda quiser... Mas, claro, se você quiser sair agora, eu não vou parar você.

— Você está sendo incomparavelmente complacente.

Ele fez um de seus humores muito característico, e eu não o culpei. Ele estava sendo decididamente legal, considerando a maneira como eu o

A ROYAL AFFAIR

tratara. Eu imediatamente me arrependi de minhas palavras e meu desejo de antagonizá-lo e disse simplesmente: — Sinto muito. Isso foi desnecessário.

Ele parou no ato de levantar e se agachou novamente. — Eu estava apenas tentando... Você não fala a língua, Nikolai. E se você fosse parado por uma patrulha? Mesmo se você pudesse convencê-los de seu direito de estar em Saxefalia, isso poderia ser muito estranho para você e causar um atraso incalculável - como você está tão ansioso para sair, é isso...

Acho que essa foi uma maneira longa de dizer “eu ainda quero sua companhia; por favor não vá”. Pensei em tudo isso enquanto o observava despedir-se de nossos novos amigos e selar os cavalos. Eu estava checando meu paciente. Fiquei um pouco impressionado comigo mesmo com a visão de sua ferida limpa. Aleksey estava pronto. Montei Xavier e partimos em direção ao local que nos servia.

Depois de meia hora, começou a nevar. Eu estava congelando de novo, qualquer efeito bom que eu tive do fogo completamente desapareceu agora nesta planície aberta onde o vento cortava através de mim. Tentei imaginar o calor e o modo como o sol assa a terra na colônia - qualquer coisa que me enganasse que não estava tremendo. Assim quando eu havia me convencido de que estava estendido em uma pedra que estava quente embaixo de mim, ouvi Aleksey dizer: — A propósito, *não* foi uma aposta. Eu pensei que deveria te dizer isso. Mesmo que você decida ir, eu queria que você soubesse que não era uma aposta ou uma piada, e não sei por que você pensou que fosse.



A ROYAL AFFAIR

Sua voz tremeu um pouco. Eu assumi que era do frio. — Você disse isso, se você se lembra.

Ele franziu a testa. — Eu não acho que fiz. Por que eu diria que foi, quando acabei de dizer que não foi?

Eu não tinha resposta para isso, mas ouvira o que ouvira. Quando não falei mais, ele prosseguiu com alguma determinação. — Se eu disser agora que não foi uma piada, isso não torna as coisas bem entre nós novamente? Por que você está sendo tão teimoso, Nikolai? Não há culpa de sua parte. Eu sou o culpado e peço desculpas. Eu cometi um erro terrível em pensar que você iria... que você queria... que eu faria... oh, *pelo amor de Deus*, eu não vou rastejar. — Ele chutou o cavalo e avançou, então não podíamos falar mais.

Eu estava desesperado para acreditar nele. Por que eu iria querer continuar a pensar que ele me enganou e me humilhou, quando era muito melhor pensar que ele me queria e me beijara com desejo? Mas essas coisas não eram assuntos leves que pudessem influenciar um caminho e depois o outro, como se estivessemos discutindo política no refeitório. Isso era vida e morte para os homens - terrível e horrível morte. Não era um assunto que um homem poderia cometer um erro. Mesmo que um parceiro estivesse disposto inicialmente, essas coisas poderiam ativar um olhar ou uma palavra mal colocada, e alguém com quem você compartilhava seu corpo poderia se transformar e denunciar você pelas mesmas coisas que ele desejava. Embora Aleksey tenha dito que não quis dizer isso como uma brincadeira, isso não me diz o que ele *queria* dizer com isso. Resolvi perguntar a ele. Eu consegui pegar ele. Enquanto eu estava me



A ROYAL AFFAIR

aproximando, ele parou, estendendo a mão para indicar que eu deveria parar. Estávamos olhando para baixo, do pequeno ponto de observação de um cume em um vale amplo e raso. Estava cheio de tropas em uma coluna longa e amarrada.

— Meu Deus, é o exército deles?

Ele acenou com a minha pergunta estúpida. — Eles estão indo defender a península.

— Quantos você acha que existem?

Ele parecia estar contando, então respondeu estranhamente: — Não o suficiente.

Antes que eu pudesse questionar isso, houve um grito. Os cavaleiros giravam e circulavam uma carroça. Havia um homem preso sob uma roda. Eu vi alguns soldados desmontarem e agarrarem seus ombros, tentando puxá-lo para fora. Seus gritos eram lamentáveis. Eu jurei e chutei Xavier em direção à encosta.

— *Nikolai, não.*

Eu o ignorei. Ele disse que eu poderia sair se quisesse. Tanto quanto eu estava preocupado, isso significava que eu estava livre de Aleksey me dizendo o que fazer.

Cheguei na carroça e deslizei do cavalo. Eu tinha esquecido que não falava a língua. Procurei um oficial e falei com um provável candidato. — Senhor, você fala francês? — Ele assentiu e respondeu que sim, um pouco. Eu expliquei que eu era médico. Ele parecia excessivamente satisfeito com

A ROYAL AFFAIR

isso e pegou meu braço e apontou para o homem, que agora estava gritando e soluçando tristemente. Ajoelhei-me ao lado dele. Ele estava tentando remontar uma roda que se soltou na lama. Ele havia apoiado a carroça cheia de sacos, com uma estaca muito mal posicionada. Não surpreendentemente, isso havia escorregado e a coisa toda caíra em cima dele. A tentativa de arrastá-lo para fora havia piorado as coisas. Eu tirei meu casaco. Eu precisava rastejar para ver qual era o dano. Eu me contorci através da lama fria, e o que vi me fez virar o rosto por um momento, acostumado com o sangue. A carroça quase cortara o homem ao meio. Outros poucos centímetros o teriam separado inteiramente da pélvis e das pernas. Que ele ainda estava vivo era um infeliz e irônico milagre: o lado de madeira da carroça estava temporariamente mantendo seu sangue e órgãos dentro de seu corpo. Argumentei que o choque estava bloqueando a maior parte da dor, mas essa bênção não duraria por muito tempo.

Eu me arrastei de volta e tentei explicar ao oficial o que havia acontecido. Ele não parecia entender meu significado e estava claramente esperando por mim para realizar alguma maravilha médica. Fiz uma careta e disse com mais firmeza: — Il est déjà mort, Monsieur. Maintenant. *(Ele já está morto, senhor. Neste momento)* — Eu senti alguém ao meu lado. Aleksey. Ele ouviu o que eu disse, olhou para mim, para o pobre homem, e então começou a falar com o oficial. Eu interrompi urgentemente: — Diga a ele que a lesão é muito ruim - que ele não pode sobreviver.

— Eu vou. Cala a boca por um momento. — Conversamos em inglês e esperei impaciente enquanto ele traduzia. O policial disse algo em troca e



A ROYAL AFFAIR

Aleksey se virou para mim. — Ele quer saber o que você está pretendendo fazer.

Eu assenti. Eu fui até o homem e embalei sua cabeça em meus braços. — Diga a ele que tudo vai ficar bem, que ele está apenas um pouco ferido e que eu sou um médico e vou ajudá-lo.

— O que...

— Diga à ele.

Aleksey se agachou e começou a traduzir. Os olhos do homem se arregalaram e se fixaram em mim com um olhar que me fez querer chorar. Essa esperança deslocada. — Diga a ele para fechar os olhos.

Depois de uma breve pausa, Aleksey acrescentou isso. O homem fechou os olhos com total confiança na minha capacidade de salvá-lo. Eu suponho que fiz isso de certa forma. Eu peguei a faca da minha bota e passei com força e sem hesitação em sua garganta. Eu cortei fundo e com certeza. Eu já havia feito isso muitas vezes antes, por diferentes razões, e conhecia a sensação de acordes e tendões se abrindo ao beijo da minha lâmina.

Eu ouvi uma agitação de raiva ao meu redor. Aleksey estava muito pálido e claramente não esperava esse resultado. Ele se levantou rapidamente e se dirigiu para os soldados furiosos. Eu deixei cair a cabeça do homem morto e me levantei também. O oficial estava olhando entre a multidão cada vez mais irada e eu. — Quem é você, doutor, e quem é seu companheiro?

Eu me aproximei rapidamente. — Eu sou um médico viajando da Inglaterra para a corte do czar. Este é meu servo. Nós encontramos alguns

A ROYAL AFFAIR

comerciantes ontem à noite que nos informaram que poderíamos ser capazes de reabastecer nossos suprimentos se nos encontrarmos com seus vagões. Como você pode ver — acenei para nossos dois cavalos — perdemos nossos suprimentos em um ataque de bandidos alguns dias atrás. Tem sido uma jornada muito fria desde então.

Ele assentiu, olhando entre nós. Rezei para que Aleksey não escolhesse esse momento para afirmar sua verdadeira posição. Eu até pisei um pouco na frente dele, então o oficial estava falando apenas comigo.

Fomos levados para uma tenda de comando. Outro oficial me questionou. Ele também falava um pouco de francês e um pouco de alemão, por isso pudemos confundir nossas várias perguntas e respostas. Finalmente ele consultou por um tempo com seu subordinado mais novo e então disse: — Doutor, você nos encontrou em um dilema. Nós perdemos nosso médico ontem para uma queda em seu cavalo. Podemos persuadi-lo a ficar conosco e ministrar aos homens? Vamos recompensá-lo pelo tempo e inconveniência, é claro. Este não é um bom momento para você estar viajando, especialmente através dos confins da Rússia, que são intransitáveis durante o inverno. Fique conosco até a primavera e retome sua jornada.

Eu levantei minhas sobrancelhas em surpresa. Eu não esperava isso. Eu me curvei levemente. — Posso ter um momento para considerar sua oferta muito gentil, senhor? — Eu pisei fora e encontrei o meu “servo” segurando os cavalos e olhando ao redor do acampamento com grande interesse. Eu me aproximei dele e disse em voz baixa, enquanto aparentava apertar a



A ROYAL AFFAIR

cintura de Xavier: — Fui convidado a me juntar a eles como médico. O que você acha? Não é uma boa oportunidade para descobrir seus planos?

Ele me deu um olhar incrédulo. — Você foi solicitado a ser seu médico com a força de cortar a garganta de um homem! Eu poderia ter feito isso!

— Mas *você* não teria. Como todos os outros homens, você teria tentado ajudá-lo, e isso o teria matado mais devagar e muito mais cruelmente. É mais difícil ser desapegado do que ser gentil. Mas concentre-se nisso agora. O que você acha da oferta deles?

— Oh, você decide. Agora sou seu *servo*, afinal de contas.

— Aleksey, se você não deixar de ser um bebê assim, vou tratá-lo de acordo, colocá-lo sobre meu joelho e espancá-lo aqui e agora. Você é meu príncipe e meu general ainda. *Você* decide. Esta é *sua* missão. — Eu era bom em bajulação e desapego. Foi só um pouquinho antes que eu decidi não respeitar o que sua alteza pensava sobre qualquer coisa, mas essa parecia ser uma boa oportunidade para mim, e eu não queria vê-lo perder para me irritar. Relutantemente, ele assentiu. Voltei para a tenda de comando e contei a eles sobre minha decisão.

Em poucos dias, portanto, eu saí de viajar com um exército como médico e dividir uma barraca com Aleksey para viajar com um exército como médico e dividir uma barraca com Aleksey. Fora isso, estávamos indo para o oeste e não para o leste, havia pouca diferença. Não era um amigo em particular do general desse exército, não fui incluído em grupos de ordens de oficiais nem falei sobre planos e estratégias. No entanto, não foi difícil obter uma enorme quantidade de informações úteis do simples uso de



A ROYAL AFFAIR

olhos e ouvidos. Fora uma vantagem não planejada para nós quando reivindicara Aleksey como meu criado, pois isso permitia que ele andasse por ali, com os olhos baixos, ninguém percebendo nada e conversando com os soldados comuns. Como em qualquer exército, soldados comuns sempre sabem o que está acontecendo, mesmo que seus oficiais não percebam isso. Ao manter os olhos abaixados sempre que um oficial aparecia, ele também de bônus era capaz de esconder os olhos verdes.

Ele estava preocupado com algo que ele viu. Demorou até a noite seguinte, antes que eu pudesse persuadi-lo, já que eu não acho que nenhum de nós poderia lembrar se estávamos falando ou não, então aparentemente decidimos a mesma opção de não ser o primeiro a quebrar o impasse. Finalmente, no entanto, eu apenas perguntei a ele enquanto nos deitávamos lado a lado em nossas camas. — O que você aprendeu? Alguma coisa útil? Não podemos levar essa mentira por muito mais tempo antes que as suspeitas sejam despertadas.

— Por que alguém suspeitaria de nós?

— Você é um servo terrível; é por isso. O que você descobriu?

— Não há o suficiente deles; foi isso que descobri.

Eu me virei de lado, apoiando minha cabeça na minha mão. — Eu não teria pensado que qualquer general iria querer *mais* inimigos.

— Eu não. Quero saber onde os *que* existem estão. O exército deles é muito maior que isso, Niko. Onde eles estão todos? Seus números de cavalaria aqui são risíveis. A infantaria que posso ver consiste em apenas

A ROYAL AFFAIR

dois batalhões. Mas logisticamente eles estão configurados para três vezes esse número.

Eu não tinha ideia do que isso significava em detalhes, mas eu tenho uma visão geral. — Você acha que isso é um truque? Que a sua principal ideia está em outro lugar?

Ele assentiu, satisfeito por ter suas suspeitas faladas em voz alta. — Eu preciso acessar a tenda de comando. Eu *preciso* ver os mapas deles. Eu não acho que eles tenham qualquer intenção de defender a península.

Eu pensei por um momento. — Talvez eles não quisessem isso em primeiro lugar.

— O que você quer dizer? — Ele se virou de lado também. Estávamos a centímetros de distância um do outro, falando em voz baixa.

— Eu vou te mostrar. — Sentei-me de pernas cruzadas, de frente para ele, e estendi a mão, colocando-a no quadril levantado. Sob sua camisa solta, era ossudo e afiado. Seus olhos rastrearam o movimento e ficaram firmemente presos a esse pequeno contato. Eu deixei minha mão viajar até a frente de suas calças. Ele definitivamente estava se concentrando agora. — Vê? — Ele se virou para olhar para mim, uma pergunta em seu rosto, e então ele sentiu a faca em sua garganta.

Ele engoliu em seco. — Não esperava isso.

— Eu não pretendia que você fizesse isso. Eu mantive você agradavelmente distraído por acariciar seu quadril.

— Eles estão acariciando meu quadril — ele murmurou.



A ROYAL AFFAIR

— Sim, eu acredito que, metaforicamente, eles têm.

— Então, onde está a faca deles?

— Você não tem mais exército agora em Hesse-Davia... — Ele se sentou e xingou. Eu coloquei a mão em seu braço para contê-lo. — Você está certo, Aleksey, precisamos entrar na tenda de comando. Seria tripulada à noite?

— Sim. Ou guardada, pelo menos.

— Então devemos criar uma distração, tirar os guardas e ter acesso. Quanto tempo você precisaria?

— Eu não sei! Eu devo ler os planos, não levá-los. Eles devem continuar acreditando que seu engano é bem-sucedido. Mas tudo isso só pode ser um erro de cálculo da minha parte. Talvez eles tenham reduzido o número do exército desde que eu morei aqui.

— O que o seu intestino lhe diz?

Ele agonizou sobre isso por um momento, depois disse: — Que nós fomos jogados por tolos.

— Tudo bem então. Nós não podemos fazer nada sem planejamento. Durma hoje à noite, e vamos descobrir uma maneira de criar um desvio amanhã e colocá-lo em prática amanhã à noite, quando a tenda de comando for erguida novamente.

— Eu preciso ter tempo para *ler* os planos, Niko. E estudar os mapas. Terá que ser uma boa diversão.



A ROYAL AFFAIR

Deitei-me de novo pensando em várias estratégias. — É uma pena que você não tenha trazido Faelan para essa missão. Um lobo enlouquecido no acampamento teria sido uma boa diversão.

— Eu imploro seu perdão, mas Faelan não *enlouquece*. Além disso, dificilmente poderia trazê-lo, poderia? O príncipe Christian de Hesse-Davia é conhecido por ter um lobo manso, tenho certeza, mesmo na Saxefalia.

— Deve ser bom parecer tão grande em sua própria imaginação.

Ele não respondeu a isso, mas deitou-se de braços cruzados, olhando para o teto da tenda. Eu me virei do meu lado e decidi dormir. Não era para ser assim. Quando eu estava na beira da longa queda, ele disse: — Diga-me, Nikolai, por que você reagiu daquele jeito quando eu beijei você. Eu estive pensando em você o dia todo e concluí que alguém deve ter machucado você uma vez muito mal para você reagir assim. Estou certo?

Eu mantive minhas costas para ele. — Eu não quero falar sobre isso.

— Eu planejei com tanto cuidado, você vê, eu fingi que iríamos em uma missão de espionagem. Nós estávamos completamente sozinhos, mas você ainda achou que era um jogo como os soldados jogam no acampamento para entreter seus companheiros. Como poderia ter sido, sem ninguém para testemunhar o que fizemos, mas nós mesmos? Que era minha intenção.

Eu me virei para encará-lo. — Isso foi um truque? Esta missão? Para nos deixar sozinhos?



A ROYAL AFFAIR

Ele assentiu. — Estou perdendo minha fé nas minhas habilidades militares. Meu plano era um fracasso retumbante.

— Eu não diria isso. Estamos dormindo no coração do inimigo, agora desconfiados de seus planos e prestes a ter essas suspeitas confirmadas.

— Eu não estava me referindo a esse plano. Eu quis dizer o meu plano para seduzi-lo.

Eu acho que meu rosto deve ter dado o meu choque com suas palavras. Ele encolheu os ombros. — Não tenho nada a perder em admitir agora - agora que falhou. Eu pensei erroneamente que você gostaria de receber meu beijo. Eu nunca tentei seduzir ninguém antes. Eu claramente não sou muito bom nisso.

Deitei de novo para me dar uma pequena distância. — Você parecia estar administrando muito bem no bordel.

Houve uma pausa distinta. — *Você* tem de seduzir prostitutas? Eu apenas as pago.

Eu fechei meus olhos, mais distância. — Você está me dizendo que sua única experiência foi com prostitutas?

— Quem mais seria? Eu sou um príncipe. Eu dificilmente posso desgraçar minha posição com as jovens da corte... que eu não teria que pagar... suponho.

— Eu quis dizer... com homens.



A ROYAL AFFAIR

Ele sentou-se, olhando para mim. — Homens! Eu nunca sequer considerei isso antes. Para ser honesto — ele se jogou teatralmente de volta na cama — eu não acho que vou voltar. É muito confuso.

— Você não é... íntimo de Johan?

Ele se virou para mim, espanto em seu rosto. — Ele já lhe *disse* que eu não sou. Ele *lhe* disse, sim? *Ele me disse que ele havia lhe contado!*

Eu pensei nessa confusão de palavras por um momento. — Johan é uma bobagem.

Ele riu. — Eu gosto quando você amaldiçoa assim.

— Então você é um menino muito mal, pois é um sinal de uma vida dissoluta passada entre os homens maus.

— Diga-me, por favor, Niko. Quando você... atacou assim, você me fez lembrar de um cachorro que encontrei uma vez no portão do castelo. Fui acariciá-lo e isso me mordeu. O guarda disse que ele havia sido chutado uma vez e que nenhum ato de bondade agora para ele era tolerado.

Eu me virei mais uma vez, então estávamos cara a cara. Eu olhei para aqueles olhos sedutores. Eu mordi meu lábio, pensando. — Eu nunca contei a ninguém. É difícil falar disso.

— Eu não sou ninguém. Eu sou eu. Diga-me.

Eu sorri e algo aconteceu entre nós com aquele sorriso: calor, uma conexão. Ele pegou minha mão, brincando com meus dedos, observando-os ao invés de mim, e isso me deu o espaço que eu precisava para falar. — Eu morei com os Powponi por catorze anos, embora não tivesse como



A ROYAL AFFAIR

avaliar isso na época. Eu descobri mais tarde a partir de registros do meu nascimento, que eu encontrei na minha antiga paróquia na Inglaterra. Eu tinha vinte e...

— Três anos mais novo que eu.

— Sim. Três anos mais novo que você. Muito jovem e imaturo, portanto. Havia muitas colônias se estabelecendo no litoral. Algumas conseguimos dissuadir de se instalar...

— Dissuadir?

Suspirei. — Nós os massacrados. Satisfeito?

— Eu sinto muito. Continue.

— Mas então eles eram muitos. Como um enxame, não poderíamos lutar contra isso. Nós nos adaptamos e começamos a negociar com eles. Eu conheci um homem. — Parei e o vi mais uma vez em minha mente: James Harcourt. Isso não seria fácil. Eu decidi encurtar o conto. — Ele gostou de mim, viu o que eu era...

— Um cativo branco?

— Não, Aleksey, não isso. Use sua cabeça. Ele queria que eu voltasse para a Inglaterra quando ele navegasse. Eu esqueci de dizer que ele era o primeiro companheiro de um baleeiro. Eles haviam desfrutado de uma viagem muito bem-sucedida e estavam voltando para Plymouth. Eu queria... - *ele* - ...ver o mundo. Eu o acompanhei. Ele não era...

— Niko.

A ROYAL AFFAIR

— O que?

— Apenas me diga. Feche seus olhos e apenas diga.

— Você quer saber? Tudo bem, eu vou te dizer. Assim que saímos, ele me levou e, quando terminou comigo muitos dias depois, me vendeu para seus colegas de equipe com preços excelentes sempre que podia fazer uma venda. Foi uma longa viagem de volta à Inglaterra. Então você está aí. É por isso que eu não viajo de navio, e é por isso que eu... — Eu me joguei de costas, zangado, sofrendo novamente a dor não apenas do horror físico que eu suportara, mas também da memória da dor emocional. Até aquela viagem, eu nunca havia permitido outro homem dentro do meu corpo. Minha sensação de sempre ser um estranho com o Powponi, sempre tendo que me provar o mais forte, o mais rápido, o mais *selvagem*, também me levou a ver ser tomado como feminino, prova de que eu não era o guerreiro que queria ser. James Harcourt e sua equipe não apenas machucaram meu corpo, eles destruíram o meu senso de mim mesmo.

Eu me apaixonei e pensei que o amor seria todo o meu mundo.

Aleksey não disse nada por um longo tempo. Quando ele fez, ele colocou uma mão gentilmente no meu rosto e virou-o, então eu fui forçado a olhar para ele. — Eu era apenas um garoto quando encontrei o cachorro. Eu acreditei no guarda e fiquei com raiva por causa do meu braço - onde ele me mordeu. Eu o evitei desde então. Agora que sou homem, retornaria a ele dia após dia até que ele confiasse em mim. — Ele se inclinou e desajeitadamente me beijou, apenas não acertando a minha boca. Ele

A ROYAL AFFAIR

mudou de posição, e então seu beijo foi perfeito. Ele deve ter provado o sal em minhas bochechas, porque ele beijou meus olhos.

Eu queria a boca dele na minha mais uma vez e mostrei-o, virando e agarrando-o, forçando-o de volta. Ele abriu a boca primeiro, sua língua procurando a minha. O toque foi carregado quando veio, aquela faísca mais uma vez acendendo o fogo que estava abaixo. Eu me movi para o seu colchão, deitando sobre ele, nossos beijos se tornando quase dolorosos em sua intensidade. Eu podia sentir a excitação urgente de um homem muito jovem contra mim. Sentia como se eu estivesse esfregando contra o cabo de sua espada, tão sólido e duro que nossos beijos o fizeram. Eu estava perto de desgraça. Eu precisava parar ou ir a lugares que estavam muito além de sua compreensão ainda. Este foi seu primeiro beijo de verdade com um homem. Eu sabia que seria esmagador para ele. Eu comecei a suavizar a intensidade. De boca aberta com as línguas engajadas virou-se para beijos suaves ao redor de seus lábios, mas ele não estava tendo nada disso. Ele me puxou para mais perto, contorcendo-se debaixo de mim, toda a boca e língua novamente. Eu sorri para os beijos, mas murmurei: — Aleksey... é o suficiente. Fique calmo ou... você vai me desfazer.

— Eu *quero que* você derrame sobre mim.

Eu dei a ele um olhar severo. — Isso dificilmente serve para um príncipe ou general pensar ou dizer.

— Eu não sou nenhum dos dois. Eu sou seu servo, Niko, ou você esqueceu? — Ele deslizou a mão entre nós e começou a soltar meu calção.
— Deixe-me vê-lo.

A ROYAL AFFAIR

Eu o beijei um pouco mais, principalmente para distraí-lo para que pudesse pensar. Eu queria isso há tantos meses; Por que eu estava hesitando agora? Eu não tinha dúvidas de que poderia levá-lo. Ele era urgente, jovem, impensado em sua paixão. Como eu tinha sido uma vez. Mas desta vez e lugar não era o que eu queria ou precisava. Essa coisa entre nós era uma distração agora. Ele não tinha ideia do impacto do que ele estava pedindo. Ele ficou impaciente e empurrou-me para o meu próprio colchão para que ele pudesse usar as duas mãos nos meus cadarços, e logo ele teve sua recompensa. Seus olhos se arregalaram ao ver-me, exposto, inchado, vazando. Meus olhos se fecharam. Eu estava perdido para a sensação de suas mãos sobre mim - para o pensamento de que seus dedos me tocavam lá. Ele não precisava de nenhuma habilidade ou experiência para o que ele conseguiu então. Eu teria libertado de sua mera presença sozinho. Eu gritei enquanto disparava alto e longo. Eu ouvi seu gemido suave de prazer com a visão, mas quando fui liberá-lo, descobri que tinha sido mais do que apenas prazer com a minha liberação.

Ele enterrou o rosto, envergonhado, no meu peito. — Eu sinto muito. Eu estava muito ansioso.

Eu ri. Essas coisas aconteciam. Eu fiz para tranquilizá-lo, mas ele já estava dormindo.

Eu planejei ficar acordado para não desperdiçar esta primeira noite de ter tal prazer incrível. Ele estava deitado com a cabeça no meu peito, meus dedos em seus cabelos, e eu senti uma leveza de coração que me iludira desde a infância. Talvez os sábios estejam certos: um problema compartilhado é dividido pela metade. Eu nunca havia contado a ninguém

A ROYAL AFFAIR

sobre aquela viagem fatídica à Inglaterra. Eu ainda não contara a Aleksey todo o horror e possivelmente nunca diria, mas naquela cama, com meus dedos no seu cabelo, quase me lembrava dos rangidos de madeira sem uma onda instantânea de doença e tontura, como se um convés rolasse embaixo de mim comigo deitado humilhado e com dor. Adormeci ainda nas entranhas do navio em minha mente e acordei uma vez com o familiar pesadelo, mas dessa vez não chamei nem acordei meu companheiro dormindo, o que era bom. Apreciei essa novidade de acordar com outro no meio da noite e senti pena de quem considerava essas coisas naturais: o conforto do calor, a sensação de segurança e paz. Foi uma grande novidade para mim e ainda mais preciosa por isso. Fiquei tentado a acordar meu general adormecido e ver que ordens eu poderia tirar dele, mas estávamos em um lugar de perigo considerável, se pudéssemos ser descobertos, não apenas espões inimigos, mas fornicadores da pior espécie. Você só pode ser condenado à morte uma vez, é claro, mas eu não tinha a menor intenção de isso acontecer agora para Aleksey ou para mim.

Acordei novamente com os sons familiares de um acampamento de homens se mexendo. Aleksey estava acordando também. Nós estávamos ambos naquele meio momento entre o sono e a plena consciência quando os pensamentos se juntam e as memórias retornam. A nossa retornou para nós ao mesmo tempo. Minha cautela da noite foi superada pela minha familiar urgência matinal. Com um gemido de prazer, nossas bocas se juntaram, as mãos procuraram e se atrapalharam. Eu estava determinado esta manhã a vê-lo, pois ainda o desejava e desejava muito. Quando liberado de sua calça, seu pênis era de fato uma maravilha. Todos os homens têm

A ROYAL AFFAIR

um grande interesse e orgulho em seu pau. Você pode ver uma prova disso nos mais jovens de nosso gênero, se pavoneando e esperando ser admirado antes mesmo de estarmos cientes do propósito. Eu nunca conheci uma mulher, prostituta ou não, que dá ao homem tanta admiração de seu pênis quanto ele acha que merece. Esta foi a primeira vez que Aleksey tinha genuinamente seu pau admirado como realmente merecia. Foi, como eu disse, uma coisa de incrível beleza: longo, pálido até a ponta, onde se transformou em um rosa escuro, traíndo sua excitação. Ele também me libertou. Um homem não pode fingir interesse ou prazer ou excitação. Meu intenso prazer em nossa atividade era tão evidente quanto o dele. Em um virar dos meus quadris, eu nos reuni na minha mão. Ele não falou, mas observou, depois arqueou e gozou. Tinha uma novidade tão grande ligada ao ato que ficamos admirados com o que fizemos, como se fôssemos os primeiros homens a acordar juntos em uma cama e a fazer tal coisa.

Voltamos a nos beijar, mas não tivemos tempo. Foi incrivelmente frustrante ouvir os sons crescentes de desmontagem. Eu tive uma imagem momentânea de nossa tenda sendo deixada isolada em um campo vazio e devastado e nos deixando beijando por dentro. Não faria. Aleksey foi o único a nos separar, sua mão saindo pegajosa de nossos paus, seus lábios nos meus para sussurrar: — Temos que parar.

Fiquei feliz por ele ainda ser ele mesmo: general e príncipe. Qualquer outra coisa teria sido falsa, e eu tinha sido falso antes. Eu balancei a cabeça, e estávamos todos ocupados: convocando água quente e tentando lavar o pecado da noite. Isso não foi fácil, porque a calça de Aleksey ainda estava úmida de seus derramamentos e minha camisa estava encharcada, mas eu

A ROYAL AFFAIR

sabia que não seríamos os únicos homens assim, só que nossa ruína tinha uma procedência singularmente *compartilhada*. Não afirmo que éramos inteiramente profissionais ou nos comportávamos apenas como amigos, como tínhamos na longa marcha que dividíamos uma tenda em *seu* exército. Nós apreciávamos uma grande quantidade de brincadeiras com a água.

Começou inocentemente quando ensaboei minhas mãos, peguei meu pau e comecei a ensaboá-lo. Estava naquele lugar entre duro e totalmente macio, apenas de pé orgulhoso nas minhas coxas, mas não pronto para a ação.

Aleksey se aproximou e, mantendo meu olhar com seus penetrantes olhos verdes, murmurou timidamente: — Esse é meu trabalho, *Mestre*.

Havia mais lavar depois disso.

Ele agarrou meu pau duro e continuou a ensaboar, mas mais lento agora, e com uma intenção diferente de mim. Ele não conseguia manter meu olhar, mas deixou seus olhos gananciosos viajarem para baixo para ver o rosado liso aparecendo e desaparecendo em seu punho apertado. Ele deu um pequeno suspiro. Eu pensei que ele pararia e não poderia ter tolerado a cessação do prazer, pois todo o meu corpo estava curvado e tenso e urgente agora para alívio. Mas ele só fez uma pausa para aplicar um dedo na ponta do meu pau, para entrar no meu prepúcio e girar em torno de lá como ele deve fazer com o seu próprio, e eu encontrei seu dedo e sua mão, e minha liberação se misturou com o sabão e água e obrigou-nos a começar de novo.

A ROYAL AFFAIR

Ele realmente começou a me lavar corretamente, mas eu peguei seu pulso de brincadeira. — Você é um servo malcriado. Você deveria ter um caráter bom e honesto...

Ele pegou o teor das minhas palavras. Ele recuou um pouco, sorrindo, e me deixou ver que ele estava realmente de pé. Meus joelhos enfraqueceram com um desejo quase instintivo de cair naquele membro rígido. Eu não tive a chance. Enquanto eu gemia de gratidão, olhando para seu pênis, ele jorrou, a semente ansiosa de um jovem soltou-se apenas da admiração, enquanto ele ria de sua própria tolice e da expressão em meu rosto quando seu creme espesso salpicou minha camisa.

Os casacos cobriu-nos o suficiente para sair da tenda. Nossos sorrisos irônicos e privados passaram despercebidos no caos geral organizado que sempre acompanhava um exército. Encontramos nossos cavalos e montamos. Lembrei-me de pensar em como a terra parecia brilhante, como era bonita a Saxofalia e como as cores do inverno eram intensas.

Se eu não soubesse que estava apaixonado por Aleksey antes desse momento, eu teria sabido então. Mais uma vez experimentei aquela estranha intensificação de luz ao redor dele, como se o sol parasse em sua órbita para brilhar sobre ele sozinho. Quando ele virou a cabeça para mim e me disse alegremente que queria montar e andar e nunca parar até que ele estivesse como um com o vento, para mim parecia como se ele se



A ROYAL AFFAIR

movesse mais devagar que o resto do mundo, como se seu sorriso levou um tempo para desaparecer.

Nós montamos em um senso de consciência aumentada de todas as coisas que incitam os nervos e corações correndo. Como alguém não percebeu o que estava agora entre nós, eu não sei. Eu não conseguia olhar para ele sem sorrir e encontrar alguma desculpa para tocá-lo: uma encadernação que exigia conserto, talvez seu casaco precisava de ajuste. Ele, da mesma forma, não andava atrás de mim como um criado, mas ao meu lado, e ele garantiu que nossos cavalos estivessem pertos no caminho, suas coxas constantemente roçando as minhas. E os olhos dele – era muito para jogá-los docilmente naquele dia. Eles estavam vivos com prazer. Eram as coisas mais verdes sob todo o céu de Deus, pois a geada embranquecia seu rival naquele dia. Eu queria dizer a ele para ser mais circunspecto, mas não podia. O homem faminto engoliu todo pedaço oferecido a ele e não tinha intenção de jejuar nunca mais.

Capítulo Dezenove

O Aleksey quase nos entrega naquele dia. Eu finalmente lutei com ele que ele não deveria estar me dando esse olhar, mas ele apenas riu e continuou olhando para mim, considerando-me, pensando em mim. Eu olhei ao redor, desanimado. — Essas coisas devem permanecer discretas entre os homens, Aleksey, como você está bem ciente. Pare com isso ou eles suspeitarão.

— Eles só vão pensar que, como meu mestre, você talvez tenha me dado um... aumento. — Ele riu de sua própria inteligência. — O que você tem.

— É suficiente. Mantenha a habilidade de sua língua para coisas mais íntimas. Lembre-se, eu me deitei com os homens mais habilidosos: guerreiros. Eu gostaria que *você* exibisse a mesma habilidade mais tarde.

Isso o calou, como eu pretendia. Ele ficou de mau humor por algum tempo, depois disse falsamente: — Acho que você terá que ser meu mestre de verdade nisso, Niko. Você terá que me ensinar, porque eu sou totalmente ignorante de tais coisas.

Que homem podia ouvir tal declaração de um belo rapaz ao lado dele e ficar indiferente? Eu certamente não podia. Eu estava completamente desfeito pela imagem que despertou em minha mente: nós deitados juntos, eu ensinando-lhe as coisas que eu queria que ele soubesse e fizesse. Tossi, balancei o cavalo e disse-lhe que ia dar uma olhada na fila em busca de



A ROYAL AFFAIR

ideias para um desvio. Ele ainda estava rindo de sua própria esperteza enquanto eu partia. Decidi nunca subestimar Aleksey novamente em nossos assuntos pessoais.

Eu encontrei o que eu deveria usar como minha distração com muita facilidade por meio do cheiro e deslizei doente do meu cavalo e vomitei na terra gelada. Eu assustei alguns nas carroças, eu acho, mas eu não pude explicar a eles porque o cheiro de óleo de baleia me fazia assim. Havia barris deles, usados para acender as lamparinas, e era exatamente o que eu precisava.

Eu reconectei novamente com Aleksey após algumas pesquisas consideráveis. Como havíamos combinado antes, ele havia ajudado o pequeno contingente de guardas designados para a tenda de comando e as tendas dos oficiais superiores. Ocorreu-nos que, se eles se familiarizassem com ele, então sua presença ao redor da tenda, caso fosse descoberta, poderia ser explicada como uma aberração, em vez de um stratagema deliberado. Ele os levava um pouco de pão e cerveja e estava sentado em sua carroça, dividindo esse pequeno banquete, com o cavalo amarrado na parte de trás. Deve tê-lo deixado louco por estar tão perto dos próprios mapas e planos que ele queria ler, mas eles estavam guardados em caixas na carroça, e ele teria que esperar até a noite.



A ROYAL AFFAIR

Eu o repreendi como um mestre faria num servo por ser tão preguiçoso e ganancioso e exigi que ele me acompanhasse em minhas rondas das filas para verificar se havia alguma doença ou ferimento. Ele desceu, retornando os comentários irreverentes dos guardas e subiu em seu cavalo. Qualquer oficial observador poderia ter notado que o criado deste médico cavalgava um soberbo cavalo de batalha, mas eu já havia decidido explicar, se questionado, que tínhamos conseguido libertá-la dos bandidos que haviam roubado nossos suprimentos.

Saímos juntos um pouco para conversar em particular. Contei a ele sobre a descoberta dos barris de óleo e ele achou que o meu plano para acendê-los era bom. Ele observou meu rosto de perto e eventualmente perguntou: — O que está errado, Niko? Você não parece bem.

Eu descartei suas preocupações, dizendo apenas que o cheiro era muito forte e que qualquer um acharia isso. Ele assentiu com tristeza e colocou a mão na minha perna. — Eu encontraria esses homens, Nikolai, e eles sofreriam mais punição nesta vida do que eles certamente encontrarão na próxima.

Eu dei um tapinha na mão dele. — Aleksey, eles já têm. Eles estão todos mortos. Agora devemos continuar nossa ficção de médico e servo até o anoitecer. Venha, acredito que há um homem com fissuras anais esperando minha atenção. — Eu reprimi meu sorriso. Pobre menino. Ele era muito, muito divertido de brincar.

Fiquei fora da tenda dos oficiais naquela noite na hora do jantar. Eu não sentia que nossa decepção duraria muito mais tempo, e eu não queria ser

A ROYAL AFFAIR

questionado muito de perto em minha jornada para Saxefalia. Nosso plano era relativamente simples: eu acenderia um fogo no óleo; Aleksey correria para a tenda e diria aos guardas que todo o acampamento estava ameaçado, empregando, por uma vez, suas habilidades teatrais. Quando eles saíssem, ele entraria na tenda, encontrava as informações de que precisava e se juntava a mim esperando com os cavalos.

O que poderia dar errado?

Primeiro, não consegui acender o óleo. Eu tinha pensado que criar uma faísca contra o topo aberto de um barril faria com que tudo se intensificasse. Eu estava esperando uma chama enorme e estava piscando, segurando para trás, estremecendo, mas... nada. Não acendeu. Eu só tinha alguns momentos antes que alguém aparecesse. Eu pensei no pavio e me amaldiçoei por ser tão estúpido. Enfiei uma tira da minha camisa no cano, encharquei e acendi com facilidade. Eu a segui pela borda do barril e corri dali.

Eu esperava uma explosão e um clarão de chamas. Não contei com o óleo que estava sendo armazenado perto da tenda em que a pólvora estava empacotada.

A primeira vez que eu soube do meu sucesso foi descobrir que o chão estava duro quando o atingi de cara.

Um enorme punho de ar tinha me lançado na lama, silencioso até que uma explosão toda poderosa me fez gritar e, tarde demais, cobri meus ouvidos. Toda a minha cabeça doía, virei-me com medo para ver uma chama incandescente e faíscas subindo alto no ar. Eu também pude ver o

A ROYAL AFFAIR

pior. Eu sabia o que estava prestes a acontecer e corri para me abrigar. Eu não paguei ao inimigo a mesma cortesia.

Homens ardentes rolaram no chão.

Ninguém teve o bom senso de agarrar as telas e envolvê-las com força, o que teria salvado muitas vidas. Não era meu trabalho ajudá-los.

Fiquei feliz por estar meio ensurdecido, pois não há nada que fira mais a alma do que o som de um homem gritando enquanto ele queima.

Quase tão ruins eram aqueles que queimavam com medo, mas bem o suficiente para fugir. Eles corriam enlouquecidos como cães, como suas caudas incendiadas por crianças cruéis, sem saber para onde iam, apenas buscando alívio da dor, ou a misericórdia de Deus, talvez, e nenhuma das quais eu achava que poderiam receber.

E então as coisas ficaram mais interessantes.

O calor incandescente era tão intenso que disparava fogueiras adjacentes, tendas se agitavam como se fossem gravetos, lonas se agitavam soltas, pedaços queimavam no ar como gaivotas de fogo infernal, levando sua energia mortal para baixo da linha.

Homens que não estavam feridos vieram correndo de todos os cantos do campo com quantidades inúteis de água, alguns até com taças de vinho, tentando apagar os fogos, que não podiam sequer aproximar-se sem cambalear pela intensidade do calor.

Minha posição estava se tornando insustentável. Eu não estava ferido nem ajudando, então eu deslizei silenciosamente para longe na confusão.

A ROYAL AFFAIR

Foi tudo muito satisfatório. Eu esperava que Aleksey estivesse tendo a mesma sorte.

Quando cheguei à linha dos cavalos, a próxima etapa da minha parte do plano, alguns dos cavalos estavam se empinando e relinchando com a aflição. Mesmo os mais estoicos se retorceram e se viraram, lançando olhares ansiosos para a atividade urgente por trás deles. Eu podia ver as chamas espelhadas nos olhos arregalados de Xavier. Eu aliviei o garoto que guardava a linha, impressionando-o, o fogo logo alcançaria sua posição e ele deveria correr por sua vida. Esperei até que ele disparou no escuro e depois soltei todos os cavalos. Eles saíram do barulho e das chamas enquanto eu segurava nossos dois com firmeza. Eu esperei e esperei. Eu cresci cada vez mais ansioso e muitas vezes comecei a reter os cavalos para que eu pudesse mergulhar de volta no acampamento em chamas para encontrar Aleksey. Tantas coisas podem ter dado errado. Depois de uma agonia de expectativa, eu o vi correndo, soltando escombros em seu caminho, as chamas o mostrando em silhueta.

Ele sorriu para mim e pegou as rédeas do cavalo. — Eles estão planejando emboscar nossas fileiras, Niko. Eles bloquearam a cabeceira do vale e nos permitirá entrar, depois bloquearão o final e esperarão nos cumes. Será um banho de sangue. — Ele subiu na sela, desesperado por estar a caminho e salvar seu exército. — Vamos. — Ele desapareceu na escuridão.

Sorri para sua figura magra e desaparecida e coloquei um pé no estribo.

A ROYAL AFFAIR

— Olá doutor. — Eu girei ao redor, minha mão indo para uma das minhas facas, mas senti um baque na minha cabeça e depois a escuridão enquanto eu caía no chão.

Eu acordei, amarrado, doente e deitado no chão frio. Ouvi vozes abafadas, que na verdade só eram abafadas pelo zumbido ainda em meus ouvidos e pelo golpe que eu havia recebido na cabeça. Eu tentei sufocar um gemido, mas alguém viu que eu estava acordado e me puxou de joelhos. Eu olhei para cima e um fio de gelo correu pela minha espinha. Isso era pior do que eu pensara: era Rohanus, o oficial bêbado de Aleksey. Cuspi em direção a suas botas e ele recuou. Ele não parecia estar bêbado agora.

— Eu sabia que você não era médico, Hartmann. Qual é a sua missão?

Não sei se estava mais aborrecido por ter minhas habilidades médicas questionadas ou por ter sido tão facilmente capturado. Ambos, eu suspeito.

— Eu poderia perguntar o mesmo de você, coronel. Qual é a sua missão?

Ele me acertou. Eu recuei, incapaz de me salvar, pois meus braços estavam presos nas minhas costas e bati forte no chão. Mãos ásperas me puxaram para me ajoelhar novamente.

— Qual é a sua missão?

Claramente, isso se tornaria repetitivo. Eu me perguntava quando começaria a ficar sério. Eu cresci com mestres de tortura. Essas pessoas não



A ROYAL AFFAIR

tinham ideia. Bem, tenho que admitir que *esperava* que não. Eu cuspi um pouco de sangue. — Eu estou aqui como médico, isso é tudo.

Ele assentiu, virou como se falasse com alguém, girou ao redor e me bateu de novo. Tomei o golpe melhor, estando preparado para isso e cuspi mais sangue. — Qual é a sua missão?

— Eu sou um... — Mais bater e mais cuspir seguiu. De repente a aba da tenda se abriu e um soldado entrou. Ele disse alguma coisa no ouvido do coronel e o questionamento mudou.

— Onde está o seu servo?

Olhei para baixo, rezando para que Aleksey voltasse ao exército com suas informações. Claramente Rohanus não tinha visto o meu “servo” em carne e osso, e ninguém tinha pensado em descrevê-lo. Eu tinha *quase* certeza de que *olhos verdes muito brilhantes, esguio, bonito e surpreendente* poderiam entregar o príncipe.

Eu debati a melhor coisa a dizer e finalmente decidi: — Ele foi pego no fogo. — Eu segurei o lado esquerdo do meu rosto em direção a ele, para que ele pudesse ver as queimaduras de pólvora negra. — Eu não percebi que a pólvora estava lá.

Ele me bateu de novo. — Onde está o seu servo?

— No fogo! Eu posso te mostrar o corpo dele se você quiser.

Meu fogo causara um grande número de baixas, e um corpo queimado, enrugado, ficaria muito parecido com outro - fingir que o procurava daria mais tempo a Aleksey. Ele indicou para eu ser puxado para os meus pés. Eu



A ROYAL AFFAIR

medi os dois soldados segurando meus braços, e senti que poderia levá-los apesar dos laços nos meus pulsos. Mas esta não era a hora. Eu tinha que deixar Aleksey ter uma chance de ir longe antes que eles suspeitassem dele. Eles meio que arrastaram, meio que me carregaram através das fileiras em direção à cena do incêndio, que não estava apagado de forma alguma. Eu não acho que eles seriam capazes de impedir a propagação. Fiquei tentado a sugerir que eles criassem um aceiro e movessem as tendas e vagões restantes, mas convinha aos meus propósitos deixar tudo queimar. Com tantos corpos, era impossível dizer quem havia sido e, depois de procurar por uma quantidade de tempo muito longa e inútil, contei isso ao coronel. Ele acenou para que eu fosse levado de volta para sua tenda.

Eu tropecei e caí no caminho de volta algumas vezes. Dei a impressão de que eu estava muito mais ferido do que realmente estava. O questionamento recomeçou. Finalmente, quando calculei que Aleksey estava a muitos quilômetros de distância, admiti que tinha vindo ao acampamento para causar a explosão, que minha missão era destruir sua pólvora. Eu disse que nos haviam sido dadas informações de nossos espiões que eles estavam carregando essa letal arma de guerra, e esse tinha sido o meu alvo. Ele gostou disso, eu pude ver. Isso se encaixou em sua paranoia sobre seu próprio trabalho como espião. Ele me bateu de novo, só porque ele podia.

Houve comoção fora da tenda, e ele foi até a aba e levantou-a. Ele falou brevemente na língua local e depois saiu, deixando-me com meus dois guardas. Eu me enrolei no chão, gemendo baixinho. Feliz por não ser uma ameaça para eles, eles se aproximaram e começaram a conversar juntos,



A ROYAL AFFAIR

compartilhando um pouco de pão. Eu tinha minha faca na mão até então. Eles tinham encontrado todos elas, exceto esta, a lâmina de uma polegada de comprimento que eu mantinha amarrada firmemente na parte mais alta da parte interna da minha coxa. Levou semanas e alguns acidentes desagradáveis para aprender a usar essa faca lá, mas valeu a pena o esforço. Nenhum homem procura em outro homem ali e sempre fica oculto. Eu poderia simplesmente acessá-lo, mesmo com minhas mãos nas costas. Eu tinha começado a tarefa mais difícil de serrar as amarras que me seguravam - desajeitado por causa do ângulo que eu tinha que segurar a lâmina - quando o coronel voltou.

—Traga-o.

Eles me arrastaram para os meus pés mais uma vez e saíram da tenda. Era madrugada, enevoadada. O sol iluminava a fraca cena do caos. Assim que saímos da tenda, os soldados começaram a dismantelá-la. Eles haviam pensado no aceiro finalmente. Os guardas me empurraram em direção a uma carroça, e eu assumi que eles me levariam com eles para mais perguntas.

Então eu vi o laço pendurado em uma forca improvisada. Eles haviam derrubado um dos leitos de carroções e amarrado uma corda ao redor do poço, de modo que ele pendia, esperando. Eu não conseguia ver minhas ataduras sem ser visto. Soldados nos cercaram, empurrando e empurrando e querendo obter uma boa posição para ver a execução.

Tentei falar com o coronel, mas ele estava muito à frente e não conseguiu me ouvir por causa da multidão. Algo me atingiu na cabeça. Acho que eles

A ROYAL AFFAIR

acabaram de dizer aos homens que eu ativei o fogo. Muitos de seus amigos e colegas haviam morrido. Eu não avaliei minhas chances de chegar ao laço. Eu caí, meus joelhos impactando o chão gelado. Eu gemi, rolei, e quase completei a minha tarefa, mas quando eu estava de pé, perdi a faca. Meus dedos, dormentes agora de estarem presos com muita força, não conseguiram mantê-la ao meu alcance. O coronel tinha montado e circulou-me com um par de outros oficiais, batendo nas cabeças da multidão, forçando uma passagem para a carroça.

Nós alcançamos isto. Eles me empurraram para uma pequena caixa, e um laço foi preso em volta do meu pescoço. O coronel gritou um comando na língua local, e um rugido de aprovação subiu da multidão. Eu olhei para cima. O céu era um rosa perfeito, como um salmão fatiado pescado em um rio em minha distante terra natal. Eu respirei fundo e senti cheiro de fumaça e homens e cavalos. Parecia apropriado.

Eles chutaram a caixa para longe de mim e eu caí, o laço apertando.

Eu acho que eles calcularam mal. Com mais de um metro e oitenta de altura, meus pés roçaram o chão gelado o suficiente para me impedir de engasgar. Alguns dos homens riram, mas mais ficaram com raiva. Um dos guardas arrancou o laço do meu pescoço e despachou um soldado para subir na carroça e ver se conseguia de alguma forma diminuir o comprimento. Eu fiquei ali, contemplando o nascer do sol. No outono, o choque e a expectativa da morte me fizeram tentar empurrar minhas mãos até o pescoço. Minhas restrições haviam quebrado. Minhas mãos estavam livres. No momento, porém, não consegui descobrir como transformar isso em vantagem. Eu estava cercado por uma multidão de soldados latindo

A ROYAL AFFAIR

com a intenção de minha morte. Quatro oficiais montados os mantiveram pra trás. Então, o que eu deveria fazer com minhas próprias mãos estava além de mim.

Uma coisa era certa - eu não cairia sem lutar. Eu preferiria ser espancado até a morte do que enforcado, embora fosse algo próximo, e o enforcamento também tinha suas vantagens. Claro, eles poderiam estar planejando me matar enquanto ainda estiver vivo e me jogar na multidão de qualquer maneira... Eu não estava em um estado de espírito muito bom por esta altura.

De repente, uma comoção por trás da multidão me chamou a atenção: um cavalo perdido. Eu não conseguia enxergar muito bem, porque meu rosto estava coberto de sangue ainda escorrendo das minhas feridas, e ambos os olhos estavam parcialmente fechados pelo inchaço. Mas eu conheceria Xavier em qualquer lugar. Molhei a boca o melhor que pude e chamei por ele. Ele me ouviu. Ele não conseguia descobrir por que estávamos sendo separados por homens raivosos. Ele estava pisando delicadamente, tentando ser educado, bufando de desânimo. Eu vi um soldado agarrá-lo rudemente pela juba. Xavier se levantou e bateu na cabeça dele. Mesmo com a minha pobre visão, vi o sangue voar em um arco através do ar puro. Então o pandemônio irrompeu. Os exércitos não empregam cavalos como cavalaria porque são bonitos de se olhar. Eles os usam porque aterrorizam soldados de infantaria. Xavier havia suportado o suficiente. Ele era um cavalo de guerra, e ele foi para a multidão de homens segurando-o longe de mim. Ele se virou, saltou para a frente e pegou mais dois. O resto caiu pra trás.



A ROYAL AFFAIR

Em um galope, Xavier me alcançou. Ele não tinha sela e isso me salvou. Se ele tivesse sido sobrecarregado, meus instintos não teriam entrado em ação. Eu voei de costas e torci uma mão em sua juba como eu havia aprendido a fazer quando menino. Tal instinto não o deixa, apesar do desuso. Eu me deitei em suas costas nuas enquanto ele galopava pelo acampamento. O passeio foi perigoso, quando ele desviou e recuou, levantou e saltou. Eu podia sentir cada músculo e quase ler sua mente enquanto ele corria. Ninguém podia pegá-lo, pois não tinham nada para pegar: sem freio, sem rédeas, sem estribos.

Nós limpamos a borda do acampamento. Eu podia ouvir a perseguição. Esta era a parte fácil, no entanto. Deixei-o encontrar seu espírito, e ele decolou como uma flecha em voo, toda a extensão de suas pernas enormemente longas e músculos poderosos. Os sons da perseguição se desvaneceram, mas eu pude ouvir outro conjunto de cascos vindo para nós do lado. Eu olhei de relance. Aleksey se abaixou sobre o dorso de seu cavalo de batalha, dando-lhe rédea solta, empurrando-a para frente. Nós nos encontramos, e nossos cavalos caíram em um ritmo combinado de velocidade até que parecia que nós éramos um nisso, como estávamos agora em todas as coisas.

Capítulo Vinte

Não havia sinais de perseguição, nós diminuímos para uma caminhada.

Eu tenho vergonha de dizer que eu prontamente caí das costas suadas de Xavier e aterrissei deselegantemente na terra congelada.

Aleksey estava ao meu lado antes que eu pudesse me levantar, suas mãos rasgando minhas roupas. Em outras circunstâncias, eu teria gostado disso. Ele só estava procurando por ferimentos, no entanto, me amaldiçoando por completo, então não foi nada agradável.

Eventualmente, eu afastei sua preocupação e com alguma ajuda recuperei meu lugar em Xavier.

Aleksey estava trabalhando em algo. Eu poderia dizer pelo conjunto irritado de suas costas, e nós andamos com os cavalos para se recuperarem. Quando ele falou, eu entendi a fonte de sua angústia.

— Eu não poderia voltar para você, Niko, embora soubesse que você foi capturado. Eu não podia me arriscar ser capturado e pelo conhecimento do ataque planejado para não alcançar nossos amigos. Você me perdoa?

Eu respondi, mas meu lábio se abriu na tentativa, e o inconveniente me silenciou. Ele me deu um olhar furioso, como se meu ataque fosse extremamente inconveniente para *ele*, e acrescentou: — Eu sabia que Xavier iria encontrá-lo, então eu o soltei. Eu estava certo nisso, pelo menos.

A ROYAL AFFAIR

Eu balancei a cabeça, tocando a ponta do dedo no meu lábio. Eu não podia ver muito e pisquei de um olho inchado para o outro, testando minha visão em árvores distantes.

Eu estava mal. Eu tinha apenas minha camisa e calça, e meu espancamento tinha sido severo. Nenhum de nós sabia exatamente onde estávamos, e Aleksey estava cheio da necessidade de encontrar seu exército e usar a inteligência com a qual tínhamos com tanto esforço vencido.

Ele não precisava se distrair comigo.

Eu endireitei meus ombros. — Tudo parece pior do que é. Estou muito bem. Precisamos andar rápido agora.

Aleksey me deu um olhar de aprovação, uma combinação de amor e admiração, que eu já me sentia revigorado.

Nós chutamos os cavalos para um galope.

Nós *tivemos* que montar.

Os três dias e duas noites do nosso retorno ao exército foram muito infelizes para mim. Eu não conseguia nem sorrir sem dor. Mijar era agonia. Aleksey disse que eu não precisava fazer um e ele me ajudaria com o outro, mas isso quebrou meu lábio novamente e eu murmurei: — Você também sorriria se tivesse escapado de uma corda.

— Eu não seria tão tolo em colocar minha cabeça em uma em primeiro lugar. Pare de sorrir, Niko! Você precisa se curar.

Eu baguncei seu cabelo. — Eu não consigo pensar no que me faz sorrir assim.

A ROYAL AFFAIR

Quando chegamos de volta às fileiras, Aleksey não foi inicialmente reconhecido por seus soldados de sentinela. Eu certamente não fui. Levaria mais alguns dias até que meu rosto se tornasse reconhecível e nenhum de nós sabia a senha diária. Acho que nós dois percebemos o quanto chegamos perto de fracassar nossa missão da pior maneira possível - sendo mortos por nossos próprios sentinelas - e isso tornou nosso retorno ao acampamento mais sombrio do que triunfante.

Aleksey imediatamente convocou uma reunião com todos os seus oficiais.

Mapas foram produzidos e Aleksey os usou para explicar o que o exército de Saxefalia estava tentando fazer. Ele estava certo: teria sido um massacre por atacado. Nesta parte do mundo, os exércitos lutavam em guerras com o método confiável de se formarem em linhas de frente um para o outro e depois marchavam para a frente. Parecia absolutamente estranho para mim. As guerras que eu tinha lutado tinham sido furtivas, fluidas e constantemente cheias de ataque, contra-ataques, confusão e surpresa. Aqui, a guerra era como uma dança formal com parceiros declarados, a música decidida e apenas a habilidade do passo ainda a ser vista. Saxefalia planejava atacar o exército de Aleksey enquanto ainda circulavam pela estrada - não em ordem de batalha, soldados não em praças de combate, armas não prontas, cavalaria nem montada (possivelmente até jogando

A ROYAL AFFAIR

com paus e bolinhas), uma divergência revolucionária da prática aceita. A questão era, como poderíamos usar melhor as informações que tínhamos agora?

Metade dos oficiais de Aleksey queriam fazer ao inimigo o que planejavam fazer para nós: emboscá-los enquanto viajavam para nos emboscar. Era complicado demais organizar, no entanto, e Aleksey sabia disso. Manobras como as dos saxofalianos levava anos para praticar com soldados: novos exercícios, novas ordens e novo uso de armas. A outra metade queria desviar da rota que nos esperava e cair no escalão de Saxofalia, que Aleksey e eu havíamos acabado de deixar. A vitória era garantida lá, dado o nosso número imensamente superior e seu recente incêndio infeliz. Eu podia ver que Aleksey estava tentado, especialmente quando ele olhou para o meu rosto e recordou o que quase me aconteceu.

Finalmente, quando todos tiveram uma palavra, ele se virou para mim.
— O que você acha, doutor? Alguma sugestão?

— Eu? — Eu olhei para os rostos ao redor da mesa. Talvez um rosto batido lhe ganhe pontos com soldados tanto quanto medir o pau. Todos esperaram educadamente, não com o escárnio que eu esperava. — Eu acho que você deveria entrar na emboscada. — Eu evitei a inspiração coletiva e continuei: — Jogue-os em seu próprio jogo. Divida seu exército. Mande um pequeno número para o vale disfarçado de todo: as carroças, os meninos e os velhos. Coloque-os em cavalos, nas carroças, espalhe-os e faça com que pareçam mais. Em seguida, leve sua força principal para trás do cume e ataque o inimigo pela retaguarda enquanto eles nos atacam. Eles vão atacar com cavalos do lado do vale com grande velocidade e força de penetração. Você

A ROYAL AFFAIR

precisa retardar seu avanço, tornando o terreno indisponível para eles: estacas ocultas, poços, tudo o que pode ser preparado no tempo que nos resta.

— Você é o próprio diabo, senhor! — Um dos oficiais mais velhos se levantou indignado. — General, não podemos permitir que esta desonra manche nossa nobre guerra. O que este homem sugere é nada menos do que pagão. Vi essas coisas em Praga, em quarenta e oito, e não participarei de tais...

— Sente-se, major Pike, por favor. Eu valorizo sua opinião, como sempre, mas eu não preciso ser lembrado da minha honra... pensando melhor, não se sente. Vocês estão todos dispensados. Não você, doutor. Eu quero que você delineie sua ideia para mim novamente.

Eu ri quando os outros oficiais saíram.

Eu pensei que ele estava usando uma linguagem codificada para dizer que ele me queria por razões mais pessoais, mas ele não estava. Ele queria que eu mostrasse a ele no mapa o que meu plano implicaria.

Ele olhou para cima. — O que?

Eu balancei a cabeça. — Eu sou um homem mau, Aleksey. Me ignora. O que você quer saber?

Ele cedeu por um momento, verificou que a aba da tenda estava fechada e pôs as mãos no meu rosto.

— Existe algum lugar que você possa sugerir que eu beije? Tudo parece um pouco... maltratado.



A ROYAL AFFAIR

Eu sorri de novo, com um estremecimento. — Oh, sim, eu posso muito facilmente sugerir um lugar para você beijar.

Cor subiu em suas bochechas, apenas uma sugestão, mas tudo o que sua pele pálida permitiria. Eu bati no nariz dele. — Vamos salvar o beijo até que você seja um famoso general com novas e brilhantes medalhas adornando seu uniforme.

Nós estudamos o mapa pelo resto da noite. Mostrei-lhe o melhor que pude do que quis dizer. Eu não era estrategista. Eu só tinha liderado bravos em pequenas invasões, mas a direção era a mesma, tanto quanto eu podia ver. Certa vez, tínhamos usado soldados mortos para enganar os outros de que o forte deles não havia sido tomado. Nós os apoiamos nas ameias, e nossas supostas vítimas haviam invadido nossa armadilha com toda a inocência. A principal preocupação de Aleksey era expor os velhos e os garotos ao perigo do ataque inicial, até que pudéssemos trazer nossas forças pela retaguarda. Mostrei a ele, esboçando, algumas das coisas que ele poderia usar para desacelerar os cavalos. Eles pareciam emaranhados de cordas e varas afiadas, que é o que nós usávamos quando nós os tínhamos disponíveis. Quando não, nós os fizemos de barbante e gravetos afiados. Valas eram fáceis de cavar, é claro, no solo arenoso e macio das colônias. Eu não sabia o quanto seria possível cavar aqui no chão congelado. Eu nem sabia se o exército de Aleksey carregava enxadas. Ele me assegurou que eles carregavam, mas não tinham ideia de quantas. Todas essas coisas precisavam ser planejadas e, para isso, ele precisava de todos os seus oficiais de volta. Ele concordou com meu plano básico, no entanto: mover iscas para o vale, permitir um ataque, que seria retardado quando possível,



A ROYAL AFFAIR

e depois atacar por sua vez a partir da retaguarda com cavalaria pesada. Sua infantaria atacaria o inimigo estático bloqueando o vale.

Eu queria que ele descansasse, mas eu sabia que ele não iria. Ele era jovem. Ele estava em seu elemento, e ele poderia passar muitos dias na excitação que estava percorrendo seu corpo. Eu estava exausto, mas estava determinado a estar a mão, se necessário. Ele chamou todos os oficiais-chave de volta para a tenda, e o planejamento real começou.

Depois de algumas horas, ficou claro onde estava o problema do plano: comunicação. Nas batalhas estáticas que eles estavam acostumados a lutar, todos sabiam o que estava acontecendo, pois o inimigo estava na frente à vista de todos. Você respondia a um tambor ou a uma corneta informando qual manobra você deveria realizar. Em uma batalha fluida como Aleksey estava planejando, cada elemento tinha que trabalhar em conjunto, mas ninguém seria capaz de ver o outro grupo ou se mover em um padrão coordenado. Ele não conseguia ver como a cavalaria saberia quando atacar no exato momento certo - antes que o inimigo pudesse descer sobre nossos meninos e anciãos desarmados, mas depois de terem realmente se comprometido a varrer a posição deles nas colinas.

Eu tive uma sugestão, mas eu estava relutante em chegar a Aleksey em tal companhia e colocá-lo na posição, mais uma vez, de parecer favorecer minhas ideias. Os oficiais de um exército, eu observei, eram muitas vezes



A ROYAL AFFAIR

extremamente possessivos com o seu oficial de comando. Aleksey tinha um fascínio nele que fazia os homens quererem estar em sua companhia, a seu favor, e esses homens não eram diferentes. Cada um queria sua atenção, como um estudante faz com um mestre favorito. Eu tinha minhas próprias razões, claro, para manter um pouco a atenção de Aleksey. Seus olhos agora tinham o hábito de se aproximar de mim para ver o que eu estava fazendo. Um sorriso às vezes estava em seu rosto antes de ele procurar por mim, o que era pior. Eu podia ler esses sinais como se eu pudesse ler uma página em um livro, pois ele estava pensando no que eu estava pensando e lembrando do que eu estava me lembrando.

Finalmente, por conseguinte, eu levei o coronel Johan para um lado e delineei meu plano para ele. Eu esperava que ele zombasse disso e risse de mim, mas ele balançou a cabeça devagar, pediu mais um ou dois detalhes e depois voltou para a mesa. Eu lhe disse para colocar o plano como se fosse dele. Aleksey, claro, entendeu sua proveniência. Pelo que sei, o coronel nunca tinha estado nas Américas e visto Powponi se comunicar através da fumaça, então era óbvio para Aleksey quem havia feito a sugestão. Surpreendentemente, todos acharam uma excelente ideia. Afinal, eles frequentemente navegavam para um novo acampamento observando a fumaça das fogueiras, então a ideia não era inteiramente nova para eles. Era outra coisa, entretanto, que Aleksey tinha que organizar. Fogueiras não se iluminavam sozinhas. Ninguém era treinado para transportar materiais de acender fogueiras ou saber quando acendê-las ou enviar o sinal correto no momento correto. Aparentemente, tudo nesses exércitos tinha que ser treinado antes que pudesse ser considerado possível. Eu tinha vivido uma



A ROYAL AFFAIR

vida onde tudo era feito por qualquer um que estivesse disponível, e eu não me lembrava de ter sido treinado para nada especificamente.

A essa altura, o amanhecer estava rastejando sobre as colinas a leste, trazendo uma sensação de ameaça que a aurora nunca havia tido antes para mim. O acampamento estava quebrado e estávamos de novo em movimento. Aleksey e seus oficiais continuaram planejando enquanto cavalgavam. Não havia jogos agora. Era tudo guerra.

Eu vi Aleksey quase todos os minutos de todos os dias, mas ao mesmo tempo não vi nada dele que eu queria em tudo. Nós mal tivemos um minuto de conversa juntos que não era sobre o plano. Meu papel havia mudado um pouco no exército de Aleksey. Eu não era mais o médico. Eu deveria liderar o ataque das colinas até a parte de trás das linhas inimigas. Ninguém desafiou essa posição. Todos sabiam que eu era o melhor colocado para andar ao lado do general. A primeira coisa que fiz quando ouvi falar dessa nomeação foi proibir o uso das armadilhas para cavalos. Eu não podia confiar nos soldados para colocá-los em um padrão que pudéssemos aprender e assim evitá-los. Eu não ia ter Xavier mergulhando em um buraco e quebrando sua perna ou pescoço, e Aleksey também, é claro - eu não estava colocando o bem-estar do meu cavalo acima do dele. Sem as armadilhas, precisávamos encontrar outros meios para desacelerar a velocidade inicial de ataque do inimigo, algo que não impediria nosso

A ROYAL AFFAIR

progresso quando nos arrastássemos pela retaguarda. Foi quando tive a ideia da pólvora. Isso me fez sorrir. Eu tinha gostado muito do caos e da confusão que eu causei aos saxofalianos. Além disso, eles tentaram me enforcar e bateram no meu rosto para que Aleksey não pudesse me beijar. Eles me *deviam*.

Eu delineei minha ideia para Aleksey enquanto ele cavalgava naquela tarde com os veteranos, discutindo sua parte do plano. Seu acréscimo ao plano do general era sugerir que eles deveriam estar armados e os meninos com eles. Assim, não apenas o estratagema pareceria mais real, eles formariam uma muralha defensiva quando atacados, o que prenderia o inimigo entre eles e nós. Aleksey adorou a ideia e os meninos também. A maioria deles era pequeno demais para erguer uma lança, mas eles adoravam as lanças e espadas que foram dadas a eles, e eles andavam como pequenos príncipes - até receber uma repreensão rápida do coronel Johan. Aleksey me viu subindo e deixou a carroça dos veteranos em que ele estava andando.

Fiquei consternado com sua aparência. — Quando você comeu pela última vez?

Ele não respondeu minha pergunta com uma observação de paquera sobre o que ele preferia em sua boca. Isso me preocupou quase tanto quanto sua aparência exausta.

Eu segurei a rédea de seu cavalo, dificilmente um protocolo para seu general e seu príncipe, e puxei-o para a carroça. Houve um lampejo de um sorriso com esse tratamento pouco ortodoxo, e fiquei muito feliz em vê-lo.

A ROYAL AFFAIR

Enquanto mastigava o pão e o queijo que eu peguei para ele, contei o que planejava para o atraso dos cavalos. Ele estava mais interessado na comida, e eu poderia dizer que ele não estava ouvindo até que eu concluí minha sentença. — ...trincheiras com pólvora.

— Pólvora?

Eu ri do brilho de malícia em seus olhos verdes. — Eu planejo colocar o pólvora nas trincheiras em frente à carga deles. Levaria um homem para acendê-lo no momento certo, e boom — fiz um gesto adequado com as mãos que o fez sorrir — eles serão totalmente derrotados. Imagine isso - fumaça, estrondo, e com sorte fogo. Mas - e esse é o brilho do plano - no momento em que descermos a colina, tudo estará perdido. O que?

Ele caiu na sela, o pedaço de pão preso na mão esquecido. — Eu não tenho tempo para organizar isso, Niko. Isso levaria...

— Quem são aqueles jovens com plumas enormes que se aglomeram ao seu redor enquanto você conduz este magnífico exército, Aleksey?

— Hã? — Encarar o pedaço de queijo não ajudaria seu cérebro cansado. Eu tive pena dele. — Os capitães? Seus jovens oficiais confiantes? Eles estão desesperados por glória. Delege! Dê a um a tarefa de colocar esse plano em prática e não pense mais nele. — Eu imitei a maneira como seu pai, o rei, acenara para o seu laçao no dia em que eu recebera a minha comissão, e aumentei o tom da minha voz. — Capitão. Uma trincheira Faça.

Aleksey sorriu, reconhecendo claramente o assunto do mimetismo. Depois de um momento, ele disse astutamente: — Suas plumas não são tão grandes assim. Confie em mim - eu os vi.

A ROYAL AFFAIR

Foi um convite e eu aceitei.

Estávamos nos aproximando de outra floresta, e as fileiras estavam se condensando para percorrer a trilha mais estreita. Inclinei-me e peguei as rédeas dele mais uma vez, fazendo-o parar. Quando a última carroça passou por nós, eu o levei mais fundo na ocultação das árvores. Eu desmontei e conduzi seu cavalo em direção a um pequeno riacho, que estava gelado nas bordas. Ele deslizou e deixou seu animal beber, como Xavier estava fazendo, então pegou meu rosto em suas mãos e inspecionou. — Por que ainda está tão ferido, Niko?

— Porque eles me bateram com muita força. — Eu o puxei para os meus braços. — Eu tenho saudade de você.

Ele cheirava a cavalo e a um uniforme velho e sujo, e eu nunca cheirara nada tão bom. Eu respirei profundamente. Ele estava beijando meu pescoço, onde ele poderia encontrar a pele que não me machucava ao ser tocada. Seu rosto não tinha nenhum dano, e assim eu me dei conta disso: meus lábios em seus olhos e bochechas e através das sardas em seu nariz. Nossa paixão cresceu entre nós. Eu olhei ao redor e o empurrei de volta para uma árvore, moendo contra ele enquanto nos beijávamos. Ele fechou os olhos. — Pare. Eu não posso me dar ao luxo... Meu uniforme...

Separei nossos corpos e sussurrei em seu ouvido: — A boa semente deve ser espalhada no chão. A sua Bíblia não lhe diz isso?

Ele assobiou com a blasfêmia, mas não fez objeções quando o despi e expus seu membro inchado à luz fria do dia. Minha boca se encheu de necessidade de saboreá-lo, mas era muito perigoso. Eu trabalhei nele,

A ROYAL AFFAIR

segurando-o com força, como eu sabia que ele gostaria. Ele gemeu, empurrando na minha mão mais. Eu devolvi meus lábios ao ouvido dele, acariciando-o, sussurrando coisas que eu suspeitava que ele não tinha ouvido antes, pois senti seu pênis se contrair mais e endurecer mais. Ele estava chegando perto. Mudei meus lábios para seus macios, e ele abriu a boca para cumprimentar minha língua. Quando tocamos lá, ele completou, gritando e cambaleando, sua liberação reprimida alta e longa para cair como salpicos altos nas folhas congeladas. Eu o segurei, correndo minha mão livre pelo cabelo dele, a outra o acariciando suavemente. Fiquei chocada ao descobrir que ele adormeceu em pé em meus braços. Sacudi-o gentilmente e o afastei. Ele deu um tapa, irritado porque estava tão cansado.

Sua mão foi para mim, mas eu o segurei. — Mais tarde. Eu só queria te dar um momento de prazer longe da guerra. Eu posso esperar.

— Isso me *daria* prazer.

— Bom. Eu vou te cobrar isso, mas devemos ir, ou suspeitas serão despertadas.

Ele assentiu relutantemente, e eu fiquei muito feliz por termos agido como fizemos. Enquanto montávamos os cavalos, um dos pequenos corredores nos encontrou com uma mensagem da frente da marcha.

Eu tinha conseguido o que eu queria, no entanto. Aleksey ficou aliviado e feliz, e quando voltou para a frente da coluna, vi-o chamar um dos capitães.

Ele delegou.

Capítulo Vinte e Um

Eu não sei o que é pior na batalha, o medo de que você vai ser morto ou o medo de que você não foi.

Quando nós trovejamos para baixo da colina em perfeita formação, intocada e brilhando ao sol, não havia nenhum medo em tudo. Eu estava inchado de orgulho por estar lá naquele momento fugaz de perfeita glória.

Quando nos envolvemos com o inimigo, eu não queria morrer. Eu era imortal, um deus, a morte minha prerrogativa de libertar os outros.

Enquanto nos enredávamos, no entanto, e ficávamos esfarrapados, atolados na lama, com a visão obscurecida pelos olhos cheios de suor, ensurdecidos pelos gritos e gritos, rezei para que a morte viesse rapidamente, se acontecesse. Eu vi homens pisoteados sufocando quando não podiam se erguer da lama sugadora. Eu vi cavalos com os olhos furados e cegos, tropeçando para encontrar uma pausa que não viria para eles. Observei homens atacando outros homens e infligindo ferimentos que mutilariam pela vida - dentes quebrados, mandíbulas soltas, joelhos e cotovelos amassados até a polpa.

Eu sabia que preferiria morrer a viver uma sombra quebrada do que eu era.

A pólvora não conseguiu acender. O capitão encarregado dessa tarefa crítica nunca foi encontrado. Eu não acho que ele se acovardou em face da



A ROYAL AFFAIR

cavalaria concentrada atacando-o. A pólvora não se acendera para mim uma vez, e eu acreditava que ele era um dos atropelados que encontramos mais tarde. Era impossível dizer. Nenhuma característica permanece sobre um homem que foi pisado por cavalos de guerra.

Houve tal momento sobre a colina, tal energia reprimida, que nós carregamos de qualquer maneira, perseguindo o inimigo enquanto eles se aproximavam de nossas linhas fantasmas. Aos nossos olhos, o truque parecia tão óbvio que ficamos surpresos por eles não suspeitarem disso, mas *sabíamos* - vimos apenas garotinhos, com os braços quase encostados nas mangas, velhos cuja coragem não correspondia à força deles.

E o inimigo então viu nosso exército pelo que era e sabia que eles tinham sido enganados, e eles tentaram se virar, e então eu os vi conhecendo sua destruição. Mil cavalos de guerra descendo sobre eles e eles não podiam nem mesmo virar seus cavalos a tempo de encarar a gente. Eles criaram seu próprio caos, e nós participamos disso avidamente.

Apenas a parte traseira de sua linha nos encontrou cara a cara. O resto de nós abriu caminho e derrubamos homens com lanças e espadas nas costas enquanto tentavam desesperadamente encontrar espaço para virar, seus cavalos cedendo, as pernas em colapso e cambaleando, jogando cavaleiros que eram rapidamente pisoteados na lama encharcada de sangue.

Todos os campos de batalha se transformam em lama. Quando a lama chega para tomar parte na destruição, um campo de batalha é um lugar muito diferente. Nenhuma glória ou honra na lama. Não há uniformes finos

A ROYAL AFFAIR

então. A lama tornou a batalha *visceral* enquanto eu girava meu cavalo exausto, com os cascos atolados, em seguida, soltando-se, golpeando o rosto ou o pescoço.

Eu provoquei parada nos corações muito antes de eu levantar minha espada. Eu tinha pintado meu rosto, uma impressão de preto em minhas feições quebradas, e no peito nu eu tinha desenhado costelas chamejadas em vermelho e branco, como se meu corpo já estivesse dividido e espalhado - esses sacrilégios eram um desafio, uma barreira, um coisa para codificar até o coração mais corajoso.

Cortando, esfaqueando, atropelando, perdi a visão de Aleksey no primeiro combate. Confiei ele ao seu Deus e concentrei-me em enviar outros homens para os deles.

Se eu pudesse engarrafar o que vem sobre um homem em batalha e usá-lo em pessoas sob a minha faca médica, eu seria um homem muito rico.

Eu não senti a lança que perfurou meu lado, embora eu tenha visto a ponta manchada de sangue entrar em minha carne nua. Eu sentia mais a tensão do músculo quando cortava o braço que segurava a lança, minha espada agora suja, então eu tive que cortar e cortar e gritar de frustração até ficar rouco.

Eu não senti a espada que tentou fazer o mesmo comigo, com o objetivo de pegar meu braço, mas cortou minha coxa. Eu vi um poço vasto e instantâneo de sangue, mas não senti dor e coloquei a ponta da minha espada na garganta do homem que me feriu. Ele estava pendurado, com os olhos arregalados e aterrorizado e morrendo a centímetros do meu rosto,

A ROYAL AFFAIR

mas tudo que eu queria era soltar minha espada para que eu pudesse matar de novo, e de novo e de novo.

Não havia glória em transformar um homem em lama.

Eu nem senti o frio, apesar do meu estado seminu. Eu ouvi os gritos e gritos, como eu já tinha ouvido gaivotas em um passeio para a costa com Aleksey: como acompanhamento vago, ignorado pela a atividade de matar.

A matança continuou por um longo tempo.

Eu não sei quando a batalha terminou.

De repente, havia apenas escarlata no mundo, o azul se transformou em lama e sangue sob os cascos de Xavier.

Vi que o inimigo estava fugindo - homens a pé cambaleando na direção do fim do vale, oficiais montados obrigando os cavalos exaustos a durarem desesperados surtos de velocidade.

Eu balancei Xavier e o chutei para persegui-los, e outra figura destacou-se do lugar de lama comigo.

Era Aleksey.

Ele ergueu-se da sela e apontou a espada. Seu grito de “Atacar!” Perdeu-se sob os gritos terríveis dos cavalos e homens moribundos, mas ele levantou voo e foi seguido, e nós descemos como uma massa e ensanguentada multidão sobre os homens que fugiam.



A ROYAL AFFAIR

Eles não tinham para onde ir, pois a infantaria de Aleksey comandava a ponta do vale, e assim o remanescente inimigo foi derrubado entre a cavalaria e a base, e então não restava nenhum azul.

Nós não fizemos prisioneiros.

Era o costume.

Acho que a verdadeira coragem e genialidade de Aleksey só ficou clara para mim no final desta batalha. Seus oficiais estavam reunidos em volta dele, parabenizando-o, toda a vibração, excitação e alegria, quando ele disse que ainda não tinha acabado, que agora tínhamos a oportunidade de destruir o exército deles para sempre. Devemos atacar as tropas enviadas para a península como engano. Ele estava além de exausto, todos nós estávamos, mas ele os reuniu para sua causa, levou-os com ele em espírito - e nós *montamos*.

Cavalgamos como cavalaria em massa, a infantaria marchando atrás, mais lenta, mas inevitável, como uma grande onda de morte seguindo para o leste. Nós, em cavalos, cavalgamos com força, não comendo nem dormindo nem poupando os animais. Nós superamos em muito o remanescente do exército inimigo que nunca esperou ter nosso ataque. Eles eram o engano. Quando nós aparecemos na colina acima do vale em que eles se moviam após o incêndio, nós devemos ter parecido como a morte

A ROYAL AFFAIR

poderia parecer a um homem respirando suas últimas respirações cansadas. Nós caímos sobre eles sem misericórdia, sem poupar nem homem nem rapaz, mulher nem cavalo. Todos foram abatidos. Para ser justo com Aleksey e seu exército, e suponho para mim, qualquer um que não tenha estado em tal desolação, tão terrível lugar de morte, não deve comentar sobre o que acontece àqueles que o fizeram. Pensar que podemos parar e comparar uma pessoa com outra, decidir o destino com cuidado e pesar o valor da vida, é totalmente irrealista, e não o fizemos. Se ele se movesse, nós o caçamos e o matamos. Se fez som, foi pisado. De minha parte, não matei nenhum dos cavalos, mas dificilmente sustento isso como um exemplo de minha grande generosidade de espírito. É só que eu prefiro cavalos pela a maioria dos homens que conheci e não tinha rancor contra eles.

Quando a matança terminou, havíamos destruído inteiramente os exércitos do estado Saxefaliano. Foi nosso para a tomada.

Aleksey e eu devemos ter desconstruído a guerra mil vezes depois do evento. Em todas as conversas eu declararia que não tinha sido nada além de caos e confusão - o sinal acendeu, mas não acendeu fumaça, as trincheiras da pólvora falharam - e ele sempre apontava que a guerra era inevitavelmente caótica e toda guerra estava embaçada pela confusão. Nesse caso, argumentei, por que me preocupar em planejar, e ele explicaria pacientemente, mais uma vez, que, se não tivéssemos feito todo esse planejamento, o que alcançamos teria sido perdido junto com o que não conseguimos vencer. E ele sempre ganhou nossos argumentos perguntando maliciosamente *quem ganhou a guerra, Niko?* Para o qual eu

A ROYAL AFFAIR

tive que responder *nós fizemos*. Porque nós fizemos. A Saxefalia entregou seu território capturado a Hesse-Davia e os obrigamos a fazer reparações de guerra também.

Nós marchamos sobre a capital dentro de uma semana. Reunidos com a nossa infantaria e todos os nossos trens de suprimentos, reformamos, polimos nossas botas e, com Aleksey à frente de seu exército, tomamos a cidade. Não houve uma ocasião de saque ou estupro. Aleksey não tinha escrúpulos em enforcar um homem por esse crime, o que era incomum para o seu tempo. Minha experiência de guerra tinha sido diferente, e eu sentia falta dos escalpos pendurados na minha sela e achava que todos esses não-combatentes seriam vistos como espólios de guerra. Eu não mencionei isso para Aleksey. Após reflexão, preferi o modo de se conduzir como vencedor. Mas então eu estava começando a preferir o jeito de Aleksey em todas as coisas. Eu estava apaixonado.

Nós acampamos fora da cidade nas planícies largas e planas que levavam à costa. Era um tempo para curar, consertar e consolidar, e todas aquelas grandes coisas que qualquer exército, mesmo um vitorioso, deve fazer.

A ROYAL AFFAIR

Rapidamente reverti ao meu papel de médico, e tirei Jules de sua apreensão forçada na infantaria (para seu alívio) para tentar mais uma vez estabelecer uma espécie de posto médico para os homens. Nossos planos de montar estações de batalha em diferentes lugares nas linhas de frente tinham sido completamente perdidos para o caos da guerra. Eu nem tinha sido médico; Jules também não tinha - outro plano perdido entre tantos. No entanto, assim como todo menino que sonha com a guerra deve participar de uma antes de decidir se é uma coisa gloriosa ou não, todo médico deve realmente lutar e ser ferido. Ele então apreciaria como essas coisas afetavam um homem. Muitas vezes me perguntei se os homens tivessem que dar à luz se seriam mais compreensivos com uma mulher em suas dores de parto.

Eu não tinha escassez de novas feridas para experimentar. Vi coisas que enfraqueceriam qualquer homem e valorizariam sua própria saúde. Eu acho que isso me ajudou a ignorar as feridas no meu lado e na coxa, que estavam se curando e agora não pareciam nada em comparação com membros perdidos, órgãos perfurados ou danos dentro do corpo que eu não podia ver, mas que eu sabia que iria engendrar morte lenta e agonizante. Estes últimos homens, eu ajudei ao longo do caminho com um uso excessivo de láudano. Eu tinha autoridade médica completa e, se homens tão gravemente feridos não saíssem vivos da minha tenda, ninguém mais sabia por que ou como eles haviam morrido. Eu senti que a droga fez mais para aliviar a sua morte do que os sacerdotes que se reuniram aos nossos soldados vitoriosos em massa - agora que a luta tinha cessado.

A ROYAL AFFAIR

Hesse-Davia foi formada muitos anos antes do reinado do atual rei pela fusão de dois principados menores, Hesse e Davia. Sem que eu soubesse, um plano semelhante havia sido proposto para Saxefalia, se a guerra fosse a favor de Hesse-Davia. Saxefalia era grande e rica demais para se tornar uma terra meramente sequestrada. Era para se tornar um novo principado por direito próprio. O rei Gregor pretendia investir seu herdeiro, George, como príncipe de Saxefalia.

A festa real chegou alguns dias depois de Aleksey ter conquistado sua grande vitória. Aparentemente, eles estavam nos seguindo por todo o caminho até a Saxefalia, dando um passo vagaroso para que pudessem encontrar o entretenimento (a batalha) e assistir ao seu espetáculo (os moribundos). Foi muito melhor do que assistir a um torneio, afinal. Eles esperavam, é claro, deparar-se com um campo de batalha ordenado com esquadros de infantaria, assistir a uma carga de cavalaria, planejada e executada com precisão de tempo para corresponder à necessidade do rei de ver o melhor da ação. Felizmente, eles perderam a batalha que lutamos. Eu acho que, se eles estivessem lá, eles teriam sido arrastados pela carga caótica e perdidos, confundidos com combatentes. Como foi, eles se arrastaram em alguns dias depois de toda a ação, perdendo um pouco do seu impacto real. Eles pareciam incrivelmente fora de lugar nesse mundo de soldados, mas Aleksey mal podia tratá-los assim. Ele teve que cumprimentar seu pai e o novo Príncipe de Saxefalia com o devido respeito e honra e entregar a George seu novo território. Foi tudo festa e cerimônia e tudo mais, e eu não participei em nada disso.

A ROYAL AFFAIR

Isso fez minha cabeça doer até ouvir isso, então eu geralmente grunhia e continuava cortando as pernas quando Jules tentava me interessar nessa fofoca.

Era infantil, eu sei, mas eu tinha lutado contra a guerra (para algumas mentes, eu vencera a guerra deles por eles), mas não consegui a recompensa que queria: Aleksey. Eu o via o tempo todo, mas ainda *assim*, não o via como desejava. Nós dois estávamos ocupados, se não mais ocupados, do que estivemos em marcha ou nas batalhas. A chegada de sua maldita família não ajudou em nada a minha sensação de crescente frustração.

Prospect era uma cidade grande com muita riqueza de comércio com seus vizinhos do leste, então não fiquei surpreso quando a corte real não veio ao acampamento e armou uma barraca conosco, mas ouvi em vez disso que eles tinham requisitado muitas casas ricas, e se mudou para elas. *Fiquei* surpreso, no entanto, ao descobrir que Aleksey abandonou-nos mudando-se para uma casa de campo também. Não era como ele, e ele caiu na minha opinião. Claro, ele estava muito baixo naquele tempo, porque mal falava comigo há dias e eu estava de mau humor. Não é agradável ser um homem apaixonado. Eu deveria ter lembrado isso de minhas experiências com James Harcourt, mas para ser justo, isso era diferente. Eu queria ver mais de Aleksey, enquanto James eu queria matar.

A ROYAL AFFAIR

Eu fui muito baixo e abrupto com Aleksey, portanto, quando ele realmente me procurou um dia. Para ser justo, eu acabara de tirar a perna de um homem e tinha certeza de que perdera meu tempo, porque ele não sobreviveria à noite. Eu estava cansado e sangrando, assim como amuado e apaixonado. Aleksey descansou despreocupadamente contra seu cavalo, olhando-me enquanto eu tentava limpar um pouco do sangue das minhas mãos em um balde do lado de fora da minha tenda.

— Olá.

Eu balancei a cabeça para ele, sacudindo a água com sangue um pouco perto demais, então ele teve que recuar ou ter seu uniforme imaculado arruinado. Eu não estava imaculado.

— Como estão suas feridas? Seu rosto parece muito bem.

Isso era verdade. Ele havia sarado e eu quase tinha esquecido que tinha sido tão danificado. Eu não tive ninguém para tentar beijá-lo, afinal. Eu senti vontade de apontar isso para ele, mas não era o *meu* lugar para lembrá-lo do que havíamos sido. Quando estou de mau humor, faço isso muito bem. Em vez disso, perguntei: — O que você quer, Alteza? *Estou* muito ocupado. — Eu coloquei muita ênfase em *mim* porque *ele* parecia ter tempo para se banhar e usar um uniforme limpo.

— Eu queria mostrar-lhe minhas novas medalhas.

Eu me endireitei. — Estou honrado por você ter vindo a esse humilde campo de soldados *trabalhadores* para me encontrar para tal deleite. Elas são muito brilhantes?



A ROYAL AFFAIR

Ele riu. — Muito.

Eu me aproximei, limpando minhas mãos. — Mostre-me, então, e deixe-me voltar ao trabalho.

— Eu não posso.

— Oh, pelo amor de Deus, vá embora, Aleksey.

— Eu não posso te mostrar porque elas não estão aqui. Elas estão na nossa nova casa. — Ele riu abertamente da minha expressão e chegou o mais perto que ousou, já que estávamos na rua principal e muitos homens se aproximavam. — Eu peguei uma casa. *Para nós*. Seu rosto. Você é divertido de provocar, Niko. Diga-me de novo o quanto você me odeia, continue, pois sempre me diverte. — Ele subiu em seu cavalo e me passou um pedaço de papel. — Aqui é o endereço. Termine aqui quando puder. Se a minha presença não for suficiente para tentá-lo a superar seu mau humor, talvez o fato de ter banheiras de água quente grandes o suficiente para submergir um homem - ou *dois* - faça com que você acelere suas tarefas. Bom dia, doutor.

Eu assisti ele andar fora, o pequeno pedaço de papel segurado frouxamente em meus dedos. O pobre homem da perna amputada tinha morrido. Eu dei pouca atenção. Eu tinha uma banheira grande o suficiente para submergir dois homens para pensar. Eu fiquei quente apenas com o pensamento.

Capítulo Vinte e Dois

Minha crença que Aleksey deveria ficar e se acomodar com seu exército só durou até que eu descobri que eu estava incluído em seus novos planos de acomodação. Eu estava mais do que feliz por nós dois não vermos mais tendas ou soldados. Minha hipocrisia ocasionalmente me desanimou, mas não tanto que eu me incomodei em mudar.

No entanto, não me tornei tão reprovado a ponto de largar meus instrumentos e segui-lo. Fiquei o dia inteiro ajudando os homens que precisavam de mim, e só então deixei Jules em seu turno e consultei o pedaço de papel mais uma vez.

A vila estava em um penhasco com vista para o oceano. Foi construído no grande estilo europeu. Essas pessoas eram muito mais ricas do que seus vizinhos em Hesse-Davia. Aleksey havia conquistado seu país uma grande vitória de fato. Fez-me perguntar por que Saxefalia fora à guerra, se recebesse os despojos, se vencesse, teria sido tão insignificante, mas suponho que os homens conduzam seus países à guerra com pouquíssima justificativa às vezes. Era tudo sobre a glória.

Entrei no pátio e entreguei minhas rédeas a um homem que me assegurou que Xavier seria atendido tão bem quanto eu. Tive que reprimir um sorriso e desejei bem a Xavier nesse esforço. Ele nunca, no meu

A ROYAL AFFAIR

conhecimento, expressara tais preferências, mas se ele encontrasse um jovem garanhão adequado, seria bem-vindo a tentar.

Eu fiz meu caminho para dentro da casa. Estava bem iluminado por velas, que, em seguida, notei conduzia por uma trilha sinuosa pelos corredores. Eu segui como uma mariposa para sua chama, incapaz de me conter, tal era o meu desejo.

Ele estava submerso em um buraco no chão, do qual surgia o vapor aromático. Eu nunca tinha visto nada mais bem-vindo ou mais bonito. Seu cabelo molhado estava preso em ângulos estranhos, e ele sorriu com prazer em minha expressão, mas ainda assim ele era apenas a perfeição em meus olhos. — Tire seu uniforme, Nikolai. Deixe-me assistir.

Sua voz continha aquele nível de comando que me fez perceber que estes últimos dias tiveram um profundo efeito sobre Aleksey. Ele tinha vinte e três anos, era soldado e passara pelos rituais costumeiros que marcam a passagem da infância para a idade adulta muitos anos atrás. Mas agora ele liderou um exército vitorioso na guerra. Ele havia capturado um reino. Ele era um *conquistador*.

Nada disso me assustou, nem um pouco. Eu suspeitava que agora eu tinha alguém que pudesse compartilhar mais do que apenas seu corpo. Nós nos conhecemos mais como iguais, e a antecipação foi maior por isso.

Eu fiz o que ele pediu. Eu tirei e deixei minhas roupas sujas caírem de mim afinal. Fiquei totalmente nu para sua inspeção. Nós tínhamos estado nus juntos antes, mas isso era bem diferente. Antes tinha sido apressados e atrapalhados, o prazer arrebatado dos tempos e de lugares que não



A ROYAL AFFAIR

deveríamos ter. Agora eu acreditava que o tempo realmente diminuiu para nós. Eu estava em toda a minha altura e músculo, minhas feridas e cicatrizes - e minha masculinidade se levantou e o procurou. Ele estendeu a mão e eu desci para a água...

— Merda. — Eu pulei para fora novamente. — Como isso é irritantemente quente?

Ele riu e estendeu a mão para mim. — Amaldiçoando novamente. Eu adoro ouvir você fazer isso. É porque você está com frio, Niko, isso é tudo. Venha, dê uma chance e desça mais devagar. Eu não posso pensar porque você estaria tão ansioso...

Eu dei a ele um olhar azedo, mas fiz o que ele pediu. Eu tinha vivido frio como gelo por tantas semanas, agora eu realmente havia esquecido como o calor sentia. Foi... sublime; essa foi a única maneira que eu poderia descrevê-lo. Eu afundei meus ombros ao lado dele, sentindo mais do que frio escoar do meu corpo e deixá-lo para sempre. Eu não estava mais com raiva e amargurado com Aleksey.

Nós mal tivemos tempo para sorrir antes de nos beijarmos, e nossos beijos tinham tanta urgência que nós dois sabíamos o que estava por vir. Eu o encontrei, ele me encontrou, e nós engasgamos enquanto a liberação desejada nos levou. Foi um longo e prolongado orgasmo para mim que me levou algum tempo para me recuperar. Ele murmurou que ele teria que me deixar irritado com ele novamente, se essa fosse sua recompensa. Isso não fez nada para diminuir meu desejo. Não sei se foi o timbre baixo e sedutor de sua voz ou a ideia de minha semente ser seu prêmio, mas voltei a gozar

A ROYAL AFFAIR

apenas por suas palavras. Ele ficou encantado por eu ter disparado mais uma vez, desta vez com menos ferocidade, mas com tanto prazer.

Depois disso, voltamos a nos beijar até ele se afastar e me mostrar o que ele havia preparado (havia sido preparado por um criado, é claro, mas ainda foi Aleksey) alguma comida e um soberbo vinho local. Nós nos saciamos, alimentando um ao outro, balançando e mexendo a água. Ele particularmente gostou quando eu tomei vinho e passei para ele da minha boca, sua língua lambendo ao redor, procurando-o. Quando estávamos satisfeitos com a comida e muito relaxados com o vinho - era muito encorajador beber em excesso quando o vinho vinha da boca de Aleksey - ele começou a inspecionar minhas feridas. Eu o deixei. Ele poderia colocar suas mãos onde quer que quisesse, tanto quanto eu estava preocupado. Ele parecia um pouco perturbado agora, e eu assumi que estava vendo as cicatrizes, mas ele negou isso quando perguntado. Eu debati permitir que ele guardasse suas preocupações para si mesmo, pois eu não queria estragar a atmosfera, mas sua súbita mudança de humor arruinara um pouco isso de qualquer maneira. Eu perguntei a ele simplesmente, correndo meus dedos pelo seu cabelo, beijando seu pescoço. — O que há de errado?

Ele me segurou, olhando para o canto da sala, sem chamar minha atenção. — Eu não sei o que vamos fazer a seguir.

Eu fiz uma careta. Eu estava um pouco distraído, com ele quente, escorregadio e nu ao meu lado na banheira. — Nós voltamos para Hesse-Davia?



A ROYAL AFFAIR

— Eu não quero dizer isso. — Ele se virou para mim finalmente, acalmando meus beijos e minhas mãos errantes. — Depois disso... o beijo. Eu não tenho certeza... — De repente, ele deixou escapar: — Tenho pensado e pensando em você e nas coisas que você me faz querer quando olho para você, mas o que eu não entendo é o que *você* faz depois. Oh Deus, estou explicando isso mal. — De repente, ele afundou sob a água, prendendo a respiração, depois se ergueu com um movimento de sacudir a cabeça. — Não, isso não ajudou.

Eu ri dele, minhas mãos retornando aos seus jogos interessantes. — Apenas me diga Aleksey. Você disse isso para mim uma vez, lembra?

Ele assentiu. Por alguma razão, não achei que minha lembrança desse incidente tivesse ajudado. Descobri por que, quando ele disse, hesitante: — Eu entendo que, quando eu entrar em você, será prazeroso para mim, pois pensei pouco mais desde que te conheci, mas como isso será bom para você? Dado... o que você me contou...

Ele olhou para baixo, aquele rubor que eu conhecia tão bem no seu rosto. Eu ri, depois desejei que não tivesse. Mas foi a surpresa. Eu não tinha ideia do que ele achava que ele faria - eu rapidamente o desiludi. — Aleksey, você não precisa se preocupar com isso. Você não será o único a fazer a inserção. Eu vou.

Ele virou a cabeça muito devagar, seu olhar firme. — Isso, obviamente, não vai acontecer.



A ROYAL AFFAIR

— Do que você está falando? — Eu tinha parado de acariciá-lo agora. Eu senti a primeira agitação do verdadeiro alarme. Isso nem me ocorreu - que ele assumiria que assumiria o papel de homem em nossa união.

Ele ainda estava tentando me olhar de baixo e, quando viu minha confusão, acrescentou: — Eu sou um *príncipe real*, Nikolai, e seu comandante. Eu não vou ser... o que você possa chamar.

— Fodido?

Ele cerrou o queixo. Ele não gostou da minha crueza quando aplicado a ele, eu notei. Ele tomou um gole de vinho e comentou arrogantemente: — Estamos aqui apenas por minha causa.

— O que isso significa? Você é Deus agora?

Ele bufou com minha deliberada obtusidade. — A missão de espionagem? O beijo? Eu projetei a coisa toda para poder ter você sozinho e finalmente descobrir o que todos aqueles olhares furiosos para mim poderiam significar. Estamos aqui porque tive coragem de dar o primeiro passo.

Era verdade demais para refutar, então eu refutei isso de forma circular. — Me beijou e depois me levou a acreditar que foi feito de brincadeira. Isso foi tão útil quanto um pau em uma freira. E os olhares não eram furiosos. Eles eram avisos, porque você é um idiota.

Nós estávamos em um impasse. Eu me inclinei contra a banheira, deixando minha cabeça cair para trás. Ele suspirou. — Isso está indo bem como todos os outros encontros que eu organizei para nós.

A ROYAL AFFAIR

— E de quem é a culpa?

— Sua.

— É o que você diz. Olhe, eu sou mais velho que você e tenho...

— Diga-me mais uma vez, Nikolai, quanto do mundo você viu e todas as coisas que você fez. Eu sei que sou jovem, mas isso não altera a verdade essencial do que digo. Eu sou seu superior.

Eu ri e ele me bateu. Eu não estava tendo isso, então eu segurei seus braços, e isso levou a outras coisas, pois ficamos excitados com a raiva. Eu o beijei áspero e duro, peguei seu membro em minha mão mais uma vez, e ofereci muito pra ele e não permiti que ele gozasse. Eu sussurrei em seu ouvido: — Você iria gostar disso. Eu prometo, Aleksey. Você apreciaria isso. — Eu pude ver que ele estava vacilando e eu pressionei minha vantagem. Eu pressionei outra coisa. Seus olhos se arregalaram. — Veja? Imagine se fosse isso aí. — E eu empurrei meu pau duro contra sua coxa para focar seus pensamentos.

Ele gemeu, mas se afastou de mim um pouco. — Eu não entendo porque se eu posso gostar, você não iria.

Eu não tinha resposta para isso, exceto que não tinha gostado, embora não fosse estúpido. Podia ver que minhas experiências de tal atividade não eram em circunstâncias ideais. Ele de repente girou e montou meu colo. Seus olhos se arregalaram e ele murmurou ironicamente: — Isso foi perto. Isso poderia ter resolvido nosso dilema para nós.

A ROYAL AFFAIR

Eu ri e beijei-o. Eu já não tinha tudo o que poderia querer aqui e agora? — Não pense mais sobre isso. Temos tempo suficiente para decidir todas as coisas.

Nós gastamos uma meia hora muito mais agradável na banheira antes de esfriar muito para desfrutar mais. Eu nunca tinha beijado por meia hora sem descanso antes. Eu não percebi que o tempo poderia passar tão rápido. Nós estávamos perdidos um num outro e para a sensação de nossos corpos sem a necessidade de levá-lo além de dedos pastando, línguas explorando, e o intenso prazer de carne quente contra carne.

Quando saímos da banheira, perguntei a Aleksey onde dormiria, e ele pegou minha mão e me levou a um grande quarto com uma enorme cama com cortinas. Ele olhou para mim e fez beicinho um pouco. — Eu achei que seríamos mais íntimos nesse estágio - que você se contentaria em dividir a cama comigo. Eu sinto muito. Talvez você... — Eu o peguei pela cintura, ergui-o no ar e, ignorando sua objeção furiosa a ser tão maltratado, joguei-o na cama, depois montei nele.

— Você é muito magistral, senhor.

Eu gemi com o comportamento coquete dele e bati-o desaprovador no nariz. — Esse tipo de linguagem, *senhor*, vai colocar você em problemas. Seja cauteloso, ou eu vou resolver o nosso problema para nós, virando você e mostrando o quão magistral eu posso ser.

Ele pensou sobre isso por um momento. — Talvez isso seja o melhor. Eu não queria aprender a nadar, mas quando eu tinha três anos, Johan me pegou e me jogou no mar perto da parede do porto, onde era muito



A ROYAL AFFAIR

profundo. Eu nadava ou me afogava. E quando salvei Faelan do oceano, fiquei muito feliz por ele ter feito isso. Embora, admito, ele não esteve a meu favor durante muitas semanas após o incidente.

Eu rolei e me deitei ao lado dele, contemplando a capa de tapeçaria acima de nossas cabeças. — Você acabou de me comparar a você quase se afogando?

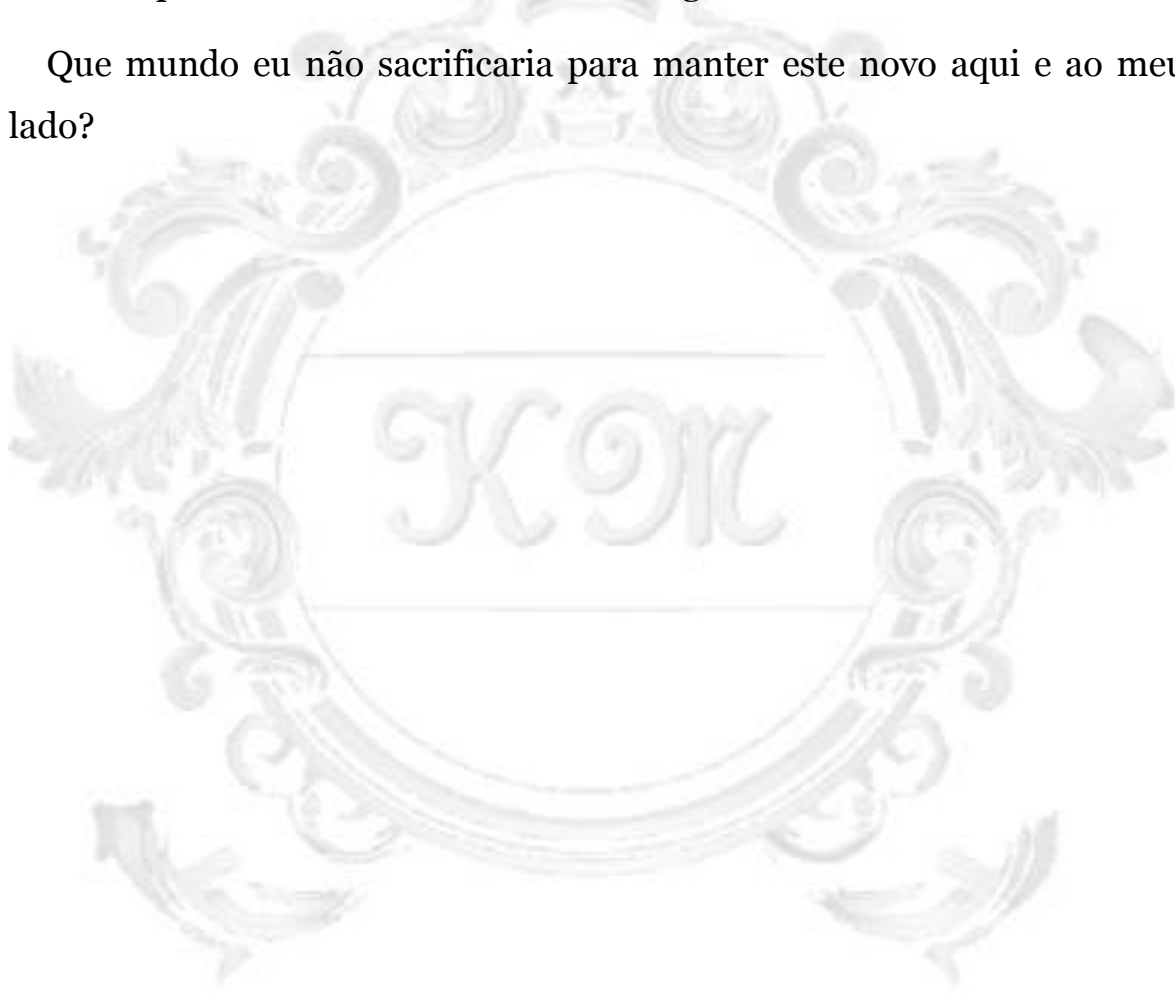
— Eu acho que o afogamento seria um bom caminho a percorrer. Eu já estou me afogando em meu desejo por você. — De repente ele se levantou um pouco dessa introspecção sombria e me deu um tapa brincalhão. — Mas isso não é bom também? Nós nunca tivemos tal conforto, e estou muito ansioso para ver como é dormir com você. Espero que você perceba e aprecie que eu bani Faelan do nosso quarto esta noite, para que você possa me ter só para você.

Subimos debaixo das cobertas e nos movemos juntos como se fôssemos companheiros familiares, o que não éramos. Mesmo quando dividíamos uma tenda por tanto tempo na marcha, sempre tínhamos camas desconfortáveis separadas. Isso foi realmente muito confortável. Ambos nus, nós logo esquentamos a cama fria só de deitarmos torcidos juntos. Eu podia sentir os efeitos da comida e do vinho e o longo dia trabalhando em mim. Eu acho que Aleksey já estava dormindo. Ele sempre dormia com muita calma e sem se mexer. Ele disse que não sonhava, o que eu não acreditava. Como poderia um homem não sonhar? Meu sono sempre estava cheio de acontecimentos e pensamentos, e às vezes eu acordava conversando sobre assuntos incrivelmente interessantes que eu não conseguia lembrar uma vez que meus olhos se abriram. Como ele poderia

A ROYAL AFFAIR

dormir agora, porém, quando isso era tão novo? Eu não achava que conseguiria dormir quando tinha tanta perfeição: uma cabeça no peito; um corpo quente e flexível em meus braços; uma coxa curvada e pesada nas minhas pernas; e pés entrelaçados com os meus. Isso me levou de volta ao amontoado de corpos quentes me embalando para dormir quando criança. Eu havia perdido todo o meu mundo, mas ganhei outro.

Que mundo eu não sacrificaria para manter este novo aqui e ao meu lado?



Capítulo Vinte e Três

Eu poderia dizer que nosso dilema estava na mente de Aleksey quando ele acordou no dia seguinte. Ele estava curioso, querendo explorar. Tudo o que ele fez me disse que estava pensando sobre meus desejos. Tornei mais fácil para ele não tomar sua decisão, deixando que ele fizesse o que queria ao meu corpo, além do óbvio, o que eu não permitiria. Acostumando-o à ideia de que qualquer coisa entre nós era aceitável, que, nisto, éramos inteiramente iguais. Quem tinha que descer do pódio da crença em sua superioridade e aceitar essa igualdade ainda estava aberto para debate, no entanto. Eu, naturalmente, senti que eu era o líder entre nós. Ele claramente achava que sua posição e posição superiores significavam superioridade em todas as coisas, inclusive eu. Nós não tivemos muito tempo, infelizmente, pois eu tinha muitas coisas que queria fazer com Aleksey, mas havíamos acordado tarde e já podíamos ouvir comoção fora da casa. Um desfile enorme foi planejado. Por mais fascinante que meu corpo fosse, aparentemente não poderia competir com a oportunidade de cavalgar à frente de seu exército, usando suas novas medalhas brilhantes diante do pai, o rei. Eu dificilmente poderia culpá-lo. Por mais fascinante que seu corpo fosse, eu também queria estar no desfile, para observá-lo usando suas novas medalhas brilhantes, cavalgando à frente de seu exército. Ao rei eu poderia pegar ou largar.

A ROYAL AFFAIR

Então, com relutância, tivemos que deixar a nossa cama antes que algo pecaminoso pudesse acontecer - a menos que intenção e pensamento fossem agora pecados, que, conhecendo o Deus cristão, provavelmente eram. De certa forma, isso foi bom, pois, embora nós dois tivéssemos problemas ao nos vestir, a excitação aumentada de nossos corpos se misturava à antecipação do dia. Quando Aleksey entrou no acampamento, seu humor energizou a todos. Até os estandartes que haviam caído pareciam endurecer e se agitar. Eu pensei que Aleksey estava tendo um efeito ruim sobre mim. Eu me castiguei e tentei manter fora o sorriso do meu rosto. Eu não era conhecido como o tipo de homem que sorria em qualquer coisa, e essa felicidade insana nos mandaria a distância. Mas Aleksey era viciante. Eu provei seu doce ópio e sabia que já estava perdido.

Eu tive bastante tempo para considerar nosso problema enquanto nos alinhávamos em nossas várias fileiras e ordens para desfilar diante de Sua Majestade. Eu não podia culpar Aleksey por sua decisão. Enquanto eu o observava então, resplandecente, respeitado, um líder de homens, ele não parecia para ninguém, ao ser considerado como isto como um homem que tomou o pênis de outro dentro dele de boa vontade. Claro, eu sabia que isso era tolice. Eu sabia que homens que gostavam de homens vinham de todas as formas e tamanhos, e em lugares onde você menos esperava. Eu conhecia os guerreiros mais ferozes que se deitavam debaixo de um mero garoto, pois somente na rendição voluntária do poder você descobria a verdadeira força que estava dentro de você. Aleksey tinha muito poder, mas ele encontraria mais na rendição dele de bom grado. Eu não podia ensinar isso a ele, no entanto. Ele precisava descobrir por si mesmo, e como eu ia

A ROYAL AFFAIR

ajudá-lo a fazer isso era um mistério para mim. Eu nunca tive que persuadir outro homem para o meu pau antes. Eu nunca tive que tentar.

O desfile começou nos campos em que estávamos acampados e depois passamos devagar pela cidade, passando pela grande cidadela. Uma arquibancada fora montada apressadamente nos degraus deste edifício para que os proeminentes cidadãos de Saxefalia testemunhassem seu novo príncipe apresentando as medalhas. Depois disso, eles prepararam uma festa em homenagem ao grande exército vitorioso (para o qual apenas os oficiais foram convidados, observei) e depois um torneio: mais esgrima, mais investidas de lanças e batalhas simuladas. Você pensaria que eles tiveram o suficiente por este tempo. Finalmente, a cerimônia formal de investidura seria realizada na catedral, onde o rei de Hesse-Davia coroaria seu filho mais velho, o príncipe de Saxefalia.

Eu estava a cavalgar com a cavalaria e tinha trocado minha braçadeira branca pela sua azul royal. Aleksey havia insistido para que eu não pintasse meu rosto ou andasse seminu, o que eu tinha ameaçado fazer. Eu, no entanto, pintei uma mão branca sobre o traseiro de Xavier. Parecia bem ali, e se fosse perguntado, eu diria que era poeira accidental. Eu também concedi a ele sua própria medalha, que ele usava pendurada em seu freio contra os regulamentos. Eu senti que ele tinha ganhado isso. Ele matou tantos inimigos quanto eu na guerra.

Pela primeira vez, cavalgando junto com meus colegas oficiais no desfile, tive a sensação de que o sol agora *me* deu um favor especial. Toda a luz se curvou e se inclinou para *mim*, e tudo em mim parecia intensificado - o

A ROYAL AFFAIR

brilho do casaco de Xavier, o balanço de sua juba, a sensação de poder, saúde e força em meu corpo.

Chegamos aos portões da cidade, e sons intensificaram, centenas de cascos em pedras, minúsculas fagulhas voando quando escorregavam, relinchos suaves e murmurantes garantias, e então os clarins soaram quando a cabeça do desfile alcançou a arquibancada. Eu não pude ver ainda, mas todo o cinismo sobre este dia desapareceu naquele clarim. Foi um chamado às armas, à fraternidade, à fidelidade. Eu queria ver o rei, queria ver o prazer em seu rosto nesta grande vitória. Eu estava mesmo disposto a ver o príncipe George - ele estava apresentando suas medalhas e eu queria vê-las.

Eu estava a cerca de seis metros da arquibancada, apenas vislumbrando de vez em quando as sobrelanceiras de Xavier, e isso apenas da minha altura superior, quando ouvi um rangido. Eu não dei atenção, pois estava admirando o rei, que parecia bastante forte e saudável, o que eu fiquei feliz em observar. Ele tinha sido meu primeiro sucesso neste empreendimento, a guerra o segundo. Eu só tinha a minha conquista de Aleksey para ir, e minha jornada para esta terra ignorada valeria totalmente a pena. Eu estava pensando em colocar para o príncipe nestes termos - que ele seria minha terceira vitória - e ver se isso ajudaria sua decisão em aquiescer, quando ouvi o rangido de novo, desta vez muito mais alto. Alto o suficiente para fazer com que vários dos oficiais subissem em seus estribos para observar as fileiras por má conduta. Cavalos, na minha experiência, não rangiam, então continuei pensando em meus próprios pensamentos agradáveis, ouvindo a indignação de Aleksey por ser chamado de minha

A ROYAL AFFAIR

conquista e imaginando nossa luta subsequente e o cair na banheira - o que inevitavelmente terminaria com ele sentado em mais do que no meu colo desta vez. Eu estava muito absorto nisso, mudando um pouco na sela, para me interessar pelo grito que vinha da frente da fila.

Eu não pude ignorar o grito.

A essa altura, eu já tinha uma visão completa da arquibancada e imaginei por um momento se eu havia escorregado nas costas de Xavier e estava vendo o mundo torto, até que percebi que era a arquibancada - estava caída para o lado. Enquanto eu observava, fascinado, balançou e caiu para o outro lado. De repente, como um prato de gelatina balançado por um servo descuidado, todo o edifício começou a tremer da esquerda para a direita.

Foi maravilhoso por um momento, até que caiu no chão, levando o rei, príncipes, cortesãos, damas e servos caindo aos degraus da cidadela sob as tábuas e vigas e erguendo as copas às pressas.

Houve pandemônio. Às vezes, menos pessoas correndo para um resgate são melhores que muitas. O rei tinha todo o seu exército lá para se apressar para ajudar, e eles se apressaram, cavalos, oficiais e soldados. Eles caíram um no outro. Eles se enroscaram nos escombros. Cavalos escorregaram nos paralelepípedos e caíram, seus cavaleiros presos embaixo e indefesos. Ninguém assumiu o comando, pois ninguém podia ser ouvido sobre os gritos e gritos.

Eu encontrei o Aleksey. Eu acho que toda a minha vida naquela época foi dedicada inteiramente à descoberta e preservação daquele jovem. Ele também estava lutando para alcançar a estrutura em colapso. Eu segurei



A ROYAL AFFAIR

ele pra trás. Eu deixaria o mundo inteiro ser esmagado se eu pudesse manter Aleksey a salvo. Além disso, eu não estava prestes a ser qualquer tipo de herói e salvar o dia por uma sugestão inteligente. Eu não tinha absolutamente nenhuma ideia do que devíamos fazer, mas correr precipitadamente para esse lugar de extremo perigo não ia acontecer. Surpreendentemente, Aleksey não lutou comigo. Acho que foi a segunda vez que vi a nova maturidade que a batalha havia forjado nele. O velho Aleksey teria chutado e lutado contra minha contenção, seu desejo desesperado de ajudar seu pai superando seu julgamento mais racional.

Agora, porém, ele acenou para mim e gritou em meu ouvido: — Devemos tentar abordá-lo de cima, de dentro da cidadela. — Eu balancei a cabeça que eu tinha entendido, e nós forçamos nosso caminho através da multidão longe da confusão em direção a um beco lateral. Fiquei muito feliz por afastar Xavier da luta, pois ele estava irritado e nervoso e não sabia dizer que aquela *não* era *uma* outra ocasião em que ele deveria matar. Talvez ele tenha visto outra medalha no futuro. Eu prendi ele e o cavalo de guerra de Aleksey a um pilar seguro, e corremos para dentro do prédio por uma entrada lateral. Mais uma vez, fiquei espantado com a riqueza desta cidade. Eu não tinha visto nada em Hesse-Davia para comparar com este grande palácio, mas não tive tempo de admirar mais do que os afrescos e os tetos altos antes de emergirmos nos degraus em que a catástrofe ocorrera. Agora podíamos ver a verdadeira natureza do desastre.

A estrutura tinha mais de nove metros de altura e foi construída para conter mais de cem pessoas. Provavelmente teria sido seguro erguido em um campo, onde seu peso poderia tê-lo afundado no chão. Mas aqui nos

A ROYAL AFFAIR

degraus de mármore deste grande edifício, o peso das pessoas e o movimento que eles fizeram para nos alegrar fizeram com que ele oscilasse em vez de afundar. Uma vez que o balanço começou, nada poderia pará-lo. Como uma casa construída com cartas em uma mesa bamba, caíra sobre a mesa. Infelizmente, o rei estivera na fileira da frente e de baixo do assento. Ele tinha tomado o piso sob o piso diretamente sobre sua cabeça.

O rei estava morto. Eu não precisava ser um médico para ver isso. Ele havia sido esmagado além da esperança de reavivamento. O velho já havia sido retirado dos destroços e colocado numa capa nos degraus. Aleksey sentou-se ao lado dele, sem mostrar qualquer emoção, como convinha a sua posição. Eu estava mostrando mais emoção do que ele, pois tinha trabalhado duro para salvar seu pai. Seu corpo quebrado me lembrava quão frágil era nossa influência sobre a vida, e senti o grande medo que todos os homens devem sentir em tal época - que eu estava mais perto de alguma forma da perda de todas as coisas. Eu queria arrastar Aleksey para longe deste lugar, envolvê-lo em meus braços e evitar que qualquer dano chegasse até ele. Os medos irracionais devem ser subjugados, e pensei que os meus fossem irracionais.

O príncipe George não pôde ser encontrado. A princípio, o grito subiu que ele não tinha estado no desfile, que ele foi poupado. Isso não era verdade. Eu o tinha visto sentado ao lado de seu pai, mas não indiquei isso para ninguém. Era o tipo de comentário que era lembrado depois de um evento, e acusações, ridículas por natureza, podiam ser lançadas em um homem quando meras palavras verdadeiras se tornavam proféticas.

A ROYAL AFFAIR

Eles encontraram George uma hora depois. Coberto por muitos outros corpos, ele havia sido colocado de lado com cidadãos proeminentes de Saxefalia e não reconhecido até que a contagem final fosse feita. Então houve um lamento universal e ranger de dentes de Hesse-Davia, com certeza. De repente, Aleksey foi arrastado de sua triste vigília do corpo de seu pai. Não literalmente, claro. Você não arrasta um rei para lugar nenhum. E é isso que Aleksey era agora: o rei Christian X de Hesse-Davia.

Isso mudou um grande número de coisas para Aleksey e, por associação, para mim.



Capítulo Vinte e Quatro

A primeira grande mudança foi que Aleksey não podia mais ser chefe do exército. Era uma posição muito perigosa para um rei. Não acho que ele se importasse de um jeito ou de outro naqueles primeiros dias. Ele estava em choque e lamentando terrivelmente. Ele realmente amara seu pai, mas era mais do que isso, eu acho. Seu pai morrera celebrando o primeiro grande triunfo de Aleksey, e acho que isso prejudicou toda a conquista para ele, bem como, é claro, sua ascensão ao trono. Eu não tinha considerado isso antes, mas muitos desses reis e rainhas na história devem ter ascendido, angustiado, para decidir sobre a morte de seus amados pais. Talvez não. Talvez Aleksey tivesse sido libertado para amar seu pai sendo o segundo filho, e assim fora da sombra da expectativa. Quem poderia esperar que ele pulasse duas cadeiras na mesa de jantar ao mesmo tempo? Pobre rei Christian, suas medalhas brilhantes, das quais ele tinha sido tão orgulhoso, agora eram bugigangas que só o faziam lembrar da morte.

Nos primeiros dias após o desastre, eu não tinha certeza de como a morte do velho rei e a consequente ascensão de Aleksey afetariam nosso relacionamento provisório. Egoisticamente, achei as mortes muito inconvenientes, pois não teria culpado Aleksey se ele se afastasse de mim. Afinal, ele era um cristão (aqui tenho que acrescentar que todos os augúrios estavam prevendo um reinado favorecido por Deus a partir da justaposição vantajosa do nome de Aleksey com o fato de que ele era o décimo rei a governar Hesse-Davia. Uma cruz após seu nome falou duplamente de sua

A ROYAL AFFAIR

piedade, aparentemente), e os cristãos sempre gostaram de levar a culpa e procurar por culpa e fazer as pazes com um Deus que para mim parecia totalmente indiferente ao que os homens fazem ou dizem. Eu esperava que ele me dissesse que nosso pecado havia matado seu pai, ou que ele precisava fazer penitência pelo pecado e desistir de mim. Ou pior, que ele agora deve cumprir seu papel de rei dado por Deus e colocar esse pecado e tentação para trás.

Aleksey não fez nenhuma dessas coisas. Ele olhou para mim como seu amigo, seu apoio, seu guia e seu conselho. Esse foi o momento em que ele se virou de Johan para mim, e eu assumi todos os papéis que o homem havia desempenhado em sua vida. Ele via muito menos de Johan, já que ele não era mais um general, mas um rei.

O que exatamente suas novas funções significavam nenhum de nós sabia.

Passei o primeiro dia inteiro ajudando as vítimas do grande colapso, como este evento veio a ser conhecido. Corriam rumores, é claro, de que os saxefalianos haviam tomado uma vingança final e muito eficaz, deliberadamente sabotando a arquibancada. Seus construtores ergueram-na, afinal de contas, mas um número de cidadãos muito proeminentes de sua cidade estava sentado com o rei e morreu ao lado dele, então duvidava dessa teoria eu mesmo. Quarenta e três pessoas morreram no colapso e dezesseis no tumulto que se seguiu para resgatar os mortos. Mais de trinta pessoas ficaram tão gravemente feridas que seus dias estavam contados a meu ver. Meia dúzia foi ferida - perdeu um membro ou um olho - mas se recuperaria. Um punhado escapou sem um arranhão e um deles estava sentado logo atrás do rei. A vida era muito tênue, quando tudo estava dito

A ROYAL AFFAIR

e feito. Naquela noite, o corpo do rei Gregor foi colocado junto com seu filho mais velho. O rei não podia, é claro, ser enterrado em Saxefalia. Ele tinha que descansar com seus antepassados. Eu achei essa ideia bastante afetada e me lembrei de um velho de pé em uma praia discutindo comigo um rei morto há muito tempo. Nem Gregor nem Canuto conseguiram deter a maré ou a morte.

Eu tinha assumido que o exército que havia invadido Saxefalia e conquistado uma grande vitória se tornaria a escolta do rei morto de volta à sua própria terra, seus portadores para a próxima vida. Seria um longo e triste trem fúnebre, e eu vi em minha mente: novos uniformes de cavalaria negra em oficiais escolhidos a dedo, montarias pretas contra a paisagem branca como a neve. Aleksey, claro, acompanharia seu pai. Era o primeiro dever que ele realizaria como rei.

Infelizmente, deixei minha imaginação fugir comigo, pensando em Aleksey toda vestido de preto e cavalgando tristemente, mas bravamente, em frente à marcha lenta. O velho rei e seu filho estavam indo para casa de navio. A nau capitânia da marinha de Hesse-Davia foi convocada para transportá-los. Gregor deveria voltar para casa, como seus antepassados poderiam ter chegado à costa de Hesse-Davia. Isso tudo foi muito bem, mas colocou um certo estrago nos meus planos de acompanhar Aleksey.

Embarcar ainda era embarcar, mesmo em um navio almirante, e eu não conseguia cruzar um. Não só eu seria assaltado por minha antiga aflição, como essa falta de desumanização seria então testemunhada por toda Hesse-Davia - bem, a única parte daquele país que importava para mim. Aleksey.

A ROYAL AFFAIR

Ele não sabia nada do meu dilema e eu queria continuar assim. No que lhe dizia respeito, eu estava muito perto de ir embora de navio muitas vezes - na verdade, eu a ameaçara em mais de uma ocasião quando estava irritado com ele ou de mau humor, ou quando queria trazer sua atenção de volta para mim. Eu nunca pretendi voltar para a Inglaterra, mas agora estava me arrependendo de minhas declarações impulsivas e falsas.

Eu não pude nem mesmo subir a bordo de um navio para roubar suprimentos médicos enquanto ele estava preso a uma doca. Meu dia de travessia do Canal tinha sido cheio de horror, e eu havia me encolhido no convés, não pelo movimento do mar, mas pelas lembranças que o navio evocava.

Como eu me sairia em uma viagem de algumas semanas?

Eu não falei nada dos meus medos para Aleksey no começo. Ele estava sobrecarregado o suficiente com seu novo papel sem que eu aumentasse suas preocupações. Foi uma grande mudança para ir do segundo filho para o rei em um momento. Tudo havia mudado. Ele tinha sido em muitos aspectos um agente muito livre antes de agora. Ele veio e foi embora, praticamente fazendo o que ele gostava por vinte e três anos, mas agora ele estava cercado de pessoas dia e noite. Ele *era* Hesse-Davia. Ministros, conselheiros, sacerdotes e servos - ele estava constantemente no centro de um grupo de pessoas em busca de aprovação, decisão e comando. Nossa intimidade desabrochando tinha chegado a um fim bastante abrupto - o lado físico de qualquer maneira. Emocionalmente, nos tornamos mais próximos do que nunca durante aqueles poucos dias, esperando pelo retorno a Hesse-Davia.



A ROYAL AFFAIR

Aleksey nunca teve que lidar com a dor antes, e agora ele estava lidando com isso enquanto investia em um papel no qual ele não podia demonstrar. Ele tinha que falar sobre seu pai o dia todo, mas apenas sobre arranjos de funeral e coroação. Era tudo sobre *ele* agora, o legado de seu pai sendo lavado para que o novo fosse trazido. Como as moedas seriam remetidas? A alteração das bandeiras? Os chefes de estado da Europa deveriam ser informados... e assim por diante. Ele precisava de mim, mas eu não sabia como ajudá-lo. Eu tinha apenas uma experiência de pesar de uma criança: temo a tristeza esmagadora de forma muito eficaz. Não era todo menino de cinco anos que tinha que encarar o cabelo de sua mãe pendurado em uma lança.

As mulheres acham que os homens pensam como elas e, se conseguirem encontrar apenas o botão certo para apertar, vamos liberar toda a emoção que carregamos dentro de nós. Os homens sentem as coisas tão profundamente quanto as mulheres, mas o nosso primeiro recurso é não deixar que essa emoção saia em palavras, lágrimas ou birras. Nós a trancamos e deixamos que apodreça dentro de nós até que saia em violência, bravata, raiva e crueldade. Se uma mulher tivesse sido tratada como eu fui tratado a bordo do baleeiro navegando para a Inglaterra, eu não acredito que ela teria reagido como eu fiz. Ela poderia ter chorado e implorado por alívio, como eu fiz durante o pior de tudo, mas ela não teria esperado sua oportunidade e depois assassinado toda a tripulação, apenas à vista da terra. Essas lembranças dolorosas me atormentavam enquanto assistia Aleksey sofrer, impotente para ajudá-lo. Eu sabia que ele estava

A ROYAL AFFAIR

sentindo as coisas muito profundamente, mas também sabia que ele não iria chorar ou protestar contra o seu destino.

Mas eu não queria que ele explodisse uma noite e matasse a todos.

Algo tinha que ser feito. E, ao tentar fazer alguma coisa, Aleksey descobriu meu segredo - que eu não estava navegando com ele - o que, em primeiro lugar, consegui o que eu estava tentando fazer.

Eu escolhi o meu tempo para levá-lo sozinho, acordando muito cedo, visitando Xavier e fazendo alguns preparativos com ele e, em seguida, me juntando aos servos do rei, que lhe levaram água quente pela manhã. Nós não estávamos mais em nossa casa juntos. Aleksey havia sido transferido para a cidadela, como convinha a seu novo status. Eu também me mudei para lá e encontrei uma cama compartilhando um quarto com os guardas da cidadela de Hesse-Davia. Eles me conheciam da guerra e da minha reputação (tanto como o médico do Exército quanto o selvagem pintado que cavalgara ao lado de seu rei no ataque de cavalaria), então nos acomodamos relativamente harmoniosamente. Era isso ou alguns ministros, e eu preferia a medição de pau e conversar diretamente com os soldados sobre a obsequiosidade de todos os ministros.

Aleksey acordou e encontrou-me pacientemente segurando a toalha quente para fazer a barba e esperando humildemente por sua tigela de água quente para lavar. Eu não era nem paciente nem humilde, é claro, mas como os servos ainda estavam presentes e os ministros começaram a chegar, eu não pude mais do que piscar para ele e ver quando ele foi despido e lavado. Só isso valeu o começo cedo.

A ROYAL AFFAIR

Enquanto se vestia ou era vestido, eu deveria dizer - imaginei se ele realmente teria que segurar seu próprio pênis para urinar e decidi perguntar se eu conseguisse pega-lo sozinho - fiz a minha observação de que Sua Majestade não estava olhando bem. Sacerdotes, ministros, servos, parasitas - eu não fazia ideia de quem eram todas essas pessoas e duvidava de que Aleksey também - pararam o que estavam fazendo e encararam o rei, como se ele estivesse prestes a morrer neles, ali mesmo. Para ser justo, eles haviam experimentado um ano ruim com a monarquia. O rei Gregor tinha efetivamente passado o ano inteiro morrendo, depois, na verdade, tinha sido espetacularmente esmagado. Seu herdeiro estava desaparecido, presumindo-se não morto por muitas horas até ser descoberto coberto de saxofalianos, e agora eu dizia que o novo rei parecia doente.

Aleksey teve dificuldade em manter o rosto sério. Eu sugeri um pouco de ar fresco. O tribunal considerou esta uma excelente ideia. Eu sugeri um passeio. Dezenas de cavalos foram selados, incluindo os nossos.

Para minha surpresa, Aleksey tinha um cavalo novo - como convinha a um novo rei, suponho. Foi um presente dos saxofalianos, parte de sua reparação de guerra. Ela era uma Andaluz - um cavalo de reis. Aleksey a chamara de Boudica, rainha guerreira.

Aleksey também achava um passeio uma excelente ideia. Ele estava pensando exatamente o que eu estava pensando: uma vez que estivéssemos montados, ninguém seria capaz de nos pegar. Eu não suponho que ele tivesse ido tão longe com isso quanto eu, pois eu tinha nos levado para os confins da terra onde ninguém jamais nos pegaria novamente. Ele

A ROYAL AFFAIR

certamente viu as possibilidades de finalmente termos algum tempo sozinhos juntos.

Nós cavalgamos com um grupo de cerca de quarenta e sete, creio eu: rei, conselheiros, ministros, guardas, três sacerdotes, servos, quatro mulheres que não consegui identificar, mas que poderiam ter sido esposas dos ministros e eu. Nós andamos tranquilamente em direção à praia, pois mesmo a cavalo Aleksey tinha que conferir, decidir, assinar, delegar e governar. Deixei que ele tomasse o peso disso por um tempo, e então, quando chegou uma calmaria, quando vi aqueles que não estavam acostumados com tais exercícios matinais cansativos, sugeri ao rei que ele pudesse se beneficiar de um trote - para agitar seu sangue e expulsar os maus humores. Todos amavam os médicos mencionando humores; Eu pensei que poderia fazer o truque. Houve um murmúrio geral de consenso, e Aleksey foi autorizado a cavalgar mais rápido, sozinho, longe do grupo. Eu tirei Xavier da minha posição. Um olhar e estávamos fora, galopando pela areia, nossos cavalos desesperados pelo exercício, seus cascos tamborilando juntos, músculos amontoados e esticados, caudas altas, crinas em nossos rostos. Nós desviamos para as dunas, então galopamos para cima e para a floresta. Sem a necessidade de palavras, deslizei para o chão. Aleksey pegou as rédeas e me precedeu na escuridão das árvores. Cobri nossos rastros e corri para pegá-lo.

Ficamos tão satisfeitos com o nosso ardil que perdemos os primeiros momentos rindo. Eu caí sobre ele - literalmente. Nós rolamos no chão gelado, beijando, rasgando nossas roupas apesar do frio. Ele estava tão duro que eu sentia pena da sela dele. Eu estava o mesmo, mas não por



A ROYAL AFFAIR

muito tempo. Como sempre com a nossa paixão, foi rapidamente gasto na urgência e na saudade. Nós nunca tínhamos tempo suficiente juntos, então quando nos víamos, isso sempre acontecia. Nós rimos disso. Nós nos ergueríamos de novo muito rapidamente, e eu não planejava essa pequena fuga para ele só para vê-lo gozar ou para ele me trazer o mesmo alívio, embora isso fosse um começo muito agradável para os nossos dias.

Aleksey estava em meus braços, olhando para mim como se ele não tivesse me visto por semanas, entretanto nós realmente nos víamos todos os dias. Ele despertou de repente. — Você vai ficar com frio, Niko.

Eu sorri abertamente. — É aí que você está errado, *senhor*...

— Oh, pelo amor de Deus, não comece isso. É senhor aqui, senhor lá, Sua Majestade, sua divindade, o dia todo.

— Tsk-tsk, criança, tal linguagem para um rei. Eu, por exemplo, estou chocado. E eu gosto de te chamar de *meu pai*. Tem uma espécie de sabor equino com indícios vagos de impropriedade sexual, não acha? — Não acho que Aleksey estivesse muito interessado em meu senso de humor ou em meus pensamentos. Ele estava mais interessado no meu corpo, o que me convinha muito bem. Eu deixei ele vagar e explorar tanto quanto o chão gelado permitia, mas então eu senti que era hora de mostrar a ele o que eu tinha trazido comigo. Arrastei minhas calças e, segurando-as com uma mão, fui até o pacote ao lado de Xavier e tirei alguns gravetos, minha pedra e um pouco de comida e vinho.

Seus olhos se iluminaram. — Um piquenique.



A ROYAL AFFAIR

Eu dei a ele uma olhada. — Uma fogueira militar, eu acho. — Prossegui para acender o fogo e colocar a comida para cozinhar.

— Eu me pergunto o que eles estão fazendo.

— Chamando o exército, eu acho. Quanto tempo você acha que tem antes que eles te declarem morto e declarem alguém como rei?

— Deus sabe. Eu acho que eles vão me devolver um dia. Eu sou bastante popular, aparentemente.

Acho que essa era a minha sugestão para tomar e dizer que ele era popular com uma pessoa, pelo menos. Eu quase tinha esquecido a perfeição de seus lábios. Eu precisava estudá-los agora, beijando, tirando e procurando, tentando um novo lugar, mais estudo... Ele ficou impaciente e usou a língua para parar meu jogo. Uma vez que isso estava tocando a minha, todos os pensamentos de brincadeira desapareceram da minha mente. Ele me recebia tão facilmente. Eu podia sentir a ponta do meu membro cavando em sua coxa. Como eu queria entrar em outro lugar, onde a carne se separaria para mim. Algo disso deve ter estado em sua mente também, pois ele murmurou no beijo: — Ser rei não facilitou essa decisão entre nós, não é?

Eu balancei a cabeça e me afastei, mas ele me puxou de volta, me envolvendo em seus braços. — Eu estive pensando.

— Uh-huh. Assuntos do Estado e importantes coisas reais, espero.

— Não, sobre foder.

A ROYAL AFFAIR

— Aleksey, você é muito ruim, e eu vou ter que...— Eu o inclinei e tinha dado dois beijos duros antes que ele conseguisse se desvencilhar e então tentar se vingar. Eu disse a ele que ele se tornou suave como rei, o que era injusto de minha parte, já que ele não era mais fraco do que antes. Eu era apenas mais forte, e ele não podia se vingar de forma alguma - além de me negar tudo, o que ele fez, até que fui forçado a implorar. É difícil implorar de forma eficaz, enquanto rir, mas eu levei isso para sua satisfação real, e me permitiu meus privilégios mais uma vez. Enquanto eu estava tirando vantagem disso, separando a camisa de seus ombros e beijando sua pele macia em direção a um mamilo, ele segurou minha cabeça e repetiu: — Eu estive pensando em... pare Niko. Estou tentando falar com você.

— Eu posso ouvir e fazer isso também. Continue.

— Eu estava pensando que se eu tentasse outras coisas, então isso poderia vir mais facilmente para mim.

Eu levantei minha cabeça. — Outras coisas? — Nossa comida estava pronta, então eu removi do fogo para esfriar um pouco e abri o vinho. Eu trouxe três garrafas, não que eu pretendesse deixar Aleksey bêbado, mas esperava convencê-lo a ficar o dia todo e a noite toda, e nesse caso três pareciam ser um bom número.

— Hmm. — Sua mão foi para a frente da minha calça e deslizou para dentro. Eu cerrei meus dentes com o prazer, determinado a fazer isso durar um pouco mais dessa vez. — Você sabe... o que você testemunhou no acampamento e achou tão desagradável. Eu estava me perguntando...

— Você é muito estúpido para um rei, Aleksey, você sabia disso?



A ROYAL AFFAIR

Ele bufou. — Como quase todos os outros reis da Europa são insensatos como a madeira, suponho que ser burro é uma grande conquista. Por que sou idiota?

— Eu não achei desagradável. Eu queria fazer isso com você e não podia.

Cor corou suas bochechas. — Oh. — Ele fez beicinho. — Bem, aí está você. Isso é o que eu estava pensando. Eu gostaria de... levá-lo em minha... boca e... — ele terminou com pressa — ... então eu poderia, você sabe, trabalhar para levá-lo para dentro do meu corpo. O que você acha?

Fingi dar um pensamento muito profundo. Mas ele teria sido tão estúpido quanto eu o acusara de ser se não soubesse que eu estava apenas provocando-o. — Então, *senhor*, você tem pensado em chupar meu pau quando você estava tomando conselho de seus ministros?

— Sim, eu tenho.

— E recebendo padres e levando missas? Pensando no gosto de *mim* em sua língua?

— Nikolai, não faça isso. Eu não sou tão pagão quanto você. Você é um homem incrivelmente ruim. Eu posso ter que banir você. Uma onda da minha mão, você sabe, e você vai embora.

— Sério? Tente. — Ele fez. Não funcionou, e eu o fiz tentar muitas vezes, enquanto eu provava a ele que eu estava, de fato, ainda lá. Mas eu estava quase a ponto de gozar agora, e não queria desperdiçá-lo, se ele quisesse experimentar essa coisa nova. Não era novidade para mim, mas eu tinha a sensação de que todos os amantes mais experientes não apontariam isso

A ROYAL AFFAIR

para ele naquele momento. Não teria sido bem recebido - discussões e explicações possivelmente teriam que ser seguidas.

Com um olhar para permissão, ele aliviou minhas calças para baixo. Deitei-me de braços cruzados sob a cabeça para me impedir de forçá-lo. Ser preso e pressionado é extremamente desagradável, como qualquer homem dirá a você que se entregou a essa atividade. Senti um toque tentativo de língua na ponta e subi em arco, as costas arqueadas, gemendo em prazer chocado. Eu já tinha feito isso antes, mas não com *ele*. Minha reação deu a ele todo o encorajamento que ele precisava. Ele abriu a boca e me levou.

Eu tive homens muito mais experientes que me levaram à conclusão em suas bocas, mas nunca alguém que me deu um prazer tão intenso. Não qualificado, ele parou para me perguntar como e onde, e eu mostrei a ele. Inocente, ele me perguntou o que, e eu tentei explicar a ele como se sentia quando ele se movia e mudava de posição e trabalhava de novo para me dar prazer. Eu nunca tinha sido consultado ou envolvido antes, e foi a coisa mais erótica que eu já experimentei: esse homem bonito se concentrando inteiramente no meu pau, meu derramamento, meu prazer. Naquela época, eu era o rei e ele meu súdito, e nós dois nos deliciávamos em nossos novos papéis. Quando eu soltei, eu o soltei e segurei meu pau para derramar sobre a minha barriga. Nem todos os homens gostam de conhecer o sabor da semente de outro, e eu não queria que ele se sentisse um fracasso se ele fosse um deles. Em vez disso, deixei-o espalhar pela minha barriga dura e toquei. Eu estava completamente satisfeito e satisfeito em ficar lá com os dedos arrastando pela bagunça brilhante.



A ROYAL AFFAIR

Segurei-o em meus braços enquanto comíamos nossa comida, recostados contra uma árvore, pernas esticadas lado a lado em direção ao fogo. Seu cabelo estava na minha cara; e nunca cheirara tão bem antes. Comentei sobre isso, perguntando-lhe se eu deveria chamá-lo de Alexandra, ao que ele respondeu que eu poderia tentar - como eu já tinha duas sentenças de morte pairando sobre minha cabeça, mais uma não importaria.

Eu não consegui entender isso. Uma, eu poderia entender; afinal, eu estava fodendo o rei. Era morte mesmo. — Por que duas? Isso parece duro, senhor.

— Você é um desertor, Niko. Eu não assinei seus documentos de quitação do exército.

— Oh. Você vai?

— Eu não posso. Eu não sou mais chefe do exército, lembra?

— Bem, quem pode assiná-los?

Ele riu. — Ninguém, até eu nomear uma nova pessoa. Não é maravilhoso o quanto de energia eu tenho?

— Talvez você pudesse usar um pouco e me passar o vinho. Então, três sentenças de morte... Eu sou favorecido pelos deuses. Não existe um mito de um grande guerreiro que não poderia morrer, e ele continuava sendo morto na guerra, mas depois revivendo apenas para lutar e morrer novamente?

A ROYAL AFFAIR

— Eu nunca ouvi isso, mas seria uma boa história. Que triste. O que aconteceu com ele quando ele envelheceu? Imagine viver para sempre, mas envelhecendo também. Você iria murchar a nada.

— Um pouco como eu agora que você me chupou a seco.

Ele riu. — Você não está enrugado, e não é mesmo quando está macio, então pare de pescar elogios. Eu sou um rei e não tenho que elogiar meus lacaios - ou seus paus.

Se ele queria ser punido por me chamar de servo, ficou desapontado. Eu estava muito contente em sentar com ele em meus braços e cheirar seu cabelo.

Ele suspirou. — Eu espero que eles estejam frenéticos agora. O que devemos dizer quando voltarmos?

— Nós não estamos retornando. Eu estou sequestrando você e levando você para os confins da terra. Vou construir uma cabana num córrego e vou ensiná-lo a caçar...

— Eu sei caçar.

— Não do meu jeito, e não interrompa, ou eu não vou te contar as melhores partes.

— Esta é uma de suas teorias?

— Nem um pouco, tudo é bem real. Eu tenho um mapa e planos e...

— E nós dois sabemos quão bem nossos planos funcionam no primeiro contato com o inimigo. Mas continue. Eu quero ouvir as boas partes.



A ROYAL AFFAIR

— Hmm, bem, vamos caçar e pescar e fazer nossas próprias roupas. — Eu ignorei seu comentário zombeteiro sobre isso quando ele me mostrou a nova renda em suas bainhas. — Você ainda pode ser um rei se quiser, mas só terá um súdito, então temo que seu reino seja muito pequeno. Acho que vou me nomear mestre do quarto de dormir.

— Certamente, se eu tiver apenas um súdito no meu pequeno reino, então você será tudo, não vai?

Eu sorri em seu cabelo. — Tudo bem então. Eu serei seu tudo. — Eu deslizei minhas mãos até o colo dele e comecei a soltá-lo lentamente, beijando sua nuca enquanto eu fazia. Ele torceu a cabeça para que eu pudesse alcançar sua boca, e eu provei isso ao mesmo tempo em que minhas mãos frias encontraram seu pênis.

Ele acalmou minhas mãos e sussurrou em minha boca, — Mostre-me como isso pode ser feito, Niko. Eu não era habilidoso, mas quero melhorar. Me chupe.

Eu deveria ter aceitado esse convite com calma, deita-lo e mostrar a ele quão habilmente essas coisas poderiam ser feitas, mas não o fiz.

Eu caí sobre ele, sobrecarregado com a necessidade. Eu estive pensando sobre a sensação e o gosto dele em minha boca por tantos meses que não parecia uma primeira vez. Eu estava totalmente em casa. Eu o levei muito fundo: direto na parte de trás da minha garganta. Eu sabia pelo seu grito agudo de prazer e choque que ele nunca tinha pensado que isso era possível. Ele estava em uma posição desconfortável para deixá-lo profundo o suficiente, então eu o fiz ficar de pé contra a árvore. Eu me ajoelhei para

A ROYAL AFFAIR

ele. Esta posição, eu me ajoelhando para ele, ele o rei, acrescentou um pouco de tempero extra que eu não tinha planejado. Foi incrivelmente erótico. Eu poderia alongar meu pescoço e derrubá-lo por um longo caminho, e Aleksey era bem abençoado em seu membro. Eu trabalhei duro, segurando seus quadris nus e finos em minhas mãos. Ele estava segurando o tronco da árvore com tanta força que suas unhas estavam brancas. Se tivéssemos sido descobertos naquele momento, acho que os dois teriam exigido que esperassem até que tivéssemos terminado, embora minha demanda teria sido abafada.

Finalmente, eu sabia que ele estava lá. Eu aliviei e encorajei o derramamento com a minha língua e peguei a liberação com a boca aberta. Ele pulsava copiosamente, apesar de seus primeiros derramamentos, jovem como era e admirado como estava com essa primeira experiência de tal prazer. Levantei-me, peguei-o mais uma vez e beijei-o com uma paixão que ele ainda não conhecia. Ele podia provar a si mesmo, e eu sabia que da próxima vez que ele me levasse, ele também iria querer me provar completamente. Eu deixaria ele.

Nós reabastecemos o fogo. Eu tinha meia vontade de seguir com o meu plano para sequestrá-lo então. Não suportava a ideia de voltar à corte e vê-lo todos os dias, mas *não o ver*. Pelo menos no exército, quando lutamos com nosso desejo mútuo de não falar, tínhamos sido capazes de falar e flertar e ficar juntos o dia todo. Essa nova vida era uma agonia para mim, e eu disse isso a ele. Ele disse que também não era uma cama de rosas, e nós discutimos sobre isso muito agradavelmente enquanto bebíamos a segunda garrafa de vinho. Nós também sentíamos falta da discussão, ele mais do

A ROYAL AFFAIR

que eu, pois ninguém discutia com o rei. Prometi que sempre assumiria esse papel para ele e ele estava agradecido.

Depois de um tempo e meia garrafa mais de vinho, finalmente perguntei como ele estava se sentindo - sobre a morte de seu pai, de seu irmão e de todas as mudanças ocorridas. Sou muito egoísta, pois poderia tê-lo perguntado isso no começo, mas eu tinha outras coisas em mente e não queria estragar o momento. Ele me disse que estava bem. Ele estava muito ocupado, muito ocupado para se lamentar, como ele chamava, e então mudou de assunto, perguntando-me o que eu estava fazendo e quantas fissuras anais eu tinha explorado desde a última vez que ele me viu. Eu indiquei que os cauterizei, não os explorei, mas vi através de sua tentativa de me distrair e o teria empurrado para admitir sua tristeza quando ele saiu com notícias infelizes.

— O *Absalon* está ancorado. Você assistiu ele navegar no porto? Ele sempre foi o favorito do meu pai. Vamos leva-lo para o funeral... — Ele parou abruptamente.

Embora eu soubesse, pedi para evitar o inevitável argumento que se seguiria. — Do que você está falando?

— O navio Almirante. Nós navegaremos no dia depois de amanhã. Eu vou ter o quarto de estado, é claro, mas achei que você poderia pegar o...

— Aleksey, por que nós não montamos para Hesse-Davia? Pense nisso, cavalos pretos com flâmulas, um funeral sombrio. Isso não seria adequado?



A ROYAL AFFAIR

— Cavalgar? Dificilmente. Mesmo no inverno, imagine o estado do corpo... não, quero dizer, vamos navegar. Estamos a apenas uma semana do tempo de navegação de Zadworna. Por que nós iríamos cavalgar?

Por que de fato. Eu refleti sobre isso por um tempo enquanto ele continuava me contando sobre o envolvimento de preto e a adição de cores ao mastro e coisas assim, o que não significava nada para mim. Eu tive que confessar antes de sua imaginação fugir com ele inteiramente. — Aleksey, eu não posso ir com você. Eu sinto muito.

Ele estava deitado de costas perto do fogo e eu sentado de pernas cruzadas ao lado dele. Ele se virou para contemplar as chamas, sua expressão confusa.

Eu acariciei sua bochecha. — Eu não posso ir a bordo de um navio. Você sabe porquê. Por favor, não me faça falar disso novamente.

Ele sentou-se. — Mas você ia me deixar pelo mar. Fui ao porto com você para ver os prováveis navios.

Eu tinha que confessar meu segredo: que eu tinha feito isso para deixá-lo com raiva e inveja e me pedir para ficar. Ele parecia fascinado por isso e me questionou sobre coisas que eu tinha dito ou feito e o que eu realmente quis dizer com elas, e foi quando muito sobre os verdadeiros pensamentos de Aleksey foram revelados para mim. Foi uma conversa particularmente interessante para nós dois, pois havia muito sobre o meu comportamento em relação a ele que o intrigava excessivamente. Mas nossas revelações interessantes não o distraíram por tempo suficiente. Muito cedo, ele disse



A ROYAL AFFAIR

com alguma determinação: — Bem, você deve deixar tudo isso ir agora. Agora nos entendemos muito bem e quero você comigo.

— Aleksey, não, eu...

— Eu estou te ordenando como seu rei.

Eu dei a ele uma olhada. — Você não é, na verdade, meu rei do jeito que você quer dizer, já que eu não sou um cidadão de Hesse-Davia. — Antes que ele pudesse reagir mal a isso, eu acrescentei, puxando-o para os meus braços, então mais uma vez, suas costas estavam firmemente no meu peito. — Mas você é meu rei em todos os outros aspectos. Mesmo que você seja um bebê. — Mesmo algumas cócegas e lutas não o distrairiam.

— Por favor, Niko, você tem que vir comigo. Eu tenho todas essas pessoas ao meu redor o tempo todo, e quando vou perguntar ao meu pai o que fazer... — De repente ele parou. Ele engoliu várias vezes e acalmou sua voz, tentando sair de meus braços. — Peço desculpas, isso foi um impr...

— Aleksey? — Eu beijei sua orelha, não deixando-o fora dos meus braços. — Deixe ir. Há apenas nós aqui, e estou tão triste com a morte dele que vou me juntar a você em lágrimas, se é isso que você precisa.

— Eu não preciso... — Mas ele fez. Ele estremeceu. Suas palavras ficaram presas na garganta e ele começou a soluçar. Eu enterrei meu rosto em seu cabelo e segurei-o. Muitas vezes na minha vida eu tinha estado não tão calmo, mas ninguém tinha estado lá para me abraçar ou confortar, e era o mínimo que eu podia fazer, amando-o tão intensamente quanto eu fazia. Sua dor era como o pus que eu soltara da perna do jovem comerciante. Ele vazou a princípio sob sua própria pressão, como se ele estivesse



A ROYAL AFFAIR

engarrafando desde o horror de ver seu pai esmagado e sangrando em um dia em que tudo deveria ter sido glorioso, e então o resto eu aliviei, como tinha feito com aquele mal humor, por pressão suave onde era necessário. Ele odiava ser rei, sentia falta do exército, sentia falta de Johan, queria ser um príncipe de novo, queria o pai de volta, desejava não odiar tanto o irmão e que eram amigos, mas acima de tudo, ele sentia minha falta e me queria. E no meio de toda essa liberação de dor, ele me implorou para não abandoná-lo agora. Ele era ligeiramente teatral, e estar em um barco por uma semana sem mim agora estava sendo visto como deserção de minha parte. O que mais eu poderia fazer? Eu prometi que nunca mais deixaria o seu lado nesta vida. Eu também posso ser teatral quando pressionado.

Ele se acalmou após beber a terceira garrafa de vinho. Ele se exauriu de emoção, mas agora parecia bastante calmo e capaz de discutir coisas que nos interessavam: quem seria o novo chefe do exército, o que eu pensava sobre Boudica, se ele deveria fazer de Stephen seu novo serviçal oficial, e o que Faelan pensaria da viagem marítima. Eu não estava pronto para ter as palavras mar ou viagem mencionadas, mas aproveitei a oportunidade para dizer que era hora de partir. Como eu não o sequestrara e o levara embora como prometera, ele estava ansioso sobre nossa história, o que diríamos para explicar sua ausência. Tentei sugerir que, como rei, ele lhes dissesse para cuidar de seus próprios negócios, mas seu olhar me dizia que eu não havia entendido completamente o equilíbrio de poder no tribunal. No final, tirei a velha ferradura com pregos dobrados da mochila, que adquirira antes. — Vamos dizer a eles que meu cavalo perdeu uma ferradura e que tivemos que encontrar um ferreiro e substituí-la. Veja?



A ROYAL AFFAIR

Ele me pegou em seus braços, considerando-me. — Eu não acho que gosto de saber que você pode ser tão enganador. Devo confiar em qualquer coisa que você diga mais uma vez?

Dei-lhe um leve beijo na bochecha e subi em direção a Xavier. — E eu nem estou falando minha própria língua. Eu posso mentir muito melhor em Powponi. Eu continuei a falar com ele naquela língua todo o caminho de volta para a borda das árvores, para sua diversão. Isso o distraiu, como eu pretendia, do pensamento de ser encontrado, o qual nós fomos alguns momentos depois. Ele foi engolido mais uma vez por estado e dever, e eu fui deixado para voltar sozinho para o meu quarto compartilhado. Eu não tinha nada para me distrair da minha miséria, mas pensamentos sobre a travessia do mar por vir.

Capítulo Vinte e Cinco

Eu sabia que as coisas estavam indo mal quando vomitei na manhã em que deveríamos deixar Saxefalia. Eu não era um homem com muito medo na vida, mas não dormi a noite toda pensando em como não devo demonstrar medo nessa jornada e, assim, trabalhei em algo de estado quando a manhã chegou. Eu gostaria de ter estado *mais* doente e eu poderia ter usado isso como uma desculpa para não subir naquela prancha. A única coisa que me levou até lá foi que Xavier já tinha sido abordado com os cavalos da corte, e eu queria checá-lo e pedir desculpas mais uma vez por forçar essa travessia sobre ele. Seus aposentos eram terríveis, mas ele estava ao lado de Boudica, com quem agora tinha uma firme amizade. Ele estava quente e ele foi alimentado, então eu me recusei a ouvir suas queixas e voltei para o convés. Eu estava doente de novo do lado, mas felizmente ninguém estava me dando qualquer atenção, como embarcar em um rei morto e um vivo com toda a pompa e cerimônia não era uma coisa fácil de realizar.

O navio não tinha muita semelhança com o que eu passara tantos meses miseráveis. Mas era um navio - era feito de madeira e se movia estranhamente sob meus pés. Foi o suficiente para a minha mente fazer a conexão e assim me deixar doente *novamente* antes mesmo de termos saído da terra. Resolvi passar toda a jornada na minha cabine e guardar a minha miséria para mim.

A ROYAL AFFAIR

Minha ausência foi notada na primeira noite, quando não fui ao rei para jantar. O servo enviado para perguntar por que eu não estava presente relatou a Aleksey que eu estava indisposto. Na noite seguinte, um criado diferente veio e enviou a mensagem a Sua Majestade que não precisava se preocupar com minha saúde. Ele chegou em pessoa dentro de alguns minutos. Ele foi escoltado por seu bando habitual de perdulários, por isso foi incapaz de dizer o que eu acho que ele queria dizer - e eu não acho que isso seja realmente amoroso ou reconfortante. Ele estava muito irritado que eu parecia ter... desmoronado.

Ele nunca tinha me visto assim antes, e o medo o deixou irritado. Eu tive que perdoá-lo. Ele acabara de perder o pai e o irmão e estava naturalmente desequilibrado ao pensar em perder outra pessoa. Eu parecia que ia morrer? Possivelmente. Eu estava vomitando continuamente desde que cheguei ao navio, como eu sabia que faria. Eu não conseguia dormir por acordar de pesadelos onde eu podia realmente sentir e cheirar as mãos dos marinheiros em cima de mim, e eu tinha sido totalmente incapaz de comer. Pior que isso, embora eu não o soubesse em geral, fui acometido por um choro incontrolável que me deixou tremendo e com medo. Eu nunca tinha sido afligido assim antes, exceto talvez pelo tempo real da minha prisão. Depois, é claro, eu estava cavalgando alto na lembrança de suas gargantas se abrindo para minha faca e o delicioso sabor de seu sangue pintando meu rosto com seu fluxo quente. Aleksey, portanto, encontrou-me quase morto - como ele pensava. Eles quase tiveram dois reis mortos no navio.

Fiquei feliz por não ter encontrado coragem nos primeiros dois dias, pois quando Aleksey me viu, ele imediatamente ordenou que eu fosse levado



A ROYAL AFFAIR

para sua cabine. Este comando teve dois efeitos interessantes. Em primeiro lugar, eu estava agora em sua companhia, que sempre foi muito a desejar. Além disso, colocou a semente na mente de Aleksey que ele *era* realmente rei, e que quando ele queria algo feito, *seria* feito.

Essa foi a primeira vez que ele questionou por que as coisas eram sempre como eram e não como ele queria que elas fossem.

Doente, tremendo, sentindo que ia morrer, mas não querendo que nada disso fosse conhecido por ninguém, encontrei-me na cabine de Aleksey em uma cama que antes havia sido ocupada pelo criado do quarto real. Ele agora estava despachado para o meu beliche, pois o espaço era muito limitado no navio, e ele não tinha mais para onde ir. Não acredito que ele tenha se ressentido muito da troca, pois agora ele não precisava mais dormir confinado ao lobo. A cabine tinha uma sala de estar, onde Aleksey realizava o conselho e um minúsculo quarto onde eu agora estava deitado ao lado da cama mais espaçosa do rei. Assim, tive a privacidade que desejava, mas podia ouvi-lo na sala ao lado, conversando com os ministros. À noite, porém, estávamos simplesmente sozinhos. Naquela primeira noite, mal podíamos falar, porque a sala de estar permanecia apinhada de gente, e ambos estávamos com medo de sermos ouvidos. Em sussurros, portanto, enquanto se despia (fiquei feliz em ver que ele ainda se lembrava como), ele murmurou: — Você deveria ter muita vergonha de si mesmo, Niko, por me fazer sentir tão culpado. Você estava certo; você não deveria ter vindo nesta jornada.

— Eu te falei isso.



A ROYAL AFFAIR

— Sim, é isso que estou dizendo. Você me disse isso, e eu ignorei você, então é tudo culpa *sua* que eu esteja me sentindo tão culpado e tão doente por causa disso. — Ele subiu atrás de mim, apesar da estreiteza da minha cama, e acariciou meu cabelo suado da minha testa. Ele poderia estar tão bravo comigo o quanto ele gostasse se isso levasse a isso. Ele ficou em silêncio por um tempo, depois perguntou: — Você conhece aquela sensação de esfaquear-se repetidas vezes com a ponta de uma faca?

— Não.

— Oh, bem, se você fizer isso, depois de um tempo você não poderá sentir. Não me refiro a quebrar a pele, mas a picada que a embranquece até ficar dormente.

— Existe algum ponto para isso? Eu não estou me sentindo bem e não quero pensar em sangue - ou idiotas, então chegue a isso.

— Isso seria o primeiro, então. Não, o que eu quis dizer foi que isso não poderia ser assim? Se você fizesse *mais* viagens marítimas, talvez não as notasse.

— Obrigado. Lembre-me de não chamar por você quando precisar de um médico. Você vai cortar uma perna para me acostumar a perder a outra.

— Estou apenas tentando ajudar.

Suas palavras só me desanimaram mais. Não pude deixar de lembrar uma mulher que conheci quando cheguei recentemente à Inglaterra e ainda me estabeleci como médico. Ela havia perdido recentemente o décimo segundo bebê que ela concebeu desde o casamento. Quando cheguei, a casa



A ROYAL AFFAIR

estava cheia de crianças e bebês - de suas irmãs. Seu marido os convidou para ficar. — A alma um pouco — disse ele. Minha expressão traiu meus pensamentos, pois ele acrescentou, descontente: — Estou apenas tentando ajudar. — Eu não acredito que a ajuda dele ajudou muito a sua pobre esposa. Aleksey não estava fazendo muito por mim também. Eu não queria que ele se sentisse como eu havia feito aquele pobre homem se sentir, e expliquei calmamente: — Não é uma coisa física. Não há nada para se acostumar. Não diminui com a exposição.

— Eu não sei o que você quer dizer. Não é a rolagem do convés e o arremesso e o...

— Fique quieto.

Ele ficou por um tempo, depois colocou os braços em volta do meu peito e me abraçou com força. — Se não é uma coisa física, então o que é? Eu não entendo.

— Eu também não, exceto que vem sobre mim - um flash de memória que é mais real do que o que está acontecendo aqui. Posso cheirar coisas, sentir coisas e não estou aqui, mas estou doente outra vez.

— E então as lágrimas vêm?

Eu cerrei meus dentes para isso. Dado o equilíbrio do nosso relacionamento até agora, isso não era algo que eu queria que ele conhecesse ou discutisse.

Mas então ele disse algo que me surpreendeu muito. — Um dos meus veteranos é como você, só que ele não sofreu o que você fez. Ele foi



A ROYAL AFFAIR

capturado pelos infiéis e viu seus companheiros muito maltratados. A lembrança de seu sofrimento o leva exatamente como o seu faz. Ele diz que está de volta lá, ouvindo seus gritos e vendo seus corpos, e então ele não pode voltar para onde ele realmente está. Ele chora mais lamentavelmente.

Fiquei em silêncio por um tempo, pensando sobre isso. — O que ele faz?

— Oh, ele bebe. Mas eu não estou defendendo isso para você. Você não precisa beber, porque você me tem.

Eu realmente consegui uma risada triste. Eu *estava* me sentindo melhor. De alguma forma, o cheiro do navio não era tão ruim quando estava em seus braços. Eu disse timidamente: — Talvez a mente possa curar como o corpo, dado o tratamento correto. — Ele colocou as mãos de volta na minha cabeça e começou a esfregar seus dedos gentilmente contra as minhas têmporas, então acrescentei mais para mim do que para ele: — Eu me pergunto se eu abrir a cabeça e olhar para dentro, eu veria o horror impresso no cérebro – imagens. — Suas mãos pararam por um momento e depois recomeçaram. Eu estava me sentindo muito relaxado e sonolento nessa época, não tendo dormido por duas noites e estando tão emocionalmente exausto. Ele continuou a acariciar minha cabeça e eu realmente não me lembro de adormecer.

Eu me lembro de acordar, no entanto. Eu acordei e me vi segurado pelos braços. Eu gritei e puxei para cima, batendo e lutando. Eu tropecei e derrubei o estrado, então esbarrei e entrei na sala de estar. Acho que devo ter sido uma visão muito assustadora. Eu certamente aterrorizei os mensageiros que estavam dormindo ou conversando, aguardando seu rei.

A ROYAL AFFAIR

Nu, de olhos arregalados e gritando, corri para as portas externas, pelas quais passei fisicamente. Eu quase cheguei ao convés - o único lugar em que me sentia seguro - quando os guardas me derrubaram. Na minha cabeça, eles eram a tripulação do navio baleeiro, e eu estava sendo derrubado agora como fui na época - solto para tentar fugir, apenas para ser caçado pelo navio até que meu esconderijo fosse descoberto e sua diversão com meu corpo continuasse. Esses dois não eram páreo para mim, e eu pisei um com um soco na cara dele. O outro eu chutei, mas foi apenas um golpe suave, porque eu estava nu. Eu o segui, esmagando-o contra a parede e tentando esmagar sua garganta. Eu não sou um homem fácil de controlar, mesmo quando estou em meu juízo perfeito.

Aleksey tinha tido tempo de jogar um manto em volta de seu corpo nu, e então ele estava lá, assumindo o comando dos outros guardas que haviam saído da cabine ao ouvir a comoção, alegando que eu estava em um delírio e deveria ser levado de volta para a cabine. Ele então, graças a Deus, esvaziou a sala de estar. Eu nunca tinha visto pessoas tão felizes em saber que não seriam necessárias novamente pelo resto da noite. Eles correram para longe mais rápido do que os ratos do navio fizeram na passagem sombria de Faelan. Eu não estava delirando. Eu tinha acabado de pensar que estava de volta em uma pequena cabine sendo contido. Eu estava furioso, porém, humilhado e muito, muito chateado.

Eu não queria entrar nessa jornada, mas fizera aquilo por ele e agora todos me viram como uma mulher fugindo da violação. Eu estava completamente desfeito e não queria conforto. Recusei-me a permitir que ele me abraçasse enquanto eu ficava na janela da cabine. Eu não me sentiria

A ROYAL AFFAIR

confortável com as palavras também. Eu o machuquei quando lutei com ele, mas acho que o magoei mais com minha rejeição. Eu não podia explicar. Como eu poderia, sem dizer a ele como tinha sido e como era para um homem ser pressionado por outros homens, com homens gritando encorajamento e rindo e conseguindo melhores posições para assistir e depois tomar sua vez? Como se sentia ao ter seu corpo invadido. Eu não podia dizer a ele que por muitos meses eu tinha rastejado como uma prostituta para que o estupro se tornasse a aparência de amor, de modo que James Harcourt pudesse me manter para si mesmo e não... Eu não podia dizer a ele que eu havia me perdido e meu senso de ser um homem, e que em seu coração nenhum homem se recupera dessa perda essencial.

Eu pensei que iria perder Aleksey naquela noite. Eu teria desistido se eu fosse ele. Mas Aleksey não era eu; ele era inteiramente seu próprio homem, como eu havia começado a descobrir. Ele me deixou para a minha dor e miséria na sala de estar e foi para a cama. Quando eu sabia que ele estaria dormindo e eu não teria que me envolver com ele, eu entrei também.

Ele estava me esperando. Ele estava nu, estendido na grande cama em sua barriga, os planos e linhas suaves de seu corpo elegante, pálido e bonito. A lâmpada balançava levemente com o movimento do navio e sua beleza passava dentro e fora da sombra com seu movimento.

Evitei seus olhos, não querendo que ele visse que eu estava chorando mais uma vez, que estava tenso e com muito medo. Essa... tentação... não era o que eu queria no estado em que estava. Ele ergueu os ombros, arqueando as costas, a cabeça pendendo para baixo, sem olhar para mim. — Eu perdi você, não é? — Era exatamente o sentimento que *eu* pensava



A ROYAL AFFAIR

sobre *ele*. Eu cruzei e coloquei a mão em sua cintura. Quase desceu por vontade própria. — Eu forcei você a vir nesta travessia, e agora você nem vai me deixar te ajudar.

— Não, Aleksey, não é assim. Eu estou...

— *Por favor*. — Ele se virou para mim. — Eu quero você. Eu quero que você *me* queira. Como isso.

E Deus me ajude, eu queria. Ele podia ver pelo contorno em minhas calças que meu corpo queria, que tinha respondido à sua nudez devassa sem que eu confirmasse isso na fala. Ele me despiu e minhas cobertas caíram no chão. Eu não podia negar nada então. Mesmo assim, tentei evitar sua ânsia. — Este não é o lugar... eu não sou... eu sou...

Ele se mexeu levemente, uma perna dobrada e tudo ficou exposto à minha vista. Ele pegou minha mão. — Eu sou um rei agora, Niko. Tudo que eu digo é obedecido; tudo que eu quero é dado a mim. Eu tenho muito poder que eu acho que vou inchar e explodir às vezes. Você é o único que me lembra o que eu realmente sou, o único que vai me dizer quando estou errado. Você é *meu* rei, Niko, e eu preciso de você. Por favor, faça isso por mim.

Sua sedução estava equilibrada entre o completo desastre e o sucesso total, e eu hesitei, meus pensamentos tão caóticos que não consegui atrasá-los e acalmá-los. Eu teria negado a ele e saído, minha doença e auto repugnância grande o suficiente para superar o desejo do meu corpo, mas a mão dele segurava algo fora da vista debaixo do travesseiro.

Esse objeto insignificante mudou tudo.



A ROYAL AFFAIR

Ele viu a direção do meu olhar e coloriu, ocultando-o mais. Sua voz vacilou quando ele admitiu, incerto: — Eu encontrei um pouco de óleo. Eu pensei que seria... necessário, mas então... eu acho que é óleo de baleia e - oh, *pelo amor de Deus*. — Ele desmoronou teatralmente em seu rosto com um abafado: — Você é *tão* difícil de seduzir, Niko.

E comecei a rir. Era tudo tão ridículo. Nada estava errado com o meu corpo ou o dele ou o mundo. Eu o tinha na minha frente, nu, disposto, lindo e estávamos sozinhos. A única coisa que me impedia de ganhar o que eu queria há tanto tempo estava na minha própria cabeça. Então eu apenas tirei e coloquei para um lado - eu me arrastaria e brigaria e gritaria e choraria outra noite. Esta noite eu queria isso.

Ele ouviu meu riso e se virou para falar, mas eu o empurrei mais para dentro da cama e subi ao lado dele, estendido, nu, minha carne tocando a sua ao longo de seus flancos magros. Eu peguei o pequeno pote de óleo da mão dele. — É óleo de amêndoa, tolo, e vai fazer muito bem. — Ele me beijou então, e nós dois estávamos muito prontos para o contato amoroso, tendo tido um choque e algumas horas desagradáveis. Eu segurei seu rosto e inspecionei onde eu inadvertidamente o acertara. Eu beijei uma contusão crescente e sussurrei minhas desculpas. Ele sussurrou de volta que agora eu tinha quatro sentenças de morte contra mim, com o bater no rei tinha adicionado à minha pontuação. Murmurei algumas sugestões de como gostaria de morrer em suas mãos e ele riu, pois a maioria delas era anatomicamente impossível.

Nós estávamos atrasando o momento; nós dois sabíamos disso. Mas, de repente, pareceu de grande importância, essa coisa que eu fiz tantas vezes

A ROYAL AFFAIR

sem pensar, mas ele nunca teve. Eu sabia que ele tinha pensado muito sobre isso, no entanto. Ele estava mais do que pronto. Peguei o óleo e me sentei, escarranchando suas coxas, e para sua surpresa comecei a derramar sobre suas costas e ombros, trabalhando com minhas mãos, apertando sua carne com força, empurrando e socando. Ele gemeu de prazer, como todos os homens fazem quando são tratados. Aos poucos, passei minhas mãos pelas costelas, pressionando profundamente a espinha com os polegares, depois mais para baixo, segurando os globos pálidos de seu traseiro, que eram difíceis de montar. No momento em que meu polegar o encontrou e pressionou onde todos os meus pensamentos estavam girando agora, ele estava me incentivando, implorando. Foi um som delicioso. Eu inchei tanto de suas palavras quanto da visão da tensão que me esperava. Eu derramei o restante do óleo de uma grande altura na pequena marca, de modo que o provocou em queda, e ele arqueou, mergulhando na cintura, pressionando seu próprio prazer na cama.

Eu deslizei um dedo dentro dele.

Eu tomei Aleksey três vezes naquela noite, o que eu não deveria ter, talvez - ele sendo tão novo nessa atividade que uma tal invasão o deixaria dolorido e incapaz de se sentar confortavelmente em seus deveres reais no dia seguinte. Mas nós éramos como um em nossos desejos, ele estava tão ansioso para sentir de novo e de novo o prazer secreto que um homem pode

A ROYAL AFFAIR

sentir com tanta perfeição. Ele tinha que descrever isso para mim, porque eu nunca senti isso. Penetrado pela tripulação a bordo do baleeiro para seu entretenimento selvagem, meu prazer nunca tinha sido considerado, e era minha crença que apenas um homem voluntariamente participando de tais coisas é abençoado por apreciá-lo como Aleksey. Eu tinha a prova, pois o colchão estava encharcado na manhã seguinte com seus derramamentos. O meu, claro, não foi derramado.

Usei-o descaradamente e ele se deitou como uma boneca feita de farrapos em meus braços, enquanto a aurora se elevava sobre o oceano a leste. Nós havíamos apagado a lâmpada há algum tempo e estávamos observando o brilho se fortalecer, lamentando a chegada da manhã. Meu terror foi completamente embora. Eu acreditava que deveria chamá-lo de doutor Aleksey. Senti tanto como homem naquela manhã que todos os meus apetites voltaram. Eu estava morrendo de fome e cheio de energia reprimida. Se não tivéssemos sido apanhados em um navio, eu teria levado Xavier para um longo passeio através de um bosque nevado e cheirado o pinheiro invernal no ar. Estar em um navio era desagradável, mesmo sem meus medos mais particulares.

Eu estava acariciando Aleksey suavemente em uma longa extensão de dedo da base de seu pescoço até sua espinha até o lugar de todo o nosso prazer naquela noite, girando ao redor e, em seguida, arrastando-o de volta para cima. Eu tinha visto espinhas de homens quebradas e soltas no campo de batalha, seus corpos quebrados e mutilados, e preferia o corpo de um homem assim: inteiro e perfeito. Ele não estava dormindo, mas também não comigo. Eu estava no meu terceiro dia sem dormir e estava além do

A ROYAL AFFAIR

ponto de cansaço, agora nervoso quase com exaustão. Mas nós dois passamos muitas noites sem dormir na guerra, e eu não trocaria um momento do meu tempo naquela noite com Aleksey pelo sono mais sem sonhos que um homem poderia ter. Eu me abaixei e deixei meus lábios tomarem o lugar do meu dedo, colocando minha língua onde nenhum homem deveria, talvez. Ele apenas piscou sonolento e se virou para encontrar o meu olhar. Ele não proibiu, então eu continuei, uma quarta penetração, mas esta apenas minha língua e suave e fácil para ele suportar. Nós podíamos ouvir vozes nas portas externas do quarto de hóspedes. Nosso tempo acabou.

Eu me retirei em corpo e espírito e permiti que ele saísse da cama, observando enquanto ele se movia pela cabine nu. Depois de alguns minutos, comecei a rir e ele se virou, intrigado. Eu balancei minha cabeça em desespero com o meu próprio humor, uma característica que eu parecia estar pegando dele, mas comentei secamente: — Eu pensei que você poderia ter esquecido como fazer isso sem ajuda. Estou muito feliz por você ter se lembrado de como fazer isso sozinho.

Capítulo Vinte e Seis

O primeiro dia depois de nossa grande intimidade, senti como se fosse o dono do mundo inteiro. Fiquei no convés enquanto o navio se agitava, rolava e mal conseguia conter meu ânimo dentro do meu corpo. A maioria das pessoas estava doente. Fora de vista agora de qualquer terra e com toda a força da fúria do mar do norte, eu parecia ser o único que não estava pendurado como a morte nos trilhos. Talvez Aleksey estivesse certo: eu me acostumara à sensação. No café da manhã, eu havia comido como um homem condenado (na verdade, após reflexão, pode ter sido a visão de eu demolir um pedaço de carne de porco e maçã sufocada em molho espesso que agora era responsável por tantos cortesãos estarem indispostos), e agora sentia tão cheio de vida como as velas quebrando e batendo acima da minha cabeça.

Claro, eu sabia o verdadeiro motivo do meu retorno à vida e à saúde: Aleksey. Ele era meu médico, meu remédio e minha cura. Eu ansiava por ele novamente. Como qualquer homem que possuísse outro dessa maneira, senti uma sensação de total posse de seu corpo, e enquanto ele estava conversando com aqueles conselheiros que ainda estavam de pé, eu sabia que ele estava ciente disso em mim. Como era a sensação de ser rei e senhor de tudo o que ele adquiriu, salvar-me, e tendo alguém o dominando e governando *ele*? Como é que os que nos rodeiam não sentem essa emoção, esses pensamentos disparando entre nós tão reais quanto o grande poder

A ROYAL AFFAIR

do vento nas velas? Eu podia ver isso, tangível, na frente dos meus olhos enquanto eu estava perto de seu grupo amontoadado. Incapaz de suportar não tocá-lo e ouvir sua voz, eu me aproximei e me curvei, perguntando se ele gostaria de checar os cavalos, dado que era duro com o navio balançando, rolando e balançando e... Eu enviei mais alguns cortesãos para os trilhos e levantei minha sobrancelha. Repeti minha sugestão, o que, na verdade, significava para nós, abaixo do convés, ninguém mais presente.

Ele assentiu de maneira muito majestosa, pensei, e me acompanhou descendo a escada até o convés inferior. Tivemos um ou dois cortesãos conosco por um tempo, até que entramos nas entranhas do navio onde os cavalos estavam amarrados. Eles não tiveram o benefício do ar fresco por algum tempo, e o cheiro era indescritível. Então, perdemos nosso pequeno bando de puxa-sacos e ficamos sozinhos, exceto pelos cavaleiros. Damos uma bronca profunda, pois o chão tinha uma merda que ainda não havia sido limpa. A infração era menor, na verdade, já que o lugar era tão limpo e arrumado quanto qualquer lugar desse tipo pode ser, dadas as circunstâncias, mas nos dava a desculpa de dispensá-los. Enquanto se afastavam, Aleksey cedeu e disse que deviam aproveitar o café da manhã nos quartos de estado, pois muito pouco fora comido, exceto pelo selvagem coronel a seu lado. Eles sorriram e correram, antes que a punição se tornasse menos atraente.

Nós estávamos sozinhos. Menos do que uma acomodação auspiciosa, eu sabia, mas sabíamos que poderia pior. Fui primeiro a Xavier e vi um ligeiro beicinho nos lábios de Aleksey, mas lhe disse que Xavier era meu primeiro amor e que ele, o rei, sempre seria o segundo em meu coração. Ele me disse



A ROYAL AFFAIR

nesse caso que eu deveria ter o meu prazer com Xavier, pois eu não iria conseguir dele. Eu o tinha em torno da cintura até agora e preso contra a antepara. Eu demonstrei então porque eu preferi seu corpo a todos os outros. Ele não me deixou levá-lo como eu tinha na noite anterior; Eu notei que ele não sentou no café da manhã. Mas ele me deixou levá-lo em minha boca, ajoelhando a ele na palha áspera, e me perdi mais uma vez para o grande privilégio de amar outro homem.

Quando terminei, um segundo café da manhã, nós trocamos de lugar. Isso era novidade, pois ele não se ajoelhara para mim assim antes, e eu segurei sua cabeça apenas, provocando-o com pressão, facilitando-o e desligando, mostrando-lhe como eu gostava de ser tomado. Foi muito divertido, e nós rimos muito, dado o movimento do navio, a repentina sacudida que o arrancou, a recaptura de seu prêmio - até mesmo o tempo ocasional em que ele se esquecia e me agarrava com os dentes para me agarrar. Ele era um estudante muito entusiasmado, como sempre, e quando eu gozei, não o afastei. Foi a primeira vez dele também. Eu me cobri e puxei-o para seus pés. Eu não achei que tivesse visto seus olhos tão verdes. Talvez tenha sido a falta dessa cor doce ao nosso redor. Seus olhos brilhavam como esmeraldas. Eu beijei cada um por sua vez, e então tivemos que nos despedir. Nós dois precisávamos de ar fresco.

A ROYAL AFFAIR

Nós passamos o restante daquela semana de velejar com o velho rei em segurança em seu caixão de estado e o novo rei em segurança em meus braços - sempre que eu consegui uma desculpa para pegá-lo sozinho. Agora que eu havia me recuperado do meu curto e súbito delírio, retornei aos meus aposentos, e o servo real do maldito quarto real retornou ao seu. Sugeri a Aleksey que ele me nomeasse servo para o quarto real, e então todos os nossos problemas seriam resolvidos, mas ele salientou que, nesse caso, eu teria que passar todos os meus dias na lavanderia real lavando os lençóis reais e não poderia vê-lo nem falar com ele à luz do dia. Quase parecia uma boa recompensa para mim, mas então eu era um homem no meu apogeu e despertado grandemente pela nossa nova intimidade, da qual eu desejava participar com a maior frequência possível. Vendo ele e querendo tomar seu corpo me obcecava, como ele sabia. Foi uma semana muito interessante, no todo, mais interessante do que eu previra quando prometi a Aleksey que o acompanharia.

Chegamos em Hesse-Davia alguns dias antes do início das festividades de Natal, que haviam sido reduzidas, devido aos tristes acontecimentos em Saxefalia. Tive a impressão de que as decorações erigidas apressadamente para isso e para a celebração da guerra haviam sido convertidas naquelas mais apropriadas para um funeral. Foi aceitável. Aleksey não se importou. Ele sabia que a maioria das pessoas pobres só queria uma desculpa para esquecer a miséria de suas vidas por um dia, e se era funeral, celebração de guerra, Natal ou coroação, não importava para eles.

Estávamos todos no caos nos primeiros dias. Mesmo as coisas mais simples tinham que ser decididas. Onde o novo rei dormiria? Ele se recusou

A ROYAL AFFAIR

totalmente a dormir na cama de seu pai morto - e eu não o culpei - ou a residir em quartos super decorados, o que, novamente, me pareceu uma reação muito normal. Mas isso jogou a corte em completo tumulto. Ele não podia, aparentemente, dormir em seus aposentos antigos com seus livros e todas as suas coisas de infância, já que isso não seria apropriado. Eu suspeitava que Aleksey estivesse tão doente de ouvir o que era e o que não era apropriado que ele teria gostado de jogar alguns de seus conselheiros para fora das ameias. Eu teria ajudado com o levantamento.

Poucos dias depois de voltarmos ao castelo, fui convocado à sala do trono, o vasto salão onde o rei de Hesse-Davia mantinha uma corte aberta e ouvia petições. Eu não estivera nessa parte do castelo antes, pois não tinha desculpa quando o velho rei governara, e fiquei impressionado com os estandartes, armaduras e armas antigas montadas em cada pedaço de espaço disponível na parede. As vastas portas de carvalho se abriram para mim e eu entrei. Eu tive que andar na manopla da corte: até duzentas pessoas, todas vestidas ricamente e em pequenos grupos, conduzindo seus negócios “importantes”. Ignorei alguns dos olhares e fiz meu caminho para o topo da sala, perto do estrado elevado, onde pude ver o rei Christian. Antes que eu pudesse emergir no espaço aberto ao redor do trono, senti uma mão no meu braço e me virei para encontrar o coronel Johan sorrindo para mim. Isso foi muito estranho. O que quer que ele pensasse sobre mim, ele nunca pensou nisso com um sorriso a menos que fosse um às minhas custas. Mas fiquei encantado em vê-lo e nós realmente nos abraçamos por um momento.



A ROYAL AFFAIR

Eu o puxei para um lado da sala. — O que está acontecendo? Como você chegou aqui?

— Eu viajei.

Eu estava demorando na captação, então ele acrescentou, revirando os olhos, — Saxefalia também tinha uma marinha, doutor. O resto de nós seguiu na esteira real.

— Mas por que você está aqui? Você sabe do que se trata?

Ele balançou sua cabeça. — Como está Aleksey?

Dei de ombros e isso dizia tudo. Ele conhecia Aleksey tão bem quanto eu, de maneiras diferentes, e nós dois sabíamos sua volatilidade. Ele estava olhando para ele sobre as cabeças da multidão. — Eu suponho que eu deveria agradecer-lhe...

Ele não teve a chance de terminar, pois foi arrebatado por um enorme urso, abraçando-o e gritando algo em seu ouvido. Transformei o urso em Gregory em minha mente e tudo estava bem. Pia estava de pé atrás dele. Ela sorriu timidamente para mim e eu peguei a mão dela. — É bom ver vocês dois. Por que você está aqui?

Nós estávamos perplexos. Todos nós recebemos convocação. Nosso pequeno grupo foi então abordado pelo chato Stephen, que eu não via desde que ele andou com uma lança e tropeçou nos próprios pés. Levantei-o e o beijei, o que o deixou furioso, pois agora ele era um jovem muito sério, de dez anos, velho demais, ele me informou, para ser tratado como um bebê. Eu perguntei por que ele ainda parecia um bebê, e nós discutimos



A ROYAL AFFAIR

agradavelmente sobre isso, assim como Aleksey fez com o garotinho de Gregory todos aqueles meses atrás. Finalmente, a ordem era exigida pelo som das cornetas, e o rei procedeu ao tribunal. Ele ouviu muitas petições e tomou muitas decisões, nenhuma das quais podíamos ouvir, já que o barulho e a algazarra na sala ainda eram consideráveis. Então, com outra explosão do maldito instrumento, o coronel Johan foi chamado ao tablado. Ele foi com um olhar para mim.

Ele parecia o epítome do soldado enquanto marchava de forma inteligente pela multidão. Não é fácil subir os degraus com uma espada e manter o ritmo, mas ele conseguiu como se tivesse ensaiado esse momento toda a sua vida. Talvez ele tivesse. Talvez tenha sido isso que ele quis dizer quando me disse que Aleksey era especial. Desde o primeiro momento da vida de Aleksey, eles desfrutaram de um equilíbrio delicado de cuidado e amor, obediência e respeito, que levaram a esse momento. Johan se ajoelhou diante de uma figura tão real e distante que mal se parecia com o jovem príncipe que eu conheci - até que houve um sorriso, uma mão no ombro, e a figura inspiradora foi Aleksey mais uma vez. Ele ordenou que Johan se levantasse e o abraçou brevemente antes de gesticular para um ajudante lhe entregar uma caixa.

Eu não conseguia ouvir nada do que estava sendo dito, mas o rosto de Johan contava sua própria história - até onde ele sabia, a caixa mostrava o reconhecimento do vínculo amoroso entre eles que até o grande poder da majestade não podia romper.

Quando ele voltou para o seu lugar no meio da multidão com a gente, Stephen, é claro, tinha que saber o que estava na caixa. Depois de um pouco

A ROYAL AFFAIR

de provocação, fingindo que seu ocupante poderia mordê-lo se a tampa fosse aberta, Johan nos mostrou seu prêmio.

Ele havia sido presenteado com a Ordem de São Jorge, o maior prêmio por bravura em Hesse-Davia, como Gregory nos informou em voz baixa - apenas três beneficiários haviam conquistado essa medalha desde sua instituição quatrocentos anos antes. Johan ignorou nossos parabéns e comentou ironicamente que deveria vendê-lo - que poderia pagar pelo novo uniforme que teria que comprar. Aleksey o promoveu a general e o fez chefe do exército.

Sorri quando vi o orgulho escondido por trás do fingimento rude no rosto marcado. O exército de Hesse-Davia estava em boas mãos.

Em seguida, para nosso grande espanto, o rei chamou Gregory. Ele supôs que ele, como eu, estava lá para ver Johan sendo honrado, mas não o fez. Ele foi apontado como ministro das obras, algo que parecia tão vago que achei que Gregory poderia decidir por si mesmo o que ele comandaria, e de repente entendi que era exatamente como Aleksey pretendia. Gregory poderia tomar o cuidado que ele deu a sua aldeia perfeita e estender isso ao longo de toda a Hesse-Davia. Eu esperava que Pia não tivesse planos imediatos para ele. Tinha a sensação de que ele estaria ocupado.

Nós estávamos parabenizando Johan e Gregory quando o nome de Stephen foi chamado. Sussurrei para ele que ele seria feito o serviçal real e que ele melhor endireitasse sua jaqueta. Ele fez, não brincando agora. Acho que ele desejou ter apenas nove anos e ainda não está tão crescido. Ele foi até o estrado e, em pernas levemente inseguras, ajoelhou-se diante do rei



A ROYAL AFFAIR

Christian. Aleksey se levantou e acenou para o corneteiro que ele queria um completo silêncio no quarto.

Quando o único som que restou foi o raspar de sapatos nas bandeiras de pedra enquanto os cortesãos se moviam para obter melhores vistas, Aleksey anunciou: — Eu, Christian, rei de Hesse-Davia e Saxefalia, declaro você, Stephen, como um filho de direito e próprio de Peter da linhagem Mountberg. Eu concedo a você todos os direitos de acordo com sua linhagem, todas as propriedades e heranças, de acordo com a lei.

Todos, incluindo eu, seguravam a respiração para ouvir as palavras de Aleksey, e houve uma expiração universal e, em seguida, uma risada leve. De repente, houve uma onda de aplausos, e Gregory murmurou em meu ouvido: — Já era tempo também. Bastardo, minha bunda.

Eu assenti e comecei a fazer uma resposta baixa quando Aleksey mais uma vez começou a falar.

— De acordo, portanto, com as leis de Deus e do homem, eu agora declaro você de direito e legítimo herdeiro do trono de Hesse-Davia e Saxefalia e concedo a você todos os direitos relativos a você, o *Príncipe* Stephen Eric Peter Mountberg.

Isso causou muito mais agitação. Eu ouvi alguns sussurros desconfortáveis, mas principalmente houve aprovação sólida para este movimento surpreendente. Aleksey não tinha respirado uma palavra disso para mim, e eu podia ver pelos rostos de Gregory e Johan que eles tinham sido mantidos no escuro como eu.



A ROYAL AFFAIR

Eu me senti desconfortável por algum motivo. Fiquei encantado por Stephen e achei que era um excelente movimento na teoria. Aleksey aparentemente tinha levado a sério a lição do suposto envenenamento do velho rei - escolher um herdeiro que preferia você vivo a morto. Mas essa ascensão de Stephen não era um aumento para encher um lugar vazio - entrando em uma cadeira vazia no jantar. Aleksey já tinha um herdeiro - Harold.

Aleksey tinha acabado de deslocar seu tio da linha de sucessão.

Stephen estava falando. Ouvi-o guinchar: — Estou disposto — e tive que sorrir diante da incongruência de seu tom com a solenidade de sua intenção.

O príncipe Stephen retornou ao seu lugar conosco, e ele não disse mais nada do que eu ouvi pelo resto do dia. Isso foi bem novo.

Estávamos todos de muito bom humor e esperando ansiosamente ser dispensados para o almoço, quando a corneta soou novamente, e o arauto chamou meu nome. Eu estava com um pouco de medo disso. Eu suspeitava que Aleksey pudesse tornar meu papel como médico no exército mais oficial, nomeando-me médico geral, ou que ele poderia me nomear para o tribunal como o médico real. Eu não tinha muita certeza do que sentia em relação a qualquer um desses títulos e imaginei se deveria dizer a ele para me deixar como eu estava. No entanto, ele me chamou e eu tive que ir. Eu caminhei para a frente e passei o estrado.

Ele parecia completamente magnífico, cada centímetro de um rei, em roupas bonitas que eu queria arrancar dele muito rudemente. Então me



A ROYAL AFFAIR

ajoelhei mais uma vez para ele. Se ele achasse isso divertido, ninguém saberia de sua expressão. Ele parecia muito sério quando ele puxou sua espada.

Eu nunca havia percebido o quanto esse ritual era significativo antes - um homem inclinando a cabeça mansamente para outro que está sobre ele tão armado. Meu pescoço se contraiu um pouco quando uma corrente de ar frio passou por cima. Talvez tenha sido o toque de fantasmas dos muitos homens que eu havia aliviado de suas cabeças, com o pescoço exposto à minha espada no ato que esse ritual estava imitando.

A lâmina estava leve sobre um ombro. Senti o ar agitar enquanto se movia para o outro.

— Levanta-te, *Senhor* Nikolai Hartmann.

Eu tomei minha posição com surpreendente equanimidade até que vi o olhar de amor puro e inalterado em seus olhos quando fiquei de frente para ele. Levou toda a minha força então para manter meu sorriso dentro. Eu fiz isso por ele, pelo meu *rei*.

Ele parecia estar esperando para ter certeza de que eu iria me comportar - a última vez que ficamos tão perto, cerca de três horas antes, ele estava segurando meu pau, e eu definitivamente *não* estava *me* comportando, e eu sabia que ele estava recordando isso também.

Todo o seu talento para a teatralidade parecia valer a pena, pois duvido que houvesse outra pessoa naquela audiência que entendesse qualquer coisa do que se seguiu, exceto pelo óbvio que eles deveriam compreender.

A ROYAL AFFAIR

— Eu, Christian, nomeio você, Nikolai, ministro-chefe de Hesse-Davia e Saxefalia, com todos os direitos pertinentes. Você solenemente jura governar os povos de acordo com suas leis e costumes?

Ministro-chefe? Não parecia a hora de pedir esclarecimentos. — Eu juro.

— Eles não poderiam ouvir o baque, a batida do meu coração?

— Você dará bons conselhos e apoio?

Era o que eu sonhava fazer por Aleksey desde que nos conhecemos. — Eu vou.

— Você promete ser fiel somente a mim?

Ouvi minha resposta firme e forte, embora Aleksey tivesse começado a borrar um pouco. — Eu serei fiel somente a você.

Com isso, ele arqueou o lábio e assentiu. Parece que fui dispensado.

Voltei para os degraus e depois virei-me para recuperar o meu lugar com os meus amigos. Eles me deram parabéns devido a um homem que agora superava todos os membros do conselho. Eu superei todos no reino que não a família real imediata. Eu até superei a nobreza da corte.

Era tudo nada para mim.

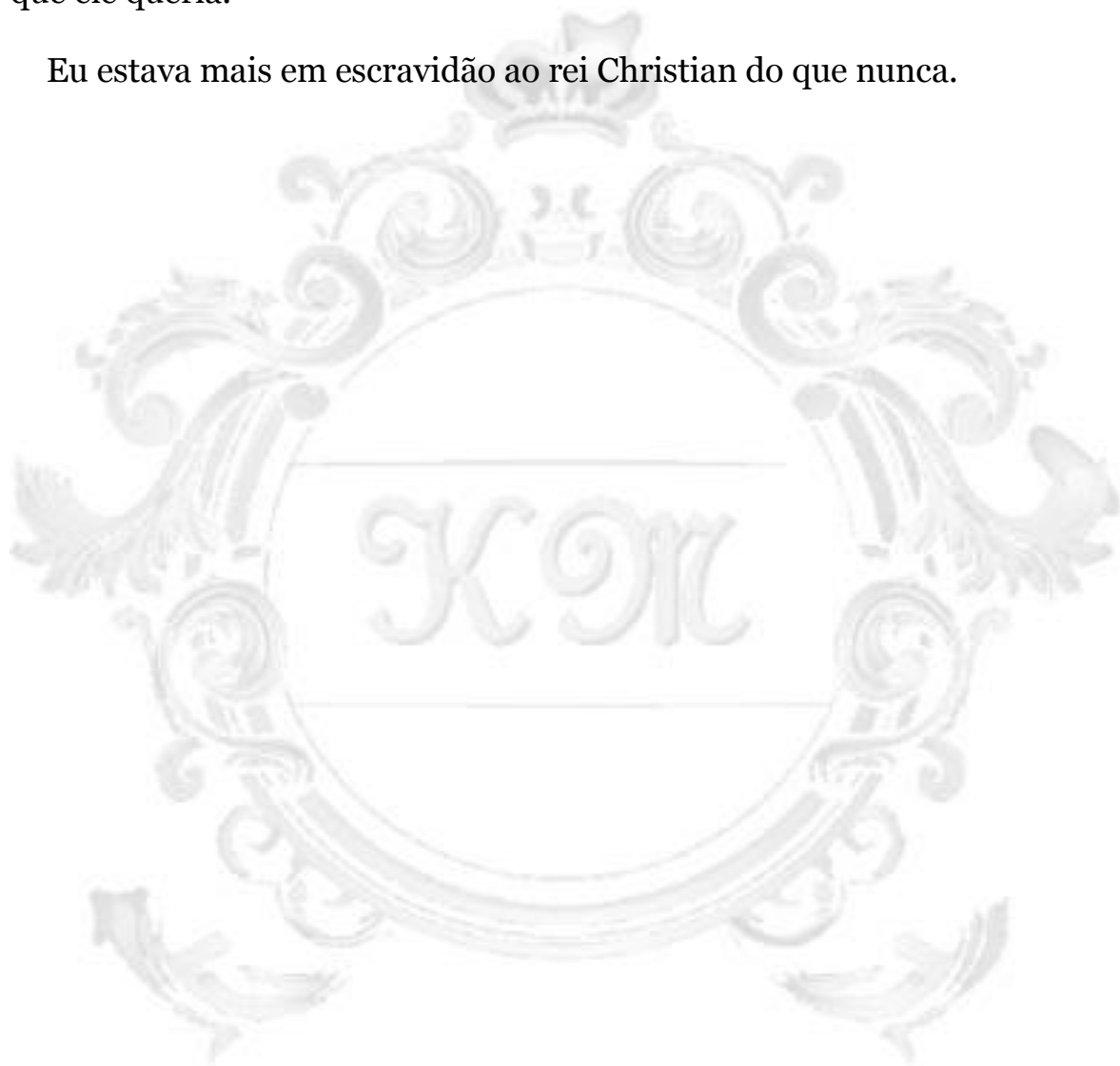
Eu tinha acabado de prometer a toda a corte que seria de Aleksey por toda a vida.

Aleksey fizera essas nomeações sem consultar ninguém. Ele estava flexionando sua força.

A ROYAL AFFAIR

Ele tinha uma corte de amigos ao seu redor agora, com quem ele poderia viver uma vida relativamente normal enquanto ainda cumpria seus deveres reais. E ele tinha seu ministro-chefe em sua cama e em seu corpo sempre que ele queria.

Eu estava mais em escravidão ao rei Christian do que nunca.



Capítulo Vinte e Sete

Aleksey, Gregory, Johan, e eu, em seguida, definimos um plano para reformar Hesse-Davia. Pode ter soado grandioso, mas foi assim que o vimos. Johan foi incluído nessas conferências porque pretendíamos usar seu exército para fazer muitas de nossas reformas. Quando não está em guerra, um exército tem muito pouco a fazer para se manter ocupado e pronto. Nós pretendíamos fazer um melhor uso do nosso.

Eu não sabia quem inventou primeiro o melhor plano: um novo palácio. Acho que eu fiz, mas Aleksey alegou que foi ideia dele. Seja como for, nós dois decidimos que o castelo era um lugar muito infeliz para nós vivermos. Aleksey dormia nos aposentos antigos de seu irmão, que eram bastante reais e espaçosos, mas ainda inconvenientes para nós. Permitia acesso livre demais à corte, cujos funcionários vagavam de dia ou de noite sempre que os caprichos os levavam, como faziam com o velho rei. Além disso, o castelo, como eu pensara na minha chegada à capital, era pequeno e inadequado para uma residência real. No entanto, o palácio foi proposto, a ideia logo decolou entre nós, e nós poderíamos falar de muito pouco mais por um tempo.

Aleksey duvidava que o país pudesse suportar a despesa de um novo prédio em uma escala tão grande quanto eu imaginava. Eu não tinha pensado em Versalhes ou no Palácio de St. James em Londres, mas queria algo melhor e maior para Aleksey do que o velho castelo em que sempre

A ROYAL AFFAIR

vivera. Por isso, sugeri que ele conseguisse que os saxofalianos pagassem por isso - um gesto para pagar a Hesse-Davia por suas perdas na guerra. Perdas que incluíam o rei e o príncipe, pela infeliz cadeia de eventos que levaram à ascensão do rei Christian, que haviam começado com a invasão da península. Ele gostou desta ideia. Eu pensei que ele poderia.

Onde construir o palácio tornou-se o próximo problema interessante, mas isso foi rapidamente resolvido, e agradecemos a Johan por isso. Mais uma vez, ele sugeriu a vila de verão dos oficiais: a Casa da Luxúria. É claro que, uma vez que Aleksey ouviu isso e viu a possibilidade de seu palácio ser tão apelidado, ele foi todo para a ideia. Não derrubaríamos a casa existente, pois ela era espaçosa e muito bem construída, mas a incorporaria em seu novo prédio e a usaria como um anexo para os cortesãos visitantes. Pois esta seria a melhor parte do plano. Aleksey pretendia continuar a manter a corte no castelo, mas a viver no novo palácio. Os cortesãos viveriam no castelo e visitariam o palácio somente quando, e se, precisassem ver o rei. O primeiro ministro do rei Christian, no entanto, tinha um conjunto de quartos no novo palácio - que ele não pretendia usar.

O palácio não teve precedência sobre algumas das outras grandes mudanças de Aleksey. Ele aproveitou a oportunidade de ser um rei com poder ilimitado, em vez de apenas um príncipe com boas ideias para realizar alguns de seus projetos com o exército. Ele sabia que não era ideal ter garotos e velhos marchando um exército em movimento. Mas ele estava relutante em ver soldados velhos feridos jogados nas ruas para implorar, como estavam em quase todos os outros países europeus, ou para ter filhos, órfãos por culpa própria, deixados para roubar e venderem-se nas ruas para

A ROYAL AFFAIR

eles poderem comer. Ele estabeleceu um orfanato e uma antiga casa de soldados na capital e tinha planos de copiá-los em todo o país.

Ele tinha um zelo reformista sobre ele que era contagiante para aqueles de nós que o amavam e admiravam. Havia muitos de nós, é claro, mas não... todos. Aleksey fez muitos inimigos neste momento, assim como eu.

O pequeno grupo de reforma tinha um outro membro que não teria sido incluído se eu tivesse o meu caminho. Argumentei veementemente contra a nomeação, mas fui derrotado. Por Aleksey. Ele disse que, como era rei, seu voto era mais importante que o meu. Eu não acho que ele entendeu completamente como essas coisas deveriam funcionar.

A princesa Anastasia se juntou ao nosso grupo, e não pude mais continuar minha auto ilusão de que ela não existia.

Eu tinha começado essa tática de me recusar a admitir a existência de Anastasia quando me preparava para marchar para a guerra com Aleksey. Grande parte de seu trabalho preparando seu exército para a guerra havia sido feita com Anastásia ao seu lado - revendo as linhas de seus cavalos de batalha, a princesa vestida com uma jaqueta de uniforme escarlata e usando um chapéu combinando com o de Aleksey. Quando ele realizou reuniões, solicitando atualizações de seus oficiais, ela geralmente estava presente. Quando partimos para a marcha, Aleksey passou a manhã isolada

A ROYAL AFFAIR

em seus aposentos no palácio, presumivelmente dizendo suas despedidas. Eu não posso confirmar que isso era o que eles estavam fazendo, porque é claro que eu não estava presente. Eu não estava presente durante a maior parte do tempo que ele passou com Anastasia, e ocorreu-me que em vez de queimar, em vez de morrer um pouco a cada hora que estivessem juntos, imaginando o que ele estava fazendo, era muito mais agradável fingir que Anastasia não existia.

Tão esperto que eu me tornei assim, ela não estava no cais para receber o rei recém-coroadado de volta a Hesse-Davia. Ela não estava presente no funeral do velho rei. Ela não andou pelo corredor da catedral sobre o braço de Aleksey enquanto ele avançava para sua coroação formal. Ela particularmente não se sentou ao lado dele na festa de comemoração, e tenho certeza de que ela não dançou com ele a noite toda depois daquele evento.

Então, quando Aleksey me disse que Anastasia iria se juntar ao nosso primeiro grupo de reforma, eu quase perguntei: — Quem?

Eu estava queimando de ciúmes e não podia fazer nada sobre isso. Esta foi a única vez na minha vida em que desejei ser mulher e não homem, pois, se *tivesse* sido, teria tido a oportunidade de lutar contra ela, metaforicamente, pelo coração de Aleksey. Mas eu não poderia me casar com Aleksey, mesmo que pudesse de alguma forma me livrar (e Aleksey, obviamente) de sua presença - a vida - essência - perfume - até mesmo o som de seus passos. Eu não podia nem admitir abertamente que o amava, então que chance eu tinha de separar ele do lado dela agora que estávamos de volta e ele era o rei? Foi, portanto, sem boa graça que recebi a notícia de

A ROYAL AFFAIR

que ela estava participando da nossa primeira reunião de reforma, que estava sendo realizada na estalagem de Gregory.

Montei Xavier no pátio do castelo e esperei por Aleksey. Toda a minha vida consistiu em esperar por Aleksey nos dias de hoje. Sendo rei, ele não foi capaz de agendar seu próprio dia. Não fiquei, portanto, impressionado ou divertido, tendo esperado por mais de uma hora, quando ele chegou com Anastasia, porque uma possível razão para seu atraso me ocorreu imediatamente. Eu deliberadamente balancei Xavier e fui em frente sem eles. Eu não queria ouvir a conversa dela. Eu não queria ver o rosto dela. Qualquer um que já tenha sofrido tanta inveja de alguém que você não poderia lutar simpatizaria com meu péssimo temperamento naquele dia.

Aleksey me pegou quando atravessamos a campina onde eu o derrotara tão profundamente em uma corrida. Ele até fez alusão a isso, dizendo alegremente: — Não aposte corrida comigo novamente, Niko, pois agora sou rei e não devo ser derrotado em nada.

Comecei então a imaginá-lo, colocando-o sobre meu joelho e batendo-o muito severamente, e não da maneira divertida disso. Ele ficava olhando para mim de vez em quando, mas eu me recusava a morder a isca e responder, mantendo meus olhos firmemente fixos no mar à distância.

— Você está sendo inconscientemente grosseiro com minha noiva, eu acho. Você nem a cumprimentou, e ela expressamente queria falar com você.

— Por quê?

A ROYAL AFFAIR

— Porque ela está se juntando ao nosso grupo, ela preparou muitas ideias esplêndidas que sabemos que você vai amar.

Nós. Eu poderia ter cuscido. Eu pensava que nós, éramos nós, não eles.

Ele estava brincando com a juba de Boudica, pensativo. — Estamos muito felizes por você ter decidido ficar em Hesse-Davia, pois como ministro-chefe, você será capaz de supervisionar os preparativos do casamento. Não seria bom tê-los de má qualidade. — Quando não respondi, ele continuou: — Onde você sugere que façamos nosso passeio de casamento? Eu sempre quis ver onde Alexander nasceu. Anastasia gostaria de ir para a Inglaterra. — De repente, ele se virou, com os olhos brilhantes. — Eu sei, você poderia vir conosco - ver a Inglaterra novamente. Você gostaria disso, não é verdade? — Então ele fez beicinho. — Mas seria terrivelmente estranho, ter você lá. — Nossos cavalos se aproximaram e sua coxa tocou a minha. Eu me afastei, fazendo algumas desculpas enganosamente casuais. Ele começou a rir e eu me virei para ele. Eu estava muito perto de possivelmente arruinar muitas coisas, incluindo o nosso relacionamento, mas eu vi algo em seus olhos que era muito perverso, conhecedor demais, para deixar passar sem comentar.

Eu estreitei meus olhos, considerando. — Por que você está rindo de mim?

— Porque você é tão engraçado quando está com raiva de mim. — Ele cutucou minha perna. — O que significaria que você é realmente um homem muito engraçado, pois você está *sempre* zangado comigo.

A ROYAL AFFAIR

— Bem, pare de ser tão... assim... idiota, Aleksey, por que você está falando assim para mim? Por que *ela* teve que vir?

Ele engasgou teatralmente na minha linguagem. — E quantos anos você tem, Niko?

Eu não vi o que isso tinha a ver com qualquer coisa. Eventualmente, ele disse, divertido: — Eu não vejo o que você está com ciúmes, realmente. Ela não compartilha minha cama e não tem o equipamento que eu gosto de me fazer feliz, como você faz.

Eu estava tão zangado e com ciúmes que eu podia sentir meu coração batendo rápido no meu peito. — Mas ela *vai* - quero dizer, compartilhar sua cama, não crescer um pau.

Ele suspirou. — Nikolai Hartmann, você não é divertido de provocar. Você é totalmente selvagem demais. Nós não temos *intenção* de casamento. *Nós nunca tivemos*. Ela e eu estamos em acordo muito harmonioso sobre este assunto. Ela teve que se casar e foi enviada para Hesse-Davia. Eu tinha que gerar herdeiros e conheci ela como minha esposa em potencial. Nós conhecemos; nós conversamos. Nós dois descobrimos que não tínhamos nenhum desejo de casar com ninguém e decidimos que nosso noivado seria muito conveniente. Um dia, ficaremos sem desculpas para que o casamento seja adiado com tanta frequência, mas até agora todos estão felizes com o acordo, pois somos ambos ainda jovens. Você está satisfeito? Deus me ajude. Eu ia usar isso o dia todo para te aborrecer, mas ela disse que eu era cruel e que você deveria ser expulso da sua miséria.



A ROYAL AFFAIR

Eu mal podia absorver isso, pois o sangue batendo rápido demais em meu corpo me deixou estúpido e meus ouvidos tocaram, mas me prendi com horror. — Ela sabe! Meu Deus, você contou a ela sobre nós! Sobre... que eu... Com... — Eu não consegui concluir nenhum pensamento coerente sobre as imagens que surgiram em minha mente das imagens que deviam estar subindo na dela toda vez que ela olhava para mim. Ou não. Quanto ele lhe contou? Quanto uma garota da idade dela saberia? Meu Deus.

— Oh, não fique assim. Deus nos salve, você nunca será capaz de olhá-la na cara de novo, vai?

Mas eu segui em frente, meus pensamentos agora se desviando para sua declaração anterior. — Eu não acredito que ela não queira se casar com você. Ela está mentindo, enganando você. Como ela não pode?

Ele ainda estava rindo de mim, me lançando olhares divertidos. — Eu sou tão adorável? Você se casaria comigo, Niko? — Ele olhou para baixo, fazendo sons de beijos.

— Não seja tão...— Dei um chute em Xavier para voar longe de todas essas emoções que eu não podia tolerar, mas Aleksey pegou o freio.

— Espere. Eu sinto muito. Anastasia não é como as outras mulheres, Nikolai. Ela não quer casamento ou filhos. Hoje ela quer comandar seu próprio navio. Na semana passada, ela perguntou a Johan se ela poderia se juntar ao exército dele. Ela anseia por algo mais, mas não pode tê-lo. Ela não se casaria comigo se eu sou...

— Lindo e um rei?

A ROYAL AFFAIR

Ele riu. — Não, nem mesmo então. Niko, ouça, lembra quando vim pela primeira vez na floresta?

— Sim, claro, eu pensei que você era um bebê muito arrogante e chato, e eu não mudei de opinião desde então.

Ele bufou. — Isso não é o que você disse ontem à noite quando você teve o meu... de qualquer maneira... Na floresta, lembra que você não viu Johan ou Gregory no começo?

— O que isso tem a ver...

— Eles se misturaram ao ambiente e passaram despercebidos. Anastasia é minha camuflagem, você vê? E eu o dela. No que diz respeito ao tribunal, não estou viajando com meu amado hoje, mas com ela, minha prometida.

— Ele me viu franzir a testa, tentando resolver isso, e deu um tapa no meu braço, irritado. — Você! *Você*, meu tolo, é meu amado.

— Oh. — Olhei para a nossa companheira, uns quinze metros atrás. — Eu ainda não vejo por que ela tem que se juntar... — Aleksey incitou Boudica a fugir, então ele foi poupado do meu mau humor.

Ao chegarmos a Gregory, devemos ter aparecido um grupo estranho - empenhados e não falando um com o outro. Ninguém comentou, no entanto. Eu acho que eles esperavam que fôssemos excêntricos. Nossa situação era bastante singular, afinal.

A ROYAL AFFAIR

Eu descobri por que Anastasia queria ser um de nosso grupo quando ela derramou suas ideias. Ela tinha centenas de ideias sobre o que queria fazer para melhorar a vida das pessoas pobres, e quase todas eram muito boas. Ela via a vida um pouco diferente do resto de nós, sendo do sexo feminino, por isso os seus planos centravam-se em melhorar a vida das mulheres. E ela teve um ponto. Eu tinha visto a degradação adicional que as mulheres, com sua carga de gravidez e criação, sofriam neste país.

Mas é difícil passar do ciúme fervente à aprovação no decorrer de uma noite durante o jantar, por melhor que fosse o cozinheiro Gregory. Anastasia pareceu ver algo em minha expressão - talvez o aperto que eu tinha no meu queixo, talvez o enrugamento do meu nariz ou o rolar dos olhos pelas sugestões dela - e comentou bruscamente: — Se você melhorar o lote de mulheres, Coronel, você aumenta o família inteira. Dê dinheiro aos homens, e eles gastarão sua boa sorte em vinho e mulheres fáceis - ou alguns deles...

Eu não podia dizer se ela estava permitindo que alguns homens não fossem perdidos ou fazendo uma observação muito mais sutil de que mulheres fáceis estavam a salvo de alguns homens.

Esperei que Aleksey entrasse em cena e me impedisse de responder - muitas vezes ele fazia isso com outras pessoas quando temia que eu falasse o que pensava, mas ele estava estudando com atenção com Johan e fingindo não estar ciente de nossa briga iminente.

Apertei meus lábios por um momento, pensando, e então respondi: — Uma mulher não deveria ter autoridade sobre um homem. Ela deve ficar

A ROYAL AFFAIR

quieta. — Eu deixei uma pequena pausa, não o suficiente para ela interpor, e acrescentei: — Então a sua Bíblia cristã diz.

— Muito bem, coronel. — Ela não parecia nem um pouco afetada por minha tentativa de irritá-la. Eu não sabia por que estava fazendo, porque não era cristão e concordava com ela sobre as mulheres. — Também diz que quem quer que seja ótimo entre você deve ser seu servo. Sempre achei que isso significa que os homens deveriam ser subservientes às mulheres.

Senti que estava superado e recuei do campo para lambar minhas feridas.

Pia havia se juntado a nós, e ela e Anastasia formavam agora um pequeno e militante grupo de dois do outro lado da mesa, de nosso grupo mais racional e maduro. Fiquei tentado a dizer a Anastasia que era assim que eu a via, mas meu nível moral alto era baixo o suficiente.

Eu me vinguei de Aleksey por sua falta de apoio quando Anastasia lhe perguntou, aparentemente com toda a inocência, se ele tinha conhecimento de alguma casa de má reputação na cidade. Ela acreditava que ele deveria estender seu plano de orfanato dos meninos para que incluíssem as meninas e, assim, salvar muitos de uma vida potencial de ruína moral. Como beneficiário direto da ruína moral das mulheres, Aleksey ficou um pouco perplexo para uma resposta.

Johan foi o único homem na mesa naquela noite que poupou a sagacidade e ira de Anastasia. Ele, da mesma forma, não se envolveu com ela uma vez. Ele parecia completamente inseguro sobre o que fazer com ela.

A ROYAL AFFAIR

Uma coisa que todos concordamos era que a maior parte da pobreza e da ignorância em Hesse-Davia poderia estar diretamente ligada à influência doentia da igreja.

Todos nós vimos que a pobreza e o poder excessivo dos padres eram o outro lado da mesma moeda. Não só a igreja exigia enormes dízimos do campesinato, como também vendia superstições para que seu poder permanecesse absoluto.

Aleksey queria diminuir o poder da igreja ao se divorciar de seu domínio e de sua influência, mas esse desejo, infelizmente, coincidiu com o retorno de seu tio, o príncipe Harold, ao tribunal.

Tudo que eu sabia do tio de Aleksey era que ele estava visitando alguém no sul. Não tenho certeza do que imaginei - talvez uma versão um pouco mais jovem do velho rei em uma excursão de ruínas interessantes com um grupo de conhecidos charmosos.

O príncipe Harold, de fato, estivera em visita ao Vaticano.

Ele era o representante papal em Hesse-Davia. O Príncipe Harold era Sua Eminência, Cardeal o Príncipe Harold, chefe da igreja.

Tive uma infeliz primeira introdução ao conceito do retorno de Sua Eminência, que pode ter colorido todas as nossas interações subsequentes.

Não sei o que Aleksey tinha em mente quando me fez ministro-chefe. Eu suspeito que ele se concentrou um pouco demais nas muitas horas que necessariamente iríamos passar juntos em pequenas salas escuras, fazendo política. Fazendo alguma coisa, de qualquer maneira.



A ROYAL AFFAIR

Eu não acho que ele realmente considerou minha adequação para o trabalho. Eu era chefe do governo dele. Eu *administrava* Hesse-Davia.

Quando ele me disse um dia: — Meu tio volta no final deste mês. Você vai organizar tudo? — Eu respondi com um grunhido. Eu não podia falar, dado o que eu tinha na boca.

Quando, alguns dias depois, ele perguntou: — Todos os arranjos estão prontos? — Eu tinha murmurado que tudo estava no lugar, pois estava - dentro dele e muito bem situado.

Então, quando ele me convocou um dia antes do retorno esperado para inspecionar e aprovar todos os meus arranjos, ele ficou um pouco perplexo ao descobrir... nada.

— Onde estão os planos?

— Planos? Para quê?

— Niko! Para os banners? O desfile? Os combates? Os torneios? Os bailes? As festas? O que você arranjou para esta semana de celebração? Onde está tudo?

Meus olhos se desviaram para a garrafa de vinho que eu lembrei de pedir - achei que o velho poderia estar com sede depois da viagem.

Seu olhar seguiu o meu e eu o vi visivelmente pálido.

Então Aleksey não estava falando comigo quando Harold retornou, e isso, suspeito, afetou a maneira como eu via Sua Eminência a partir de então. Quando Aleksey não estava falando comigo, ele não estava fazendo mais nada comigo, é claro.

A ROYAL AFFAIR

Pareceu-me naquela época que eu tinha todas as desvantagens de não estar preso a nenhuma das vantagens que deveriam advir daquela posse.

Harold chegou em casa com quinhentos funcionários num dia varrido pelo vento que teria feito os estandartes espetaculares se houvesse algum. Estava frio; uma festa teria sido muito bem vinda também.

Observei-o da janela das salas do conselho quando ele desceu do cavalo e cumprimentou Aleksey. Não era como imaginei um homem cumprimentando seu novo rei. Enquanto Harold estivera ausente, seu irmão, o rei, morrera; seu sobrinho, o herdeiro, havia morrido; seu país havia vencido uma guerra espetacular e conquistado um principado; e seu sobrinho Aleksey havia se tornado seu rei.

Então, por que Aleksey se ajoelhou diante de Harold na neve?

Por que Aleksey estava beijando a mão de Harold?

Nós não estávamos falando, então eu não podia perguntar a ele.

Capítulo Vinte e Oito

O novo palácio demoraria muitos meses para ser concluído, mas enquanto estava sendo construído, Aleksey decidiu que ele faria um pausa do castelo e da corte e se mudaria para os aposentos de verão dos oficiais. Levou apenas um mês para os construtores tornarem esta moradia mais adequada para a residência de um rei. Em meados de fevereiro, portanto, ele saiu dos aposentos do irmão morto e entrou em sua nova, arejada e espaçosa casa, a cerca de dois quilômetros da capital.

Não nego que foi principalmente sua associação comigo que o levou a tomar a decisão de deixar o tribunal. Nosso relacionamento era agonizantemente difícil, pois ambos arriscamos tanto e parecíamos ter tão pouco para isso: o beijo ocasional, o toque de uma mão de passagem, uma mensagem secreta transmitida em um comentário inócuo. Nós dois queríamos muito mais. Mesmo na vila de verão, precisávamos ser cuidadosos e discretos. Um rei nunca está totalmente sozinho, pois os criados e guardas são características necessárias de sua vida, mas lá podemos fechar e trancar a porta de seus aposentos enquanto realizamos nossas reuniões ministeriais, e ninguém se atreveu a nos perturbar. Era uma maravilha que Hesse-Davia não fosse o reino mais bem administrado do mundo, pois realizávamos muitas longas reuniões ministeriais que se desenrolavam.



A ROYAL AFFAIR

Aleksey tinha agora vinte e quatro anos e eu trinta e seis. Tínhamos sido íntimos por mais tempo do que não e nós conhecíamos muito bem. Talvez, sendo ambos homens, tivéssemos uma vantagem, pois nossos desejos surgiram da mesma fonte. Nós éramos totalmente compatíveis em nossa paixão um pelo outro. Ele me queria, eu o queria, e nisso excluimos o resto do mundo e criamos para nós mesmos o minúsculo reino de dois que eu havia prometido a ele. Talvez eu devesse ter em mente que ele era um *rei*, mas nunca pensei nele dessa maneira. Para mim, ele sempre foi apenas Aleksey, e eu tratava o resto de sua vida como uma aberração. Ajudou-o também a tratar sua vida assim, pois não deixou que o estresse e a tensão de ser rei o afetassem. Ele não se via mais como um monarca do que como um príncipe, general, espião ou guerreiro selvagem. Eles foram todos os papéis que ele colocou como uma máscara quando ele deixou a nossa cama de manhã e, em seguida, decolou novamente quando ele voltou.

Se eu tivesse levado meus deveres como ministro-chefe mais a sério e não apenas os tivesse visto como uma maneira de ser íntimo secretamente com meu rei enquanto conduzíamos nosso próprio negócio, eu poderia ter visto os sinais de alerta antes que se tornasse tarde demais.

Eu havia criado uma bolha, nosso pequeno mundo perfeito, mas éramos dois homens pecando, e o mundo tem o hábito de procurar seus pecadores e chamá-los para prestar contas.

A ROYAL AFFAIR

Os primeiros verdadeiros rumores de descontentamento vieram quando Aleksey aprovou uma lei proibindo a sentença de morte para prisioneiros condenados. Isso incluía bruxas condenadas, traidores, assassinos e... sodomitas. Ele queria tornar legal a sodomia, pois afirmava que, sendo tão prazeroso, cada um de seus súditos deveria aproveitá-la livremente. Sugeriu que ele fosse compulsório, mas, como estávamos apenas brincando, essa lei não chegou aos livros oficiais. A abolição da sentença de morte, no entanto, aconteceu.

Dois dias depois de ser feita lei, o cardeal, seu tio, convocou Aleksey para sua residência na cidade. Eu realmente não entendia como Aleksey poderia ser convocado por alguém além de mim, mas ele disse que era complicado, dado que Harold era seu tio e seu pai espiritual. Eu me lembrei da cena na neve e disse a ele que estava indo com ele. Como ministro-chefe, era minha prerrogativa.

Um dia frio de abril, portanto, partimos da vila em direção à cidade. O trabalho de construção do novo palácio estava indo muito bem. Muitos homens tinham recebido um bom trabalho sólido nesse projeto, e gostávamos de gastar moeda Saxofaliana em seus salários.

A residência do cardeal era, ironicamente, na mesma parte rica da cidade que o bordel em que Aleksey me levava nos primórdios de nosso relacionamento. Nós poderíamos rir deste incidente, agora que sabíamos onde estávamos juntos. Ele, especialmente, achou isso divertido, ao recordar minha expressão de ser maltratado pela jovem da má reputação. Enquanto cavalgávamos, ele me assegurou que as prostitutas com quem ele saía só o acariciaram e que, após a conclusão, ele havia partido. Convinha-



A ROYAL AFFAIR

me acreditar nessa afirmação um pouco improvável, e assim esse episódio se juntou a uma lista bastante longa de coisas que gostamos de discutir, que uma vez nos causou tanta dor.

Uma coisa que sempre achamos difícil fazer era deixar de ser Aleksey e Nikolai para ser o rei Christian e seu ministro-chefe quando necessário. Cavalgando juntos, nossas coxas roçando, rindo do incidente do bordel, chegamos à residência e tivemos que nos tornar formal e correto. Como eu ainda não tinha escorregado e o chamei de um dos vários nomes depreciativos que usava para mantê-lo em seu lugar, eu não sei. Como ele ainda não havia escorregado e me batido ou me beijado ou se jogado impulsivamente sobre mim - todas as coisas que ele fazia quando estávamos sozinhos - eu também não sei. Acho que entrar no palácio de um cardeal nos deixou em paz, e foi assim também.

Eu já conhecera Harold, é claro, muitas vezes até agora, mas sempre muito formalmente na corte. Sem rodeios, eu não gostava dele e ele me detestava. Eu sei disso porque ele me disse uma vez, e isso não é algo que um homem esquece. Isto não foi para o meu relacionamento com Aleksey. Eu acreditava que ele não sabia disso. Ele me detestava como homem de ciência e pagão, embora eu tivesse deixado de ser um e não pensasse em mim como o outro. Eu não era cristão, mas certamente tinha uma fé muito forte: acreditava em Aleksey. Eu me sentia muito mais afortunado do que o cardeal, porque eu tinha um deus vivo a quem eu poderia amar pessoalmente, enquanto ele tinha apenas um livro e um conjunto de regras pelas quais o amor poderia ser negado. Minha simpatia pelo homem, no entanto, não me impediu de não gostar dele intensamente.

A ROYAL AFFAIR

Nós fomos mostrados na sala grande que ele usava para cumprimentar os suplicantes. Se contivesse um piano e algumas putas, Aleksey estaria em casa. Ele não achou isso engraçado quando eu murmurei para ele enquanto esperávamos pela presença de sua eminência.

Quando Harold entrou, Aleksey se ajoelhou e beijou seu anel novamente. Isso sempre foi esperado. Eu me virei e fui olhar pela janela. Ele poderia beijar meu anel, e não aquele no meu dedo, se ele pensasse que eu ia me ajoelhar para ele. Aleksey sempre foi bom assim: saber quando fazer sua parte e como fazer as pessoas gostarem dele. Ele vivia o momento sem pensar no futuro. Ele pensou que nossa pequena bolha, nosso mundo perfeito, duraria para sempre. Eu também.

Talvez se eu tivesse beijado o anel teria.

Harold não estava feliz com as bruxas. Ele também não era louco pelos sodomitas, mas começou com as bruxas. Uma bruxa tinha que morrer; Deus mandou. Ele citou seu livro de regras, e embora Aleksey tenha tentado argumentar, ele não podia influenciar o cardeal. O rei teve que concordar que se uma bruxa não se arrependesse de seu pecado, então ela deveria ser condenada à morte. O predador agora cheirava a sangue, e ele começou a farejar por mais fraqueza. Ele foi para os sodomitas. Seu livro tinha muito a dizer sobre nós, aparentemente. Eu nunca tinha lido muito a Bíblia, então tive que aceitar a palavra dele. Eventualmente, Aleksey teve que admitir que se um homem se recusasse a admitir que sua sodomia era uma perversão e uma afronta a Deus, então ele também deveria ser condenado à morte.



A ROYAL AFFAIR

Quando estávamos indo embora, Aleksey disse, com tristeza, que provavelmente não haveria ninguém que *não se* retratasse, diante da queima ou do empalamento, e que pelo menos tivessem a *chance* de sobreviver agora, enquanto antes não tinham. Eu me senti tão triste por Aleksey que não perguntei *quem é o rei neste país?* Como eu queria. Eu era seu primeiro ministro, mas esse papel era insignificante comparado a ser seu amante, e eu não perturbaria mais Aleksey, destacando sua impotência a esse respeito.

Então a lei foi alterada mais uma vez. Já havíamos agitado o ninho de vespas; o zumbido deveria ter nos alertado para correr.

Em geral, foi um excelente momento para ambos, Aleksey e eu. Nós estávamos completamente apaixonados por estarmos juntos. Não ousei arriscar a pensar no óbvio - que estávamos apaixonados um pelo outro. Nós estávamos, mas nenhum de nós conseguiu sair e dizer isso. Minha experiência anterior de amor me marcou muito profundamente para permitir-me formar essas palavras e deixá-las escapar de meus lábios, embora eu as tenha pensado muitas vezes, dizendo em minha mente *amo você, amo você, amo você*. Eu deveria ter dito isso a ele. Muitas vezes ele parecia estar prestes a dizê-lo, especialmente em certos momentos, mas ainda era muito jovem, mesmo aos 24 anos, e que jovem dizia essas palavras com facilidade, mesmo para uma mulher? O que estávamos

A ROYAL AFFAIR

fazendo era incomum o suficiente. Adicionar declarações de amor à mistura teria sido muito problemático para nós dois. Então, mantivemos nosso próprio conselho, esperando que o outro falasse primeiro.

Isso não afetou o fato de que fisicamente não poderíamos estar mais apaixonados. Eu estava totalmente fascinado por seu corpo e ansiava por isso como uma droga. Não teria havido nenhum governo em Hesse-Davia se eu tivesse feito do meu jeito, pois o rei deles não estaria em seu trono, mas de pernas abertas em nossa cama, me acomodando. Naturalmente, havíamos progredido de alguma forma naqueles meses desde a fatídica viagem de Saxefalia. Aleksey ainda não tinha sido capaz de me convencer a permitir que ele entrasse em meu corpo, mas ele se divertiu tentando.

Eu... tolerei isso. Eu permiti que ele jogasse, explorasse e se divertisse às minhas custas, mas quando ele ficou muito ansioso, eu dei um tapa nele. Naturalmente, ele não levou isso muito bem. Ele rapidamente perdeu a paciência com a minha desculpa contínua de que eu não tinha gostado disso e não iria gostar agora. Ele iria gostar, e isso, ele me informou, deveria me fazer superar minha relutância. Ele era um homem jovem e não um que assumisse naturalmente o papel da mulher nessas coisas. Se eu tivesse sido mais complacente, ele teria se intrometido em mim com tanta frequência e tão prazerosamente quanto seus contemporâneos sem dúvida estavam fazendo com mulheres jovens em todos os lugares. Ele foi infeliz comigo a esse respeito. Eu apontei para ele e disse a ele que ele provavelmente poderia encontrar outros homens que o acomodassem de boa vontade. Eu me ofereci para levá-lo à capital uma noite para que pudéssemos procurá-los juntos. Eu não tenho certeza se ele já entendeu meu senso de humor, e

A ROYAL AFFAIR

ele não achou isso engraçado. Uma ou duas vezes, sua frustração quase me conquistou. Eu queria permitir a ele. Eu queria isso para o bem dele, como eu poderia negar que essa era a melhor sensação do mundo, quando eu me entregava à minha paixão sempre que ele permitia?

A noite em que ele alcançou seu objetivo, portanto, foi memorável para nós dois, dado todo o desacordo anterior, apesar da facilidade com que foi finalmente alcançado. Eu estava me sentindo particularmente suave naquela noite, pois ele estava usando o óleo de amêndoa doce em mim, esmurrando-o na minha pele, pressionando os músculos doloridos e me transformando em algo que mais parecia uma criatura sem osso do que um homem. Eu estava inteiramente à sua mercê quando ele começou a provocar minhas áreas mais sensíveis. Eu estava muito longe para me importar tanto assim. Não me lembro de ter dormido, mas lembro-me de ter acordado, exaurido de fome para ser preenchido.

Aleksey estava quente contra minhas costas, respirando uniformemente no sono, com seu pênis rígido e pressionando contra mim. De repente pareceu afetação tola da minha parte negar isso por mais tempo. Talvez eu estivesse negando-o por outras razões. Não era a diferença fundamental entre um homem e uma mulher que, em todos os casos, um homem assumia o papel ativo e uma mulher o passivo? Ela era fodida; ele não. Será que eu não gostava de olhar para esse homem lindo e saber que eu estava dentro dele, que eu o possuía de uma maneira que ele não tinha comigo? Se fosse verdade, eu acabaria com isso. Eu queria ser possuído. Eu queria que Aleksey me possuísse.

A ROYAL AFFAIR

Jurei baixinho por ser tão tolo por tanto tempo, coloquei meu braço para trás e o puxei para dentro de mim. Era claramente uma das suas melhores chamadas de despertar. Ele processou o que estava acontecendo muito rapidamente e aproveitou o momento. Sem quaisquer palavras necessárias, eu me encontrei na minha barriga e Aleksey flexionando seus músculos muito poderosos sobre mim, empurrando com força.

Em todos os meus pesadelos, em toda a minha revivescência dos terríveis acontecimentos sobre o baleeiro que me trouxera para minha nova vida, nunca sonhei que a penetração ali pudesse ser tão prazerosa. Onde estava a dor? Onde estava o sentimento de desânimo que me atacara no navio? Eu era o mestre de Aleksey e *exigi-o* dentro do meu corpo. Eu exigi, comandeí, controlei e fiquei preenchido como nunca antes. O amor muda tudo. Deitei-me como uma mulher com o pau de um homem dentro do meu corpo, e tudo na minha vida que estava errado se realinou em perfeita harmonia.

Minha epifania não durou muito tempo. Aleksey, impressionado com a experiência, me inundou antes que qualquer um de nós estivesse realmente acordado ou processando o que estava ocorrendo. Ele engasgou, estremeceu, ficou parado por um tempo e depois desabou sobre minhas costas. Foi muito agradável, tê-lo lá, porque ele ainda não tinha saído e, claro, eu estava pronto para mais. Ele apenas arranhou a superfície da profunda necessidade que de repente descobri por seu pênis dentro de mim. Eu senti algo sublime, mas depois ele completou. Eu pude ver que nós tínhamos uma estrada muito longa e agradável à nossa frente, explorando todos os caminhos dessa nova aventura.



A ROYAL AFFAIR

Começamos assim que ele se recuperou, o que, como ele tinha apenas vinte e quatro anos, foi muito em breve. Desta vez, aliviado uma vez, ele foi capaz de explorar plenamente a nova experiência e por muito tempo. Eu não estava muito preocupado com o que *ele* estava sentindo, pois eu estava totalmente ocupado com meus próprios sentimentos. Se eu soubesse que essa delícia me esperava, eu o teria puxado para mim muito mais cedo do que eu fiz. Foi incrivelmente bom deitar ali e ter prazer, ser levado à conclusão tão singularmente. Eu nunca achei humilhante, mas sim o oposto: isso me deu ainda mais poder em nosso relacionamento. Eu ainda ditava como e onde e quando, apenas agora eu ditava na minha barriga com Aleksey dentro de mim.

Ele nunca poderia empurrar muito difícil para o meu gosto, e meu corpo estava sempre pronto para levá-lo dentro por muitos dias, essa foi a única maneira pela qual fizemos amor, pois era algo tão novo e queríamos explorar todas as suas muitas posições e complexidades. Eu conhecia todos eles com Aleksey, é claro, e ele queria explorar o mesmo comigo. Infelizmente, não estávamos livres para nos satisfazer o dia todo. Tudo isso em nossa vida pessoal foi espremido entre seus deveres reais, que eram infinitamente tediosos.

A ROYAL AFFAIR

Os únicos momentos brilhantes da semana, além de muito mais pessoais, foram os momentos em que conseguimos nos reunir com nosso pequeno grupo reformista e planejar nossa nova e melhorada Hesse-Davia.

Depois do compromisso com a lei da pena de morte, tivemos um sucesso notável com o nosso plano para o exército. Cada cidade tinha agora uma pequena guarnição, e o oficial encarregado, geralmente um major, administrava a lei. Naturalmente, cada major tinha um sargento experiente para ajudá-lo. Sacerdotes foram obrigados a tomar confissão e missa e outros deveres da igreja. Seu *Venerável*, o Cardeal - eu nunca me incomodei muito com os títulos dessas pessoas - mal podia reclamar disso, pois Aleksey me assegurou que o livro de regras não dizia que os padres cristãos decidiam a lei. Na verdade, ele me disse, com algum divertimento, que, até onde *ele* sabia, não *havia* nenhum sacerdote Christian na Bíblia, algo que claramente me dizia que ele não havia realmente lido. Afinal, como poderia não haver? Assim, pela primeira vez em Hesse-Davia, homens e mulheres comuns poderiam se apresentar a uma autoridade com uma queixa e esperar receber justiça. Não finjo que todos os nossos oficiais eram veteranos de guerra sábios e grisalhos com corações de ouro, para corrigir os erros da injustiça. Claramente eles eram um grupo misto, como todos os homens. Mas eles eram uma maldita visão melhor do que os sacerdotes que eles substituíram, que eu sei. E, claro, o mais importante, todos eles respondiam a Johan e, finalmente, a Aleksey, que os padres não faziam.

Efetivamente, nós desviamos a torrente de poder. Ela fluía de sua fonte, o papa, através de Harold e depois para os sacerdotes. Agora flui de Aleksey até Johan e desce pelo exército até o povo. Eu realmente vi isso como uma

A ROYAL AFFAIR

coisa visual em minha mente: a água antes suja sendo desviada, limpa, fresca e saudável. Claro, eu era uma espécie de especialista no alívio do veneno.

Eu tinha acabado de criar minha maior cabana de suor.



Capítulo Vinte e Nove

Foi um milagre, realmente, que Aleksey e eu passamos tanto tempo juntos como nós, pois mesmo em nossa nova vila, tínhamos que ter criados e guardas, e Aleksey tinha que viajar constantemente a curta distância até o castelo para continuar o negócio de estado. Nós tentamos reduzir o número de empregados que tinham acesso direto a nós, mas isso era muitas vezes inconveniente. Nenhum de nós era domesticado, e duvido que qualquer rei em toda a Europa estivesse sentado em seu trono, vestindo calções apressadamente de uma noite de deboche. Minhas roupas pareciam desaparecer, e eu o teria acusado de pegá-las e usá-las se não tivéssemos tamanhos diferentes.

Então nós tínhamos que ter empregados, e eu sabia que eles suspeitavam do que estava acontecendo. Por que o primeiro ministro saiu dos aposentos do rei segurando a camisa na mão? Por que o rei tinha hematomas em forma de dedo em seu traseiro com tanta frequência? O que eles faziam com seus lençóis de manhã, eu não tenho ideia. Eu só estava feliz por não ser voluntário, como uma vez insinuei que seria, para ser o mestre do quarto real. Eu estava muito contente em ser o único a atrapalhar o rei e não aquele que tinha que, conseqüentemente, arrumar ele.

Eu ignorei a voz interior que me disse que estávamos vivendo no paraíso dos tolos e que tudo estava prestes a desmoronar ao nosso redor. Eu estava no alto de uma colina ao sol, Aleksey ao meu lado, com uma excitação pelo

A ROYAL AFFAIR

cargo, o mergulho pelo ar ainda frio com minha lança ereta, que *nada* podia reduzir. Eu sabia que deveria ver o nevoeiro e o caos da vida, a virada para a lama e a desilusão. Eu *sabia* disso, mas ainda assim me permiti aqueles momentos de pura e inalterada cobiça pela vida, pela fraternidade, pelo amor.

Aleksey não voltou para a casa de verão por uma segunda noite. Na primeira noite em que um cortesão me disse que sua majestade estava participando de um jantar de estado para um funcionário visitante da França e que, portanto, ele passaria a noite em seus antigos aposentos. Inicialmente isso me surpreendeu. Eu não tinha sido informado da visita. Como ministro-chefe, presumi que essas coisas seriam parte de meus deveres. Então me ocorreu que Aleksey, deliberadamente, não me dissera para me poupar do que eu inevitavelmente chamaria de *bobagens sem sentido*. Ou talvez ele quisesse evitar ter que me persuadir e me deixar de bom humor depois de eu ter sofrido cerimônias de saudação tediosas e uma refeição em que eu não podia me sentar ao lado dele e passar-lhe vinho de maneiras novas. Eu não estava alarmado, portanto. Eu *estava* zangado, pois preferia me acostumar com Aleksey na minha cama e no meu corpo, por isso estava de muito mau humor e não dormi bem naquela noite – *sozinho*. Assim, quando um segundo cortesão chegou na noite seguinte para anunciar que o rei estava em conferência e provavelmente estaria ausente mais uma vez, resolvi ir até o castelo e ver o que estava acontecendo. Achei que Aleksey provavelmente estava sendo intimidado

A ROYAL AFFAIR

pelo tio em assinar coisas que ele não queria assinar, e para evitar confessar isso para mim, ele estava evitando o palácio.

Fui preso assim que desmontei de Xavier.

Eles estavam esperando por mim, guardas do castelo que eu não reconheci e em força de números que eu não pude resistir. Fui levado diretamente a uma masmorra, o que é suficiente para enlouquecer o coração de qualquer homem, por mais corajoso que ele se considerasse. Quando a porta se fechou atrás de mim, tive uma imagem muito vívida de que nunca mais se abriria. Quem sabia que eu estava aqui? Quem viria por mim? Meu segundo e melhor pensamento foi para Aleksey. O que estava acontecendo com Aleksey? Eu não estava tão preocupado nesta fase que achei que ele também estivesse em uma masmorra. Ele era o rei. Mesmo em Hesse-Davia, os reis não eram jogados unilateralmente nas masmorras. Eles eram? O primeiro ministro acabou de ser.

John veio para mim no dia seguinte. Ele não era tão estúpido que entrou na minha cela, mas ficou do lado de fora da porta, espiando pela janelinha. — Olá, Niko. Posso te chamar de Niko? Não tenho certeza se decidimos que... a noite em que você foi tão espantosamente rude comigo.

— A noite que eu não iria te foder? — Cheguei perto da janela, intimidando-o mesmo na minha posição infeliz. Na verdade, ele teve a



A ROYAL AFFAIR

coragem de enxugar efeminadamente o nariz com um lenço limpo. — O que é isto? Eu quero ver o rei.

Ele sorriu e eu percebi imediatamente que havia lhe dado uma dica perfeita, e como um ator em um palco, ele pegou, dizendo com um floreio: — Ah, mas o rei não quer ver *você*.

Isso era ridículo, e eu não estava com vontade de jogar seus jogos. — Onde ele está? O que é isso tudo?

— Isso? Isso.... Boa pergunta, senhor. Isso é exatamente o que o pobre Aleksey disse quando contamos a ele o que você tem feito.

Eu passei a mão pela janela para agarrar sua garganta, mas ele foi apenas um pouco rápido demais e o ângulo estava errado. Eu só acabei com um ombro machucado. Ele me observou esfregando, a cabeça inclinada para um lado como um pássaro curioso. — Não se preocupe, Niko, vai ser muito mais doloroso em breve. Doloroso é a palavra? Por que estou te perguntando? Você é um selvagem e seu alemão é medonho. De qualquer forma, como eu estava dizendo... Minhas desculpas, o que eu estava dizendo?

Ele estava gostando disso. Eu ainda estava pensando sobre o seu comentário sob o meu ombro, que eu não gostei nada. Eu não disse nada, então ele continuou: — Ele *tinha* que ser informado. Mas quando se é jovem e está apaixonado, essas coisas...

— Diga-me do que se trata e pare de enrolar.



A ROYAL AFFAIR

Ele estremeceu e limpou a boca, mas eu poderia dizer que ele estava se divertindo. — Você tem sido um garoto malcriado, Niko, brincando com outro garoto malcriado, e nós *tivemos* que contar a Aleksey. Ele está muito chateado, pobre menino. Eu acho que ele ama você!

Eu rosnei e tentei alcançá-lo novamente. — O que é que você fez? Quem? Isso é tudo merda. Deixe-me falar com ele!

— Por que eu faria isso quando tive todo esse problema para isolar você e mantê-lo distante dele? E ele não iria vê-lo agora, mesmo que ele pudesse te salvar do seu destino. O que, claro, ele não pode - como ele mesmo assinou a lei. — Ele riu. Deus me ajude, um homem crescido riu. — Ele está tão zangado com você. Eu *gostaria* que você pudesse ver.

— Você é patético. Isso é o melhor que você pode inventar? Ele não acreditaria em você, mesmo se você mostrasse a ele a prova. Quem você pagou para contar essas mentiras?

— Ninguém, seu idiota. Essa é a beleza de tudo isso. Eu apenas tive que confessar, veja você. Estava predando em minha mente, dado como estamos traindo meu querido sobrinho, ele sendo meu *rei*... Então fui ao meu irmão, o cardeal, confessei todos os nossos flertes e recebi absolvição. Eu fui muito crível. Confie em mim. Mas então ... eu *imaginei* tantas fodidas vezes que eu realmente acreditei em mim mesmo.

Senti um calafrio me invadir, mas depois uma sensação de absoluta alegria. — *Você. Você? Você é um idiota. Aleksey nunca* acreditaria que eu o trairia com *você*. Eu *detesto* você. Você me faz sentir mal quando eu...



A ROYAL AFFAIR

— Então talvez você não devesse ter deixado sua camisa na minha cama, Niko. — Eu o enfureci com o meu discurso e agora ele havia se vingado muito efetivamente.

Eu lambi meus lábios. — Deixe-me falar com Aleksey.

Ele limpou o nariz mais uma vez, e eu fiz uma promessa para mim mesmo lá e então que se eu saísse dessa cela, eu cortaria o nariz e o usaria pendurado no freio de Xavier. Seu cabelo estava afinando e não faria muito adorno, mas eu tiraria isso também. É claro que tudo estava muito bem fazendo tais votos quando preso e desamparado. Eles chegavam a nada e só despertavam o sangue para a automutilação, como eu fiz naquela noite, perfurando as paredes até que meus nós dos dedos sangraram. Eu não sabia se Aleksey acreditaria nessa mentira ou não.

Eu hesitei desagradavelmente entre duas alternativas: ele acreditou e me abandonou; ele não acreditou, mas foi tão impotente para me salvar como tinha sido para mudar a lei. Afinal, eu *era* culpado de sodomia - só que não com John. E essa foi a perfeição do esquema deles. Para provar, sem sombra de dúvida, que eu não estava na cama de John, Aleksey teria que admitir em qual cama eu estava. Para ser uma testemunha credível, Aleksey teria que se implicar. Ele também teria que ser preso por sua perversão, e ele também enfrentaria a morte. Afinal, ele havia assinado a lei. Então, talvez ele soubesse que era mentira, mas estava com muito medo de me ajudar. Não sou *incapaz* de me salvar, mas tenho medo de tentar. Essa foi a minha terceira alternativa e a que tentei não ouvir. Mas isso não era Aleksey. Ele era destemido em todas as coisas e seguiu sua própria voz interior em detrimento de sua própria segurança, como já havia

A ROYAL AFFAIR

testemunhado muitas vezes. Ele *não* me abandonaria. Então isso deixou a única alternativa: ele acreditou neles.

Eu tentei me colocar na posição dele. Ele sabia que eu era um homem de grande apetite - quando se tratava disso, pelo menos. Eu poderia facilmente levá-lo três ou quatro vezes por noite e ainda quero mais ao acordar. Eu o usava, e ele era quase doze anos mais novo do que eu. Será que ele acreditaria que eu precisava mais do que ele poderia me dar, que eu tinha me desviado? Havia noites, é claro, onde ele estivera ausente, dias em que estivera ocupado demais para se encontrar comigo. Houve até momentos em que ele estava cansado demais para me querer, e eu não tinha sido tão complacente com seus desejos. Eu agora amaldiçoava toda vez que eu o provoquei sobre encontrar um amante mais jovem, que fiz uma piada sobre outros homens que ele não entendia, impliquei que as coisas que eu fizera não eram verdadeiras. Eu desejei ter sido o amante perfeito, o homem perfeito, e jurei que seria *agora* se tivesse a chance.

Eu não tinha nada na minha cela, exceto uma palheta de palha e um balde. Eu pedi materiais de escrita. Eu exigi ver um padre. Eu não tinha intenção de fazer confissão - queria que o padre transmitisse minha aflição para Aleksey. Todos os pedidos e demandas foram ignorados.

As horas passaram em lenta miséria.

Meus pensamentos eram os piores companheiros que eu poderia ter.

Em um ponto eu me descobri girando pedaços de palha da cama. Eu havia feito um homem pequeno - cabeça, pernas e braços. Parecia um soldado de palha que minha mãe fizera para mim em outro tempo e em

A ROYAL AFFAIR

uma praia distante. Não consegui ver bem aquele homenzinho e encostei o rosto no estrado para que a minha angústia não fosse audível para os guardas.

Mas eu fiz outro homem e os coloquei juntos entrelaçados sob a cama onde eles estariam seguros.

Aqueles dias na cela foram muito miseráveis, pensando que Aleksey pensava assim de mim. Eu olhei de volta para eles com carinho quando minha tortura começou.

Eu suponho, como muitos homens, fui torturado sem um bom motivo. Eles não pareciam querer que eu confessasse alguma coisa, já que eles já tinham determinado minha culpa. Eles não queriam que eu desse nomes. O príncipe John, disseram-me, fizera uma confissão completa e honesta, estava em reclusão e provavelmente seria exilado. O que era estranho, considerando que ele veio me visitar e assistir.

Eu já havia vivido com pessoas que viam a tortura como uma forma de projetar poder sobre seus adversários. Se um homem está desequilibrado pelo medo antes de você atacá-lo, sua vitória está garantida. Os colonos tinham tanto medo do Powponi e de seus métodos que o medo era palpável no ar quando atacávamos. Além disso, se você torturar seu inimigo, você testa sua coragem e aumenta o valor de sua própria vitória sobre ele. Por

A ROYAL AFFAIR

que esses europeus semicivilizados estavam me torturando, portanto, não tenho ideia. Eu não precisava ter mais medo antes da minha execução, e não os levantei em sua própria opinião pela minha resistência. Eu os enfureci mais do que qualquer outra coisa porque não falei ou lhes dei a satisfação. Eu acho que eles eram apenas homens que gostavam de infligir dor. É suficiente dizer que por muitos dias eu ansiava pelo meu tempo quieto e sem dor na cela, quando tudo que eu precisava me preocupar era se Aleksey ainda me amava.

Não ajuda um homem permanecer são a ouvir seu próprio andaime sendo erguido fora de sua cela, mas no meu caso foi um alívio. Pelo menos eu sabia que a dor ia acabar em breve.

O dia em que fui arrastado para o sol foi um dos dias de verão mais perfeitos que consegui lembrar. Senti o cheiro de grama recém-cortada e o oceano estava tão azul que mal podia suportar olhar para ele. Nem um sopro de vento agitou as flâmulas que pendiam mole e sem vida ao longo das paredes.

O andaime havia sido erguido nas muralhas, bem em frente às ameias, de modo que eu estaria em plena vista de todos que tivessem vindo testemunhar minha morte. E todos eles vieram. Quando minha visão se ajustou à luz, pude ver uma arquibancada temporária cheia de pessoas. Eu mantive meus olhos desviados por um momento, depois olhei mais de perto. Ele estava sentado na frente e no centro.

Naquele momento, eu estava feliz por estar a caminho. Eu montei o andaime e enfrentei a estaca. Eu precisava de ajuda, pois minhas pernas

A ROYAL AFFAIR

não me apoiariam, mais do meu tratamento recente do que do medo do que eu estava me aproximando. O medo quase não me ajudou, no entanto. Eu não podia negar isso. Eu me perguntava como isso iria acontecer. O guarda que havia montado a plataforma comigo cortou as amarras prendendo meus pulsos. Ele puxou minha camisa e deixou cair. Eu assisti a poça aos meus pés. Era melhor do que olhar para a estaca, que atraía o olhar com a força como se fosse bonita, o que não era. Eles tinham construído alto. Talvez eu não devesse ter contado a minha história de enforcamento para divertimento, pois havia sido claramente escutada e a falha Saxefaliana corrigida: meus pés não tocariam o chão desta vez. Talvez minhas pernas não precisassem ser quebradas. Eu era consideravelmente mais pesado do que o jovem que havia tentado resgatar, e achei que meu próprio peso era suficiente para me abaixar, lentamente, na agonia.

Olhei para Aleksey, imaginando se esses pensamentos também passavam pela cabeça dele: quanto tempo levaria para morrer. Quanta dor ele achava que eu era devido por traí-lo assim. Ele estava olhando para as botas. Eu quase ri, mas desviei o olhar, minha visão subitamente embaçada. Eu me virei para piscar e clarear minha vista. Eu podia ver a baía agora e era incrivelmente bonita. Um barquinho balançava suavemente na água azul, com redes de pesca atrás do casco amarelo-girassol.

O guarda estava desfazendo meus cadarços agora e queria que eu saísse dos meus calções. Eu vacilei, pois não estava muito firme, e senti a plataforma abaixo de mim tremer. Parecia apropriado que tudo fosse tão incerto, tão instável, pois agora eu via como minha vida com Aleksey tinha



A ROYAL AFFAIR

sido instável. Tínhamos sido tão inocentes, tão ingênuos em nossa crença de que éramos invioláveis em nosso pequeno caso, nosso caso real. Isso era mais parecido: nu, quebrado, cambaleante. Foi assim que realmente fomos.

De repente, um padre estava ao meu lado. Eu não o tinha visto aproximar-se porque estava observando o barquinho. Ele me disse que agora era minha oportunidade de me arrepender dos meus pecados. Ele me disse que eu poderia salvar minha alma e minha vida, e sua mão pairou, esperando que eu dissesse as palavras que me livrariam do andaime, as palavras que me salvariam da estaca.

Era isso que Aleksey estava esperando? Era sobre isso tudo? Ele sabia que, se eu me arrependesse, poderia me salvar. Ele assinou a revisão da lei, afinal. Talvez fosse essa sua intenção, me punir por essa humilhação medonha. Eu iria para o “exílio” como o John. Eu me tornaria um espectro, vagando pelo castelo, fingindo que tudo estava bem, quebrado em espírito. E então ele iria... me reviver - me oferecer um amor deplorável em troca de minha submissão. Surpreendeu-me o quanto passou pela minha cabeça naquele segundo, olhando para ele, para um rosto que eu pensara ter visto em todas as contingências: paixão, êxtase, tristeza, dor - amor. Mas eu nunca tinha visto esse Aleksey, aquele que me odiava e sentava como pedra, olhando para as botas.

Eu abri minha boca. Eu queria dizer que *o diabo leve todos vocês*, mas parecia um desperdício, de alguma forma, ter essas, minhas últimas palavras. Em vez disso eu disse: — Eu não me arrepenho de nada. Eu fiz tudo que fiz deliberadamente e faria novamente. O amor não é amor, a menos que você se apegue até a morte, e eu amei tanto. — Com isso, Aleksey

A ROYAL AFFAIR

levantou o rosto pela primeira vez e olhou para mim. Ele parecia ter dificuldade em me encontrar, mas então seu olhar se fixou, certo e fixo.

Respirei fundo, tão forte que doeu minhas costelas, que haviam sido danificadas durante a tortura. Os olhos de Aleksey eram as minúsculas alfinetadas de um homem profundamente sob o feitiço do láudano. Era como olhar para ele de novo quando ele se sentou em sua cama de campanha durante nossa marcha: solto, maleável. Eu queria passar o dedo sobre as pálpebras dele novamente e dizer a ele que tudo ficaria bem e que ele deveria dormir - mas eu não conseguia. E eu não podia chorar, pois quem iria ouvir? Quem acreditaria em mim?

Eu vi tudo então, a trama que nos derrotou. Aleksey se separou de mim e foi drogado a submissão, minha prisão e tortura, sem seu conhecimento, minha execução - com ele como testemunha. Comecei a lutar, o que não fiz até aquele momento. O guarda agarrou meus braços e tentou me arrastar para a estaca. O carrasco montou a plataforma apressadamente ao ver suas dificuldades. A batida de seus pesados passos sobre a estrutura oca soou como o pesadelo de uma criança, e agora eu não podia ficar de pé sem ajuda. Medo e horror estavam me derrotando. Ele precisava de mim em pé, então mais dois guardas foram convocados. Eles entraram atrás dele. Como eu poderia ser levado para a estaca? Eles lutaram e me maltrataram, e outro guarda foi chamado para a frente. Finalmente, eles pensaram em trazer uma caixa para eu montar.

No final, portanto, seis de nós estávamos em pé no andaime: o carrasco, três guardas, o padre e eu. Mas o grande colapso não aconteceu até que eles tentaram me levantar, pois foi só então que todos pisaram na parte de trás,

A ROYAL AFFAIR

onde a estaca estava - e *então* tudo se inclinou. A plataforma inteira balançou em direção à ameia. Ao contrário da arquibancada Saxefaliana, meu andaime não havia sido construído para *apoiar as* pessoas. Ele foi construído para entrar em colapso quando muito peso foi colocado em seus suportes traseiros. Então, nós balançamos para trás e caímos como um baralho de cartas; nós continuamos inclinando. Todos nós, carrasco, guardas, padre e eu, demos de cara com a parede e mergulhamos cerca de quarenta metros no mar abaixo de nós.

Eu bati na água.

Foi mais difícil do que terra congelada depois de uma queda de Xavier, e não havia respiração no meu corpo para gritar, o que era bom, pois então eu estava debaixo d'água e afundando.

Parecia a coisa mais fácil simplesmente deixar ir e flutuar na dormência que entrava em minha mente, mas meu cérebro começou a gritar por ar, e eu respondi desesperadamente, lutando o melhor que pude para a luz do sol, que eu podia ver filtrando através da superfície.

Cheguei ao ar, mas não pude ficar ali, a luta foi demais para o meu corpo partido e cheio de fôlego, e comecei a afundar mais uma vez e congratulei-me com isso.

Meu cabelo foi preso.

Eu balancei meu braço para afastar a dor. Um aperto semelhante a ele se prendeu e fui puxado de cara contra um casco amarelo-girassol. Mais mãos, grunhidos, e então eu estava de costas no convés.



A ROYAL AFFAIR

Antes que eu pudesse tentar falar, contar a eles sobre Aleksey, algo foi jogado em cima de mim, cobrindo-me, e uma voz rouca murmurou: — Fique quieto se você quiser viver.

Eu não tinha certeza se queria fazer isso ou não, mas não tinha escolha na quietude - passei para a abençoada inconsciência e não sabia mais até acordar em uma cama na estalagem de Gregory.

A vigília foi repentina. Eu estava nas garras do delírio. Pessoas vagas e disformes tentaram me segurar, me acalmar. Eles esperavam que eu sentisse dor, porque eu estava gravemente ferido, mas não esperavam que eu acordasse delirando que Aleksey estava sendo drogado, que ele ainda me amava e que eu deveria salvá-lo. Por que ninguém estava me ouvindo? Eu temia ter voltado a Powponi em minha extrema angústia e gritei em alemão que ele me amava, que ele deveria saber que eu não o havia traído.

Eu ouvi um sussurro, palavras suaves e torturadas, mas elas não significavam nada para mim.

Eles não estavam em nenhuma língua que eu entendi, pois eles me disseram que Aleksey estava morto.

Isso foi totalmente além da minha compreensão, e eu passei de volta para o mundo crepuscular das sombras por um longo tempo.

Capítulo Trinta

Todos os sinos da cidade estavam tocando e a notícia estava sendo anunciada abertamente: o rei estava morto. O reinado do rei Christian X acabou, o reinado mais curto de qualquer monarca na história de Hesse-Davia.

Deitei-me na cama, ouvindo a sua música fraca, que chegou até mim aqui na estalagem da costa.

Eu sabia de tudo agora - como Gregory, como ministro das obras, havia sido contratado para construir o andaime e como ele o havia construído alto e fraco no lado do quebra-mar, de modo que seu inevitável colapso me levaria para o mar, onde ele esperava por mim. Eu deveria ter reconhecido o casco amarelo-girassol. Eu sabia que era o único a sobreviver à queda, mas que eu estava entre os desaparecidos, supostamente mortos, pois apenas dois corpos haviam sido pescados do mar, os outros levados em fortes correntes. Eu sabia que eles queriam que eu sáísse de Hesse-Davia - que ninguém estaria a salvo agora.

Eu sabia de tudo e não sabia de nada, pois Aleksey estava morto e, por isso, não escutei nada e não entendi nada e fiquei num mundo de dor, onde nenhuma palavra gentil ou toque de cura poderia me alcançar.

Johan estava para vir naquele dia. Eu me recusara a vê-lo, mas observei enquanto ele entrava no pátio. Ele tinha Xavier com ele.



A ROYAL AFFAIR

Por um momento, o mundo ficou embaçado, como vinha fazendo loucamente muitas vezes por alguns dias.

Eu desci para ver meu cavalo.

Se Johan ficou chocado com a minha aparência, ele não demonstrou. Fiquei triste pela evidência de seu sofrimento, mas também não aludi a ele. Nós caminhamos lentamente juntos até a costa, sem palavras necessárias entre nós. Ele amava Aleksey por mais tempo e possivelmente tão bem quanto eu, e não havia palavras que pudessem transmitir como nos sentíamos.

Eventualmente ele parou. Olhando para as botas, ele disse: — Foi muito rápido. Ele adoeceu, teve um ataque, depois do seu ex... depois de você... naquela noite. Os médicos foram convocados, mas já era tarde demais. Ele...

— Não. — Eu poderia dizer pelo seu súbito olhar para o meu rosto que ele tinha sido informado sobre o meu discurso e delírios e estava com medo de que eu fizesse uma cena. Concentrei-me em um pequeno brilho na areia a nossos pés para que minha voz permanecesse calma e elaborada: — Ele foi *assassinado*.

Johan retrucou com raiva: — Isso não ajuda, coronel. Você não foi o único que não estava lá.

— Eu o vi do andaime! Ele foi *drogado*.

— Eu estava lá também, e você, senhor, não estava em condições de ver nada.



A ROYAL AFFAIR

— Você acha seriamente que Aleksey me mandaria para a minha morte em uma estaca?

Com isso, ele se afastou de mim e começou a andar em direção às ondas, mas voltou de repente e me cutucou dolorosamente no peito. — Você sabe a resposta para isso melhor do que eu.

E eu vi então. Ele finalmente respondeu sua própria pergunta. *Ele pode ser confiável?* Ele me pesou na balança e me encontrou esperando.

Eu estava muito triste para falar mais e comecei a me afastar dele, de volta à estalagem. Ele me pegou e disse com menos aspereza, como se soubesse que ele tinha ido longe demais e estava se desculpando. — Ele está sendo velado, Nikolai, e você deve vir comigo e vê-lo.

Comecei a sacudir a cabeça violentamente. Talvez ele temesse outra cena, porque ele colocou a mão no meu braço e murmurou: — Você deve ver por si mesmo ou nunca vai acreditar. Venha, seja homem, pelo bem dele.

Pelo bem dele. Eu teria dado a minha vida por causa dele. Prestar homenagem à sua morte era o mínimo que eu podia fazer.

O corpo de Aleksey deveria ser mostrado por meio dia. Tudo estava sendo feito muito rapidamente por causa do calor do verão. Muitas centenas de Hesse-Davians passariam, e eu seria uma delas. Johan me trouxe uma capa com um capuz profundo, que me manteria oculto. Eu ia sair com ele cedo na manhã seguinte e ser um dos primeiros da fila. Então, ele disse, devo deixar Hesse-Davia, pois estava colocando todo mundo em perigo por estar lá.

A ROYAL AFFAIR

A fila tinha se formado antes do amanhecer. Todos queriam ver o jovem rei morto. Alguns deles estavam lá porque eles realmente o amavam. Outros queriam o espetáculo. Outros, talvez, estavam apenas com uma curiosidade mórbida de que até o próprio favorito de Deus pode morrer. Às vezes, deve ter parecido a esses camponeses que apenas suas vidas tinham esse fim, tão abençoados eram os ricos em todas as outras coisas. Eu puxei o capuz para baixo sobre o meu rosto e entrei no corredor sombreado.

O esquife dominava a sala. Havia vinte e quatro guardas ao redor, um para cada ano da vida do rei Christian, então Johan me informou. Eles estavam vestidos de preto puro, com apenas suas ombreiras e medalhas douradas quebrando o traje sombrio. Era exatamente como eu imaginei Aleksey andando na frente do cortejo fúnebre de seu pai. A ironia é muito dolorosa quando se trata das coisas que você amou uma vez.

No meio estava o corpo. Era Aleksey. Eu não podia negar a evidência dos meus olhos, embora eu tenha tentado por algum tempo, olhando para a forma imóvel. Fiquei impressionado, então, pela primeira vez, que todos os meus delírios não eram nada mais do que os gritos de uma criança frustrada.

Eu não acreditava que ele foi assassinado porque eu não acreditava nele morto.



A ROYAL AFFAIR

Eu esperava, a qualquer momento, Gregory ou Pia voando para o meu lado para me dizer que tudo tinha sido um erro, que Aleksey estava vivo. Achei que Johan tivesse ido à hospedaria para me mandar para o local de Aleksey, onde ele estaria esperando por mim, rindo com alegria irrestrita diante da esperteza de seu esquema.

Vi agora que todos tinham percebido minha negação, e foi por isso que Johan foi convocado para me levar até ele, para mim ver o *corpo*.

Se eu alguma vez pensei em Aleksey belo na vida, ele era ainda mais em morte. Ao passo que na vida seu rosto muitas vezes continha tal malícia e divertimento perverso - geralmente para me irritar - na morte ele era tão perfeito quanto um molde de homem feito por Deus para nos mostrar o que todos os homens podiam ser. Os cristãos dizem que somos feitos à sua imagem. Naquele dia, acreditei que fosse o contrário. Aleksey ficou ali deitado como se tivesse acabado de cair no sono, quase um rubor ainda sobre aquelas altas maçãs do rosto, assim como na vida quando despertou. Eu desejei que eu pudesse acordá-lo então. Eu queria gritar que me arrependi, que nunca mais pecaria, mesmo com ele, se ele voltasse para mim, mas eu não poderia. Todo mundo estava chorando, então minhas lágrimas passaram despercebidas naquele grande lugar de lamentação. Eu parei, não ousando atravessar a corda. Ele estava tão efetivamente separado de mim nesta vida quanto eu pensava que ele seria na próxima,

A ROYAL AFFAIR

pois eu não acreditava nas promessas de Deus - ainda não, de qualquer forma. A fila estava se movendo e eu tinha que seguir em frente. O que mais havia para eu fazer? Eu era um homem. Aleksey estava morto. Importa como ele morreu? Eu não me importava se todo o edifício desabasse e matasse todos eles. Aleksey estava morto.

Eu disse a Johan que queria voltar ao palácio. Eu acho que ele pensou que eu queria coletar algumas das minhas coisas. Eu deixei ele pensar assim. Na verdade, eu queria subir na nossa cama e não deixá-la novamente, mas mantive esse pensamento para mim. O lugar não era nem mesmo vigiado, mas, mesmo assim, dei um passo para o outro lado da praia, subindo pelos jardins e pelo corrimão da varanda. Muitas vezes eu vinha assim para a cama de Aleksey e parecia apropriado agora. Eu me virei brevemente e olhei para a vastidão do mar, a visão muito familiar para mim agora. Eu pude ver Johan segurando os cavalos, esperando. Eu deveria ter poupado lhe alguma simpatia, suponho. Ele fora pai de Aleksey e estava sofrendo terrivelmente. Mas eu não tinha nada para dar. Parecia que eu estava em um túnel minúsculo, tão pequeno quanto as alfinetadas das pupilas de Aleksey, e que eu estava espremido e sem fôlego. Eu não era eu mesmo.

Entrei no quarto e parei abruptamente. Faelan estava no final da cama. Ele estava morto. Eu senti uma onda de dor ao ver que eu não imaginei que meu corpo pudesse aguentar mais esse ataque contínuo. Eu fui até ele e me ajoelhei. Tínhamos suportado um relacionamento complicado, esse imenso lobo e eu. Eu ocupara o lugar dele, não no coração de Aleksey - pois aquele vasto órgão era bem capaz de abarcar tanto seus selvagens amores -, mas



A ROYAL AFFAIR

nas rotinas diárias de seu mestre e, é claro, em sua cama. Recusei-me mesmo a beijar Aleksey, se Faelan estivesse olhando, tão perto que pensei que às vezes eu sentia como se beijasse o lobo também. Mas aqui estava ele. Eu me perguntei se ele havia morrido de um coração partido. Eu estava tão longe de ser um homem de ciência agora que achei isso bastante possível. Eu queria que fosse verdade também para os homens. Faelan estava fazendo exatamente o que eu planejava fazer: ficar onde estivera com Aleksey e deixar minha própria desgraça me levar.

Estendi a mão e só então senti o estrondo da ameaça. Eu me afastei e olhei mais de perto. Ele estava morto. Ele estava esticado, a língua saliente, os olhos vidrados e fixos. Eu estava com raiva agora, porque sofri bastante choque e confusão. Eu coloquei minha mão para ele novamente, e desta vez eu vi os olhos se moverem; eles se viraram para me olhar. Eu empurrei de volta mais uma vez, e ele estava tão morto mais uma vez. Levantei-me e gritei para ele. Deve ter sido uma visão muito estranha, um homem maltratado e com cicatrizes gritando com um lobo morto.

Fui até a cabeceira da cama e seus olhos me seguiram.

Nessa visão, todo o meu mundo se inclinou, assim como o andaime tinha debaixo dos meus pés e eu estava caindo.

Corri para a sacada e pulei no chão - um homem quebrado e derrotado não mais. Meu cérebro estava me dizendo que Faelan tinha apenas sido drogado, que o mesmo ópio tinha sido usado sobre ele como eles fizeram para subjugar Aleksey na minha execução. Eu o encontrei quando ele ressuscitou da insensibilidade. Foi inteiramente lógico e científico, e minha

A ROYAL AFFAIR

cabeça aceitou essa explicação enquanto eu corria com Faelan ao meu lado em direção a Xavier. Mas eu corri através da minha dor, impulsionado pela urgência do meu *coração*. Meu coração se recusou a ouvir essa racionalização da aparição da morte de Faelan. *Cantou*. Dizia que Faelan estava imitando seu mestre, seu amigo. Dizia que o lobo e Aleksey *ainda* estavam em comunhão.

Eu não era mais um homem de ciência que acreditava que apenas o que seus sentidos lhe diziam era verdade, um homem que precisava das leis da natureza para se alinhar e estar em seus lugares, ditando seu mundo. Eu havia me tornado inteiramente um homem de fé, que teve suas orações respondidas naquele dia na Casa da Luxúria.

Eu gritei para Johan: — *Ele ainda está vivo*. — Peguei as rédeas e esperei que ele montasse tão rápido quanto eu. Repeti meu grito, no caso de estar tão triste e derrotado que ele não me ouviu e acrescentei mais uma vez: — *Ele está vivo*, Johan. O rubor em suas bochechas não era da morte. Eu não sei porque eu não vi então. Eu vi muita morte e ele *não está morto*. Faelan me contou.

Este último não ajudou minha causa. Na época, achei o complemento perfeito para o meu argumento. Johan segurou meu freio, por isso não pude empurrar Xavier para longe.

— *Acalme-se*, Nikolai.

— *Acalme-se você*. Ele ainda está vivo. Eu estou falando alemão? Você me entende? Ele está *vivo*. Eles o drogaram e ele *ainda* está drogado. Eu te disse que eles haviam drogado ele. *Ele não está morto*.



A ROYAL AFFAIR

— Pense o que você está dizendo, seu idiota. Por que eles o drogariam quando poderiam facilmente matá-lo? Que sentido isso faz?

Apesar do meu senso de excitação, percebi que ele não negara a possibilidade de que tudo não estivesse certo com a morte de Aleksey. Eu sabia então que Johan não havia acreditado na história da doença tão cedo quanto eu.

Eu me preendi a essa pequena fenda e empurrei. — Eles podem não *saber* que ele ainda está vivo, Johan. Houve *muitos* casos - isso era um exagero, mas eu estava desesperado - onde os homens receberam o ópio e ficaram como a morte. Eles foram *enterrados. Enterrados vivo*. — Eu o vi vacilando. — Pense no velho rei! O que eu fiz quando todos pensaram que ele estava morto?

— Você o trouxe de volta com a respiração. Eu ouvi isso, sim. — Ele olhou para mim e eu poderia ter chorado pela esperança que vi em seus olhos. — Você pode trazer Aleksey de volta da morte?

Se a fé era o que ele precisava, então a fé que eu lhe daria. Eu assenti. — Sim, com sua ajuda, eu posso. — Ele subiu em seu cavalo, mas ainda estendeu o braço para me impedir de andar.

— Temos que planejar, Niko. Nós não conseguiremos nada correndo com acusações. Se ele está vivo, então esta tem sido uma trama que deve envolver muitos poderosos...

— São seus senhores tolos, Harold e John! Você sabe que é. Ele levou os brinquedos de Harold para longe e está colocando-o no chão como um cachorro raivoso.

A ROYAL AFFAIR

Ele franziu a testa e balançou a cabeça. — Você va...

— Sim, você está certo, eu vou. Eu vou lá e vou...

— Hoje à noite, Niko. Ele estará deitado com seu pai esta noite na grande cripta. Nós vamos levá-lo então. Se ele está vivo.... Se ele estiver morto, então vamos levá-lo de qualquer maneira e enterrá-lo em algum lugar que ele queira.

Ele chutou o cavalo e depois passou na minha frente, e eu sabia que a dor dele tinha dominado ele mais uma vez. Eu não me importei. Eu não podia sentir dor agora, apenas raiva ardente e um desejo desesperado de ir até ele. Eu realmente podia senti-lo em meus braços novamente. Eu era todo fogo, energia e poder, e meus músculos, que tinham sido tão rasgados e abusados na prisão, gritavam para eu me mover, correr, cavalgar, lutar — *matar*. Eu gritei para Johan que eu iria pegá-lo.

Voltei para o palácio e encontrei minha caixa. Eu tinha perdido alguns dos meus bebês afiados, mas não todos eles. Eu os amarrei ao meu redor e eles voltaram à minha pele com assobios de expectativa do mal. Uma vez que guardei meu lado racional, tornei-me inteiramente selvagem mais uma vez. Ouvi objetos inanimados falando comigo tão claro quanto ouvi o lobo. Facas no lugar e com planos para cada um delas, deixei nosso palácio para sempre.



A ROYAL AFFAIR

Johan conseguiu sem problemas entrar na cripta real, pois todos os guardas eram familiares para ele e ele para eles. Todos nós lutamos juntos na guerra, e eles se ofereceram para ficar em vigília com seu oficial comandante, para dar-lhe escolta adequada enquanto ele viajava de seu último campo de batalha. Johan lhes trouxera um pouco de cerveja e carne para comemorar seu triste dever e disse que queria prestar seus respeitos ao general e depositar suas medalhas na cripta. Ele trouxe um padre com ele. Eu era o padre na minha capa e capuz profundo e sombreado. Os guardas não se incomodaram de um jeito ou de outro. Este era o general Johan e eles obedeciam suas ordens sem questionar.

Eu já estivera na cripta uma vez antes, acompanhando Aleksey no enterro do velho rei. Não era um lugar para o qual eu desejasse voltar, pois nenhum homem se sentiria inteiramente à vontade diante de tantas evidências de mortalidade, especialmente de alguém como eu era na época, um homem recém-preenchido pela superstição e crença no antinatural. Se lobos e facas falavam comigo, por que não podiam essas estátuas dos antigos reis? Talvez Canuto fosse estalar sua mandíbula de pedra e me dissesse que o homem não poderia segurar nem a maré nem a morte e que eu estava perdendo meu tempo. Eu responderia a ele que um homem tinha voltado dos mortos, eu agora acreditava, e se ele pudesse, então poderia Aleksey.

Assumimos que Aleksey estaria ao lado de seu pai, fazendo o nosso caminho pelas fileiras de túmulos, apenas uma tocha piscando iluminando nosso caminho. Nós não precisamos nos preocupar. Faelan nos levou com precisão infalível para o lugar que queríamos. Meu coração estremeceu.

A ROYAL AFFAIR

Poderia existir alguma centelha de vida neste lugar de pedra e morte? Não era como um cemitério na Inglaterra: um lugar doce de repouso e canto dos pássaros e a luz do sol se filtrava através dos eixos. Este era um lugar de pedra fria e implacável, profunda e fria. Mas por tudo isso, eu tinha vitalidade suficiente para preencher todo esse maldito mausoléu. Eu ressuscitaria todos os mortos se isso fosse o que era necessário.

Nós erguemos as estacas de metal que havíamos escondido debaixo do meu manto. A tampa não foi nem mesmo levada de dentro e erguida facilmente o suficiente com nossa força combinada.

Minha fé vacilou. Eu não podia suportar olhar para baixo sobre o corpo, no caso de ver corrupção em suas feições perfeitas.

Mais uma vez, não precisava me preocupar, pois tínhamos um de nós, não impressionado com abóbadas de pedra ou semelhanças de reis mortos, ou impressionado por dois homens que hesitavam em sua incerteza e medo da morte. Faelan saltou para o túmulo de pedra com a mesma audácia de um menino que uma vez saltou das muralhas de pedra para o mar. Aterrissou na barriga de Aleksey, com cem quilos de lobo pesado, e Aleksey se levantou com um *soluço* de choque e abriu os olhos.

Epílogo

Eu tinha que quebrar minha narrativa.

Cheguei ao ponto em que comecei toda essa longa jornada para quando fui interrompido. Alguns dias depois, eu tive que colocar isso de lado e estar ocupado com outras coisas, que eu vou relacionar.

Tem sido muito frio nos últimos dias, e agora eu sento de pernas cruzadas ao lado do fogo para terminar. Eu estava prestes a relatar minha reação ao ver Aleksey acordar de seu longo sono drogado. Tentando recordar em minha mente o que eu estava pensando, e uma mão de repente caiu no meu ombro.

— O que você está fazendo todo esse tempo? Você está aqui há horas. Você está chorando?

Eu não virei, mas cobri um pouco a página em que estava trabalhando.

— Não seja ridículo. Meus olhos estão lacrimosos pelo frio. Eu estive escrevendo.

— Bem, sim, eu posso ver isso. Eu não sou cego. O que é isso? Uma história? É sobre mim?

— É sobre um príncipe que eu conheci que se tornou um rei.

— Huh, bem, eu não sou um rei, então não pode ser sobre mim. Que aborrecido. O que aconteceu com ele?

A ROYAL AFFAIR

— Eu pensei que ele tivesse morrido, mas ele não morreu. E é por isso que eu queria escrever sobre ele.

— Porque ele não morreu? Você é muito estranho às vezes.

— Porque a morte dele ainda está comigo, e colore todos os dias que moro aqui. Volto a esta casa e penso que estará vazia e que estou sozinho - que *mereço* ficar sozinho. Eu não posso respirar às vezes por medo. Você está feliz agora? Deixe-me em paz, por favor, e deixe-me terminar, e então talvez eu possa colocar esse horror atrás de mim para sempre.

— Deixe-me ver um pouco disso. Vou te ajudar. — Ele pegou alguns dos papéis e se afastou para lê-los fora do meu alcance, pois sabia que eu os pegaria de volta, se pudesse. — Isso não é muito interessante. É tudo sobre você e nada sobre o príncipe. Ele parece um personagem muito mais interessante, se você me perguntar. — Ele voltou casualmente para a mesa áspera onde eu estava escrevendo minha narrativa, passou os dedos pelo meu cabelo para me distrair e tomou o resto do meu trabalho. Isso, em vez disso, desmentia sua afirmação de que ele achava chato. Eu deixo ele ficar com isso. Não adiantava lutar contra ele nesse estado de espírito. Além disso, queria que ele lesse. Eu sempre quis que ele lesse, pois foi essa a verdadeira razão pela qual eu comecei, não para amenizar o horror para mim, mas para confessar a ele meu grande pecado, para que eu fosse perdoado.

Eu me virei e o observei ler. Ele se enrolou em uma cadeira, seus olhos examinando as páginas rapidamente. De vez em quando ele ria ou



A ROYAL AFFAIR

balançava a cabeça e comentava alguma coisa. Finalmente ele chegou à última página e olhou para mim com expectativa. — Bem?

— Bem o que? Você me interrompeu e é por isso que não terminei.

— O que você ia dizer? Que ele estava muito bem, não se lembrava de nada do seu tempo sob o ópio...? — Ele parou e arranhou distraidamente alguma lama em cima de suas botas.

— Continue. O que ele lembra?

— Eu suponho que ele poderia ter se lembrado de um dia muito claro e sol em seus olhos confundindo-o e um homem muito bonito dizendo que ele o amava.

— Bem, estou contente por ele ter se lembrado disso, embora eu não me lembre de ter sido tão bonito naquele dia. Talvez eu deva voltar e adicioná-lo. Eu estava um pouco distraído na hora, sendo levantado em uma estaca, então o que *ele* estava pensando escapou do meu conhecimento. Dê-me agora, porque quero terminar.

Ele fez beicinho, ainda segurando. Depois de um tempo, ele perguntou baixinho: — Então você achou que eu acreditei neles? Antes que você soubesse que eu estava drogado, você pensou que eu acreditei neles e que eu tinha ordenado sua prisão e tortura e uma simulação de execução? Você acreditou que eu faria isso com você. Depois de tudo... — Ele engoliu em seco e olhou para mim.

Eu assenti. — Sim, Aleksey, eu fiz. — Pois era ele, claro.

A ROYAL AFFAIR

Eu fui e sentei no braço de sua cadeira e coloquei meu braço em volta do seu pescoço, em seguida, o puxei para perto e beijei seu cabelo. — Eu fiz e não o fiz. Eu acreditei em você, mas não acreditei em mim mesmo, está entendendo?

— Não.

— Eu acho que queria acreditar que você não tinha mantido fé em mim, pois qual era a alternativa? Que você sabia da minha inocência, mas estava com muito medo de me salvar? E, além disso, não havia salvamento a ser feito, havia? Eu *era* sodomita.

— Você ainda é - felizmente. Então, é sobre isso tudo? O mau humor e o suspiro e os pesadelos ainda, e o...

— Eu não estou de mau humor e você não me ouviu suspirar uma vez. Mas eu tenho pesadelos, como você sabe. Acho que tenho alguma causa, já que fui torturado, quase empalado, acreditei que estava morto e depois encontrei-o sepultado e quase morto, e depois tive que carregá-lo através das montanhas e do mar...

— Pare de exagerar, eu era perfeitamente capaz de andar depois do primeiro dia, quando voltei aos meus sentidos. Você foi quem precisou de ajuda, se bem me lembro.

— Bem, eu fui torturado, então eu tenho uma desculpa.

— Você não escreveu muito disso.

— Não, eu não escrevi muito disso.



A ROYAL AFFAIR

— Ou dos homens a bordo do navio que você matou. Por que estou descobrindo todas essas coisas agora, Niko?

— Porque você é apenas um bebê, e eu não quero que você tenha pesadelos também.

— Ninguém deveria ter pesadelos aqui.

Um deles estava certo. Nossa nova vida era como alguns homens devem imaginar o céu. Saímos de Hesse-Davia. Nós saímos da Europa. Voltamos para minha casa nas colônias, embora isso esteja longe das terras de Powponi e do norte, onde pouquíssimos assentamentos chegaram. Nós andamos em volta de uma vasta extensão de terra, cortando árvores, e dissemos *aqui, neste lugar*, e novamente, *aqui*, marcando os limites mais externos de nossa terra. Nós possuímos uma vasta área de floresta agora, o que nos diverte, pois não fazemos nada com ela, a não ser declará-la nosso reino. Aleksey mentiu quando disse que não era rei agora. Ele é. Ele é o rei da nossa nova terra e eu o único súdito dele.

Temos uma cabana perto do lago e eu ensinei-o a caçar e pescar, como prometi. As pessoas se deparam com a nossa terra e são bem-vindas, desde que obedeçam às leis de Aleksey. Ele na verdade não tornou a sodomia compulsória, mas certamente não é punida, caso alguém deseje desfrutá-la. Nada é punido no reino de Aleksey, mas intolerância. Quem vem aqui

A ROYAL AFFAIR

pensando que vai pregar alguma coisa para nós é removido. Às vezes, exigimos reparação também. Nós aumentamos nosso pequeno estoque de cavalos desta forma, pois Xavier e Boudica podem fazer muito, e seus potros são poucos e distantes entre si. Xavier culpa a longa viagem marítima que eu infligi a ele quando discutimos esses assuntos delicados. Boudica mantém seus pensamentos para si mesma, assim como ela, sendo o cavalo real de um rei tão importante.

Talvez eu não precise terminar minha narração depois de tudo. Aleksey explodiu no final dela como cheio de vida e luz e amor como ele explodiu no começo. Eu o amava então, e eu o amo agora. Seu único comentário sobre minha falta de fé - a culpa que me assombra que eu achei que ele me traiu? Ele disse que, quando eu finalmente admiti que o amava, embora ele estivesse drogado, ele não pôde apreciá-lo completamente, então era melhor ele responder de volta para mim. Ele fez. Ele disse isso naquela noite e nos três dias seguintes, e foi por isso que minha história foi interrompida. Nós não temos cortesãos, deveres reais, ninguém mais em nosso reino, então quando queremos falar sobre amor e fazer amor, das muitas maneiras que desfrutamos, nós fazemos. Ficamos na cama por três dias. Mas deixei-o dormindo por um tempo para voltar a isso e terminá-lo, pelo que vale a pena. Meu corpo sofre do amor de Aleksey, então, em muitos aspectos, sua falta de final fala por si.

A ROYAL AFFAIR

E ao concluir, gostaria de relatar como Stephen agora reina em Hesse-Davia, assim como Aleksey queria, pois nós temos cartas de Johan ocasionalmente. Às vezes, um coração muito jovem, com nada além de boas intenções e bondade, fará melhor do que toda a sabedoria do mundo. Johan planeja se juntar a nós aqui um dia e trazer sua jovem noiva, Anastasia. Eu não acredito nisso, mas Aleksey me garante que é assim. Aparentemente, o velho soldado ficou impressionado com ela, e todos os silêncios e olhares longos durante nossas reuniões de reforma tiveram uma proveniência inteiramente diferente. Eu acho que estava um pouco preocupado com o assunto da minha grande paixão em notar o de Johan.

John? Seu cabelo parou de diminuir dramaticamente uma noite? Seu nariz já estava pendurado no freio de Xavier? Xavier dirá que sim, mas você é mais provavelmente um homem de ciência e não ouve cavalos se gabando. E Harold. Bem, Harold pode ter descoberto que é uma péssima ideia irritar a cabeça de um exército. Ele pode ter descoberto que o estímulo de vespas não é aconselhável, a menos que você possa correr muito longe e muito rápido, assim como Aleksey e eu. As vespas, uma vez agitadas, são indiscriminadas em seus ataques venenosos. Todos caem nas presas.

Então, Aleksey trouxe-me, Faellan e os nossos cavalos e o seu sangue real para o seu novo reino nas Américas. Ele exige e ordena e comanda, como sempre fez. Como ele exige de mim coisas que eu estou mais do que

A ROYAL AFFAIR

disposto a dar, ordena que eu faça coisas que eu faria de qualquer maneira, e seus comandos coincidem exatamente com meus projetos, nós nos unimos muito felizes juntos.

Eu suspeito que iremos por muito tempo a vir.

